UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PAULA NASCIMENTO DA SILVA

**Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo:
as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste
de São Paulo/SP**

São Paulo
2008

PAULA NASCIMENTO DA SILVA

**Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo:
as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste
de São Paulo/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de Concentração: Psicologia e Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Cortez
Christiano de Souza

São Paulo
2008

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.46 S586d	<p>Silva, Paula Nascimento da</p> <p>Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo: as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste de</p> <p>São Paulo/SP / Paula Nascimento da Silva; orientação Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. -- São Paulo : s.n., 2008.</p> <p>255 p. + tabs.</p> <p>Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação- Área de Concentração: Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.</p>
----------------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

Paula Nascimento da Silva

Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo:
as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste de São Paulo/SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.
Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos jovens do Bom Caminho.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pelo incentivo em todos os caminhos que escolhi percorrer;

Ao meu irmão Vinícius pelos debates infindáveis que mantêm o meu entusiasmo pelas Ciências Sociais e a minha confiança na possibilidade de um mundo mais justo;

À minha “amiga-irmã” Daniele, responsável pelas minhas primeiras reflexões sobre o consumo;

À minha amiga Cristiane Grando, por seu apoio para essa empreitada e pelas revisões cuidadosas, mesmo estando a tantos e tantos quilômetros de distância;

Às minhas amigas do NUPAUB, Márcia, Iaskara, Paula, Mariana e Stela que me fizeram conhecer antecipadamente as angústias da pós-graduação, mas que também me mostraram valer a pena;

À Edna, à Patrícia e à Maria Luísa, companheiras no caminho da pós-graduação;

Aos voluntários do Grupo de Assistência Social pelo acolhimento e pelos exemplos de dedicação e amor.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP pela bolsa concedida a esta pesquisa e toda a equipe de funcionários da Pós-graduação da FEUSP.

Agradeço, finalmente, à minha orientadora Maria Cecília, cujo apoio desde as aulas da Licenciatura me fizeram acreditar que esse sonho seria possível.

*Não desperdicem um só pensamento
Com o que não pode mudar!
Não levantem um dedo
Para o que não pode ser melhorado!
Com o que não pode ser salvo
Não vertam uma lágrima! Mas
O que existe distribuam aos famintos
Façam realizar-se o possível e esmaguem
Esmaguem o patife egoísta que lhes atrapalha os
movimentos
Quando retiram do poço seu irmão, com as cordas
que existem em abundância.
Não desperdicem um só pensamento com o que
não muda!
Mas retirem toda a humanidade sofredora do poço
Com as cordas que existem em abundância!*

Bertolt Brecht¹

¹ BRECHT, Bertolt. *Poemas : 1913-1956* . 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, página 98.

Resumo

Paula Nascimento da SILVA. *Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo: as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste*. 2008. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

Diante da emergência do tema da juventude nas diversas áreas do conhecimento, em especial nas pesquisas no campo da Sociologia e da Psicologia da Educação, o presente trabalho objetiva contribuir para o entendimento da relação entre os jovens em situação social e econômica desprivilegiada e as exigências e contradições presentes na sociedade de consumo. Especialmente em um momento de altos índices de desemprego nessa faixa etária e em que as mídias enfatizam a participação de uma parcela desses jovens em atividades ilícitas, não são esclarecidas as condições que esses sujeitos têm que enfrentar, as pressões do grupo e a violência das periferias das metrópoles brasileiras. Nossa pesquisa de campo com os jovens atendidos pelo Grupo de Assistência Social Bom Caminho, localizado no distrito de Raposo Tavares, periferia da zona oeste de São Paulo/SP, foi suscitada a partir dos problemas colocados por uma discussão teórica a respeito da questão do consumo e de suas repercussões possíveis entre os jovens de baixa renda. Procuramos compreender, ao longo desse estudo, as estratégias utilizadas por esse grupo de jovens para se sentirem incluídos nesses valores sociais amplos, bem como as contradições subjetivas e objetivas daí recorrentes. Dessa forma pudemos reconhecer os limites de atuação desses jovens em meio a tantas exigências colocadas por essa sociedade, assim como a ausência da atuação do poder público, principalmente em relação à educação no sentido de oferecer para os jovens outras vias de reconhecimento de sua identidade, como alternativa ao consumismo.

Palavras-chave: juventude; sociedade de consumo; desigualdade social; escolarização.

Abstract

Paula Nascimento da SILVA. Desafios da inclusão do jovem na sociedade de consumo: as alternativas encontradas por jovens da periferia da zona oeste. 2008. Dissertation (Master's Degree in Education) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Facing the emergence of the theme of youth in several areas of knowledge, specially in those of Sociology and Psychology of Education, this study aims to contribute to the understanding of the relation between young people in social and economic disadvantaged situation and the requirements and contradictions of our consumption society. These contradictions become dramatic, specially in a time of high unemployment rates among young people and of media emphasis on youth participation on illegal activities - remembering that this emphasis does not clarify the conditions surrounding them, as the pressures of the group and the violence of Brazilian suburbs. Our field research with young people assisted by the Social Assistance Group "Bom Caminho", which is located in the district of Raposo Tavares, a suburban area on the west side of Sao Paulo city, was suscitated from the problems placed by a theoretical discussion regarding to the question of the consumption and its possible repercussion between low-income young. We looked for to understand, with this study, the strategies used for this group of young feeling enclosed in these broader social values, as well as from there the decurrent subjective and objective contradictions. Thus we recognise the limits of action of these young people in the midst of the demands imposed by our society as well as the absence of action of the public power, particularly in the area of education, which could create and give young people other ways of recognizing their identity as an alternative to consumerism.

Key words: youth, consumption society, social iniquity, scholarization

Lista de tabelas

Tabela 1 - Grau de escolaridade.....	122
Tabela 2 - Inserção no mercado de trabalho	123
Tabela 3 - Renda familiar.....	124
Tabela 4 - Posse de filhos.....	124
Tabela 5 - Com quem mora.....	125
Tabela 6 - Atividades que realiza de segunda à sexta-feira.....	127
Tabela 7 - Atividades que realiza nos finais de semana.....	128
Tabela 8 - Atividades que mais gosta de fazer no tempo livre.....	129
Tabela 9 - Impedimentos.....	130
Tabela 10 - Objetos que possui.....	131
Tabela 11 - Gastos comparativos dos jovens da Europa Ocidental, EUA e América Latina	134
Tabela 12 - Grau de satisfação - público feminino.....	135
Tabela 13 - Grau de satisfação - público masculino.....	136
Tabela 14 - Frequência que realiza atividades domésticas - total (meninas e meninos).....	136
Tabela 15 - Frequência que realiza atividades domésticas - meninas.....	137
Tabela 16 - Frequência que realiza atividades domésticas - meninos.....	137

Lista de quadros

Quadro 1. Resumo das Entrevistas.....	191
---------------------------------------	-----

Sumário

Introdução	21
Capítulo 1. O olhar da sociedade brasileira sobre os jovens moradores das periferias	29
Capítulo 2. Sociedade de consumo	43
Capítulo 3. O jovem entre a dependência e a liberdade	77
Capítulo 4. O trabalho de campo	109
Capítulo 5. A fala dos jovens: entrevistas sobre preferências de consumo	169
Capítulo 6. Algumas reflexões	197
Considerações finais	207
Referências	213
Apêndices	221
Apêndice A. Caracterização da área onde se localiza a instituição e as residências dos jovens pesquisados	223
Apêndice B. Dados sobre as condições sociais da juventude paulistana e brasileira para contextualização da pesquisa	231
Apêndice C. Questionário sobre consumo	253
Apêndice D. Questionário sobre a escola	255

Introdução

Desocupados, consumistas e violentos. São esses os rótulos mais utilizados pela mídia, por muitos educadores e pela opinião pública em geral para identificar os jovens moradores das periferias das grandes metrópoles brasileiras. Jovem que adquire visibilidade por seus atos violentos num momento de aumento do desemprego e da ampliação do tráfico de drogas no país.

Esse jovem morador da periferia é produto de uma sociedade que o convoca para o mundo do consumo ao mesmo tempo em que o exclui do mercado de trabalho, que lhe dá acesso a informações variadas através da mídia e lhe nega a educação necessária para que possa discriminá-las, criticá-las e absorvê-las. Jovem que se constitui como alvo fácil da publicidade, por seu tempo disponível, pela pressão do grupo, bem como pelos processos psíquicos que caracterizam essa fase de formação de sua personalidade.

Mesmo longe dos centros das grandes cidades, esse jovem vive a “era do consumo”. A todo o momento, novos produtos são expostos como novas necessidades. Produtos que inspiram um desejo que deve ser efêmero, já que logo serão substituídos por outros, mas que garantem a demanda para uma produção de mercadorias cada vez mais rápida e diversificada. Segundo Zygmunt Bauman, um dos autores de referência para o estudo da pós-modernidade, a cultura do consumo promove o esquecimento na medida em que a satisfação obtida com os seus produtos dura o tempo necessário para o seu consumo (BAUMAN, 1999b). Atitude esperada não só em relação aos objetos materiais como alimentos, roupas e aparelhos eletrônicos, mas também em relação aos bens de consumo não-materiais como a música, programas de televisão e produtos culturais diversos.

A efemeridade, característica dos bens de consumo, é constituinte não só dos hábitos econômicos e do lazer, mas também do universo de significação e da formação da identidade do sujeito nessa sociedade marcada pela supervalorização do objeto como fonte de satisfação de desejos e afirmação da personalidade. Essas características apresentam-se mais intensamente entre os jovens em todos os grupos sociais urbanos que utilizam os objetos para demonstrar o que são ou o que gostariam de ser, pois estão na busca de seus pares e suas preferências precisam ser reconhecidas. É uma tarefa difícil, porém necessária, visto que os jovens, comparados às crianças e aos adultos, demonstram maior necessidade de participarem

de grupos nos quais possam se identificar e nos quais buscam seus parceiros para trocas afetivas e sexuais.

Através dos grupos o jovem compartilha afeição, interesses e ideais que lhe são fundamentais no processo de formação da sua identidade. O grupo permite amenizar a insegurança e a angústia resultante da exigência de construir o seu futuro a partir de suas próprias escolhas. O jovem contemporâneo não conta com as referências de tradição cultural e de família, cuja autoridade tem sido considerada indesejada nesse contexto de busca pela liberdade e autonomia do sujeito. Entretanto, apesar de atenuada pela convivência com seus pares, a insegurança persiste. Segundo Maria Cecília Cortez Christiano de Souza (1998), nos grupos sociais recentemente instalados nos meios urbanos, como no caso dos jovens dos quais falaremos adiante, essa ruptura com as tradições rurais e a ausência de uma escolarização sólida fazem com que essa insegurança adquira conotações ainda mais agudas.

[...] os jovens passaram a viver, de fato, a perplexidade de se fazerem sujeitos, obrigados a escolherem a ser eles mesmos, sem que nenhum enunciador coletivo merecedor de confiança – nem mesmo o dos responsáveis por sua educação – lhes dirija palavras que possam servir de referência (SOUZA, 2004, s/n).

Assim, o jovem sofre, por um lado, pressões sociais para fazer parte deste mundo do consumo e, por outro, normalmente não conta com uma renda pessoal ou familiar que lhe dê suporte. Os pais, ou na ausência deles os adultos que tomam para si o encargo e a responsabilidade pela educação do jovem, são fundamentais na construção da sua subjetividade. Vários autores, entre eles psicanalistas, sociólogos e educadores, tentam recuperar, na esteira de Hannah Arendt (2001), a idéia de que a firmeza da autoridade adulta permite ao indivíduo ter referências para formar as suas próprias opiniões, seja para aderir, seja para se opor a elas. Além dela, como lembra François Dubet (2001), a comunidade, composta pela família extensa, vizinhos e amigos próximos, tem um papel importante na formação do indivíduo ao exercer o controle social e ao reforçar e generalizar o papel formador e a responsabilidade dos pais. Na escola, mesmo que de uma forma parcial ou arbitrária, o indivíduo internaliza determinada disciplina e determinada cultura e adquire instrumentos para se posicionar, tanto ao seguir seus preceitos quanto para negar essa cultura escolar e a ideologia que a impõe (SOUZA, 1998).

Entretanto, as instituições e as relações comunitárias têm sido progressivamente desvalorizadas em favor da não-intervenção. Sem o “incômodo” da autoridade, os jovens têm

como referência outros sujeitos com os quais convivem mais tempo ou aqueles colocados pela mídia como modelos a serem seguidos. Como afirma Jurandir Freire Costa (2004), a importância social da autoridade dá lugar ao reconhecimento momentâneo da celebridade. Estabelece-se o que Guy Debord (1997) chama de *Sociedade do Espetáculo* – a sociedade em que o sujeito se torna espectador de um mundo de superficialidades, no qual os objetivos sociais e a moral estão dissociados, ou mesmo são incompatíveis. As *celebridades* – indivíduos promovidos pela mídia como modelos de sucesso individual e social – não podem ser consideradas exemplos de valores como o desprendimento, a autenticidade e o conhecimento, mas sim de valorização de um estilo de vida extravagante e de uma instrumentalização das relações sociais que visam, cada vez mais, objetivos materiais. Afinal, como afirma Fredric Jameson (1997), à medida que perdemos as referências do passado, nada na sociedade contemporânea parece “intolerável ou escandaloso” e o que era considerado degradante no passado é concebido hoje como valor.

Nessa ideologia do espetáculo, a imagem do corpo passa a participar da formação das identidades subjetivas. O que importa é a imagem e não a realidade que a produz. O sujeito, que antes se definia e era definido basicamente por seu papel social ou por seus sentimentos e capacidades individuais, têm agora na aparência física parte essencial de sua identidade. Em um período decisivo para a formação de sua personalidade, o jovem sente-se mais pressionado a encaixar-se em padrões corporais cada vez mais exigentes: deve-se ser magro, ter um corpo “malhado”, ter uma pele bonita para que sua aparência seja valorizada e, contraditoriamente, precisa comer em *fast-foods* e consumir drogas ilícitas, cigarros ou bebidas alcoólicas para não parecer conservador.

Deve-se acrescentar ainda que, ao analisar a condição do jovem numa metrópole como São Paulo, é preciso estar atento a outros problemas. Com a urbanização e a intensa migração para os grandes centros, as famílias afastaram-se daqueles que compartilham da sua cultura e passam a viver em agrupamentos habitacionais extremamente heterogêneos. Como mostra Dubet (2001), nesses espaços, os laços comunitários são raros e frágeis e os adultos não contam mais com as relações comunitárias que lhes davam suporte para a educação dos mais jovens.

Em relação à economia, o crescimento das cidades favoreceu a renda, o acesso à educação escolar, à informação e ao consumo, porém não diminuiu as desigualdades sociais. Os contrastes presentes nas grandes cidades provocam desesperança e revolta naqueles que estão

próximos ao luxo dos centros comerciais. Quando voltam às suas casas, aos seus bairros, vêem a pobreza e a falta de higiene numa paisagem degradada, onde a esperança de mudanças diminui a cada dia.

Dubet (2001) defende que, apesar de cada vez mais fragmentadas e ofuscadas pela ideologia da igualdade de direitos, as desigualdades explicam a maior parte das condutas sociais e culturais dos indivíduos. Desse modo, os hábitos de consumo seriam vivenciados de formas diferentes pelos os sujeitos em uma posição privilegiada, orgulhosos de seu *status*, e por aqueles que pretendem negar consciente ou inconscientemente a sua situação. Para o jovem de classe média, o consumo pode servir para transcender a banalidade do dia-a-dia, mas, para o jovem pobre, o consumo muitas vezes serve para transcender o sofrimento causado pela falta de recursos e de reconhecimento:

Basta observarmos a obsessão do semblante e do desafio que comanda a sociabilidade dos jovens de periferia, para vermos até que ponto o desprezo é tido como o sentimento social elementar daqueles que esbarram na condição aguda entre igualdade fundamental e desigualdades sociais (DUBET, 2001, p.16).

Em uma situação de crise econômica prolongada, ou de uma desigualdade endêmica, os jovens brasileiros das classes populares são criados sem expectativas de inclusão e ascensão social. Eles sabem que o mundo de fantasias exposto pela TV apresenta modelos de felicidade que lhes são inacessíveis. Acabam se dando conta do fracasso antes mesmo de tentar. Como afirma Bauman (1999b, p.289-290), qualquer indivíduo pode ser lançado ao mundo do consumo, independente de sua situação econômica. Entretanto, nem todos podem ser efetivamente consumidores.

De acordo com pesquisa recente, realizada pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) e pelo Instituto Polis (2006), aproximadamente um quarto dos jovens das sete principais regiões metropolitanas brasileiras não trabalha nem estuda. Resultado semelhante foi apresentado também pela PME (Pesquisa Mensal de Emprego) do IBGE (2006), indicando que, em dezembro de 2006, 23% da população (ou 1,7 milhão de jovens) entre 16 e 24 anos não estudava nem trabalhava.

O desespero pelo futuro pode levar muitos jovens a participarem de grupos violentos e criminosos, pois representam uma possibilidade de aceitação entre seus pares e de ascensão econômica, mesmo que efêmera, que não lhe seria possível através das vias formais.

Contudo, uma análise clássica desse problema no âmbito da Sociologia foi realizada por Robert Merton (1968), sociólogo da Escola de Chicago, ao considerar a marginalidade como relação entre meios e fins. Mostra que a criminalidade é uma das alternativas para os jovens, mas que ela atua em si mesma. Como um mercado de trabalho, ela seleciona, classifica e exclui jovens – não é uma alternativa que esteja aberta a todos.

Como agir numa sociedade em que o mercado de trabalho se fecha, na qual a família e a comunidade não mais representam autoridade, numa cultura em que o trabalho honesto nunca foi muito valorizado e em que as pressões e o desejo pelo consumo se intensificam? E, sobretudo, numa sociedade em que o fato de ser pobre já faz com que muitos sejam tratados como criminosos?

Não somente a questão econômica, mas também outras variáveis são consideradas para explicar a violência entre os jovens, como a desorganização das grandes cidades (BEATO, 2007); a não internalização das normas sociais e o maior acesso às armas de fogo (PERES, 2006); a ausência de adultos como representante da Lei (KEHL, 2003); a exclusão do processo produtivo, associada a um nível de exposição inédita a publicidade (WAISELFIZ, 2004), entre outros, que aparecem relacionadas, em alguma medida, ao consumismo do indivíduo contemporâneo.

Contudo, o objetivo desse trabalho não é a crítica à sociedade do consumo ou mesmo do consumismo entre os jovens, pois consideramos que a definição de quais bens são necessários ou enriquecedores depende, em grande parte, dos valores daquele que os analisa. Procuramos nos distanciarmos de análises demasiadamente apocalípticas em relação ao consumismo, buscando na teoria uma definição mais objetiva. Nestor García Canclini (1997) esclarece-nos que o consumo muitas vezes é apresentado de maneira depreciativa por ser associado a outros problemas:

[...] na linguagem corriqueira, consumir costuma ser associado a gastos inúteis e compulsões irracionais. Esta desqualificação moral e intelectual se apóia em outros lugares comuns sobre a onipotência dos meios de massa, que incitariam as massas a se lançarem irrefletidamente sobre os bens [...] (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 51)

Como analisa Costa (2004), a conexão que muitos teóricos fazem entre insatisfação e consumismo, estabelece-se, muitas vezes, por um julgamento moral, pois se supõe que existe uma forma “nobre” de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos objetos, ou que não há possibilidade de satisfação através dos bens materiais. O autor, por sua

vez, argumenta que há uma relação necessária entre os sentimentos e os objetos, que antecede a sociedade de consumo. Afirma que a emoção também se exprime no entorno material, para se tornar “visível, entendível e partilhável por todos”. Isso não só para satisfazer interesses individuais, mas também para enriquecer “acontecimentos morais e afetivos” como as “cerimônias tradicionais de nascimentos, batismos, casamentos, formaturas, funerais etc.” (COSTA, 2004, p.159).

Procuramos ainda nos afastarmos tanto das idéias pré-concebidas sobre o consumo, como dos estereótipos em relação aos jovens moradores da periferia. Com esse objetivo fomos a campo para tentar compreender como determinado grupo de jovens - cerca de 100 jovens de 13 a 21 anos que freqüentam o Grupo de Assistência Social Bom Caminho – adapta-se a essa sociedade na forma como ela se configura, buscando identificar as dificuldades que enfrentam para encontrar o seu *lugar ao sol* nesse contexto desfavorável.

Ao longo de dois anos de trabalho, buscamos ultrapassar uma visão simplista sobre as preferências de consumo dos jovens com quem dialogamos, bem como sobre suas perspectivas de futuro. A partir dessa experiência ficaram evidentes alguns dos limites e das estratégias desses jovens para solucionar o problema de fazer parte de uma sociedade em que o valor das pessoas é medido pelo seu poder de consumo.

No primeiro capítulo desse trabalho, *O olhar da sociedade brasileira sobre os jovens moradores das periferias*, tratamos das motivações que impulsionaram essa pesquisa, em especial da análise do preconceito do qual o jovem pobre é vítima e que serve de pretexto aos seus estereótipos negativos. No segundo capítulo, *A Sociedade de Consumo*, apresentamos nossa incursão na literatura sobre o tema, que nos permitiu compreender melhor o comportamento desses jovens como sujeitos que compartilham os valores dessa sociedade. No terceiro capítulo, *O jovem entre a dependência e a liberdade*, comentamos a literatura de referência com ênfase nos aspectos subjetivos trazidos pela Psicanálise. No quarto capítulo, *O trabalho de campo*, relatamos a metodologia do trabalho, as atividades realizadas com o grupo de jovens dessa pesquisa, além de um perfil dos jovens a partir das respostas a um questionário sobre condições de vida e preferência de consumo. Nesse mesmo capítulo, apresentamos algumas observações sobre esses jovens, enfatizando temas como *o uso de drogas, a violência, o trabalho e a escola*. No quinto capítulo, *A fala dos jovens*, discutimos trechos das entrevistas sobre a vida cotidiana dos jovens dessa pesquisa e seus hábitos e desejos de consumo; identificamos os objetos materiais e culturais priorizados por eles; os

meios pelos quais obtêm os recursos financeiros para adquiri-los e de que forma a posse ou a falta desses objetos influi na sua auto-estima e nas suas relações sociais. No sexto e último capítulo, *A escola e o consumo*, mostramos como a escola, ambiente privilegiado de sociabilidade juvenil, é diretamente afetada pelo consumo e algumas das indagações que esse trabalho nos permitiu realizar.

Capítulo 1. O olhar da sociedade brasileira sobre os jovens moradores das periferias

A participação de jovens na criminalidade tem sido destaque na mídia brasileira, principalmente a partir da década de 1990 quando o uso e o tráfico de drogas expandiram-se nas grandes cidades brasileiras e atingiram a juventude das periferias (SOUZA, 2002). Desde então, mesmo aqueles que desconhecem sujeitos nessa condição são levados a associar a figura do jovem pobre, negro e morador das periferias dos grandes centros urbanos à condição de delinqüente ou de potencial delinqüente. Como escrevem Ana Paula Corti e Marília Pontes Sposito (2002), a representação dominante sobre os jovens começa então a se reduzir à *juventude perigosa* ou à *potencialmente violenta*. Por essa razão, segundo as autoras, o grande interesse da opinião pública sobre os jovens no Brasil tem suas origens na violência, especialmente nas grandes metrópoles. As instâncias governamentais, por sua vez, reforçam essa representação ao se empenhar em políticas que consideram o jovem pobre como sujeito cujo tempo livre deve ser administrado.

Os crimes cometidos por jovens menores de 18 anos no Brasil geraram comoções expressivas em favor de suas vítimas e a reivindicação de mudanças na legislação diferenciada para esses jovens. A partir dos fatos e da forma como os mesmos foram divulgados pela mídia, construiu-se a imagem de que o jovem na menoridade pode ser tão cruel quanto os adultos e que, conseqüentemente, poderia ser considerado tão maduro para responder pelo seu crime quanto os maiores de 18 anos.

A revolta declarada contra a legislação recai, porém, sobre cada um desses jovens, independentemente de ser criminoso ou não, pois parece não mais corresponder àquela imagem de juventude como objeto de proteção e que recentemente deu origem ao Estatuto da Criança e do Adolescente². Num momento em que a revolta aumenta, o jovem pobre é reduzido, no melhor dos casos, à “menor infrator”. No anseio de tudo agrupar e classificar, a juventude recebe o rótulo ora de “frágil”, ora de “perigosa”, sem nuances.

O papel da mídia torna-se cada vez mais determinante nesse sentido, como se a realidade e a ficção se limitassem às imagens que são mostradas na TV. Mídia que freqüentemente tem destacado os casos de violência com participação de jovens menores de 18 anos. No ano de

² Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em novembro de 2007.

2007, notadamente, a notícia mais explorada foi o assassinato do menino João Hélio Vieites no dia 6 de fevereiro, crime em que esteve envolvido um jovem de 16 anos³. De fato trata-se de um caso chocante. O menino foi arrastado pela rua em alta velocidade durante vários metros, por ter ficado preso no cinto de segurança do carro de seus pais que foi levado pelos assaltantes. Contudo, pouco se refletiu sobre a participação do “menor” que estava com um grupo de rapazes maiores de 18 anos – dentre eles um de seus irmãos mais velhos.

É realmente uma contradição que um menino de 16 anos possa ser considerado ao mesmo tempo responsável por si mesmo quando participa de um grupo criminoso e possa também ser considerado vítima caso relacione-se sexualmente com um adulto. Se esse jovem fosse olhado como objeto de tutela – assim como prescreve a nossa própria legislação -, sua participação na ocorrência deveria ser considerada não como um crime praticado por ele e sim um crime contra ele, pois, além de ser induzido, o jovem corria risco de vida. Entretanto, o Estado e a sociedade brasileira estão falhando na proteção das crianças e dos jovens e não mais se consideram aptos a se responsabilizar por eles. De vítima, o jovem passa a ser visto como criminoso. O aprendizado, que seria responsabilidade de pais e professores, passa a ser atribuído à polícia. Com essa atitude, não só se retiram da responsabilidade de formá-los como adultos, como os responsabilizam pelos efeitos dessa omissão.

Pode-se, por outro lado, considerar que esses jovens criminosos devem ser responsabilizados por seus atos, pois teriam maior acesso à informação, a puberdade floresceria mais cedo, entre outras razões. Essas mudanças na dinâmica social e até mesmo nos aspectos físicos devem ser ponderados. Todavia, é preciso discutir sobre a idéia de formação e se não há uma confusão entre maturidade e malícia. É preciso colocar em debate as contradições presentes nas razões, ou melhor, nas intenções que levam a defender a responsabilização precoce por atos criminais enquanto se observa, por outro lado, uma extensão do período de adolescência e de juventude a uma idade cada vez mais avançada⁴.

Desse modo, até mesmo por se tratar de uma redução, elementos fundamentais são ignorados, tais como os dados sobre a violência. Estudos realizados na última década desmistificam a relação entre adolescência e criminalidade por meio de estatísticas que mostram a

³ *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, 27 de abril de 2007.

⁴ “No campo, por exemplo, a CEPAL chegou a considerar que a juventude pode chegar até aos 29 anos. Pesquisa feita no âmbito de organizações internacionais como OPAS e OMS aponta que, no Chile, essa idade máxima vai até os 30 anos. Alguns países, como o Japão, chegam ao aparente paroxismo de classificar como jovens os indivíduos com idade até cerca de 35 anos” (WAISELFISZ, 1998)

configuração dos crimes praticados por jovens de 15 a 18 anos de idade. Sérgio Adorno (1999) ressaltava que entre os crimes mais comuns nessa faixa etária no município de São Paulo o roubo é o principal. Os registros relativos ao uso e porte de drogas representam 4,3%, enquanto aqueles referentes ao tráfico compreendem a 2,9%. Diz ainda que é muito pouco significativa a ocorrência de homicídios (1,3%). Apesar da baixa incidência, porém, o homicídio é a modalidade de infração com a maior capacidade de exercer “ampla mobilização da opinião pública e estimular o imaginário coletivo de medo e insegurança” (ADORNO, S. 1999, s/n).

Não se explora também, com a mesma atenção que é dada aos casos isolados, as estatísticas sobre a vitimização dos jovens nas grandes metrópoles brasileiras. Conforme relatório da Unesco, sob a coordenação de Julio Jacobo Waiselfisz (2004), a taxa de morte por causas violentas entre os jovens é de 74,42 em cem mil, enquanto da população em geral é de 48,15 em cada cem mil e, entre as causas violentas, o homicídio é a principal. Em relação a 84 países do mundo que o Whosis/OMS disponibilizou informações, o Brasil ocupava a terceira posição na taxa de homicídios de jovens, com 51,7 por cem mil habitantes no ano de 2004. A Colômbia ocupa o primeiro lugar com 95,6 e a Venezuela o segundo com 65,3 mortes de jovens por homicídio por cem mil habitantes (WASELFSZ, 2006).

Ao distinguirmos as taxas de mortalidade entre os gêneros, tem-se uma idéia do direcionamento da violência, que atinge em proporções muito maiores os jovens do sexo masculino. Mais recentemente, a Organização dos Estados Ibero-americanos publicou o Mapa da Violência 2006⁵, divulgando dados específicos sobre as taxas de homicídios segundo o sexo em todo o Brasil e também por Unidade Federativa. Em São Paulo, no ano de 2004, 4.043 jovens do sexo masculino foram assassinados, o que representa uma taxa de 106,6 por cem mil habitantes, que ainda está abaixo da mortalidade por causas violentas entre os jovens do sexo masculino em outros estados: 196,6 no Rio de Janeiro; 192,5 em Pernambuco; 178,8 no Espírito Santo; 148,0 no Distrito Federal; 140,4 no Amapá; 137,4 em Alagoas; 109,5 no Paraná e 108,2 em Rondônia.

A intenção, porém, não é reduzir esses jovens a números, mas questionar se, caso as estatísticas e os estudos sobre a participação do jovem na criminalidade e a sua vitimização

⁵ Waiselfisz, 2006.

fossem divulgados com a mesma frequência que os casos isolados, esses jovens seriam vistos da mesma forma.

Preconceito e esclarecimento

Passados mais de meio século da publicação do livro *Dialética do Esclarecimento* por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985), observam-se hoje muitos avanços na contenção da violência, tributários em grande parte ao próprio esclarecimento. Com a expansão da democracia, com o crescente consenso em relação aos ideais dos Direitos Humanos, o reconhecimento de que qualquer indivíduo deve ser respeitado como portador de direito e com a valorização da diversidade cultural, muito se conquistou no combate ao preconceito. Todavia, para uma apreciação da nossa realidade, precisamos estar atentos às condições objetivas, se são favoráveis ou não a um processo de discriminação social e aos mecanismos psíquicos fundamentais para a subjetivação do sujeito.

Como ressalta José Leon Crochík (2000), a ideologia e a construção da personalidade são variáveis que mudam ao longo do tempo e de acordo com Lasch⁶,

Dentro de uma perspectiva histórica, contudo, as diferenças sociais e psíquicas, entre a nossa época e a do estudo da personalidade autoritária, não implicam novas configurações social e psíquica, mas o desenvolvimento das que esses autores analisaram e criticaram, pois a sociedade se autonomiza cada vez mais em relação aos seus membros e o indivíduo vive uma regressão psíquica maior (CROCHICK, 2000, p.530)

Desse modo, apesar dos reconhecidos avanços, muitos dos elementos que favoreceram a emergência do anti-semitismo, como caso extremo de preconceito, não foram apagados e é possível afirmar que em nossa sociedade, muitos outros se intensificaram e outros surgiram e mantiveram possível a discriminação social.

Analisar a nossa própria época é uma tarefa arriscada, na medida em que o olhar de quem analisa está muito envolvido com os fatos, quer pelo seu interesse pessoal, quer por ser ele próprio produto da mesma sociedade que incita tais movimentos. Recorrer às experiências anteriores pode auxiliar-nos a identificar tendências através de semelhanças com movimentos da atualidade, conscientes, porém, de que o contexto histórico, assim como seus produtos, jamais se repetem.

⁶ Ver Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.

Sob essa perspectiva, a análise de Adorno e Horkheimer sobre o preconceito que marcou o seu tempo pode enriquecer o debate atual. Para entender a discussão sobre o tema é preciso acompanhar as reflexões dos autores sobre o *esclarecimento*, definido por eles como o processo de racionalização científico que promove o “desencantamento do mundo, pelo qual as pessoas se liberaram do medo de uma natureza desconhecida a qual atribuíam poderes ocultos para explicar o seu desamparo em face dela” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.8). O medo da natureza, da qual o Homem desejava distinguir-se pelo temor de uma existência cheia de perigos e imprevistos, levou-o a formas de associação e conhecimento que o libertaram do total obscurantismo:

Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos miméticos, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a idéia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu se revertesse à mera natureza da qual havia se alienado com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.48)

Os autores argumentam que o desejo presente no esclarecimento de que tudo seja conhecido favorece o preconceito, pois, ao se acreditar que tudo possa ser explicado, tende-se a classificar ou a confiar que tudo o que há na natureza, inclusive os próprios homens, seja passível de classificação. O que porventura não se encaixe nos padrões pré-estabelecidos é visto com reserva: “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20).

A classificação reduz o objeto, retirando o mistério do desconhecido e o desejo de revelá-lo. O conhecimento que se busca através da racionalização científica fixa o objeto num tempo e num espaço, desconsiderando que o universo e tudo o que o constitui está em constante movimento. Ao olhar os objetos como algo imóvel ou previsível, acaba-se limitando a sua compreensão. O esclarecimento impede assim de ir além do próprio objeto e a atitude anti-semita é um forte exemplo dessa lógica, uma vez que explica um grupo de homens pela *raça*, ignora sua heterogeneidade e reduz o indivíduo a um atributo discutivelmente dado como natural.

A *raça* não é imediatamente, como querem os racistas, uma característica natural particular. Ela é, antes, a redução ao natural, à pura violência, a particularidade obstinada que, no existente, é justamente o universal. A *raça*, hoje, é a auto-afirmação do indivíduo burguês integrado a coletividade bárbara (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.158)

Outro elemento apresentado pelos autores é a necessidade de determinadas sociedades em perseguir um grupo minoritário ou sem capacidade de defesa. Hoje, assim como em sua época, os homens precisam extravasar a violência. Porém essa violência não pode ser explicada como parte da natureza humana, mas como parte do indivíduo que é moldado por uma sociedade que se construiu baseada na dominação de uns sobre os outros:

Nas primeiras fases do nomadismo, os membros da tribo ainda têm uma parte autônoma nas ações destinadas a influenciar o curso da natureza. Os homens rastreiam a caça, as mulheres cuidam do trabalho que pode ser feito sem um comando rígido. Quanta violência foi necessária antes que as pessoas se acostumassem a uma coordenação tão simples como essa é impossível de determinar. Nela, o mundo já está dividido numa esfera do poder e numa esfera profana. Nela, o curso da natureza enquanto eflúvio do mana já está erigido na norma, que exige a submissão. Mas, se o selvagem nômade, apesar de toda a submissão, ainda participava da magia que a limitava e se disfarçava no animal caçado para surpreendê-lo, em períodos posteriores o comércio com os espíritos e a submissão foram divididos pelas diferentes classes da humanidade: o poder está de um lado, a obediência do outro. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.34)

Isso porque, para os homens dominarem a natureza, tiveram que dominar também outros homens que são, afinal, também natureza.

Hoje, apenas presumimos dominar a natureza, mas, de fato, estamos submetidos à sua necessidade; se contudo nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20)

A crença presente na racionalidade científica de que tudo pode ser explicado, constitui-se como princípio totalitário que inevitavelmente leva à repressão e à dominação.

Pois o esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema. Sua inverdade não está naquilo que seus inimigos sempre lhe censuraram: o método analítico, o retorno aos elementos, a decomposição pela reflexão, mas sim no fato de que para ele o processo está decidido de antemão. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.37)

Segundo Adorno e Horkheimer, não era o anti-semitismo que desconfigurava a ordem, mas era a ordem que não poderia viver sem a desconfiguração dos homens. Assim, a ordem que é fundamentada nas relações de dominação, não pode separar-se da perseguição daqueles que “atraem sobre si a vontade de destruição que uma falsa ordem social gerou dentro de si mesma”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.157)

Numa sociedade pautada pela dominação, a violência é intensificada ainda pela ausência de reflexão sobre o outro e sobre si mesmo, uma vez que, desde que o industrialismo condiciona os homens a se comportarem como máquinas, o pensamento vem tornando-se impotente.

No trajeto da mitologia a logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta. Sob a forma de máquinas, porém, a *ratio* alienada move-se em direção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto a aparelhagem material e a aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 48)

Ao se adequar ao sistema, a capacidade de pensamento dos homens torna-se obsoleta. A maioria regride ao instinto enquanto a reflexão é função de apenas alguns dos setores da divisão social do trabalho.

A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.46)

Tomando as máquinas como modelo de existência, prezando a produção e a eficiência, aqueles que querem ser parte dessa sociedade conformam-se em não expressarem suas emoções e a não sentirem nem mesmo o ódio.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive a relação de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.40)

Somente sob essas condições, a experiência social e a experiência de cada um consigo mesmo se esvaem e são substituídas pela “liberdade de escolha” entre modelos prontos de pensamentos. Hoje a informação chega a todos com um grau maior ou menor de profundidade, mas a desvalorização do pensamento faz com que os sujeitos optem por um conjunto de idéias conservadoras ou revolucionárias, sem que haja reflexão. Quanto ao outro, os rótulos são colados: ou se é amigo, ou inimigo; assim torna-se mais eficaz a definição do lugar de cada um.

Antes, o juízo passava pela etapa de ponderação, que proporcionava certa proteção do sujeito ao juízo contra uma identificação brutal com o predicado. Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação [...] O percebedor não se encontra mais presente no processo de percepção. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.188)

O anti-semitismo baseou-se ainda numa *falsa projeção*, como explicam Adorno e Horkheimer (1985). Os perseguidores são atormentados pelos seus próprios defeitos reconhecidos na vítima, além de atribuir ao perseguido os defeitos que só existem neles mesmos:

Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranóico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.174)

Adorno e Horkheimer discutem aí o conceito de *projeção*, que definem como um processo em que o sujeito vê como estando fora dele o que há na sua própria psique, mas que recusou e reprimiu. Trata-se de colocar em outro sujeito uma parte inaceitável do ego. Os autores afirmam: perceber é projetar, como um processo automatizado nos homens, que se aprimora e se aprende a inibi-lo. No entanto, ressaltam que a patologia do anti-semitismo não é a projeção, mas é a incapacidade de reflexão que não o permite distinguir o eu do outro. Os anti-semitas teriam acusado a busca do lucro e a ganância como perversidade dos judeus, por exemplo, exatamente por essas características condenadas serem constitutivas deles próprios como membros de uma sociedade capitalista.

Os racistas (*die Völkischen*) exprimem a própria essência na imagem que projetam dos judeus. Sua ânsia é a posse exclusiva, a apropriação, o poder sem limites a qualquer preço. O judeu, sobre o qual descarrega sua própria culpa e escarnecem como dominador, eles o pregam na cruz, repetindo indeterminavelmente o sacrifício em cuja eficácia não conseguem mais acreditar. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.157-158)

Na sociedade contemporânea, o ser jovem atrai para si certa desconfiança por ser visto como sujeito em fase de transição ou sem lugar na sociedade. Assim como os judeus, sua não adaptação afetaria a ordem, tornando-os suspeitos:

A vida e o aspecto dos judeus comprometem a universalidade existente em razão da sua adaptação deficiente. O apego inflexível a suas próprias formas de ordenamento da vida levou-os a uma relação insegura com a ordem dominante. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.158)

A condenação de jovens tachados como delinquentes reflete os defeitos socialmente condenados dos próprios acusadores, que correspondem a valores contemporâneos: o consumismo, a aversão ao esforço e ao trabalho disciplinado, a “malandragem” e a violência. Falta reflexão às críticas em relação ao descompromisso dos jovens com o esforço e o trabalho disciplinado diante da falta de empregos no mercado formal e diante da valorização

da esperteza e dos sucessos por sorteios disseminados pela indústria cultural. Considerando que a sociedade é pautada pelo consumo, os jovens que não possuem recursos para consumir são discriminados por isso. Se não é possível produzir, sorte daqueles que consomem, pois de alguma maneira se protegem da insensibilidade.

Para o jovem, ser pobre é ainda um risco, pois além de não encontrar função, a condição de passar o tempo num sistema econômico em que se deve pagar por qualquer forma de distração é um grande desafio, como discute Bauman (1997):

Uma vez que o critério da pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados de fora como um 'problema', como a 'sujeira' que precisa ser removida são consumidores falhos – pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser 'indivíduos livres' conforme o sentido de 'liberdade' definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos 'impuros', que não se ajustam ao novo esquema de pureza. Encarados a partir da nova perspectiva do mercado consumidor, eles são redundantes – verdadeiramente objetos fora do lugar (BAUMAN, 1997, p.24)

Ao apoiar-se no envolvimento de jovens em crimes graves, quer-se fazer acreditar que indivíduos cada vez mais novos são responsáveis pelos seus próprios atos, quando na verdade o abandono é que lhes é precoce. Sujeitos que são perseguidos apesar de não serem os principais responsáveis por sua condição. São condenados por emergirem de todas as tentativas de maquiar as crises e por se colocarem às vistas. Com a riqueza que a sociedade produz, todos poderiam compartilhar do bem-estar proporcionado pelo progresso técnico, porém essa sociedade, desde os tempos do escravismo, é incapaz de amenizar as desigualdades. Há uma incapacidade geral de buscar a felicidade em algo que não seja o domínio sobre outro(s), ao mesmo tempo em que a felicidade não pode ser plena diante da proximidade do sofrimento que a dominação provoca. Deste modo, a dor daqueles que não fazem parte denuncia a impossibilidade de uma felicidade plena nesse mundo, cuja angústia que gera, polui toda a alegria (BAUMAN, 1997).

A manifestação da violência

A tentativa de estabelecer relações entre o preconceito que moveu o extermínio de milhões de judeus e a vitimização do jovem pobre no Brasil tem em conta os seus limites. Não podemos esperar que o preconceito atual se manifeste da mesma forma que há quase 70 anos atrás, uma vez que as sociedades ocidentais contemporâneas são muito mais resistentes às ideologias declaradamente autoritárias e uma vez também que a própria experiência daquele período

influencia o modo como vemos hoje as atitudes de violência explícita. Entretanto, mesmo sob diferentes formas de expressão e aceitação, não se pode ignorar as semelhanças desses processos que resultam na perseguição e no extermínio de um grupo social. Gilles Lipovetsky (1994) afirma, por exemplo, que a xenofobia passou por uma pacificação e não está mais tão ligada à superioridade das raças, mas a questões sociais associadas à imigração, como o desemprego. Também entre os grupos nativos, criam-se novas formas de exclusão como a distância entre os grupos sociais e as indiferenças individualistas.

Em diversas configurações sociais, “os grupos estabelecidos sempre se comportaram paranoicamente com relação aos outros”. Mas a consciência paranóide, como sintoma de uma cultura enfraquecida em função dos poderes econômicos, receia “acreditar sozinha em seus delírios” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.183). Em nossos dias, o preconceito como um ódio compartilhado pode ser comparado à relação entre o preconceituoso e a tela da televisão. Num sistema pautado pela dominação, os sujeitos têm muito mais necessidade de extravasar a violência do que o amor. A par dessa necessidade, a indústria cultural incita o prazer proveniente da observação da desgraça alheia, reforçando o sensacionalismo das notícias e gerando menos a compaixão pelas vítimas do que o ódio aos seus agressores. O ódio e a violência vão sendo ratificados. Se os jovens pobres não se “encaixam”, tornam-se incômodos ou perigosos. Trata-se como se fosse algo normal o fato de que eles estão morrendo como vítimas de homicídios em proporções inquestionavelmente maiores do que os indivíduos de qualquer outro segmento da população.

O preconceito sofrido pelos jovens pobres fica evidente na omissão da proteção que lhes é de direito e na cegueira sobre a quantidade de violência a que estão expostos. É preconceito associar a cor da pele e a condição econômica à criminalidade. Uma associação que pode parecer inofensiva quando parte de cidadãos comuns, mas que tem efeitos graves quando são concebidos pela força policial que discrimina os sujeitos na sua abordagem.

A agressão policial aos jovens da periferia das grandes cidades brasileiras é um fato sobre o qual as leis não constituem empecilho. A violência da polícia brasileira, não obstante seja fato conhecido e contabilizado, gera pouca mobilização. O cidadão que é agredido e sobrevive cala-se, pois a polícia que deveria lhe proteger é quem está lhe atacando, enquanto os “bons cidadãos” das classes média e alta, que, provavelmente, nunca terão problemas sérios com a polícia, limitam-se a lamentar pelas vítimas ou a apoiar a ação policial que coloca “cada um no seu lugar”. Atitudes de ambos os lados – polícia e população pobre – reforçam, como

define Marilena Chauí (1995), o “mito da não-violência” que se mantém por diversos mecanismos:

[...] a violência fica circunscrita ao campo da delinquência e da criminalidade, o crime sendo definido como ataque à propriedade privada (furto, roubo e latrocínio, ou seja, roubo seguido de assassinato). Esse mecanismo permite, por um lado, determinar quem são os *agentes violentos* (de modo geral, os pobres) e legitimar a ação (esta sim, violenta) da polícia contra a população pobre, os negros, as crianças de rua e os favelados. A ação policial pode ser, às vezes, considerada violenta, recebendo o nome de *chacina* ou *massacre* quando, de uma só vez e sem motivo, o número de assassinados é muito elevado. No restante das vezes, porém, o assassinato policial é considerado normal e natural, uma vez que se trata de proteger o *nós* contra o *ele*. (CHAUÍ, 1995, p.73)

A pesquisa de campo nos deu indícios de como os jovens moradores da periferia convivem com a violência policial, inclusive em seus momentos de lazer. São impedidos muitas vezes de se divertir, dançar, ver os amigos e agir com liberdade. O que parece não ser um problema restrito ao grupo:

A representação das juventudes brasileiras, em especial a da periferia, sobre a polícia é crítica e incisiva. Segundo pesquisas realizadas pela Unesco no Brasil, os jovens das periferias são constantemente abordados pela polícia de forma arbitrária, rude e humilhante. Em decorrência, percebe-se nesses jovens um sentimento misto de medo e revolta contra as forças policiais. (WAISELFISZ, 2004, p.194)

Em âmbito geral, o preconceito em relação à população mais pobre tem sérias consequências. A partir do momento em que o pobre é considerado perigoso, o papel da polícia passa ser o de reprimi-lo e não de protegê-lo. Isso se agrava na medida em que a relação entre a autoridade policial e a população pobre fica cada vez mais conturbada.

Nas relações entre adultos e jovens, destaca-se como problemática aquela com a polícia. Quando a polícia vê cada jovem pobre como um “delinqüente” em potencial, baseando-se simplesmente em sua indumentária (roupa, tatuagens, *piercings*, cortes de cabelo etc.), ela estigmatiza esses jovens, e quando prende aqueles que efetivamente cometeram crimes e têm um perfil semelhante, a “profecia que cumpre a si mesma”, reforça significativamente esse modelo. (WAISELFISZ, 2004, p.194)

O policial vê o morador da favela como aliado do bandido, enquanto o morador da favela vê a polícia como tolerante ou mesmo conveniente com o criminoso. De acordo com Alba Zaluar (1994), esta visão é baseada tanto pelas práticas quanto pelos estereótipos que vão se constituindo:

A relação entre polícia e comunidade monta-se em grande medida nas imagens e idéias que ficam cristalizadas em cada uma das partes da relação, tanto por conta de

suas experiências concretas, quanto pelo que poderíamos chamar o “quadro das mentalidades”, ou seja, os preconceitos, estereótipos, memórias (como todas) ideologizadas, e que vão se montando a partir de vários mecanismos. (ZALUAR, 1994, p.88).

A imagem das classes mais pobres como "classes perigosas" permeia as instituições policiais e, de acordo com Paulo Sérgio Pinheiro (2001), os policiais agem como se fossem "guardas de fronteira", protegendo as classes dominantes da população pobre. Deste modo, o problema da violência não atinge indivíduos de diferentes classes sociais na mesma proporção. Enquanto o cidadão pobre se preocupa e sofre constantemente com a violência dos criminosos e com a repressão do Estado, o cidadão das classes privilegiadas pode pagar pela sua segurança e desfrutar ainda de sua imagem de "bom cidadão" perante as autoridades policiais.

Os jovens pobres, por sua vez, sofrem a violência do olhar de desprezo. Dubet, no texto *Desigualdades multiplicadas* (2001), argumenta que na sociedade contemporânea o desejo de igualdade traz consigo uma exigência contínua de reconhecimento, ao mesmo tempo em que há uma idéia presente de que todos devem ser autônomos para cuidar de sua própria vida e tornar-se merecedor desse reconhecimento. O jovem em situação desprivilegiada possui poucos recursos para mobilizar, sentindo-se muitas vezes invisíveis ou culpados por sua própria condição.

Basta observarmos a obsessão do semblante e do desafio que comanda a sociabilidade dos jovens de periferia, para vermos até que ponto o desprezo é tido como o sentimento social elementar daqueles que esbarram na condição aguda entre igualdade fundamental e desigualdades sociais (DUBET, 2001, p.11)

Deve-se, por outro lado, reconhecer também o papel ativo dos perseguidos. O alvo do preconceito não é um alvo qualquer. Ele suscita o ódio de alguma forma, acendendo a chama nos preconceituosos que encontram na sociedade uma aprovação para suas atitudes em relação ao alvo. Há claramente uma presença muito forte de garotos menores de 18 anos na prática de crimes, principalmente aqueles induzidos por adultos que utilizam como argumento o fato desses meninos não serem passíveis de condenação à prisão comum. Fazem parecer que, no caso de serem presos, a pena dos jovens menores de 18 anos seria leve e o ganho que teriam valeria o risco.

Dubet (2001) descreve algumas estratégias delineadas pelos jovens nas situações dominadas pela “consciência infeliz e pelo desprezo” na escola, que também podem ser aplicadas nos relacionamentos sociais em geral: “[...] muitos atores preservam sua auto-estima recusando-se

a participar de um jogo no qual acham que vão perder sempre” ou então adotam a estratégia de “fazer de conta” enquanto “outros utilizam a estratégia da violência que aparece como o único meio de recusar a imagem negativa de si, provocada por seu insucesso e sua liberdade” (DUBET, 2001, p.17). Nesse quadro, se a violência praticada por jovens motiva o desprezo e o preconceito sobre todos eles, os mesmos desprezo e preconceito fazem com que os jovens ajam com violência para se salvarem, pois muitos acreditam que a violência pode proteger sua dignidade.

A imagem negativa dos jovens pobres é ainda favorecida pelo medo cultivado pela mídia que anuncia a barbárie total, sinalizando quem são seus causadores, sem esclarecer o processo que gera essa criminalidade. Os garotos colocados como algozes deveriam estar sob a nossa proteção em relação àqueles que os induzem e lhes dão a oportunidade (a arma) para que invertam seu papel de vítima.

É necessário, portanto, questionar quais as condições objetivas que constroem esse adolescente sem perspectiva, consumista e algumas vezes frio e cruel, pois o preconceito se expressa no julgamento de que os jovens entram no mundo do crime por opção pessoal, como se houvessem alternativas a não ser sofrerem calados por suas diversas carências e pelo desejo negado de participar desse mundo do consumo que representa o ideal de felicidade e sucesso.

O lugar que lhes cabe é o da resignação, pois ao pobre é “normal” a condição de sofrimento e privação. Condena-se a frieza desses jovens esperando que eles dêem valor à vida alheia enquanto sua vida vale tão pouco – sua vida é mais um número na estatística de vulnerabilidade juvenil, enquanto a morte de um menino de classe média gera uma comoção capaz de mudar a legislação do país.

As políticas direcionadas a esse segmento da população ratificam esse preconceito, o que se expressa na tentativa de ocupá-lo de alguma maneira, como se o tempo livre dos jovens fosse espaço de perigo e necessitasse de controle institucional. Combinando a concepção das instâncias governamentais com a exacerbação da mídia dos crimes cometidos por jovens pobres negros e pardos, anuncia-se tanto a desordem quanto quem são seus agentes de modo reduutivo. É preciso estar atento até onde essa sensação de insegurança pode chegar, lembrando que o desejo de ordem dos alemães colocou no poder o partido Nacional Socialista que prometia livrá-los da desordem através de uma ação totalizadora: “O mundo torna-se o caos, a síntese, a salvação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21).

Sabemos que nem todos os jovens nessa condição são criminosos. Pelo contrário. A maioria vive de acordo com o cotidiano de indivíduos da mesma idade de qualquer classe social: estuda, brinca, tem amigos, namora etc. O que difere, em geral, são as adversidades da pobreza e da discriminação que esses jovens sofrem em função dos estereótipos construídos sobre eles.

Como parte da sociedade, esse jovem percebe de forma mais ou menos clara a sua própria imagem sendo desvalorizada. Se por um lado existem jovens pobres que recorrem à criminalidade para adquirir bens que expressem sua participação na sociedade de consumo, por outro lado, a única forma que essa sociedade oferece para que eles não sejam vistos como marginais é justamente a construção de uma imagem pessoal a partir dos bens de consumo – negando assim, através da aparência, sua condição temida ou desprezada.

Essas considerações nos levaram a rever nossa crítica inicial sobre as preferências de consumo dos jovens que pesquisamos. A compra de bens materiais que valorizam a aparência pessoal, em especial as roupas e os tênis de marca, parecia algo insensato para jovens numa condição econômica precária. No entanto, ao percebemos sua situação de invisibilidade ou de uma visibilidade perversa, produzindo efeitos em sua subjetividade e mesmo sobre sua segurança, torna-se difícil censurá-los.

Como pretendemos mostrar no próximo capítulo, a compra desses bens de consumo por si só não garante que os sujeitos sejam reconhecidos socialmente ou que mudem sua condição desprivilegiada. Mas a desvalorização de espaços de reconhecimento – em especial a escola e o trabalho –, aliada às exigências da sociedade de consumo, faz com que a compra de objetos seja uma das poucas alternativas oferecidas a esses jovens.

Capítulo 2. Sociedade de consumo

A globalização, definida como o crescimento da interdependência de todos os povos e países da superfície terrestre, representa a propagação de valores entre populações com possibilidades desiguais de absorção e de participação. Isso significa que um número cada vez maior de indivíduos, de modo independente de sua condição social e econômica, compartilham hoje dos mesmos ideais de realização pessoal: a saber, aqueles trazidos pela sociedade de consumo.

A sociedade de consumo, como uma etapa do sistema capitalista de produção e como um modo de vida, é alvo de críticas que emanam da academia, dos meios de comunicação e das falas do senso comum. Seus efeitos sobre o meio ambiente e sobre as relações sociais, de um modo geral, são cada vez mais condenados.

Ao observar as aspirações e os hábitos de consumo do grupo de jovens que pesquisamos, como, por exemplo, o seu desejo por roupas de grife, tênis de marca, aparelhos eletrônicos de última geração, tendemos a considerá-los incoerentes. Espera-se que o jovem saiba melhor utilizar seus recursos escassos para o que comumente se considere como suas necessidades básicas como a saúde, a alimentação, a educação, a formação profissional etc. É preciso questionar, contudo, se são essas as necessidades fundamentais colocadas pela sociedade de consumo, sem perder de vista que esses sujeitos compartilham os valores dessa mesma sociedade.

Não podemos excluir o jovem da sociedade de consumo. Somente interpretando esse jovem como parte de um sistema mais amplo é que podemos perceber a coerência desses sujeitos em sua estratégia de participação e tentativa de reconhecimento.

Nesse capítulo, pretendemos esclarecer tal sistema através de definições e discussões aventadas por autores que realizaram obras importantes sobre a modernidade e sua relação com o consumo, o nosso tema em especial. Para a escolha das obras, partimos da consideração de que o desenvolvimento de uma sociedade⁷ que pode ser nomeada como sociedade de consumo, implica num modo de vida que não pode ser definido por nenhum de

⁷ “No seu mais importante sentido, entendemos por ‘sociedade’ uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.25).

seus aspectos isoladamente. Na tentativa de compreender tal organização, buscamos nessas obras como se formou a base material que a caracteriza, quais são os valores sociais hegemônicos e de que forma os sujeitos - individual e coletivamente - são levados a tomá-los como seus.

Sistema cultural dos objetos

A sociedade de consumo, como uma nova fase do Capitalismo, é objeto de exame de Jean Baudrillard, filósofo e sociólogo francês reconhecido como um dos principais teóricos do pós-modernismo. Em sua primeira obra de grande repercussão, *O sistema de objetos*, publicada em 1968, ressalta a importância de se saber a que necessidades os objetos atendem, além daquelas consideradas funcionais, e de compreender a sistemática das condutas e das relações humanas que resultam da relação de cada indivíduo com o objeto.

Considerando que os objetos do cotidiano não se encontram em uma forma “pura” por possuir uma dimensão cultural, além da sua dimensão estrutural, não há como optar por um objeto somente pela sua função de uso. Ao escolhermos pela aparência um objeto e não outro com a mesma função, por exemplo, estamos entrando em um “sistema cultural” com valores estéticos e de status social, que pode ser mais determinante do que a utilidade prática do produto.

O sistema de produção, por sua vez, controla o desejo e a frustração daquele que adquire os seus produtos para assegurar seu poder “como instância transcendente que tem sobre os objetos não apenas direito de vida como de morte” (BAUDRILLARD, 1983, p.160). A frustração ocorre pois objeto nenhum atende o desejo principal do consumidor que é a aquisição de uma personalidade, embora na sociedade capitalista tal aquisição só lhe é oferecida através da posse de bens de consumo:

[...] no ato de consumo personalizado fica claro que o indivíduo na sua exigência mesma de ser sujeito, somente se produz como objeto da demanda econômica [...] o que permanece é apenas a ilusão de uma distinção pessoal [...] Este é o paradoxo da alienação: a escolha viva encarna nas diferenças mortas e ao fruí-las o projeto se nega a si mesmo e se desespera. (BAUDRILLARD, 1983, p.160)

Há de se admitir que as diferenças, por mais superficiais e irrelevantes que sejam, existem e são importantes para aqueles que têm a diferença como um valor: “Se a exigência por valor pessoal é tão profunda que, à falta de outra coisa, encarna-se em um objeto ‘personalizado’,

como recusar este movimento em nome de que essência ‘autêntica’ do valor?” (BAUDRILLARD, 1983, p.161)

Baudrillard analisa a facilitação do crédito e suas conseqüências para o comportamento do consumidor, afirmando que nos novos tempos a aquisição dos objetos se antecipa à soma de esforços. O consumo precede a produção transformando as aspirações materiais, a necessidade de planejamento e a espera.

O autor ressalta ainda a necessidade da análise do discurso sobre o objeto, ou seja, sua publicidade, que, embora não sendo “útil” em si mesma, tornou-se uma dimensão irreversível desse sistema. Além disso, a própria publicidade passa a ser objeto de consumo:

A publicidade constitui no todo um mundo inútil, inessencial. Pura conotação. Não tem qualquer responsabilidade na produção e na prática direta das coisas e contudo retorna integralmente ao sistema dos objetos, não somente porque trata do consumo, mas porque se torna objeto de consumo. (BAUDRILLARD, 1983, p.174)

Baudrillard complementa que a publicidade como produto de consumo aparece como manifestação de uma cultura em que os sujeitos se mantêm fiéis àquilo em que não acreditam ou confiam:

No fundo a demonstração do produto não persuade ninguém: serve para racionalizar a compra que de qualquer maneira precede ou ultrapassa os motivos racionais [...] Daí a eficácia bem real da publicidade, segundo uma lógica que, apesar de não ser a do condicionamento-reflexo, não é menos rigorosa: lógica da crença e da regressão. (BAUDRILLARD, 1983, p. 176)

Todavia, ninguém se considera ‘alienado’, ‘mistificado’ por temas, palavras ou imagens da publicidade, mas antes conquistados pelo fato que a publicidade faz crer que o produto é acessível a todos sem distinção:

Imaginemos ainda que em uma sociedade em que tudo se acha rigorosamente submetido às leis da venda e do lucro, a publicidade é o produto mais democrático, o único que é ‘ofertado’ e ofertado a todos. O objeto lhe é vendido, mas a publicidade lhe é “ofertada”. (BAUDRILLARD, 1985, p. 180)

Baudrillard argumenta que os fins de uma sociedade de consumo são a funcionalização do consumidor e a monopolização psicológica de todas as necessidades, criando uma unanimidade do consumo numa tal centralização que permitiria o dirigismo absoluto da produção em que não há nada que escape ao seu sistema totalizante:

Sem dúvida os objetos sempre constituíram um objeto de referência, mas paralelamente e muitas vezes acessoriamente a outros sistemas (gestual, ritual, cerimonial, linguagem, estatuto de nascimento, código de valores morais, etc.) O que é característico de nossa sociedade é que os outros sistemas de reconhecimento neles se assimilam progressivamente em benefício exclusivo do código do *standing* [...] Este código é totalitário, ninguém lhe escapa: escapar a ele em caráter privado não significa que deixamos de participar a cada dia de sua elaboração no plano coletivo. Não crer nele é ainda crer que os outros nele creiam o bastante para entrar, mesmo ironicamente, no jogo. Mesmo as condutas refratárias a tal código são consideradas em função de uma sociedade que a ele se conforma. (BAUDRILLARD, 1985, p.202)

O autor afirma que podem ser encontrados aspectos positivos nesse código, como por exemplo, o fato dele não ser mais arbitrário do que qualquer outro código moral; por ser uma forma de socialização que enfraquece critérios anteriores de determinação social como o sistema de castas e, finalmente, por permitir uma leitura universal:

Num mundo em que milhões de homens se cruzam cada dia sem se conhecer, o código do *standing*, ao satisfazer a exigência vital de estar informado a respeito do outro, preenche uma função social essencial (BAUDRILLARD, 1985, p.203).

Por outro lado, alerta: essas vantagens têm como preço uma simplificação muito radical, pois toda pessoa passa a ser qualificada por seus objetos e, além disso, esta universalização não vem acompanhada de uma democratização no seu acesso, mostrando-se até mesmo como obsessão por hierarquia e distinção.

Para entender a função social do consumo no pensamento de Baudrillard, é preciso entender, do mesmo modo, que para ele o consumo de objetos não se define pela sua materialidade ou pela sua quantidade:

O consumo não é nem uma prática material, nem uma fenomenologia da “abundância”, não se define nem pelo alimento que se digere, nem pelo vestuário que se veste, nem pelo carro que se usa, nem pela substância oral e visual das imagens e mensagens, mas pela organização de tudo isso em substância significante; é ele a totalidade virtual de todos os objetos e mensagens constituídos de agora então em um discurso cada vez mais coerente. O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade de manipulação sistemática de signos. (BAUDRILLARD, 1985, p.206)

O objeto, para ser considerado “de consumo”, deve tornar-se *signo*, ou seja, deve estar além de sua materialidade concreta, significando a relação abstrata *sujeito-objeto* e deve estar relacionado com todos os outros *objetos-signos*, uma vez que a sua importância se dá em relação à diferença quanto aos mesmos. O que se consome, portanto, não são os objetos

adquiridos em si, mas a relação que a significação do objeto de consumo mantém com as demais significações.

Mas na sociedade marcada pelo individualismo e pela fragmentação social, os objetos-signos de modo algum preenchem o vazio deixado pelas relações reais. Os objetos apenas descrevem este vazio, indicando que há o lugar vago da relação. Representa o modo de não viver a relação, mas que assinala uma possibilidade de vivê-la.

Dessa maneira, se o consumo apresenta-se como resultado de um vazio deixado pelas relações sociais, a idéia de moderar o consumo ou de querer colocá-lo dentro de certos limites não passa de um moralismo ingênuo ou absurdo pois

[...] é da frustrada exigência por totalidade residente no fundo do projeto que surge o processo sistemático e indefinido do consumo. Os objetos/signos na sua idealidade equivalem-se e podem se multiplicar ao infinito: devem fazê-lo para preencher a todo instante uma realidade ausente. Finalmente é porque se funda sobre uma ausência que o consumo vem a ser irreprimível. (BAUDRILLARD, 1985, p.210)

Dois anos após a publicação de *Sistema dos Objetos* (1985), Baudrillard lança o livro *A Sociedade do Consumo* (2007), em que retoma muitas idéias da publicação anterior e descreve mais especificamente o consumo dos objetos como parte de um sistema gerido por grandes corporações que criam novas formas de distinção social. Nesse livro, em especial na primeira parte, intitulada “A liturgia formal do objeto”, estão presentes argumentos essenciais para a fundamentação desse trabalho.

Baudrillard afirma que os homens não se encontram mais rodeados por outros homens, mas que estão rodeados por objetos. Vivemos o “tempo dos objetos”, o que significa dizer que existimos segundo o ritmo e em conformidade com a sucessão permanente dos objetos gerados pelo sistema de produção capitalista.

Embora toda a produção e o incentivo ao consumo sejam planejados por instâncias mundanas, aos olhos do consumidor tais processos parecem ser governados por um *pensamento mágico* em que se confia que a satisfação que os objetos em si conferem seriam reflexos antecipados de uma “Grande satisfação Virtual” e que, além disso, os benefícios do consumo não são vistos como resultados dos processos de produção e sim vividos como *milagres* de instâncias mitológicas como a “Técnica”, o “Progresso” e o “Crescimento”. (BAUDRILLARD, 2007, p.22).

A sociedade de consumo promove através dos meios de comunicação a sensação de que estamos sempre à beira do abismo, provocando em seus espectadores um misto de medo e curiosidade: “A imagem da TV, como janela invertida, dá primeiramente para um quarto, em cujo interior a exterioridade cruel do mundo se torna íntima e calorosa, com calor perverso” (BAUDRILLARD, 2007, p. 22). As mídias, ao nos mostrarem simultaneamente informações dos mais diversos tipos e dos mais diversos níveis de influência na nossa vida – política, lazer, documentários, ficção científica e tudo mais que possamos imaginar – acabam por nos afastarem da realidade.

Vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real. Segurança miraculosa: ao contemplarmos as imagens do mundo, quem distinguirá esta breve irrupção da realidade do prazer profundo de nela não participar. A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que “consumimos”, é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta ao real. (BAUDRILLARD, 2007, p.25)

Conforme nos afastamos da realidade, nossas ações vão seguindo caminhos sem sentido. O aumento da produção, no qual todos os sujeitos atuam, é responsável pela abundância de bens, de equipamentos individuais e de objetos complementares a esses bens. Gera também prejuízos ambientais que trazem consequências negativas aos próprios sujeitos que os produzem. Como exemplo desse processo, o autor cita o automóvel, que demanda gasolina para funcionar, poluindo o ambiente e causando o trânsito e o estresse. A abundância produz, sobretudo, o sentimento de insegurança generalizada e o alívio do sofrimento é vendido sob forma de novos objetos, de novos suplementos, até que se chega a um ponto em que a abundância se esgota em sua própria reprodução e cujo “[...] único resultado obtido é então o crescimento canceroso dos números e dos balanços [...]” (BAUDRILLARD, 2007, p.25).

As ilusões produzidas pelas contabilidades nacionais (por exemplo o Produto Interno Bruto - PIB e o Produto Nacional Bruto - PNB) ocultam as condições reais do cotidiano dos sujeitos. Se as avaliações do sucesso de um país em relação aos demais estão baseadas em elementos quantificáveis, o crescimento é impulsionado pelo próprio crescimento e os produtos são sacralizados pelo simples fato de serem produzidos. Os números cumprem, assim, a função social de um *mito* (BAUDRILLARD, 2007, p.25). Por outro lado, a valorização do aumento de produtividade é acompanhada, contraditoriamente, por uma crítica ao desperdício. Baudrillard avalia essa crítica como um equívoco, uma vez que a idéia de desperdício se associa a de utilidade e nessa sociedade o consumo de objetos pouco tem a ver com o seu uso prático. Analisa, além disso, que o desperdício não é exclusivo das sociedades modernas,

visto que é justamente no âmbito do excedente que se produzem os valores, as diferenças e os sentidos.

Todas as sociedades desperdiçaram, dilapidaram, gastaram e consumiram sempre além do estrito necessário, pela simples razão de que é no consumo do excedente e do supérfluo que, tanto o indivíduo como a sociedade, não sente só existir, mas viver (BAUDRILLARD, 2007, p.25)

Ao tratar da lógica social do consumo, afirma que a felicidade tem sido sua referência absoluta, mas que longe de se tratar de uma inclinação do indivíduo de realizar-se por si mesmo, a felicidade deve ser entendida como busca pela igualdade:

A felicidade como fruição total e interior, felicidade independente de signos que poderiam manifestá-la aos olhos dos outros e de nós mesmos, sem necessidade de provas, encontra-se desde já excluída do ideal de consumo, em que a felicidade surge primeiramente como exigência de igualdade (ou, claro está, de distinção) e deve, em tal demanda, significar-se sempre a “propósito” de certos critérios visíveis. Sendo assim, a Felicidade distancia-se ainda mais de toda a “festa” ou exaltação coletiva, já que, alimentada por uma exigência igualitária, se funda nos princípios individualistas, fortificados pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que reconhecem explicitamente a cada um (ao indivíduo) o direito à Felicidade. (BAUDRILLARD, 2007, p.48)

As desigualdades são, desse modo, determinantes. Todas as sociedades, independente de sua riqueza, geram *excedentes* e *penúrias* sociais cuja função é reproduzir os privilégios de classe. O que torna uma sociedade mais ou menos desigual, não seria, portanto, seu volume de riqueza, mas sim o modo como atende às prerrogativas das classes dominantes.

Sobre essa questão o autor critica aqueles que defendem que o crescimento da produção, por si só, seria responsável pela redução das desigualdades e pela eliminação da pobreza. Questiona, ainda, se não é necessário “*inverter o raciocínio e pensar que é o próprio crescimento que, no seu movimento, se funda em semelhante desequilíbrio?*” e responde que longe de proporcionar uma sociedade mais igualitária, o *crescimento em si é função da desigualdade* contrariando os mitos sustentados pelas democracias de *abundância* e de *bem-estar* como resultados diretos de tal crescimento. Contra isso, de nada valem os discursos moralizantes, pois “se o sistema conseguisse equilibrar-se ou sobreviver com outras bases diferentes do desemprego, do subdesenvolvimento e das despesas militares, fa-lo-ia”, (BAUDRILLARD, 2007, p.55). Mas esse sistema só está a par das suas condições de sobrevivência e não se ocupa propriamente de questões sociais e individuais. Além de tudo, é muito mais fácil afirmar o desenvolvimento de condições sociais através de números do que de uma análise das condições de vida.

O autor refuta ainda a tese de que a riqueza não seria mais importante do que o poder, a cultura e o estilo de vida como signos de distinção. Para Baudrillard, a riqueza deixa de ser fundamental somente quando ela já foi conquistada. Diferenciais como esses só são valorizados a partir de um certo patamar de riqueza, ou seja, quando a riqueza já cumpriu o seu papel fundamental de desigualdade.

Sobre a afirmação que normalmente se coloca de que a maior participação no consumo seria um corretivo para as desigualdades sociais, Baudrillard desenvolve argumentos, a nosso ver, essenciais. Primeiro, afirma que a igualdade de acesso aos bens de consumo é puramente formal, uma vez que é nele que se realizam as maiores discriminações. Isso porque os produtos de consumo tomados individualmente não têm sentido: “[...] só a sua constelação e configuração, a relação de tais objetos e à sua perspectiva social que têm sentido [...]” e que é sempre de caráter distintivo (BAUDRILLARD, 2007, p.58). Assim, nem todos possuem os mesmos objetos e “[...] de modo ainda mais profundo, há discriminação radical no sentido de que só alguns ascendem à lógica autônoma e racional dos elementos do ambiente [...]” e esses são aqueles que não se preocupam mais com o consumo de bens. A preocupação com o consumo é deixada aos desprivilegiados que acabam se “[...] voltando a uma economia mágica e à valorização dos objetos como tais e de tudo o resto enquanto objetos (idéias, lazer, saber e cultura): esta lógica fetichista constitui a ideologia do consumo [...]” (BAUDRILLARD, 2007, p.58). Em segundo lugar, coloca que aqueles que não obtêm a distinção almejada pela sua condição de nascimento tentam distinguir-se através dos bens de consumo:

É em parte que assistimos nas classes inferiores e médias, onde a “prova pelo objeto”, a salvação pelo consumo, se esfalta por atingir um estatuto de graça pessoal, de dom e predestinação. Mas este, seja como for, continua a ser privilégio das classes superiores que, por outro lado, comprovam a sua excelência no exercício da cultura e do poder (BAUDRILLARD, 2007, p.59)

Deste modo, a apropriação individual de objetos está sob a lógica da *manipulação dos significantes sociais* como um processo de *classificação e de diferenciação social*. Os objetos não são consumidos pelo seu valor de uso, mas são manipulados como sinais de distinção – quer colocando o sujeito como parte de um grupo tomado como referência ideal, quer colocando-o como fora do grupo. Contudo, um processo que é estrutural e vivido socialmente é sentido pelo indivíduo como resultado de suas escolhas. Diferenciar-se significa sempre afirmar a “[...] ordem total das diferenças, que constitui sem mais o fato da sociedade total e

ultrapassa inelutavelmente o indivíduo [...]” (BAUDRILLARD, 2007, p.60). Situando-se além das possibilidades do indivíduo e condicionada pela relatividade, a *inscrição diferencial* não se esgota, o que explica o caráter ilimitado do consumo.

De nada vale, assim, tentar explicar o consumo pela relação entre *necessidade* e *satisfação*, pois estes não possuem uma medida a partir do indivíduo e nem mesmo na sociedade que se empenha em multiplicá-las. O consumo estaria muito menos ligado à quantidade ou à qualidade do que se consome do que à relação que se estabelece com a diferenciação por sinais – que cresce na mesma medida que as necessidades do homem quanto ser social, que, segundo Baudrillard, são ilimitadas e determinadas hierarquicamente:

A feira das necessidades, de modo análogo à dos objetos e dos bens, começa por ser socialmente seletiva: as necessidades e as satisfações escoam-se para baixo (“trickling down”) em virtude de um princípio absoluto e de uma espécie de imperativo social categórico, que constitui o suporte da distância e da diferenciação por meio dos signos. Semelhante lei é a que condiciona toda a inovação de objetos enquanto material social distintivo; esta lei de renovação do material distintivo “a partir de cima para baixo” é que atravessa o universo global do consumo e que não tem, em sentido inverso (debaixo para cima, para a homogeneidade total), a ascendência dos rendimentos. (BAUDRILLARD, 2007, p.62)

Se focarmos o ambiente das grandes cidades, em que prevalecem as relações concorrenciais, a exigência de diferenciação é intensificada e a produção material não é capaz de atendê-la. É um ambiente em que as necessidades são geradas de uma forma muito mais acelerada e especialmente planejada para atender as finalidades do sistema e não do indivíduo. Ao abordarmos assim, como pretendemos nessa pesquisa, os objetos que os jovens privilegiam, devemos estar atentos ao fato de que eles estão imersos nessa conjuntura e que suas preferências estão mais intimamente ligadas aos objetivos do sistema que os deles próprios:

Tal fato não é acidental. O culto da espontaneidade individual e da naturalidade das necessidades está carregado com a opção produtivista. As necessidades mais “racionalis” (a instrução, a cultura, a saúde, os transportes e os lazeres), cortadas da respectiva significação coletiva real, recuperam-se igualmente como as necessidades derivadas do crescimento, na perspectiva sistemática desse crescimento. (BAUDRILLARD, 2007, p.65)

Baudrillard reforça que a relação com os objetos *não* pode ser entendida ainda pela função ou pela necessidade dos mesmos, pois o consumo corresponde ou à lógica do desejo ou à lógica social. Quer assinalar com isso que a necessidade não está relacionada tanto ao objeto quanto está em relação à necessidade de diferença como um desejo no sentido social e por essa razão nunca há uma *satisfação completa* e tampouco se pode definir o que seria ou não *necessário*.

O consumo não pode, igualmente, ser definido em *função do prazer* que representaria o consumo para si mesmo. É, ao contrário, uma *função da produção*, na medida em que entra num sistema de troca e de valorização social que ultrapassa o indivíduo. É a sua linguagem, é o código pelo qual se expressa. A estrutura do consumo, afirma o autor, não passa de efeitos de palavras.

É, desse modo, que o jovem se comunica, assim como todos nós que fazemos parte de uma sociedade de consumo. Queremos transmitir nossa mensagem através dos objetos materiais e imateriais que adquirimos no mercado, seguindo as orientações de um sistema que nos indica o que é e o que não é valorizado no grupo privilegiado no qual almejamos nos manter ou do qual desejamos ser parte. Longe de ser um processo que nos leva à fruição, a estratégia do consumo com vistas ao prazer é um imperativo social tão forte quanto aquele que levava os homens ao trabalho e à produção. A busca pelo prazer é a condição de cidadania contemporânea.

As instituições não estão mais tão empenhadas em formar indivíduos disciplinados para o trabalho, mas sim em formar consumidores:

Onde o indivíduo é hoje requerido enquanto tal e praticamente insubstituível é no papel de consumidor. Sua formação é garantida por um sistema de dominação social que o atomiza como indivíduo consumidor e lhe convence que é no consumo em que se encontra o reino da liberdade. Encontramo-nos na presença do consumidor e na ausência da pessoa. O indivíduo é destituído de ações autênticas, visto que o consumo define-se sempre pela substituição da relação espontânea mediatizada por meio de um sistema de signos (BAUDRILLARD, 2007, p.96).

Na busca por afirmação da personalidade através do consumo, o indivíduo comporta-se como *instância perdida* buscando identificar e exteriorizar o que ele pensa ou o que ele deseja ser.

Este ser perdido é que tenta reconstruir-se *in abstracto* pela força dos signos, no leque desmultiplicado pelas diferenças, no Mercado, no “pequeno tom claro”, noutros inumeráveis signos reunidos e constelados para recriar uma individualidade de síntese e, no fundo, para desaparecer no anonimato mais total, já que a diferença é, por definição, o que não tem nome. (BAUDRILLARD, 2007, p.88)

O sistema do consumo passa a ser entendido como a produção industrial de diferenças em suas significações que não são pessoais, mas *diferenciais, marginais e combinatórias*. As pessoas não se diferenciam realmente, apenas adotam *modelos de diferenciais personalizantes* ou apenas *pequenas diferenças marginais* que são artificialmente produzidas de modo monopolista pelo sistema. Tal configuração se afasta daquelas de tempos remotos, uma vez

que as diferenças de nascimento, de sangue e de religião, por exemplo, não eram consumíveis, como as diferenças que nos definem em nossos dias.

Entretanto, por trás das diferenças aparentes, encontra-se o indivíduo inconscientemente conformado, o que significa para Baudrillard um sujeito que tem em comum o mesmo código e partilha dos mesmos signos num consenso que se funda *diferencialmente*. Assim, para entender o consumo, não basta o estudo dos fenômenos sociais. É preciso partir para a uma *teoria* do campo *inconsciente* da lógica social, pois é nesse campo em que se dá o controle social dos modernos sistemas. Contrariando a interpretação das análises clássicas de que os indivíduos estariam sendo capturados pelo sistema através da ideologia do conforto e da satisfação, o autor defende que o sistema controla os indivíduos, mas através de instrumentos ainda mais sutis:

[...] educando-os na disciplina inconsciente de um código e de uma cooperação competitiva no plano do sobredito código; não é através de maior facilidade, mas levando-as antes a entrar nas regras do jogo. O consumo pode assim, por si só, substituir-se a todas as ideologias e acabar por assumir a integração de toda a sociedade, como acontecia com os rituais hierárquicos ou religiosos das sociedades primitivas. (BAUDRILLARD, 2007, p.95)

O sujeito na sociedade do consumo encontra-se em meio a ações irrefletidas na busca por uma felicidade que nunca é realmente acessível. A capacidade dos sujeitos se limita em seguir os ditames de um sistema que não oferece uma linha de chegada: consumir para se igualar, consumir para se diferenciar – de modo cada vez mais rápido e alternado para que a *máquina não pare*. O sujeito age em conformidade muitas vezes sem se questionar e, quando se questiona vê-se sem forças para seguir de um modo diferente.

A educação para o consumo que se observa hoje, tornando semelhantes consumidores e cidadãos, não oferece caminhos alternativos ao consumismo. Afinal, mesmo sob uma roupagem libertária, os sujeitos são submetidos a um controle cada vez mais eficiente. É uma aposta arriscada deixar a cargo do indivíduo a resistência em tal domínio enquanto sua capacidade de pensamento vai se enfraquecendo, como podemos entender a partir de obras de Adorno e Horkheimer que discutiremos a seguir.

Consumo e controle social

As mudanças no sistema produtivo e as novas estruturas de controle social que deram origem à sociedade de consumo foram descritas primeiramente pelos autores da Escola de Frankfurt nas décadas de 1940 e 1950 (MEZAN, 2002). Nesses trabalhos conhecidos como a *Teoria*

Crítica, os autores debatem temas como o questionamento sobre hipóteses do marxismo ortodoxo, o exame da base social e psicológica do autoritarismo e do racismo, e o repúdio ao positivismo das Ciências Sociais de sua época. Os teóricos críticos destacaram as semelhanças entre as democracias capitalistas e as sociedades em regime socialista, mostrando que todas elas eram regidas por sistemas de dominação comparáveis.

Um desses trabalhos e talvez o mais importante, a *Dialética do Esclarecimento*, é uma compilação de textos escritos por Adorno e Horkheimer, publicada pela primeira vez em 1944. Nessa obra os autores tinham como proposta analisar a regressão de uma parte expressiva da sociedade ocidental à barbárie, como se assistiu nos movimentos totalitários, num mesmo momento em que se havia chegado a um estágio tão avançado de civilização. Como resultado dessa empreitada, temos, nesses textos, fundamentos para a crítica à racionalidade técnica e suas implicações psicológicas, que se mostram atuais e vêm sendo amplamente discutidos por autores que analisam a contemporaneidade. Em especial, leva-nos a reconhecer os avanços e os limites do esclarecimento (*Aufklärung*), entendido como o conceito histórico-filosófico que usualmente chamamos de Iluminismo, mas que num sentido mais amplo designa “[...] o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais etc) [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.7), como vimos no capítulo anterior⁸ e como esclarece o tradutor da edição brasileira de 1985:

[...] o termo é usado para designar o processo de “desencantamento do mundo”, pelo qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como no iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.7)

A primeira parte dessa obra, intitulada o *Conceito de Esclarecimento*, pode ser compreendida em duas teses: 1) o mito já é esclarecimento e 2) o esclarecimento acaba por se reverter em mitologia.

Atentos à tendência de se afastar dos fatos, os autores alertam que é preciso entender o esclarecimento como movimento real da sociedade e a verdade em sua realidade efetiva. O esclarecimento constituiu-se, na prática, na forma pela qual os homens foram resolvendo os

⁸ Ver capítulo 1 do presente relatório

seus problemas em relação à natureza e às relações sociais. Numa maior dependência do ambiente natural, a imprevisibilidade era algo que comprometia a sobrevivência dos homens em uma dimensão muito maior do que enfrentamos hoje. Assim sendo, o medo do desconhecido teria movido os homens a desvendar o mundo em que viviam.

De acordo com os autores, o homem só conhece as coisas na medida em que pode manipulá-las. No esforço de desvendar os mistérios da natureza, os homens a dominaram. Além disso, assim como todas as tradições negadas pelo esclarecimento, a crença presente na racionalidade científica de que tudo pode ser apreendido e explicado, constitui-se como princípio absoluto:

Cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar a sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos. Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência, o simples fato de que eles se tornam argumentos por uma tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva do qual acusam o esclarecimento. O esclarecimento é totalitário (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.22).

A partir da idéia de que tudo se pode conhecer vem a idéia de que tudo se pode dominar. Tudo na natureza tornou-se material a ser conhecido e dominado e, na tentativa de dominar a natureza para libertarem-se do medo do desconhecido e das necessidades, dominaram-se também os homens que são afinal também natureza⁹

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20)

Dominação que não determina assim só a relação entre fortes e fracos, senhores e escravos, mas na forma como os homens governam a si mesmos. São seus próprios algozes por negar a sua condição de natureza ao tentar dominá-la e em não admitir que os homens só conseguem se libertar submetendo-se a ela. O esclarecimento, ao julgar e aniquilar os mitos, acabou deixando-se levar pela mesma lógica do mito, entendido como explicações do mundo como *o nada ou o todo*.

⁹ Na discussão sobre o conceito de indivíduo, os autores afirmam, em primeiro lugar, a impossibilidade de dissociar a pessoa de seu caráter social e que, em segundo lugar, “a relação entre o indivíduo e a sociedade é inseparável da relação com a natureza. A constelação entre os três momentos tem um caráter dinâmico e a ciência da sociedade não pode conformar-se em observar a sua interação perpetuadora, cabendo-lhe averiguar, outrossim, a que leis obedece tal interação, a fim de determinar as figuras variáveis que, em sua dinâmica histórica, o indivíduo, a sociedade e a natureza vão adotando”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973:49)

É interessante observar ainda a descrição dos autores de como o empenho em destruir os mitos que limitavam a liberdade de pensamento dos homens os envolveu novamente no mito, convencendo-os de que o pensamento não é mais necessário.

O princípio da imanência, a explicação de todo o acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.26)

Os homens foram progressivamente afastando-se do obscurantismo que alicerçava sua relação com a natureza e dos grilhões da tradição e da religião que restringiam a sua visão de mundo. A racionalidade técnica, promovida pelo processo de esclarecimento, produziu um avanço tecnológico capaz de elevar a produção de bens a um nível que seria suficiente para satisfazer as necessidades dos homens com um mínimo de trabalho. No século XIX já havia uma sociedade da abundância, que tinha sua sobrevivência garantida. Não obstante os avanços que poderiam libertar os homens da esfera da produção, os autores mostram como o esclarecimento foi capaz de aprisionar os homens através de novas formas de controle social.

Mesmo sob a liberdade que a modernidade havia prometido, os homens continuam vivendo numa “sociedade administrada” que determina a vida social e molda a subjetividade dos indivíduos. Um dos aspectos que explicariam a continuidade da subordinação à exploração é o apelo ao desejo dos sujeitos para compra de objetos, pois, o acúmulo e o consumo de bens que vão além das necessidades básicas de moradia, vestuário e alimentação, acabam aprisionando os trabalhadores ainda mais no trabalho, uma vez que precisam de mais recursos financeiros para adquirir tais objetos.

Os homens estariam abdicando da liberdade em relação a um sistema produtivo que o escraviza em nome da possibilidade de participação na sociedade de consumo, que prega a aquisição de bens materiais e simbólicos como ideais de felicidade e de liberdade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.47). Seu maior tempo livre – o que é mostrado aos trabalhadores como uma concessão do sistema capitalista – foi colonizado pela sociedade do consumo que leva o ritmo do trabalho para a esfera privada. Através dos bens culturais que imitam a rapidez da esfera da produção, impede-se que o sujeito desacostume do ritmo das máquinas.

Nesse compasso, os homens tornam-se incapazes de perceberem que tamanha rapidez já não é mais necessária, afinal, criamos as máquinas que já são velozes o suficiente para substituir grande parte do nosso trabalho.

A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.15).

O capitalismo transforma o mundo em *mundo do trabalho* e a possibilidade do consumo faz com que os homens aceitem a submissão, como nos esclarece Mezan:

O surgimento de uma grande classe consumidora não transformou o caráter capitalista do sistema produtivo: ele ainda funciona com a extração da mais valia. O que ocorreu foi um processo de redistribuição dos resultados da exploração do trabalho, sobretudo por meio do incremento dos salários, e com isso a demanda passa a ser o motor do processo: quem trabalha deve poder consumir, e para que isso aconteça são necessárias constantes inovações, tanto no plano dos produtos disponíveis quanto no da produtividade do trabalho (máquinas e processos novos, automação da produção, etc.) (MEZAN, 2002, p.361-362)

Essa interpretação dos autores da Dialética do Esclarecimento sobre a sociedade e o indivíduo¹⁰ é essencial, portanto, para a discussão sobre o mal-estar originado pela inadequação do sujeito num sistema que não encontra justificativa nas suas condições materiais e para entender também como o enfraquecimento da capacidade de reflexão torna o sujeito um elemento da *massa*. É a partir da sujeição do pensamento que pode se entender o poder da indústria cultural e do consumismo, pois os homens vão se formando sem defesas diante dos ditames culturais:

As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e as palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna (MEZAN, 2002, p.190)

¹⁰ É importante ressaltar que, no pensamento de Horkheimer e Adorno, o conceito de indivíduo não pode ser apartado do conceito de sociedade na medida em que tal indivíduo é sempre socialmente mediado, pois a vida humana é essencialmente convivência: “Mesmo antes de ser indivíduo o homem é um de seus semelhantes, relaciona-se com os outros antes de se referir explicitamente ao eu; é um momento das relações em que vive, antes de poder chegar, finalmente, à autodeterminação”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.47) No momento histórico em que se crê numa independência radical do indivíduo em relação à sociedade, ela só se dá como aparência: “A própria forma do indivíduo é a forma de uma sociedade que se mantém viva em virtude do mercado livre, no qual se encontram sujeitos econômicos livres e independentes”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.47).

Considerando, além disso, a frieza do homem, que não pode dar vazão às suas próprias paixões que permanecem, os objetos de consumo são uma via socialmente induzida de extravasar seus sentimentos. Walter Benjamin (1994) nos mostra que o sujeito desencantado em relação ao que é sagrado, aos mitos e a tudo mais que lhe dava sentido à existência passa a buscar o encanto nas mercadorias – justamente aquilo que representa o desencanto por excelência na medida em que oculta as relações sociais de trabalho sob o resultado final: o produto.

A fetichização¹¹, entendida como a atribuição de valor a algo sem valor, é um recurso do sujeito que está num mundo “desencantado”, mas que não pode viver sem atribuir encanto. Os objetos possuíam uma aura, segundo Benjamin: “A aura ao redor de um objeto sensível corresponde exatamente à experiência que se deposita como exercício num objeto de uso [...]” (COSTA, 2004, p.18). Os objetos guardariam em si marcas da experiência coletiva, e, ao dirigir o olhar a eles, o sujeito estabeleceria um diálogo com as gerações passadas. Assim como ao ouvir uma narração o sujeito sente-se fazendo parte de uma coletividade, o mesmo ocorre ao olhar uma obra de arte ou um objeto de uso cotidiano, que foi marcado pela experiência de outrem – daquele que o produziu e daquele que o utilizou.

Hoje essa aura se esvai. Como afirmam Adorno e Horkheimer, a cultura de seu tempo não fornece objetos satisfatórios. Isto porque, com a crescente e diversificada produção, associada a uma insatisfação gerada pela falta de sentido, a pulsão se associa a todos os objetos e a nenhum, numa compulsão que se esgota em si mesma. Enquanto se deseja uma experiência profunda e duradoura, algo em que se possa investir – tal qual é a função do objeto no sentido da Psicanálise -, a indústria cultural nos oferece objetos obsoletos que vão se diferenciando somente nos detalhes, para que possamos continuar consumindo.

Nessa questão do controle e sua ponte com a psicanálise, o texto de Mezan é esclarecedor:

[...] vivemos num regime de sublimação administrada. Em épocas precedentes a repressão era fundamental na formação da subjetividade para submeter uma grande massa a um regime de pouco prazer e muita dor, sistema que necessitava de obediência que era imposta também pela repressão moral o que explica a afirmação de Freud de que a cultura repousa sobre a coerção das pulsões – situação em que as pulsões são destinadas para um destino desprovido de prazer, ou seja, através das atividades laboriosas da produção: É preciso convencer as classes subordinadas de que elas são mesmo inferiores, que seu destino é trabalhar, suar, beber e morrer logo [...] (MEZAN, 2002, p.190)

¹¹ O fetiche da mercadoria, definido por Marx (1975), é o termo contrário à idéia de “valor de uso”, que se refere estritamente à utilidade do produto. O fetiche refere-se à fantasia (simbolismo) que paira sobre o objeto, ocultando a relação social que o produziu.

Já não se pode dizer hoje que a nossa cultura repousa na coerção das pulsões. É preciso pensar a repressão da sociedade atual de uma forma diferenciada, ou mesmo numa outra forma de controle social que não é a repressão. Não existem mais oposições tão claras e não há mais projetos coletivos. O mercado está diluído em todas as instâncias e a possibilidade da satisfação através dos bens de consumo, que a princípio só seria acessível àqueles que possuem recursos para adquiri-los, é colocada a todos numa ideologia da igualdade e da meritocracia.

A coerção social se faz, portanto, desde a primeira metade do século XIX, como nos mostra os autores da Escola de Frankfurt e, até hoje, como esclarece Mezan, por meios tão sofisticados que aparentam ser libertários. A principal estrutura de controle deixou de ser a coerção direta da pulsão e passou a ser a sua sublimação administrada, em grande parte realizada pelo indivíduo sobre si mesmo. O que mantém o sistema funcionando é a possibilidade razoável de satisfação dos seus desejos oferecida a sujeitos que não ousam e nem têm a capacidade de transcender o que lhe é dado, nem pela ação, nem pelo pensamento. A liberdade tão almejada por essa sociedade tornou-se, na prática, algo insignificante, pois a utilizamos para consumir e não para construir.

Os sujeitos se sacrificam em nome dessa liberdade tão restrita, pois é a condição que lhe parece acessível, mas também porque, de alguma maneira, foram levados a valorizar esse modo de vida. Nesse aspecto, Hannah Arendt contribui para o entendimento de como os indivíduos deixaram de basear suas atitudes nas experiências próprias e dos seus antepassados para seguir o que lhes é oferecido pela indústria cultural e pela publicidade e para, além disso, deixar de construir um mundo para passar a consumi-lo.

Aumento da produção e o *pathos* do novo

Assim como Hannah Arendt já descrevia a sociedade americana na década de 1950 e como podemos comprovar na sociedade ocidental e em grande parte da sociedade oriental contemporânea, compartilhamos de um grande entusiasmo pelo novo. O gosto pela jovialidade e a concepção do passado como algo superado e obsoleto estão tão solidificados em nossa cultura que seu questionamento soa estranho.

O *pathos* do novo, ou seja, a paixão, a admiração, a empatia ou a simpatia pela novidade transformou-se em uma das principais características da modernidade e se intensifica em nossos dias. Conforme descreve Arendt (2001), esse *pathos* surgiu há muitos séculos, mas se

desenvolveu plenamente a partir do século XVIII, com a combinação de vários fatores, tais como: a Revolução Francesa, com a negação da tradição representada pela nobreza; a Revolução Industrial, com a produção acelerada e diversificada de produtos e a formação de uma nação norte-americana e seus ideais de progresso.

A crise da modernidade no século XX provocada por um processo de perda de autoridade e tradição tem diferentes efeitos nas diversas esferas da vida humana e em diferentes contextos sociais (ARENDT, 2001). A autoridade ausente do nosso mundo é que historicamente significou uma posição superior na hierarquia, socialmente reconhecida – inclusive por seus subordinados – se assentava sobre um alicerce no passado: o momento de fundação do “mundo” ao qual pertence o sujeito, tal como o momento de fundação de Roma dava sentido à sociedade romana e a vida de Jesus Cristo aos católicos. A tradição, por sua vez, era imprescindível para o reconhecimento da autoridade, pois mantinha o passado vivo e, dessa forma, garantia que o testemunho dos antepassados sobre o momento da fundação fosse transmitido às sucessivas gerações (ARENDT, 2001, p.166).

Nos Estados Unidos da América, onde o *pathos* pelo novo se desenvolveu de forma mais aguda, foi também onde a autoridade e a tradição tiveram menos espaço, pois a idéia de igualdade pretendida pelos americanos – como oportunidades iguais para todos – não aceitava qualquer tipo de hierarquia. Nessa tentativa de homogeneização de seu povo, a sociedade estadunidense, afirma Arendt, acabou por suprimir toda e qualquer autoridade.

Ao invés de recorrer ao conhecimento consagrado pela tradição e compartilhado com os antepassados, passa-se a buscar incessantemente o novo – trocando as certezas pelas dúvidas. E o que isso traz de novo ao sujeito contemporâneo?

Os sujeitos estão tão empenhados na busca de sua própria felicidade e, contraditoriamente, sentem um mal-estar, uma inquietação e uma desorientação sobre muitas coisas que os cercam. Essas sensações vêm sendo discutidas por muitos autores que se empenham em explicar a relação indivíduo e sociedade. Leopoldo e Silva (2001) chama a atenção para a transformação no pensamento e na organização humana que ocorre do Iluminismo aos nossos tempos, na qual a nossa relação com o presente, passado e futuro muda radicalmente. A extrema confiança no progresso humano que caracterizava o Iluminismo encontrava subsídios estáveis no seu momento presente, repleto de suas realizações e conquistas. Assim, o progresso era visto de forma positiva e cultivava-se a esperança de se chegar a um mundo

cada vez melhor. Já na contemporaneidade, tem-se a impressão de que o futuro tomou o lugar do presente e de que não sabemos mais para onde vamos. Isto porque, como aclamado pela publicidade e pela propaganda, “o futuro já chegou” - caminhamos, sem possibilidade de retorno, para a eficiência técnica, para a agilidade e para a acumulação de produtos.

Perdendo o controle sobre os fins, acabamos nos centrando nos meios, já que percebemos como algo natural que o futuro será o constante processo de “aprimoramento da racionalidade técnica”, emancipado da ação humana e independente das conseqüências que trará para a humanidade. Conforme Leopoldo e Silva (2001), sem finalidade e sem considerarmos-nos como sujeitos nesse processo, estamos sob o império do único sujeito contemporâneo – o mercado.

Diferentemente da concepção grega da grandeza dos seres humanos, baseada em sua capacidade de realizar atos e obras duráveis, o mercado prioriza a produção de bens consumíveis. Essa mudança é em parte explicada pelo fim do ideal de um mundo eterno: “A queda do Império Romano demonstrou claramente que nenhuma obra de mãos mortais pode ser imortal, e foi acompanhada pela promoção do evangelho cristão, que pregava uma vida individual eterna [...]” (ARENDT, 1981, p.30) privilegiando antes o bem-estar da alma que do mundo. Essa mudança pode ser entendida ainda pelo desaparecimento gradual da esfera pública, definida por Arendt como um espaço onde todos podiam ser vistos e ouvidos e que representava o próprio mundo, na medida em que resultava da ação coletiva. Entretanto, constata-se que essa esfera pública não mais existe: esse mundo não é compartilhado por todos, pois seu acesso é restrito e diferenciado, além de não possuir um objetivo comum para o qual se possa engajar-se.

O investimento econômico, social e cultural, que na Antiguidade era voltado primordialmente à esfera pública, vem sendo cada vez mais privatizado. Observamos um intenso processo de consumo material e imaterial que vai abandonando a esfera pública, passando para a esfera privada familiar e que culmina no consumo para o prazer individual. Como já observava Hannah Arendt, “ [...] nossas posses particulares, que usamos e consumimos diariamente, são muito mais urgentemente necessárias que qualquer parte do mundo comum [...]” (ARENDT, 2001, p. 80).

Arendt afirma que até a Revolução Industrial, sociedade alguma havia associado a felicidade ao consumo de bens materiais. Isto ocorria somente em casos de satisfação de carências

fisiológicas como a fome e a sede. Porém os objetos de uso passaram a ser tratados como bens de consumo, como resultado da justaposição casual de dois fenômenos históricos simultâneos: a fabricação em larga escala de produtos industriais e a invenção filosófica do princípio da felicidade – entendido como alívio da dor e do sofrimento – em substituição ao princípio da utilidade. O homem, que produzia objetos duráveis, que enriqueciam a realidade, passa a produzir objetos descartáveis, que duram até o momento em que possam dar prazer a quem o consome (COSTA, 2004).

No entanto, esse princípio de felicidade que privilegia o interior em prejuízo do bem comum despojou o indivíduo do chão firme da utilidade, ou seja, enquanto a felicidade aparece como algo subjetivo, que somente o indivíduo poderia definir, a utilidade é um atributo socialmente reconhecido. Além disso, mesmo a felicidade, quando possuía um apoio no senso comum alicerçado na tradição, era mais facilmente reconhecida do que hoje. Sem esse apoio, que garantias tem o indivíduo de que a aquisição desse objeto lhe traz ou lhe trará realmente felicidade?

Como nos apresenta Costa (2004), o convívio humano foi prejudicado com a valorização das relações psicológicas pretensamente espontâneas, em detrimento da civilidade formal do Antigo Regime, que dava ao indivíduo um “modelo de direção moral”. O *ethos* psicologizante que, num primeiro momento, apareceria como liberdade desta vida normatizada, acaba se transformando em uma nova prisão: sem referências, “[...] quanto mais intimistas e autocentrados se tornavam, mais inseguros, intolerantes e ansiosos vinham a se comportar nas relações consigo e com os outros [...]” (COSTA, 2004, p.153).

Arendt nos mostra que os indivíduos estabelecem relações diferenciadas com o passado e o futuro: enquanto o passado lhe dá a segurança de algo vivido, o futuro é sempre um ponto de incerteza e insegurança. Desta forma, nesse mundo do progresso, o presente vem perdendo a densidade como aquilo que define o futuro, bem como promove o esquecimento – perde-se a noção da profundidade humana e de um sentido comum, de valores e tradições. A perda da tradição não significa a perda do passado, mas perde-se o fio que nos liga aos nossos antepassados e que nos dá apoio para que possamos caminhar.

O retorno ao passado se faz importante, como nos mostra também Claude Lefort (1999), na medida em que os sujeitos modernos só reconhecem sua própria identidade ao retomar a identidade dos antigos, pois, “[...] a cultura se dá assim na forma de um diálogo. Um diálogo

com os mortos, porém, com mortos que, desde o momento em que falam, desde que são levados a falar, estão mais vivos que os seres próximos [...] por serem imortais no espaço da humanidade [...]” (LEFORT, 1999, p.212).

A falta de previsibilidade e de um senso comum sobre valores e regras de convivência em sociedade faz com que a vida do sujeito contemporâneo seja repleta de instabilidade e ansiedade, já que a todo o momento é obrigado a interpretar as situações sem ter a segurança de uma referência socialmente reconhecida. Nem a sua própria felicidade é facilmente identificada. De acordo com Costa (2004), a felicidade tinha antes um sentido compartilhado na tradição, ajustando os sentimentos particulares aos ideais coletivos.

A análise de Costa (2004), contudo, diverge da afirmação de Arendt de que a busca de satisfação através da aquisição dos objetos seria um advento do industrialismo. Arendt também não fala sobre o valor dos objetos para o enriquecimento da vida social. Relatos sobre a experiência burguesa dos séculos XVIII e XIX, de acordo com Costa, evidenciam que a compra de objetos considerados supérfluos era usual e que também havia a compra de objetos que se prestavam à expressão no meio social – papéis, telas, instrumentos musicais etc, enriquecendo a grande tradição artística ou moral das elites ocidentais. Também as tradições familiares eram transmitidas por meio de objetos que marcavam datas e rituais, por exemplo. Desta forma, os objetos cumpriam uma função moral clara ao dar visibilidade aos fatos emocionais.

Como observamos no trabalho de Costa e como veremos a seguir na obra de autores que descrevem a sociedade em que o consumo é intensificado, na atualidade a função moral dos objetos sofreu uma inflexão correspondente à mudança das nossas crenças éticas. A origem dessa transformação não está na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição dos nossos valores e dos nossos ideais de felicidade.

Sociedade dos excessos

É nos Estados Unidos da América – berço do *pathos* do novo – onde se apresenta primeiramente o que chamamos de *consumo de massa*. Suas primeiras manifestações são observadas na década de 1920 e são descritas, como vimos, por autores que refletiram sobre a modernidade.

Após a década de 1960, marcada pelos movimentos de contracultura, observam-se ainda mudanças importantes na configuração social que levaram muitos autores a acreditar que abandonamos a modernidade e passamos a viver em um momento com condições materiais e valores tão diversos que mereceriam uma nova denominação. *Pós-modernidade* (BAUMAN, 1998), *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001) e *Hipermodernidade* (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004) são alguns dos exemplos.

Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles (2004) argumentam que após uma breve incursão na *Pós-modernidade*, marcada pela temporalidade social da *primazia do aqui-agora* e pelo enfraquecimento das normas, estamos vivendo o que pode ser chamado de *Hipermodernidade*, cuja marca são os excessos de uma modernidade que não encontra mais resistências organizacionais e ideológicas e o retorno da preocupação com o futuro em função da concorrência e do desemprego crescente.

Sinônimo do desencantamento com os grandes projetos coletivos, o parêntese pós-moderno ficou todavia envolto numa nova forma de sedução, ligada à individualização das condições de vida, ao culto do eu e das felicidades privadas. Já não estamos mais nessa fase: eis agora o tempo do desencanto com a própria pós-modernidade, da desmistificação da vida no presente, confrontada que está com a escalada das inseguranças[...] (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, p.64)

Em sua extensa obra sobre o tempo presente, com cerca de dez livros publicados, o autor analisa a contemporaneidade mediante temas como a *personalidade narcísica*, a *moda*, as *formas de sociabilidade e controle social*, entre outros aspectos importantes para a reflexão sobre o consumo.

O autor apresenta o *narcisismo* como a marca do indivíduo contemporâneo. Personalidade narcísica que é resultado, por um lado, da permissividade e do hedonismo, e por outro, de uma cultura psychologizante – marcas da sociedade estadunidense que vai se tornando hegemônica. O indivíduo narcisista caracteriza-se pelo seu desinvestimento nas questões políticas e coletivas em geral, enquanto volta-se, cada vez mais, para si próprio. Contudo, por trás da aparente liberdade que essa sociedade traz ao indivíduo, há um rígido controle da vida social e privada que se exerce não mais pela coerção, mas pela sedução.

Se a marca do indivíduo contemporâneo é o narcisismo, a marca da sociedade que o produz é a moda. Apesar do pouco interesse da intelectualidade sobre o assunto, Lipovetsky defende que a moda *remodela* a vida contemporânea tendo o presente como eixo temporal e rompendo com grande parte do percurso da humanidade em que as obras eram realizadas sob a

autoridade estética dos antigos, glorificando o outro mundo, voltadas para o passado e para a permanência no futuro – aspectos que limitavam o avanço das mudanças e da obsolescência:

A moda não é mais um efeito estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu eixo histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem: era periférica e agora é hegemônica [...] (LIPOVETSKY, 1989, p.12)

Ao lado do individualismo dos novos tempos, a sociedade pautada pela moda é mais um fator de desmotivação à participação política, pois a sua frivolidade desfavorece a mobilização coletiva e o planejamento a longo prazo. Centrada nos interesses individuais de realização pessoal através do consumo, “[...] o comportamento do eleitor está prestes a conformar-se ao do consumidor [...]” (LIPOVETSKY, 1989, p.13)

Em *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos* (LIPOVETSKY, 1994), o autor desenvolve sua argumentação em torno da idéia de que, a despeito da preocupação crescente consigo próprio, o indivíduo contemporâneo ainda possui a preocupação com o outro. Todavia, essa preocupação que era sentida como um dever passa a ser realizada por sua livre escolha. Sendo assim, o indivíduo não é mais obrigado e sim orientado ou seduzido a solidarizar-se, num engajamento individual e não político.

Na análise de Lipovetsky, portanto, coloca-se a questão do controle social voltado para o investimento narcísico, incrementado ainda em função dos imperativos do excesso, da obsolescência, da rapidez, da mobilidade e da valorização do novo na sociedade de consumo. Nessa sociedade, a ênfase na obrigação do movimento aparece no superlativo e a reflexão sobre os seus fins ou as suas conseqüências perde a importância. A relação com o tempo, discutida também por Arendt, é exemplificada pelas paixões consumistas que aparecem como forma de compensação pelas desventuras da existência e pelo prazer que vem associado à intensificação do cotidiano. Há um deslocamento do interesse pelo futuro para o interesse pelo tempo presente: “Consumir sem esperar; viajar, divertir-se, não renunciar a nada” (LIPOVETSKY, 2004, p.61). O autor argumenta que, apesar de tudo, os sujeitos não estão separados do passado e do futuro. Apenas mudaram sua relação com essas representações – o tempo presente abre-se a muitas coisas além de si mesmo.

Zygmunt Bauman traz igualmente para a contemporaneidade idéias discutidas pelos autores que viram o alvorecer da sociedade de consumo. Em seu livro *Modernidade e Ambivalência* (BAUMAN, 2001), o *pathos* do novo, como assinalado por Arendt (2001), é descrito como

motor da criação de novas necessidades e novos produtos que se propõem a satisfazê-las. O sistema econômico estimula a novidade, pois o mercado cresce com as inovações que tornam os antigos estoques obsoletos.

Em uma obra mais recente, intitulada *Vida Líquida* (BAUMAN, 2005), acrescenta que não só o passado é desvalorizado como se torna cada vez mais arriscado pautar-se nas experiências anteriores, uma vez que as condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente (BAUMAN, 2005, p.7). A identidade do indivíduo está presa no presente e por mais que se procure uma boa preparação, essa não significará um alicerce para o futuro.

Os desejos e as transformações no cotidiano dos homens nem sempre acompanham a velocidade com que as máquinas produzem e o anseio com que as empresas buscam o lucro.

Para adquirir utilidade, o produto deve primeiro receber uma “importância” – e isso significa que uma conexão deve ser construída com sucesso entre o produto e uma necessidade da qual o consumidor pode ou não estar consciente. É pela criação de novas necessidades que novas utilidades em potencial – e também, portanto, novos valores de troca – passam a existir. Enquanto a competência especializada permanece uma mercadoria, está sujeita às leis gerais do mercado. O primeiro problema que todos os especialistas têm de enfrentar é, portanto, a criação de uma necessidade para si mesmos e seus serviços forte o bastante para gerar uma demanda que dê conta da oferta (BAUMAN, 2001, p. 233).

De forma diferente de Baudrillard, que considera a necessidade de distinção como o motor da diversificação dos objetos, Bauman afirma que é do interesse do mercado, mais do que dos próprios indivíduos, a diversificação do mundo material e simbólico.

Novas ofertas especializadas prometendo suprir (ou melhor, gerar) demanda ainda não satisfeita são, do ponto de vista do negociante, particularmente atraentes pelos ganhos extras que esperam auferir em função da escassez temporária da oferta. (BAUMAN, 2001, p.231)

Nessa lógica de produção, os bens consumidos devem satisfazer de imediato, pois não se pode pressupor aprendizado ou habilidade e essa satisfação deveria findar assim que o tempo necessário para o consumo tivesse terminado.

Acompanhando o pensamento de Baudrillard, da teoria crítica e de Arendt, Bauman ressalta que na sociedade contemporânea o apreço por bens de consumo não se dá em função da satisfação das necessidades vitais dos indivíduos e sim para a satisfação de seus desejos. Entretanto, tal desejo não encontra satisfação na medida em que se deseja continuar a desejar:

A despeito de suas sucessivas e sempre pouco duráveis reificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado. (BAUMAN, 2001, p. 88)

Ser moderno, afirma o autor, passou a significar ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado pela impossibilidade de atingir a satisfação. Tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a obrigação de ter que escolher. Enquanto a vida dos produtores era extremamente regulada, com escassas possibilidades e muitos deveres sociais e morais a cumprir, a vida organizada em torno do consumo não tem normas que não sejam a sedução e os desejos individuais. Sem referências, a melhor utilização dos recursos fica completamente a cargo do sujeito.

Freud destacou como os indivíduos abrem mão das suas possibilidades de felicidade em nome da ordem. Bauman mostra como hoje o mal-estar pode ser causado justamente pelo contrário, pois a desventura dos consumidores decorre do excesso e não da falta de opções:

Você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma outra coisa: a antiga norma mantém-se hoje tão verdadeira como se era até então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugar: os homens e as mulheres trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança pequena demais. (BAUMAN, 1998, p.10)

Destaca ainda o medo e as perdas dos sujeitos pelo abandono do ideal de um mundo (des)ordenado em nome da busca pela liberdade.

A escolha do consumidor é hoje um valor em si mesma: a ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida, e as situações são elogiadas ou censuradas, aproveitadas ou ressentidas, dependendo da gama de escolhas que exibem (BAUMAN, 2001, p.103)

Bauman assinala assim a passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores. É pela via do consumo que seus membros são engajados. Afirma que a forma de existência contemporânea hegemônica, a *vida líquida*, é uma vida de consumo. Tudo – inclusive os próprios sujeitos – passa a ser tratado e avaliado como objeto de consumo, ou seja, como objeto que perde a utilidade enquanto está sendo utilizado. A identidade individual, em nossos tempos, é construída através dos objetos que nos são oferecidos no mercado. Desse modo, o nosso *ser* está diretamente vinculado ao que podemos *ter*.

Consumo que não está pautado por um modelo ideal, uma “linha de chegada” ou mesmo um limite. Está cada vez mais valorizado pelo excesso que nunca chega a ser excessivo:

De todos os lugares, por intermédio de todos os meios de comunicação, a mensagem surge forte e clara: não existem modelos, exceto os de apoderar-se de mais, e não existem normas, exceto o imperativo de ‘saber aproveitar bem as cartas que se dispõe. (BAUMAN, 1998, p.56).

O aumento da criminalidade verificado nos últimos anos não seria, de acordo com sua concepção, produto do mau funcionamento da sociedade, mas justamente o produto inevitável da sociedade de consumidores. O aumento da liberdade – ao menos aquela que se refere ao cumprimento das normas sociais – pode, de acordo com Bauman, “[...] ser traduzido como um decréscimo de segurança e vice-versa [...]” (BAUMAN, 2005, p.52). Paralelamente, quanto mais avança a sociedade de consumidores – mostrando a eficácia dos meios de sedução – maiores são as desigualdades entre aqueles que somente desejam e aqueles que podem realizá-los.

O sujeito deve jogar com as cartas que possui, sejam elas quais forem, lícitas ou ilícitas, se quiser continuar no jogo. Os jogadores que não possuem os recursos para se manterem na disputa do consumo devem ser descartados, tanto porque não há interesse em mantê-los se eles não têm o que dar em troca, tanto porque aqueles que têm a possibilidade de se manter no jogo têm nos excluídos o exemplo de como seria horrível ser deixado de fora.

As margens incriminadas servem de esgoto para onde os eflúvios inevitáveis, mas excessivos e venenosos da sedução consumista são canalizados, de modo que as pessoas que conseguem se manter no mundo do consumismo não se preocupem com o estado de sua própria saúde (BAUMAN, 1998, p.57)

Os excluídos, como Bauman escreve no artigo *Os consumidores na sociedade líquido-moderna* (BAUMAN, 2005),

[...] formam a “subclasse” de uma sociedade que se orgulha de ter eliminado as distinções de classe e que preserva a memória das classes apenas na separação entre os que perderam no jogo do consumo e saíram, ou foram expulsos, do cassino e os vencedores e jogadores dedicados com uma respeitável quantidade de dinheiro que os torna digno de crédito (BAUMAN, 2005, p.133)

Bauman fala do novo papel atribuído às “classes baixas” nesse contexto, em especial pelo que se tem observado nas últimas décadas na sociedade estadunidense e que pode se tornar modelo, caso resulte em maior lucro: “[...] ela não é mais o ‘exército de reserva da mão-de-

obra', mas verdadeiramente a 'população redundante'. Para que serve? Para o fornecimento de peças sobressalentes para consertar outros corpos humanos?" (BAUMAN, 1998, p.59). Coloca ainda em evidência a culpa que é atribuída ao indivíduo por sua condição:

Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; empobrecer, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem o ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado (BAUMAN, 1998, p.59)

Já não se acredita que a situação de desemprego seja uma condição provisória e faz acreditar-se que as políticas de seguridade não são mais possíveis ou mesmo justas ao conjunto social. Vão se substituindo os mecanismos de proteção das classes baixas pela incriminação. Conta-se, para isso, com os excessos da mídia que coloca em destaque a brutalização dos mais pobres – ocultando serem eles produtos de uma sociedade de consumo que impõe como modo digno de vida o que a maioria dos pobres não pode ter.

Os sujeitos são cada vez mais colocados em competição com os demais e abandonados à sua própria sorte. A cooperação que existia numa ordem de produtores é mais difícil de ser realizada entre os consumidores, pois “[...] a escolha é o atributo do consumidor e a natureza cooperativa da comunidade de consumidores significa liberdade de escolha [...]” (BAUMAN, 2001, p.176) A ambivalência que marca a esfera pública é transferida à esfera privada. Passa a ser uma questão pessoal: um problema global que deve ser atacado individualmente, assim como é pessoal a culpa pelo fracasso.

Temos, destarte, uma sociedade que nos classifica e nos recompensa tanto mais quanto mais podemos por nós mesmos. As responsabilidades do Estado tais como os cuidados com a saúde, com a educação e com toda a infra-estrutura vêm sendo vistas como um serviço assim como um outro serviço privado qualquer. “O consumidor é inimigo do cidadão [...]” (BAUMAN, 2005, p.164). Os sujeitos perdem a noção do que é público, assim como perdem a noção de cidadania. Abandona-se a reivindicação pelos direitos de cidadãos em toda a sua amplitude – social, política e econômica – para se defender os direitos de consumidores, que passam a ser definidos pelo que o seu dinheiro pode comprar.

De cidadãos a consumidores

As implicações da centralidade no consumo transformaram ainda a política e a participação do indivíduo nas questões de ordem pública. Nestor García Canclini, em seu livro

Consumidores e Cidadãos (1997), esclarece como as mudanças nos padrões de consumo transformam o exercício da cidadania – assim como podemos observar nas concepções de Baudrillard e Lipovetsky.

A idéia de cidadania sempre admitiu certa desigualdade na capacidade de aquisição dos bens de consumo e no modo de utilizá-los. Supunha-se, entretanto, que essas diferenças eram compensadas pela igualdade em direitos políticos como o voto e a representação dos seus interesses individuais e coletivos por um partido político ou sindicato. Hoje tais direitos são encarados como abstrações e os indivíduos preocupam-se cada vez menos com essas questões, enquanto as satisfações imediatas estão recebendo cada vez mais atenção:

Junto com a degradação da política e a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortalecem. Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.13)

A organização política passa, do mesmo modo, a se colocar na lógica da mídia e por isso “[...] é coerente nos sentirmos convocados como consumidores quando se nos interpela como cidadãos [...]” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.14).

Em relação à cultura e às economias nacionais, a valorização da produção interna era sustentada por uma racionalidade econômica que buscava o fortalecimento e o crescimento da indústria. Aqueles que adquiriam produtos importados o faziam na busca de *status* e, algumas vezes, procurando diferentes qualidades.

García Canclini apresenta ainda duas maneiras de explicar o descontentamento provocado pela globalização: primeiro por possuímos objetos e práticas que se tornam a cada instante obsoletos e segundo porque enquanto muito se diversificam e se ampliam as políticas neoliberais de redução de custos sociais, em muitos grupos as carências vão se multiplicando. De modo mais amplo, destaca a incapacidade atual de reter o passado e o desaparecimento do sentimento de história, que faz com que os indivíduos vivam em um presente perpétuo.

O desenvolvimento do capitalismo prescinde de um desenvolvimento equivalente na cultura. Para seu progresso, é preciso que haja uma eliminação gradual das diferenças de comportamento e de gosto, além de uma unificação internacional dos programas ideológicos

destinados a construírem um consenso entre os sistemas políticos – cujos efeitos podem ser sentidos na *standardização*¹², em que a arte e a cultura tornam-se empresas de superprodução internacional.

Aproximando-se do contexto brasileiro, García Canclini afirma que a dependência econômica das nações latino-americanas dificulta a construção de uma verdadeira nação. Nesses países observa-se, ao mesmo tempo, a necessidade de homogeneização para o consumo e a manutenção da atração pelo exótico. Para isto é diluída a especificidade de cada povo na unidade política do Estado, e junto com ela a dissolução do étnico no nacional e no *típico*. Nesta dissolução e unificação são omitidas as diferenças e contradições dos povos, diminuindo assim o que cada cultura tem de especial, ou seja, a sua grandeza.

García Canclini aborda também o enfraquecimento do pensamento, já observado por Adorno e Horkheimer (1985), como mencionamos anteriormente. A simplificação mercantil das culturas tradicionais subestima a inteligência dos “expectadores”, pressupondo que num momento de lazer ninguém está disposto a pensar. Conforme os indivíduos vão se formando sob tal subestimação, destacam-se os efeitos desta redução sobre a consciência política e cultural, treinando suas populações para viverem sob regimes totalitários que têm como parâmetro as relações de consumo.

De forma aparentemente contrária, observamos que no Brasil cada vez mais a condição de consumidor está sendo protegida e reivindicada. A Constituição Federal de 1988 contemplou, pela primeira vez na história jurídica, os direitos do consumidor. No inciso XXII do artigo 5º dispõe a Carta: “[...] o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor [...]”. A legitimação dos direitos se consolidou em 1990 com a aprovação da lei 8.078, conhecida como Código de Defesa do Consumidor. Além de regularizar os direitos e garantir a proteção dos consumidores, a legislação instituiu responsabilidades, classificou os crimes e estabeleceu penalidades para as infrações cometidas nas relações de consumo (INSTITUTO AKATU, 2002).

O consumo consciente é um tema que está em destaque nos meios de comunicação e na atuação, principalmente, de organizações não-governamentais. Um exemplo é o Instituto Akatu¹³. Criado em 2001 pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, tem

¹² O autor concebe cultura como “o que faz o povo viver de uma forma que lhe dá identidade e o distingue”, um conjunto de fenômenos que contribuem para compreender, reproduzir ou transformar o sistema social.

¹³ Mais informações sobre a instituição no website <http://www.akatu.org.br/>. Acesso em 31/12/2007.

como proposta defender o consumo consciente definido como “[...] o ato de obter e consumir produtos que possuam real significado e utilidade dentro de seu contexto [...]” e visa preparar o consumidor para “[...] os consumos saudáveis, necessários e racionais, e não meramente ideológico e não justificável [...]” (INSTITUTO AKATU, 2002). É claro que, como outras instituições brasileiras, a legislação parece colocar-se à frente dos fatos: apesar de aplaudida, tanto a defesa real do consumidor é ainda reduzida quanto é restrita à parcela da população que, ao lado da informação, tem a seu dispor tempo livre para cumprir os trâmites burocráticos que tal defesa exige.

Na política educacional brasileira nos últimos anos, essa inquietação é manifesta e documentada nas suas propostas de atuação. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1998, para o terceiro e o quarto ciclo do ensino fundamental, *Trabalho e Consumo* é um dos *Temas transversais* proposto¹⁴. O objetivo de incluir o tema no currículo é “[...] explicitar as relações sociais nas quais se produzem as necessidades, os desejos e os produtos e serviços que irão satisfazê-los [...]”, pois, através desse conhecimento os alunos teriam uma visão crítica do consumo e passariam a valorizar ações que promovessem a “[...] melhor distribuição da riqueza produzida socialmente [...]” (BRASIL, 1998, p.339)

Logo na apresentação do tema, encontra-se a expressão de uma postura política em relação ao consumo, assinalando a necessidade de se perceber o trabalho social que dá origem aos produtos e indicando as possibilidades de intervenção no sistema. Considera-se que os sujeitos não são igualmente livres para trabalhar e consumir, pois há uma distribuição diferenciada entre as classes sociais que “compromete a democracia” e conseqüentemente a “construção da cidadania” (BRASIL, 1998, p.344). O documento reconhece também o papel da escola na reprodução de valores sociais e propõe que o exerça no sentido de formar seus alunos para a valorização da participação e cooperação social, atentos ao funcionamento e às conseqüências de seu modo de vida.

No texto, o trabalho e o consumo como se configuram hoje são analisados como conseqüências de fenômenos tais como a globalização, em especial da informatização, das facilidades de comunicação e de transporte e do mercado financeiro. Parece colocar no

¹⁴ São temas que, de acordo com o PCN (BRASIL, 1998) têm natureza diferente das áreas convencionais e que tratam de “questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem. De conteúdos relativos a essas duas dimensões” (BRASIL, 1998, p. 26). Os demais temas transversais que constam no PCN do ensino fundamental de 5ª a 8ª série são: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual.

mesmo plano as relações de trabalho e as relações de consumo e parece ainda aliar os malefícios e a própria desigualdade a itens comumente associados ao progresso, como a facilidade de comunicação e a informatização. A globalização e as mudanças estruturais trazidas pelo mercado financeiro após a era Reagan (1981 a 1989 na presidência dos Estados Unidos) são colocadas no mesmo plano da rapidez de transporte. Chama a atenção para as desigualdades no acesso ao trabalho e ao consumo e para a importância de se questionar a que fins estão servindo as inovações tecnológicas. Indica ainda que o crescimento da produção aumenta o apelo para que as pessoas consumam e defende, por outro lado, que consumir é um direito básico do cidadão, pois, de acordo com a sua definição o

Consumidor é toda pessoa que compra um produto ou paga pela realização de um serviço. Consumir não é só uma relação entre particulares. Ao utilizar água, luz e transporte coletivo, os serviços de saúde ou educação, consome-se um serviço público, pago por todos nos impostos diretos e indiretos. Consumir é ter acesso não só aos bens primários de subsistência, mas também usufruir dos desenvolvimentos tecnológicos, dos bens culturais e simbólicos. (BRASIL, 1998, p.352)

Nessa perspectiva, se justificaria a *educação do consumidor* para a construção da cidadania, pois prepararia os sujeitos para defender seus direitos à saúde, à moradia, à previdência social, à qualidade ambiental e a todos aqueles serviços que se integram aos direitos sociais, contribuindo para a equidade social.

Em especial, o documento visa a auxiliar na solução da seguinte questão:

Como a escola pode contribuir para a superação da reprodução da pobreza, como pode acolher o jovem trabalhador ou aquele que se prepara para ingressar no mercado de trabalho, o jovem que enfrenta no cotidiano os dilemas da exclusão de acesso aos bens e serviços essenciais ou está determinado aos apelos ao consumo? (BRASIL, 1998, p.362)

A fim de atingir os objetivos, são propostos os seguintes blocos de conteúdos: “Relações de trabalho”; “Trabalho, consumo, saúde e meio ambiente”; “Consumo, meios de comunicação de massas, publicidade e vendas”; “Direitos Humanos, cidadania, trabalho e consumo”. No que diz respeito ao consumo, o conteúdo está centrado na orientação para a melhor utilização dos recursos, evitando desperdícios; uma postura crítica em relação à publicidade; a orientação para a defesa dos direitos do consumidor; a atenção à mídia voltada para o público infanto-juvenil; a problematização da relação lazer-consumo, em especial para aqueles em situação econômica menos privilegiada.

É importante ressaltar que o documento recomenda que os educadores discutam a relevância do tema, mas sem julgamento de valor, pois não há um consenso sobre quais as conseqüências das transformações no trabalho e no consumo. Embora faça essa recomendação, o texto, no geral, enfatiza os aspectos desfavoráveis. O documento expressa a confiança de que o aprendizado de conteúdos conceituais e do reconhecimento das relações existentes entre a vida individual e os processos sociais possibilitaria ao aluno exercer seus direitos e responsabilidades, voltando seus esforços para ações mais solidárias. Dá a entender ainda que, apesar de todos os aspectos sociais que nos levam a agir de acordo com os preceitos de uma sociedade de consumo – assinalados nesse mesmo documento –, é possível nos afastarmos dessa lógica a partir de uma atitude crítica aos seus ditames.

Um movimento como esse que enfatiza os benefícios econômicos e sociais de um consumo consciente, assim como a proposta de colocar o tema no currículo escolar, parecem importantes nesse contexto em que o consumo é o que define grande parte dos nossos objetivos e nossas relações interpessoais. A tentativa de levar os alunos a entenderem os processos de produção e as relações sociais que estão envolvidas nesse sistema, mas que se encontram ocultas nos bens de consumo é positiva afinal o conhecimento sobre como as coisas são e porque vieram a ser assim é fundamental para qualquer crítica.

Contudo, na medida em que o discurso sobre a sociedade de consumo se amplia, vai se associando a concepções do senso comum e se afastando das experiências dos processos reais que lhe deram origem e que a fortalecem mesmo diante de sua condenação. No momento que se propõe levar o aluno à reflexão, é fundamental assinalar as contradições presentes na sociedade. Como pretendemos mostrar em nossa incursão na teoria sobre a sociedade de consumo, consumir nos padrões valorizados socialmente é um pressuposto para a inclusão e há formas cada vez mais sofisticadas de extinguir pensamentos e ações alternativos. Assim, se não somos igualmente livres para trabalhar e consumir, como assinala o próprio PCN, como se sustenta a confiança de que, através da conscientização, os jovens possam agir livremente? Em quase todos os documentos educacionais, há uma tônica que leva a enfatizar a onipotência da educação e sua capacidade de transformar, através de bons conselhos, o próprio sistema econômico mundial.

Ao olharmos os sujeitos da nossa pesquisa - os jovens do Bom Caminho – notamos sua admiração e o seu anseio por adquirir os bens de consumo. Longe de uma *futilidade*, percebemos o quanto tais objetos lhes são vistos como necessários. Para o rapaz que quer

chamar a atenção da garota na *balada* ou para um outro que quer ir ao *shopping center* olhar a vitrine sem ser incomodado pelos seguranças, estar bem vestido é mais do que um simples capricho. Sentir-se desejado e respeitado pelos outros é parte das necessidades dos sujeitos nessa sociedade. Se em outros momentos as pessoas valorizaram os feitos heróicos, por exemplo, hoje o desejo e o respeito têm privilegiado a aparência e o poder de consumo.

Ao lado da conscientização, levada um pouco mais à frente e mais longe do que se quer com os PCNs, é preciso dar espaços de expressão aos excluídos, oportunidades e alternativas reais para aqueles que vêem no consumo a única alternativa de se afastar de uma condição angustiante. A cultura, a participação, o trabalho e a escola poderiam dar alternativas e oportunidades a esses sujeitos de serem reconhecidos por algo além do que eles podem comprar, sobretudo num momento em que esses jovens são vistos como causadores em potencial da violência da sociedade e não como as principais vítimas das conseqüências da desigualdade e frustrações desse sistema. Precisamos ter a consciência dos limites dos sujeitos e assumirmos nossas responsabilidades políticas sem cometermos a injustiça de abandonar aos jovens a tarefa de “nadar contra a corrente” e de resistir à promessa de satisfação quando não há alternativas minimamente compensatórias.

Capítulo 3. O jovem entre a dependência e a liberdade

Como entender a necessidade de alguns jovens em chocar o mundo com a sua aparência? De que forma pode-se compreender a importância que o jovem dá ao seu grupo de amigos? O que leva o jovem à transgressão colocando-se muitas vezes em risco? Esses questionamentos são essenciais para nos afastarmos de muitos preconceitos, pois, ao lado dos aspectos sociais e econômicos, há de se considerar que o sujeito nessa fase da vida passa por mudanças psíquicas complexas.

Para a faixa etária que contemplamos nessa pesquisa (de 13 a 21 anos), há diferentes formas de segmentação e nomeação. *Juventude* e *adolescência* são conceitos muitas vezes usados como sinônimos para a análise de uma mesma população jovem, contudo, possuem significados específicos. Segundo Julio Jacobo Waiselfisz (1998), existem diferenças entre juventude e adolescência no que se refere aos aspectos social, cultural e emocional:

O termo juventude tem um sentido dinâmico e coletivo, e nos remete a um segmento populacional que faz parte de uma determinada sociedade, ao passo que a adolescência nos conduz a um aspecto mais relacionado ao plano individual e demarcado cronologicamente. (WASELFISZ, 1998, p.153)

Do ponto de vista legal no Brasil, temos como referência o Estatuto da Criança e do adolescente¹⁵ que define:

Título I

Das Disposições Preliminares

[...]

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

¹⁵ LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L8069.htm>. Acesso em 23 out. 2007.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável por nossa principal base de dados da demografia brasileira, adota o termo *jovem* para classificar indivíduos de 15 a 24 anos de idade e *adolescentes*, em particular, os indivíduos entre 15 e 17 anos de idade.

A Unesco tem como referência a Organização Pan-Americana da Saúde (OPS/OMS) para a categorização etária, como esclarece Waiselfisz (2006):

Para a OPS/OMS, a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar como profissional, estendendo-se dos 14 aos 24 anos. (WASELFISZ, 2006, p.14)

O termo juventude pode referir-se também a algo que hoje em dia pouco se relaciona com a faixa etária do sujeito, mas que se refere, principalmente, à valorização de um modo de vida centrado no investimento da satisfação pessoal que se sobrepõe às responsabilidades que caracterizam a vida adulta, como analisa a psicanalista Maria Rita Kehl (2004):

A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir [...] Passamos uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto. (KEHL, 2004, p.90).

Nesse trabalho, no qual esperamos contemplar tanto aspectos psicológicos quanto sociológicos e culturais dos indivíduos que tomamos como sujeitos de estudo, estaremos transitando entre as duas categorizações (*jovens* e *adolescentes*) de acordo com a área de conhecimento que abordamos para a compreensão desses sujeitos. Contudo, como indica o próprio título desse trabalho, privilegiaremos o uso do termo *jovem* por ser uma referência etária mais abrangente.

A emergência da juventude

Quando utilizamos o termo *jovem*, estamos falando, portanto, de um conceito que, como todos os outros, não são dados: os conceitos correspondem a construções sociais e históricas que variam com o tempo. A emergência da categoria juventude corresponde aos fins da chamada Era Moderna (séc. XVIII até 1950), distinta, além do avanço tecnológico, por uma moral

social disciplinar e pela moral do sacrifício sobre os pilares: indivíduo, mercado e alta tecnologia.

O jovem, o adolescente ou *teenager*, como sujeito alvo das atenções das Ciências Sociais, da Psicologia e do mercado, surge num contexto pós-guerra e de hegemonia cultural estadunidense. Novo sujeito, que faz parte de um segmento etário que aumenta surpreendentemente com o fenômeno do *baby-boom*, tornando-se objeto de inspiração da cultura e também seu principal consumidor. Sujeito que é produto igualmente das escolas de massa que colocaram o jovem numa posição interclassista entre o âmbito familiar e o sistema produtivo - o que num primeiro momento atingia apenas uma parcela da população juvenil, pois os jovens das classes populares eram, em sua maioria, absorvidos desde a infância pelo trabalho agrícola ou pelas indústrias nas classes populares.

O surgimento da juventude é ainda um fenômeno essencialmente urbano. Segundo Massimo Canevacci (2005), se as culturas juvenis nasceram primeiro nos EUA é porque ali estavam as metrópoles – espaços em que a mídia produziu novas formas de sensibilidade, sexualidade, modos de vida, valores e conflitos, que muito se diferenciavam daqueles colocados pelo mundo do trabalho e da família. Considera-se ainda que o âmbito juvenil vai se alargando à medida em que as sociedades vão se urbanizando, que a indústria e a *Sociedade do Conhecimento* se desenvolvem e no momento em que se perde a definição clara do que é ser adulto, pois estes tendem a se “juvenilizar” na aparência e nos costumes (WASELFISZ, 2004).

O jovem é definido também como aquele que consome em oposição ao adulto que produz. O consumo, que caracteriza primeiramente os jovens, se difunde e adquire um papel central que se amplia concentricamente para toda a sociedade. Não é por acaso que a expressão sociológica por excelência que nasce desse contexto é a ‘Sociedade do Consumo’ (CANEVACCI, 2005).

Os jovens dispensados do serviço militar e do sistema produtivo passam a representar, nesse contexto ainda rigoroso, um perigo potencial e, se por um lado o jovem rebelde é *glamourizado* no cinema, por outro, a polícia e a política se ocupam em reprimir suas contestações e violações às normas. Desde então, o adolescente vive essa posição contraditória: culturalmente valorizado e socialmente desamparado e temido.

Podemos assim definir um momento histórico do surgimento das categorias adolescente e jovem como objeto de preocupação e estudo. Mas devemos entender também que a adolescência é antes um período que exige um trabalho psíquico específico para o desenvolvimento do sujeito (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.25). De forma diversa da sociologia, que questionou a partir de pressupostos de Karl Mannheim as características intrinsecamente “rebelde” e “crítica” da juventude, reflexo da decepção das gerações de 1968 que se amarguraram ao constatar o caráter conformista das juventudes no período posterior à ditadura militar, a psicologia tende a adotar uma percepção algo essencialista sobre a adolescência e a juventude. Segundo ela, os conflitos psíquicos que notamos nos adolescentes de hoje estariam presentes igualmente naqueles que viveram uma conjuntura histórica diversa; o que difere é a expressão desses conflitos, que se produzem de acordo com a cultura em que estão inseridos. Sem querer aprofundar a questão sobre o caráter essencialista ou não da adolescência ou da juventude, ou se histórica e sociologicamente deveríamos falar de adolescência e juventude no plural, achamos que a compreensão das teorias de psicanalistas como Philippe Jeammet nos auxiliam a compreender certos aspectos dos jovens sujeitos dessa pesquisa.

Partindo dessa concepção, não se pode estudar os conflitos que observamos na adolescência sem considerar tanto a configuração social que a criou e a situa como as especificidades psicológicas que essa fase comporta.

Pretendemos assim, expor as concepções de Philippe Jeammet sobre a especificidade da adolescência como etapa do desenvolvimento psicológico do ser humano em suas relações com o período da infância e apresentar o conceito de *patologia do agir* na adolescência. Em seguida, considerando a importância atribuída por esses autores à influência do meio na socialização e na constituição da subjetividade do adolescente, apresentamos uma breve discussão sobre alguns aspectos da sociedade contemporânea que incidem nos conflitos psíquicos do sujeito. Por fim, apresentamos algumas das dificuldades na formação dos adolescentes em nossos dias e suas possíveis implicações patológicas.

Contribuição da Psicanálise

Na discussão sobre as causas da problemática adolescente e seus distúrbios comportamentais, considerados hoje como “casos de saúde pública”, Philippe Jeammet e Maurice Corcos (2005) apresentam duas explicações correntes para o fenômeno. Na primeira, as psicopatologias,

assim como os estados-limites nos adolescentes, são vistos como resultados de processos psíquicos originários da infância, que é classicamente considerada pela Psicanálise¹⁶ como o período de formação da personalidade. Na adolescência nada seria acrescentado à estrutura psíquica, a não ser a possibilidade de procriação, e os seus conflitos peculiares seriam resultado da emergência de desejos reprimidos na infância. A adolescência é apresentada como uma continuação do primeiro processo de desenvolvimento, repetindo transformações dos primeiros anos de vida junto às vicissitudes eventuais da própria adolescência. As transformações nesse período seriam tratadas “[...] em termos de tarefas de desenvolvimento, tais como a integração do novo corpo púbere com o acabamento das identificações sexuais, autonomização e separação dos objetos parentais [...]” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.53), num processo de maturação e de luto dos objetos infantis.

A segunda linha explicativa, dizem os autores, concebe que há uma ruptura na adolescência decorrente de transformações físicas e ambientais. Nessa concepção, as questões da adolescência não podem ser entendidas somente pela maior quantidade de conflitos, mas por ter “[...] um papel essencial na eclosão do transtorno, quer seja como fator revelador de uma vulnerabilidade anterior, contudo apenas potencial, quer como parâmetro determinante da patologia [...]” (JEAMMET; CORCOS, 2005).

A argumentação de Jeammet e Corcos sobre os conflitos presentes na adolescência está mais de acordo com a segunda linha explicativa, pois, para esses autores, a adolescência é um momento especial por comportar mudanças induzidas pela puberdade e por considerarem o seu potencial redutor da *força do Ego* que compreende o que eles chamam de as *bases narcísicas* e de *diferenciação intrapsíquica*.

Apesar disso, a ligação com a infância também é considerada nessa linha explicativa, pois esses fenômenos remetem aos primeiros anos de vida, visto que a realidade interna do sujeito e a sua força do Ego é construída essencialmente a partir das trocas entre o bebê e o objeto¹⁷, além dos fatores inatos ao indivíduo e da qualidade de sua adaptação ao meio que o circunda.

¹⁶ Ver, por exemplo, FREUD, Anna. “Adolescence. The psychoanalytic study of the child” p. 255-68. Trad. Franc. In: *L’enfant dans la psychoanalyse*. Paris. Gallimard, 1976 e Mahler, M. *Processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

¹⁷ A teoria sobre a importância das trocas objetais foi uma contribuição da escola inglesa de psicanalistas neofreudianos da década de 1930 (principalmente Melanie Klein, Donald W. Winnicott e W. R. Fairbairn). Sua hipótese é de que o desenvolvimento pessoal é determinado sobretudo pelos primeiros vínculos: “Ao contrário da ênfase freudiana nos impulsos instintivos internos, os teóricos das relações objetais concentram-se no relacionamento da criança com os objetos e a percepção que ela tem deles em seu ambiente, em especial a primeira pessoa a cuidar dela (em geral a mãe)” (Rohmann, 2000, p.390).

Conforme esclarece Jeammet (2006),

[...] uma grande maioria de autores está de acordo com a idéia de que o narcisismo absoluto inicial corresponde a uma determinada concepção da mente e que, desde o nascimento, e talvez mesmo antes, as interações relacionais participam do desenvolvimento da criança, e que é difícil conceber um narcisismo independente da qualidade das trocas e dos investimentos objetais (JEAMMET, 2006, p.30).

Resumindo rapidamente uma teoria complexa: a mãe, ou o sujeito que cumpre a sua função, seria o primeiro objeto de amor. O papel materno é de extrema importância, pois lhe compete a responsabilidade de sobrevivência desse ser que veio ao mundo totalmente indefeso e dependente:

A mãe é, em geral, o elo mais exposto, na medida em que ela pode inconscientemente desenvolver a convicção de ter falhado, ou de falhar em relação ao filho. Este estado de alma aumenta a intensidade de sua carga amorosa, que acaba cobrindo com um véu a sua capacidade de percepção, e este véu a leva inexoravelmente a produzir mais ‘amor’, com o resultado de afastá-la das necessidades reais do filho e, infelizmente, também, de suas próprias necessidades e capacidades. (FERRARI, 1996, p.75)

A presença da mãe é interiorizada pelo filho e passa a fazer parte de sua realidade interna¹⁸. É através desse processo no qual o bebê interioriza a qualidade da relação com o objeto, sem que a questão da heterogeneidade tenha que ser colocada, que se alimentam as *bases narcísicas*. Como esclarece Jeammet:

As bases narcísicas representam o que assegura a continuidade do sujeito e a permanência de seu investimento nele mesmo. Elas repousam em suportes variados, mas que têm em comum o fato de opor-se dialeticamente ao que subsiste de disponibilidade para o investimento objetual. Oposição dialética que repousa, contudo, nesse duplo paradoxo: que as bases narcísicas só puderam se constituir a partir da relação de objeto (mas de tal maneira que a questão da oposição sujeito/objeto não pôde se colocar como tal); e que o “apetite objetual” será um pouco menos ressentido como “antinarcísico”, para retomar a expressão de Pasche (1975), à medida que as bases narcísicas estejam mais solidamente estabelecidas. (JEAMMET, 2006, p.30).

Mas se o objeto pesa precocemente sobre a criança, suas bases narcísicas acabam se constituindo contra o objeto e não através dele. Isto porque o objeto, nessa situação, representa uma ameaça à integridade do sujeito – seja por sua ausência, seja por seu cuidado demasiado.

¹⁸ Desde meados da década de 1950 as pesquisas sobre os relacionamentos interpessoais consideram que o indivíduo possui uma realidade interna e externa: “De todo o indivíduo que chegou ao estágio de ser uma unidade, com uma membrana limitadora e um exterior, pode-se dizer que existe uma realidade *interna* para esse indivíduo, um mundo interno que pode ser rico ou pobre, estar em paz ou em guerra”. Reivindica-se ainda “uma área de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa” (WINNICOTT, 1975).

Apresentando-se como ameaça, esses objetos

[...] são substituídos por uma busca de sensações e de estímulos essencialmente somáticos que tomam o lugar do objeto e permitem o sujeito continuar a sentir existindo, mas ao preço de uma tendência de auto-reforço e, progressivamente, à medida que a relação se desobjetaliza (JEAMMET, 2006, p.34).

As reações do bebê quando separado da mãe, de acordo com Jeammet (2006), expressam a qualidade da relação com a mãe que foi internalizada. O autor apresenta, esquematicamente, três formas de reação diante da separação da mãe apresentada por bebês com a idade de 18 meses, “[...] período em que a interiorização tem um papel crucial no fundamento da personalidade e no começo da autonomização [...]” (JEAMMET, 2006, p.31). No primeiro caso, a criança separa-se da mãe para ir para a cama e, sozinha, imagina e relembra situações agradáveis que experimentou. Nessa situação, o processo de interiorização foi positivo e o seu próprio “[...] funcionamento psíquico substitui as pessoas reais da convivência [...]” (JEAMMET, 2006, p.31). No segundo caso, a criança chora com a ausência da mãe, pois necessita de sua presença física para assegurar o seu funcionamento psíquico normal. Não conta, portanto com os recursos internos suficientes que seriam adquiridos com a relação objetual. Há ainda uma terceira situação, mais grave que a segunda, em que o bebê padece de tamanho desamparo que esquece o que está lhe faltando e recorre ao auto-estímulo de seu corpo: ele “[...] se balança de maneira estereotipada, começa até mesmo a bater com a cabeça nas bordas da cama [...]” (JEAMMET, 2006, p.31).

Assim, se o objeto não pesa para o sujeito, seja pelo excesso, seja pela falta, há a interiorização da qualidade da troca objetual que promove o prazer do funcionamento do bebê, independente da presença física do objeto, o que é fundamental para a formação de suas bases narcísicas que darão ao sujeito a sustentação aos sentimentos de continuidade e de segurança interna.

Aos poucos a criança vai sentindo seus contornos, diferenciando o Eu do outro, o que lhe é interno e o que lhe é externo, e para isso é fundamental a diferenciação das estruturas internas da psique, através do jogo de investimentos e contra-investimentos objetais. De acordo com Jeammet (2006), a diferenciação é importante por permitir um trabalho de transformação que evita a descarga direta e o curto-circuito estímulo-resposta, ou seja, as fortes emoções e as pulsões têm que atravessar as barreiras que encontram na estrutura psíquica do sujeito, diminuindo o impacto que produziriam sem essa diferenciação. As barreiras internas à psique

correspondem a elementos denominados na psicologia como pára-exitantes ou pára-excitatórios, formados principalmente pela figura do adulto que administra o espaço cultural da criança e por uma base narcísica bem estruturada.

Transição objetal

A transição objetal como um processo de constituição do Eu corresponde à perda do objeto que foi internalizado nos primeiros meses de vida e que se confundia com o próprio sujeito. A indiferenciação entre sujeito e objeto, ou seja, entre o bebê e a mãe, deve progressivamente extinguir-se. Como afirma Armando B. Ferrari (1996), nesse período há a necessidade de desidentificação, para que haja uma solidão fundamental que funda a alteridade do indivíduo. É somente quando essa unidade é quebrada que o sujeito pode identificar-se com o outro e internalizá-lo.

Esse processo pode ser facilitado pelo uso de um *objeto transicional*, que corresponde a uma primeira possessão do bebê situada em uma área intermediária entre o seu Eu subjetivo e o que lhe é percebido objetivamente. Não é sentido pelo bebê como algo externo, mas também não lhe é interno. É um objeto que deve ser representado e manipulado na realidade exterior, como, por exemplo, um brinquedo, um cobertor ou mesmo uma determinada atividade. O importante é que lhe auxilie a reconhecer um objeto como “não eu” e que dê conforto num momento de ansiedade, principalmente aquela causada pelo afastamento da mãe¹⁹.

Após essa primeira diferenciação, há um novo período em que a criança já se reconhece como um ser diferente do outro e passa novamente a internalizar a relação com o objeto, pois passa a ver nas figuras parentais – principalmente aquele do mesmo sexo – um modelo a ser seguido. No entanto, esse processo se dá de uma maneira diferente daquela que o bebê faz com a sua mãe, pois nesta etapa há uma relação que leva em conta as distinções com o Eu constituído.

Na adolescência há novamente a perda dos objetos, mas daqueles que foram internalizados nesse segundo momento. Isso quer dizer que o investimento direcionado à figura dos pais e a sua identificação com eles devem se transferir para o mundo extra-familiar de uma forma mais difusa e, para que essa transferência aconteça, é preciso que esse objeto tenha sido verdadeiramente internalizado e que faça parte do sujeito. É importante, além disso, que a

¹⁹ Ver mais sobre objetos transicionais em Winnicott (1975).

interiorização tenha se dado de uma maneira positiva para que o sujeito esteja fortalecido para enfrentar as dificuldades que emanam desse processo.

Em todo caso, esse processo de transição é sentido como uma perda, pois muito do que se perde com a ausência do objeto fazia parte do próprio Eu do adolescente.

Apesar de todas as dificuldades que acarreta, essa problemática só se agravaria entre adolescentes “[...] cujas relações objetais internas carregadas de ambivalência são ameaçadas por uma agressividade liberada pelo deslocamento da parte libidinal para novas afeições [...]” (JEAMMET, 2006, p.53). Mas se o deslocamento for bem sucedido, há um enriquecimento do Eu através dos novos investimentos.

Especificidade da adolescência

Até a formação de suas bases narcísicas, o indivíduo só é aquilo com o que ele se identifica do outro. A adolescência é o momento em que ele deve intensificar o processo de formação de si e para isso tem que negar essas influências anteriores. O sujeito precisa questionar as normas que foram recebidas passivamente na relação com os pais, para testá-las, compreendê-las e internalizar novamente aquelas que lhe fizerem sentido.

A adolescência dá vazão também ao confronto entre as bases edípicas e as bases narcísicas, uma vez que “[...] na puberdade o adolescente ainda não encontrou dois elementos essenciais de apoio narcísico: investimento profissional e amoroso que substituem o apoio narcísico oferecido pelos pais [...]” (JAMMET; CORCOS, 2005, p.62).

A adolescência corresponde a esse tempo em que é preciso desinvestir nos objetos investidos na infância – as figuras parentais que foram fundamentais para a constituição do Eu e do fortalecimento do Ego – para que o sujeito possa conquistar sua autonomia e abrir-se ao mundo extra-familiar. Entretanto, nesse mesmo período se coloca “em questão o conjunto dos pontos de apoio que asseguram os fundamentos da autonomia do sujeito: *suas bases narcísicas*, assim como suas *estruturas internas* que tiram sua eficácia de seu caráter diferenciado” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.39). Seus pontos de apoio são enfraquecidos pela puberdade, que comporta um potencial de “desdiferenciação” interna e externa, pois faz emergir a sexualização de todas as instâncias, inclusive as parentais. A percepção das transformações em seu corpo chama a atenção do adolescente para o caráter sexual do corpo de seus pais, o que pode reativar conflitos infantis e a angústia da separação, caso haja um

fracasso do recalque e dos suportes pára-estimulantes. Tornam-se também mais semelhantes fisicamente aos adultos da família e essa identificação é sentida como se o Eu fosse somente reflexo e criação dos pais.

Tornar-se um ser autônomo, não mais se confundir com o outro e nem mesmo viver somente conforme suas expectativas são tarefas muito difíceis de serem realizadas pelo adolescente, em especial aquele que, por sua fragilidade narcísica, busca a satisfação não por si próprio, mas em “[...] se sentir adequado às demandas dos outros [...]” principalmente às de seus pais (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.7). O paradoxo da adolescência corresponde então a esse impasse que se coloca ao sujeito nessa fase: enquanto sua fragilidade narcísica reforça a necessidade dos objetos amados, a presença desses mesmos objetos é sentida como uma ameaça.

Podemos interpretar, desse modo, a inconstância do humor e do comportamento juvenil a partir dos conflitos originados tanto das mudanças físicas quanto das relações de dependência. Por esse motivo, a “administração dos espaços” pelo adolescente e pelos seus pais tem que ser muito cuidadosa, pois, na tentativa de se diferenciar, o adolescente age como se não precisasse dos pais ou mesmo como a presença deles o incomodasse. Age dessa forma, pois a sexualização dos laços parentais que surge na puberdade, lhe causa temor. O adolescente não tem a consciência da origem desse sentimento, mas seu comportamento expressa o quanto à proximidade com os pais lhe é conflituosa:

Vê-se desenvolver uma irritabilidade exacerbada no adolescente que é atingido por todos os pequenos tiques da vida cotidiana. Trata-se dessa aproximação, que se traduz também pela dificuldade de se deixar acariciar, até mesmo tocar; levantar-se tarde com os pais torna-se algo impossível. Há todo um temor ligado à sexualização. (JEAMMET, 2006, p.42)

Os pais devem ser conscientes que, apesar das aparências, os adolescentes ainda estão conquistando sua autonomia e precisam de apoio para concretizá-la. Os adolescentes devem ser vistos como seres frágeis frente à obrigação de exercer um papel de domínio, sem ter uma idéia clara sobre as suas capacidades. Por isso, o afastamento necessário dos pais não deve significar ausência.

Todavia, quando a relação objetal e a salvaguarda narcísica aparecem como complementos naturais, dá-se uma introjeção bem sucedida, levando ao equilíbrio entre os recursos internos e a necessidade do mundo externo perceptivo-motor do sujeito. Mas, quando mal-sucedida,

esses dois movimentos entram num paradoxo cuja contradição não é explícita e só pode ser percebida por seu efeito paralisante no sujeito, impedindo o seu trabalho de representação. Sem representação, a resposta do adolescente pode se dar na ordem do agir, ou no apoio em um objeto da realidade externa que lhe permita conjugar a relação objetal e a salvaguarda narcísica. Caso a realidade externa não ofereça esse apoio, dão-se então os transtornos de comportamento.

Portanto, principalmente em razão do conflito provocado pela relação de dependência dos pais e pela puberdade, a adolescência constitui-se como um período de confluência de riscos para o seu mundo interno e externo (JEAMMET, 2006). Todavia, a crise inerente ao seu processo de desenvolvimento não se traduz necessariamente em comportamentos patológicos – ela só se agravará caso o meio não ofereça o suporte suficiente para equacionar seus conflitos.

Patologia do agir

Num processo habitual de desenvolvimento, “[...] a personalidade reforça sua própria identidade a partir da assimilação introjetiva de seus objetos de identificação e dos laços que os ligam” (JEAMMET, 2006, p.46). Os distúrbios comportamentais ocorreriam nos casos de fracasso do aparelho psíquico em administrar esta crise, o que normalmente está relacionado à internalização inadequada dos laços com os objetos de investimento da infância.

O adolescente que não consegue gerir esses conflitos originados por suas relações de dependência tem uma grande dificuldade para acessar a sua realidade psíquica e entender o que lhe acontece. O sujeito dependente experimenta o seu desejo pelo outro como algo intolerável, pois teme que a proximidade com o objeto faça com que o desejo que lhe desperta transborde seu próprio Eu, fazendo-o perder o controle. Nessa situação, ele não está em condições nem de interpretar os seus anseios e nem mesmo de pedir ajuda, como constata Jeammet na sua experiência no atendimento a adolescentes:

Aprendi a saber escutar ao mesmo tempo a fala, mas também os atos, não raro com uma contradição entre os dois, o que me fez ficar muito atento a essa dupla linguagem e o paradoxo a ela subjacente. Percebi que aqueles que têm a maior necessidade de serem ajudados, porque estão tomados por grande insegurança interna, são os que apresentam maior dificuldade em pedir ajuda, uma vez que sentem esse pedido como um poder que é dado aos outros sobre ele, e um risco de dependência e submissão. Porém, pelos transtornos do seu comportamento, vão exprimir o seu mal-estar e, desse modo, solicitar cuidados, obrigando os adultos a vê-los, mas afirmando com frequência que não precisam de nada. (JEAMMET, 2005, s/n)

Esse recurso à ação é interpretado por Jeammet como uma *patologia do agir*, que descreve como

[...] um conjunto de transtornos do comportamento que, para além de suas diferenças individuais, tem numerosos pontos comuns quanto às particularidades da economia psíquica das quais são os testemunhos e quanto a natureza dos riscos que tais particularidades fazem pesar sobre o destino dos adolescentes [...] (JEAMMET, 2006, p.27)

Os comportamentos a que os adolescentes mais recorrem são as condutas aditivas como a toxicomania, o alcoolismo, a dependência de medicamentos, os distúrbios do comportamento alimentar (a anorexia e a bulimia por exemplo), o consumo compulsivo, a cleptomania, os cortes na pele, o colocar-se em risco permanentemente etc e todos distúrbios que têm em comum o fato de suprimir do sujeito adolescente parte de suas potencialidades em função do medo e da dependência do meio em que vive.

Contudo, não significa que todos os casos de dependência resultam em distúrbios comportamentais. A fragilidade narcísica que se manifesta na adolescência, por exemplo, pode resultar tanto numa virada criativa como num processo de repetição masoquista e autodestrutiva. Essa constatação faz com que Jeammet relativize a noção de estrutura aplicada à realidade intrapsíquica, pois argumenta que “a realidade interna não é uma coisa que em si fixa sua própria trajetória independentemente dos efeitos de ressonância que encontra na realidade” (JEAMMET, 2006, p.28) e o fracasso do adolescente em gerir sua crise significa vulnerabilidade e não necessariamente patologia. Nessa perspectiva, “o jogo dos investimentos e dos contra-investimentos, assim como sua evolução, não depende apenas das forças internas presentes, mas igualmente das respostas trazidas por essa realidade externa” (JEAMMET, 2006, p.28).

Para entender esse processo, Jeammet e Corcos acreditam então ser mais útil a noção de organização psíquica do que de estrutura e ao optarem pela noção de organização, reconhecem a coexistência de diversas modalidades de funcionamento psíquico, considerando que na puberdade haveria a sobreposição de uma modalidade sobre outra – investimento no mundo externo sobre o interno – que resultaria no que eles chamam de “efeito adolescência”.

Jeammet questiona ainda a concepção de que o comportamento do sujeito esteja submetido às pulsões, como argumenta em relação à ameaça de desorganização que pesa sobre o Eu:

Sua resposta depende justamente das bases narcísicas, do papel da continência da família e da sociedade, e dos modelos que lhe são oferecidos, e não tanto das pulsões interiores cujo impacto é relativo ao grau de insegurança do Eu. (JEAMMET, 2005, s/n)

Dessa forma, não se pode buscar respostas somente no indivíduo. Notadamente na adolescência, deve-se considerar o espaço psíquico ampliado e a importância dos dados trazidos pela realidade externa para o equilíbrio do funcionamento psíquico, devido às mudanças da economia psíquica próprias dessa idade, particularmente o afastamento narcísico-objetual que ameaça as bases narcísicas e as diferenciações intrapsíquicas adquiridas na infância. A realidade externa pode reforçar ou desorganizar as estruturas do aparelho psíquico, evitando uma confrontação brutal com o paradoxo visto anteriormente.

Numa situação de desorganização interna, o agir patológico é a forma encontrada pelo adolescente para se comunicar. O campo de atuação é utilizado também pelo adolescente para controlar o mundo externo, por não conseguir ter controle sobre seu mundo interno e as mudanças que ocorrem em seu corpo. As formas de manifestação no campo de atuação são as mais variadas e o corpo adolescente é o palco privilegiado, pois, além de ser elemento essencial da sua identidade, é causador de inúmeros conflitos por comportar mudanças que são sentidas passivamente: “O corpo é ao mesmo tempo o que há de mais pessoal e mais íntimo e o que parece sempre um pouco exterior e estrangeiro” (JEAMMET; CORCOS, 2005, p.42).

Comportamentos típicos, influenciados pela cultura, manifestam a perda de controle sobre os conflitos internos e a excessiva dependência do entorno. O fracasso escolar, por exemplo, aparece como uma forma de gerenciamento da situação em que vive o adolescente, que recorre ao fracasso como forma de colocar o adulto numa situação de alerta. O fracasso escolar pode estar ligado ainda ao medo da superação dos pais e a destruição de sua autoridade, pois a sua superação pode ser sentida como traição numa situação em que há uma indiferenciação entre sujeito e objeto.

O consumo de drogas, por sua vez, funciona para o adolescente como um espaço do imaginário que não pode ser invadido pelos pais e por mais ninguém. Droga que também pode ser empregada como um neo-objeto, tomando o lugar do objeto transicional que não foi suficiente para permitir o afastamento necessário na relação objetual.

Em outros casos, os adolescentes negam a influência do objeto através das condutas de oposição. Para Jeammet, recorrer à negação é uma das formas de defesa mais arcaicas, pois é inconsciente e remete aos processos de recusa e aceitação da castração²⁰. A negação do objeto quando atinge as suas próprias representações tem graves conseqüências na relação que o indivíduo tem com o mundo, pois quando o adolescente assume uma identidade negativa, acaba recusando todos os processos de interiorização – o que pode resultar na psicose caso essa conduta se cristalice.

A anorexia e a bulimia são exemplos de distúrbios que resultam da tentativa de controle sobre o mundo externo. Ferrari (2006) define a anorexia como um substrato de tipo claustrofóbico²¹, com funções defensivas. O adolescente que apresenta a anorexia percebe ser prisioneiro de um corpo que se modifica independente de sua vontade. Passa a ver seu corpo de modo estranho e relaciona-se com ele de modo persecutório: “substitui então o aspecto claustrofóbico pelo claustrofílico²², como garantia de que o corpo deverá permanecer bloqueado” (FERRARI, 1996, p.3). O anoréxico reage ao sentimento de mudança tentando controlar o seu corpo. A magreza é uma forma de não sentir a dilatação do corpo, pois qualquer elemento mental que o afaste do seu habitual leva o adolescente para um abismo. Ser magro, portanto, é uma forma de não sentir certas situações.

Em relação à bulimia, Ferrari afirma que o essencial para o seu desencadeamento é a falta de limites. Para o anoréxico, a possibilidade de morte faz parte do jogo, enquanto que para o bulímico, a tentativa é de dilatar-se para ocupar o espaço e limitar o ilimitado.

Esses adolescentes que sofrem de distúrbios alimentares submetem o corpo a condições duríssimas. Na tentativa de fazer com que seu corpo seja cada vez mais funcional, impõem-se regras muito rígidas não só em relação à alimentação. Não toleram que lhes seja apresentado qualquer coisa que eles mesmos não tenham decidido ou que não esteja de acordo com a sua programação. Trata-se de distúrbios que indicam também outra particularidade do adolescente, que é a tentativa de desviar-se de qualquer forma de dependência. Um caso de anorexia tratado por Ferrari é ilustrativo: Uma moça, “[...] como os adolescentes em geral, teve necessidade de saber e de conseguir reconhecer quais são as coisas que lhe pertencem, e

²⁰ Objeto de estudo de vários de seus textos, a castração do Outro aparece sob a noção de "nostalgia do pai" no texto "Futuro de uma ilusão", em que Freud mostra como é importante para o sujeito acreditar que há algo que o sustente, importância que seria a razão de existir, por exemplo, da religião - a que atribui uma consistência ao pai (ALBERTI, 2002)

²¹ Claustrofobia que significa a fobia de lugares fechados.

²² Claustrofilia que pode ser entendida como a nostalgia do útero materno.

que são verdadeiramente suas [...]” e, em pele e osso, acredita que poderia devolver-se a vida “dando a si mesma um outro corpo” (FERRARI, 1996, p.21).

A agressividade voltada a si mesmo é para o adolescente, nesse estado, uma forma de se reconhecer. Os cortes na pele e o suicídio são tentativas de se dar contornos, de impor limites corpóreos a uma vida sem limites.

O consumo compulsivo tem se tornado uma preocupação e já é considerado um transtorno de comportamento designado como oneomania. De acordo com o neuropsicólogo Daniel Fuentes, coordenador de Ensino e Pesquisa do Ambulatório do Jogo Patológico e Outros Transtornos do Impulso (AMJO) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, o transtorno pode estar associado a variações do humor e de ansiedade. O consumo compulsivo, nesses casos, emerge para aliviar sentimentos de grande frustração, vazio e depressão. Como explica um artigo publicado no *website* do Guia Serasa de orientação do Cidadão (2008):

Os oneomaníacos têm o consumo como vício, assim como um alcoólatra que necessita da bebida. Enquanto está comprando, a pessoa sente alívio e prazer dos sintomas, que passado um tempo voltam rapidamente. O efeito do ato de comprar é semelhante ao de tomar uma droga. (SERASA, 2008, s/n)

Todos esses comportamentos são utilizados para comunicar seu conflito e também para substituir a relação objetal que por algum motivo lhe foi falha. Mas essas atitudes só suprem a carência do adolescente enquanto estão em curso e enquanto podem ser controladas externamente. Sua função não é internalizada, não alimenta o Ego, não resulta na transformação ou no deslocamento dos fins pulsionais e por isso não substitui o verdadeiro objeto que tem a função de auxiliar a subjetivação do adolescente. O adolescente que passa a depender do comportamento acaba perdendo o que ele mais precisa que é o apoio objetal e até mesmo pode apagar os vínculos com o objeto que já haviam sido interiorizados e a sua capacidade de investimento. Numa situação ainda mais crítica, o próprio vazio pode ser sentido como uma forma de existência, tornando-se também um neo-objeto.

Entretanto, os comportamentos não podem ser referências únicas para identificar o agir patológico. O que é comum nas patologias do agir é o fato dos objetos de afeição externa servirem para contra-investir uma realidade interna aflitiva e o seu caráter patológico só pode ser identificado na repetição da conduta como modo preferencial ou mesmo único de resposta a certas situações.

Apesar de toda a problemática presente no mundo psíquico do adolescente, aqueles indivíduos que encontram recursos internos para gerir os seus conflitos, como vimos anteriormente, passam por esse período sem grandes dificuldades. Mas é preciso ainda uma congruência mínima entre o seu modo de organização e as respostas sociais.

As patologias atuais são pouco distintas daquelas do passado e congruentes com a evolução social e o comportamento dos adultos. Jeammet afirma que o meio tem oferecido condições propícias à proliferação dessas condutas patológicas. A liberdade de costumes apresenta-se para o jovem de uma maneira prejudicial, por dificultar a delimitação de seu Eu. Os jovens são chamados muito precocemente a atender às necessidades narcísicas dos pais; pais que estão se constituindo como objetos falhos. Sua aproximação se torna incandescente, pois é sentida pelo jovem como incestuosa, prejudicando a delimitação de suas instâncias psicológicas.

O meio deve ser uma tela de figuração que permita ao jovem mobilizar os investimentos, para envolvê-los na trama dos prazeres – protegendo-os das patologias do agir e da comunicação através do ato. Com o adolescente é possível uma reestruturação a partir da reconfiguração de seu meio (da família, da escola, da terapia etc.). O trabalho terapêutico deve manipular a configuração familiar e mesmo escolar, pois uma resposta positiva do meio pode resultar numa transformação psíquica. Contudo, é preciso conhecer o meio social no qual o adolescente está inserido e que não pode ser alterado pelo terapeuta, para que se compreenda em que aspecto e em que medida esse meio é determinante em sua conduta.

Configuração social

A adolescência, desde o seu advento como objeto de interesse da Psicanálise, vem sendo considerada um período chave no desenvolvimento do sujeito e na constituição de sua identidade. Ao lado de fatores fisiológicos/psicológicos distintivos, a configuração social é reconhecidamente determinante na formação da personalidade e na direção dos desejos e comportamentos individuais.

A configuração psicológica do indivíduo transforma-se nesse tempo de insegurança e efemeridade. As psicopatologias características de determinadas épocas, que já estiveram relacionadas a uma sociedade repressiva, são determinadas hoje pelos efeitos da permissividade.

Se retrocedermos à década de 1950, estaremos diante de uma configuração bem diversa da que temos hoje. A Era Moderna, que se estendeu do séc. XVIII até 1950, foi caracterizada, além do avanço tecnológico-científico, por uma moral disciplinar altamente conservadora. A juventude que entra em cena no fim desse mesmo período desenvolve-se plenamente na pós-modernidade, entre as décadas de 1960 e 1970, período em que há o declínio da ética rigorista e a ascensão da cultura *hedonista* entendida como uma cultura em que prevalece o investimento libidinal no prazer pessoal.

A valorização do prazer individual esteve em pauta do mesmo modo no Movimento Modernista dos anos de 1920 e nos movimentos políticos e de costume nos anos de 1960; porém sua valorização previa o adiamento da satisfação mediado pelo trabalho. O hedonismo que distingue a pós-modernidade, por sua vez, vê-se liberto das restrições sociais e é caracterizado pelo excesso e pelo imediatismo.

O psicanalista brasileiro Fábio Herrmann afirma que o *novo estado*, como define a contemporaneidade, promoveu o desmantelamento não só das antigas instituições, mas também das ações individuais que se anulariam ao incorporar-se à cadeia mais ampla da automação econômica, tecnológica e cultural. O sistema parece funcionar independente da atuação individual, provocando uma sensação generalizada de impotência. A aceleração dos processos de produção e consumo promovido por esse sistema, leva, além disso, a dois resultados simultâneos: 1) a multiplicação dos bens que são consumidos por obsolescência e 2) a multiplicação dos meios de produção da realidade. Vivemos assim numa sociedade de meios e a disponibilidade indeterminada que produz requer da psique social uma alimentação de formas, ou seja, fantasias coletivas que substituem o racional. É nesse quadro que Herrmann situa o *regime do atentado* como a representação sintomática mais perfeita do *trauma do fim do mundo* desencadeado pelas guerras e pelo advento das armas em destruição em massa. Alerta, contudo, que o processo gerador do regime do atentado é anterior ao trauma e é o seu desencadeamento que corresponde ao fenômeno traumático. Defende que o trauma da nossa sociedade é seqüela da produção excessiva de meios sem a reflexão sobre os seus fins. Estamos, por isso, num descompasso entre o avanço tecnológico e a possibilidade de assimilação por parte das forças sociais, o que resulta num sentimento de desrealização do real, transformando a vida do indivíduo em algo perene e fugidio.

O autor argumenta sobre como a nova configuração social promove não só a dessubstancialização da realidade social, mas também do próprio homem. Para se sentir

inserido, o indivíduo passa a imitar o novo estado de mundo, produzindo “[...] efeitos rápidos, marcantes e autônomos, bem como produzindo meios para produzir ainda mais efeitos, mais rápidos, mais marcantes e mais ‘autônomos’ [...]” (HERRMANN, 2003, p.3), enquanto a razão é deixada de lado e o pensamento sofre uma progressiva erosão.

Na ausência da razão, recorre-se ao *ato puro*, definido como “[...] ato que não tem em vista um objetivo racional, meditado e debatido de antemão, que não se alia a outros atos socialmente deliberados, mas cuja realização apenas cumpre o mandato de produzir efeitos e mais meios, para maiores efeitos [...]” (HERRMANN, 2003, p.3). Não há ação conjunta, visto que a autonomia pretendida pelo sujeito se vê ameaçada pela reflexão compartilhada. Somente os atos impensados estariam imunes ao controle sugestivo do pensamento (HERRMANN, 2003, p.4).

Mas, se por um lado há a indeterminação sobre o lugar do sujeito, por outro, afirma Gilles Lipovetsky (1994), sua vida cotidiana encontra-se demasiadamente controlada. Enquanto as instituições religiosas, políticas e produtivas perdem seu poder coercitivo sobre o indivíduo, este se submete agora às imposições sociais e midiáticas para o cuidado de si. Em lugar do dever como imperativo categórico, na sociedade de consumo predomina o dever do culto à felicidade e do prazer.

Lipovetsky defende que as transformações ocorridas na sociedade ocidental após a década de 1970 a distinguem da pós-modernidade. A sociedade contemporânea, denominada pelo autor como “sociedade hipermoderna”, é marcada por exigências contraditórias: consumo sem limite e intensificação das sensações no cotidiano, extrema inquietação sobre o futuro e busca de identidade no passado. A cultura antes sentida como natural, aparece agora como algo a ser julgado, buscado e conquistado individualmente. Enquanto a modernidade contava com a existência de *contrapesos*, *contra-modelos* e *contra-valores*, nos nossos dias enfraquecem as barreiras institucionais e ideológicas. As referências éticas devem ser eleitas hoje conforme o desejo pessoal – o que seria um ganho indiscutível se as opções de escolha não fossem tantas e se esse desejo fosse algo suficientemente estável para que o sujeito realizasse essa escolha com segurança.

Em razão dessa configuração instável, Lipovetsky argumenta que o presente vem assumindo uma importância crescente. Não obstante, afirma que o futuro não é ignorado, pelo contrário: ele é centro das inquietações e debates. Isto porque, diferente da despreocupação motivada

pela confiança no progresso humano que predominava no pós-guerra até a década de 1970, o nosso viver aqui-agora é impelido pela incerteza quanto ao futuro.

Nas situações cotidianas – tais como a higiene pessoal, os cuidados com o corpo, a prática de esportes e os vícios – há uma libertação das obrigações institucionalizadas em nome do investimento narcísico. Segundo Lipovetsky, “[...] trocamos o saber enfático da dignidade pelo culto egocêntrico e obsessivo da saúde, da juventude, da estética corporal [...]” (LIPOVETSKY, 1994, p.119), o que revela mais um dos “[...] paradoxos das democracias livres de incondescendência do dever: quanto menos normas prescritivas e métodos intimidatórios existirem, maior é o poder de penetração midiática [...]” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, p.159).

A hipótese de Lipovetsky sobre o que poderia estar nos levando a transportar o rigorismo da esfera pública para o cuidado de si seria uma reação da cultura ao vazio deixado pelo fim da era do sacrifício. Ao experimentar a ausência de princípios, o Superego reage como representante da ética no nosso interior, chamando-nos à consciência para a necessidade de normas e limites para sustentar a vida individual e em sociedade.

O superinvestimento no Eu torna as relações mais superficiais. Necessita-se cada vez menos do outro, pois a sociedade, assim como o processo produtivo, privilegia as atividades independentes e promove a criação de meios para que o indivíduo possa realizar sozinho algumas atividades que antes eram inconcebíveis sem o outro, tais como morar, comer, estudar, divertir-se e até ter filhos. Não obstante as vantagens que essas possibilidades acarretam para a vida prática, essas podem ser também nocivas para a vida psíquica. O indivíduo “alimenta-se” do outro não só na infância e na adolescência. As trocas afetivas, o reconhecimento, as responsabilidades e o aprendizado com outros indivíduos são fundamentais para a construção e sustentação da identidade em qualquer fase da vida.

Lipovetsky alerta que a redução das preocupações e do prazer compartilhado com o outro resulta num empobrecimento do campo ético, uma regressão do Superego com a desvalorização do social sobre o dever moral e, antes mesmo de superarmos a Era Moderna, Adorno já analisava sobre como os imperativos massificadores e consumistas destituíram o sujeito de sua própria individualidade, pois o investimento no Eu seria causa do seu próprio esvaziamento:

[...] na medida em que os indivíduos se tornam independentes da experiência social, acabam, de outro lado, tornando-se incapazes de experimentar sua especificidade, o que resulta no mais completo processo de indiferenciação subjetiva. (AMARAL, 1997, p.48)

Lipovetsky (2005) fala ainda da privatização da luta por reconhecimento na vida profissional e social que substitui os movimentos sociais e as lutas de classes. Fica a cargo do sujeito a promoção da sua própria revolução e, independente da condição material em que dê o seu ponto de partida, se espera que o indivíduo ascenda e mantenha sua posição individualmente – o que aparece como mais uma das contradições de nossos dias nos quais se configura a crise do emprego.

Nessa perspectiva, comete um equívoco o sujeito que acredita que está realmente defendendo os seus interesses ao ocupar-se somente de seus assuntos particulares, pois, além da luta solitária por consideração, temos que afrontar as dificuldades psicológicas decorrentes do abuso de individualismo: perturbações narcísicas, mal-estar difuso e invasor, vazio interior, incapacidade de sentir, entre outros (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004).

Lipovetsky ressalta, por outro lado, que o investimento no Eu não resulta *necessariamente* na desconsideração do outro e sustenta sua afirmação na constatação de que os indivíduos não se tornaram mais violentos ou mais avessos aos sentimentos do que aqueles de tempos anteriores. Canevacci (2005) nega igualmente a idéia de um “[...] narcisismo generalizado e simplificador, que bloquearia a relação eu-outro (em termos mais do que pulsionais, generalisticamente psicoculturais) [...]” (CANEVACCI, 2005, p. 36) e que está se produzindo algo absolutamente inédito que não quer ser enjaulado nos aparatos conceituais do passado. Afirmar ainda que “[...] as novas formas de percepção e de multicomunicação libertam das opressões modernistas embasadas na divisão do trabalho, sexo, idade, raça e ainda de espaço-tempo: em suma, do político [...]”. (CANEVACCI, 2005, p.39)

A cultura juvenil

É assim que, ao lado das transformações da sociedade, os autores que tratamos chamam a atenção para as novas formas de socialização e de construção da subjetividade. Chamam a atenção para a importância de se observar o lugar do jovem num novo contexto, visto que está no momento de construção da sua identidade e que seu comportamento espelha os efeitos dessas mudanças.

Canevacci aponta a emergência de novas formas de aceitação e produção do Eu trazidas pela juventude que, apesar de indecifráveis para muitos, possuem sentido para seus idealizadores: essa nova identidade, móvel e fluida, “[...] que ‘veste’ e se ‘traveste’ de acordo com as circunstâncias [...]” (CANEVACCI, 2005, p.30), são pouco compreensíveis para aqueles que entendem a identidade como algo que se forma e que se mantém ao longo da vida. Lipovetsky e Charles do mesmo modo descrevem a identidade em tempos hipermodernos como “aberta e reflexiva”, como “uma questão individual suscetível de ser retomada infinitamente” (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, p.95).

Waiselfisz (1998) afirma que grande parte da bibliografia sobre a juventude tende a privilegiar os aspectos problemáticos dos jovens, em especial daqueles considerados excluídos socialmente, enquanto outros, porém, tomam uma cultura juvenil da classe média como representativa de toda a juventude. O autor alerta que é preciso estar atento ao fato de que não há um tipo único de jovem e que ambas as tentativas de generalização ocultam especificidades importantes, tanto em relação aos grupos quanto aos jovens individualmente. Para o autor, enquanto o jovem pobre luta pelo reconhecimento social por sentir-se excluído socialmente, o jovem de classe média experimenta o sentimento de exclusão existencial.

Jeammet em seus estudos sobre o adolescente, por sua vez, afirma que a questão não está só em compreender essas diferenças, mas na constatação de que a cultura em que vivemos não tem substância para dar sustentação aos jovens. Se retornarmos ao complexo processo por que passam os indivíduos nessa fase, podemos considerar que tamanha mobilidade e fluidez que se observa na sociedade contemporânea podem ser prejudiciais na medida em que o adolescente precisa de referências para se localizar nesse mundo. Referências que partem primordialmente da família, mas que são complementadas por outras esferas como o espaço escolar, o grupo de amigos, o mundo do trabalho, a mídia etc. O adolescente precisa, do mesmo modo, de conhecimentos que o preencha e de respostas sobre como se comportar e se posicionar nesse mundo, garantindo uma *socialização* positiva.

Waiselfisz (2004, p.13) define como *socialização juvenil* “o processo de transmissão de normas, valores e costumes. A socialização juvenil tem, entre seus objetivos, assegurar a reprodução social através de agentes ‘socializadores’, entre os quais se destacam a família, a escola, os grupos de jovens e a mídia”. Tais agentes são fundamentais na medida em que o indivíduo não se insere de forma imediata na sociedade. Como mostram Adorno e

Horkheimer (1973), esses agentes seriam as instâncias intermediárias entre o sujeito e a totalidade social e servem como núcleo de identificação.

Os *microgrupos* ou *grupos primários*, como a família, os grupos de diversão e a vizinhança, são instâncias primeiras de importância para o desenvolvimento da personalidade e manutenção das idéias e dos ideais sociais (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.61). Os *grupos secundários* seriam o Estado, Partido, Classe etc, cuja importância incide no indivíduo já adulto.

A família como o grupo mais importante na socialização é produto da sociedade não só em suas sucessivas concretizações históricas, mas também por estar socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.133). A família moderna, na primeira metade do século XX, por exemplo, já não tinha mais a capacidade de formar indivíduos autônomos como a família burguesa. Nos moldes patriarcais burgueses, a criança baseava suas instâncias morais na força paterna e aprendia o amor e o respeito à autoridade do pai, sendo preparada também para a relação de autoridade nas esferas extrafamiliares (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.139). Somente a família podia originar nos indivíduos uma identificação com a autoridade no mundo do trabalho, substituindo o domínio direto do senhor sobre os servos dos períodos anteriores. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.137).

Mas na Modernidade, a capacidade técnica e a eficiência começam a ser fatores decisivos para a sorte de cada indivíduo, enquanto a família perde a capacidade de proteger seus membros em relação ao mundo exterior. O amor e o ódio direcionados ao pai, que constituía o complexo de Édipo na família burguesa, vai se extinguindo. A família vai ocupando, desse modo, cada vez menos a sua função de instituição de aprendizagem e educação e pouco adiantaria a retomada dessa função, pois com o seu enfraquecimento os filhos passam a buscar as respostas na “vida real” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.137).

Ao lado da crise da configuração familiar, os autores destacam a tendência progressiva da sociedade para a “socialização”, “[...] isto é, para a inserção, segundo um plano superiormente estabelecido, das partes no todo, e para a integração, em formas de organização incomensuravelmente grandes, sejam econômicas ou políticas [...]” conduzindo à redução do peso específico do grupo primário como associação naturalmente criada (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.73). Isso quer dizer que o sujeito está perdendo as mediações diante

da totalidade social: ele “é imediatamente absorvido como átomo da instância maior” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.74).

Diante de sua incapacidade de se movimentar sem referências, os indivíduos recorrem a paliativos como os grupos que obedecem a um plano hierárquico superior e que servem como “amortecedores entre o coletivo anônimo e os indivíduos”. Entre esses grupos podemos citar os grupos informais como aqueles de colegas de trabalho, grupos de viagens etc ou mesmo as *ganges*:

[...] vemos formar-se na base, como protesto espontâneo, inconsciente e freqüentemente destrutivo, contra a pressão e a frieza da sociedade de massa, novas configurações de microgrupos que oferecem ao indivíduo uma cobertura coletiva, estreita solidariedade e alguns esquemas de identificação. É paradigma deste tipo de grupo a *juvenile gang*, já não só americano nos nossos dias atuais. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.74)

Horkheimer e Adorno ressaltam ainda que essas associações só se definem e adquirem um significado específico se estiverem incluídas no processo de homogeneização das diferenças dos grupos que se observa na sociedade moderna. O grupo continua exercendo a função mediadora, mas é preciso considerar que a função mediadora depende hoje do todo societário de maneira mais acentuada. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.74)

Os autores chamam a atenção para esse ponto, pois no estudo dos grupos se esquece, em geral, de articular o entendimento dos mesmos ao mundo social em que se situam e que fornece o “conteúdo específico das concepções, atitudes, normas etc. de que o grupo é mediador” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.61-62).

Já Lipovetsky, nos finais do século XX, alerta que esse conteúdo normativo tem se esvaído. Em o *Império do Efêmero* (1989), por exemplo, chama a atenção para o fato dos jovens não encontrarem bases sólidas numa sociedade cada vez mais fugaz, sendo tomada pela indústria da moda que se torna paradigma dos nossos dias. Segundo o autor, a moda passa a ser a “pedra angular” da vida coletiva, remodelando a sociedade à sua imagem (LIPOVETSKY, 1989, p.12)

A indústria cultural, por sua vez, é altamente repetitiva e se restringe a seguir a lógica das pequenas diferenças. Evita o complexo, apresenta histórias e personagens pouco profundos, oferecendo produtos de identificação mínima. Os ídolos atuais não servem de referência,

porquanto são superficiais e sua atuação depende da mímica no rosto e da música de acompanhamento. A idolatria das estrelas

[...] não é senão uma das formas extremas da paixonite moderna [...] o culto das estrelas é tipicamente um fato moderno de individualismo que repousa sobre o movimento em estado livre dos indivíduos: nenhum dogma, nenhum corpo de crença instituído, nenhum ritual obrigatório (LIPOVETSKY, 1989, p.218).

De acordo com o autor, ao lado das pessoas concretas, o culto às estrelas tem um papel importante na socialização e subjetivação do indivíduo: por meio do culto às estrelas, os jovens podem conquistar uma parcela de autonomia em relação às influências familiares e sociais, em um período em que “[...] os gostos e as preferências estéticas são os meios principais de afirmação da personalidade [...]” (LIPOVETSKY, 1989, p.219).

Por outro lado, Lipovetsky afirma a superficialidade dos produtos da indústria cultural, como foi exposto anteriormente. Sendo assim, podemos pensar que esses modelos de comportamento seriam insuficientes para contribuir efetivamente no processo de subjetivação. As estrelas, como produtos da indústria cultural, são criadas para “vender” uma determinada idéia. O espaço em que elas aparecem não é aberto a todos, uma vez que os meios de comunicação transmitem aquilo que seus administradores consideram mais lucrativo e não o que é representativo dos diferentes estilos e comportamentos presentes na sociedade, possibilitando uma identificação não enviesada.

Lipovetsky defende que, em longo prazo, “[...] a cultura de massa teve uma função histórica determinante: reorientar as atitudes individuais e coletivas, difundir novos padrões de vida [...]” (LIPOVETSKY, 1989, p.222), acelerando o declínio dos valores tradicionalistas e rigoristas, propondo novos ideais e um estilo de vida voltado à realização íntima. Contudo, depois dos sujeitos terem se libertado do tradicionalismo e do rigorismo, a cultura midiática perde a função de “contestação” e acaba apenas reforçando os ideais dominantes. Apesar de influir muito sobre os gostos estéticos, ela pouco nos diz sobre os valores.

Uma cultura sob a lógica da moda é uma cultura sem passado e sem futuro e não lhe é exigido um fundamento ou um sentido, como em épocas anteriores. A proposta da indústria cultural de hoje é divertir, não educar. O mal entendido é daqueles que acreditam que o maior acesso à informação e aos meios de comunicação por si mesmos são formas de conhecimento ou formação pessoal.

Possibilidades de emancipação

Uma das alterações da adolescência²³ nesses novos tempos diz respeito à faixa etária a que se refere. Muitos autores, como Jeammet, por exemplo, afirmam que há um prolongamento da adolescência que se antecipa com os *pseudo-adolescentes* – pré-púberes que se comportam como adolescentes – e se expande com os *pós-adolescentes* – sujeitos que permanecem por mais tempo nos estatutos transitórios, ou seja, na vida estudantil e na dependência material e afetiva dos pais.

Canevacci, por sua vez, aponta a impossibilidade de reduzir a idade a um ciclo numa contemporaneidade marcada pela incerteza. Por múltiplas razões, “[...] a passagem da juventude ao mundo dos adultos tornou-se algo indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta que se pode atravessar ou dilatar pelo sujeito [...]” (CANEVACCI, 2005, p.29).

Indefinição que está igualmente relacionada à diminuição das imposições e restrições aos jovens no meio familiar. Os conflitos de gerações, especialmente entre pais que querem impor suas convicções e filhos que não as aceitam, estão se atenuando. A sociedade está mais aberta a diferentes modos de pensar e os valores tornam-se relativos. Os pais já não estão tão seguros de que sua concepção de mundo é a adequada ou a melhor para os seus filhos, afinal os livros, a mídia, os amigos e o psicólogo apresentam respostas diferentes e torna-se mais difícil avaliar.

As escolhas familiares são compartilhadas com os filhos, que são obrigados a assumir responsabilidades sobre seu futuro. Sentem-se responsáveis ainda pelo destino da família, sobretudo nas situações em que os pais são separados e, narcisicamente fragilizados, buscam apoio em seus filhos.

A adolescência então se amplia ou diminui em função da indeterminação sobre o futuro, que não é mais uma duplicação do modo de vida da geração precedente. Cabe ao jovem de hoje lidar com a exigência de desempenho imposta pelos estudos e pelo mercado de trabalho, mas será que está preparado para agüentar o peso dessa exigência?

²³ O termo *adolescência* é o mais utilizado pela Psicanálise para se referir aos sujeitos que buscamos compreender nessa pesquisa.

Ferrari (1996) nos fala sobre o quanto os processos físicos e psicológicos da adolescência são complexos e que a sociedade não lhe dá a atenção e o tempo que é necessário ao indivíduo nessa fase:

Nossa civilização não parece dar-se conta da importância capital desta fase na vida do homem para o seu futuro e inserção no grupo. Nossa sociedade exige que seus membros entrem mais depressa possível no ciclo produtivo. Quem está atento ao que significa ser adolescente? De quanto tempo precisamos para aprendermos a nos tornarmos adolescentes? Será que nos deixarão ficar adultos, ou nos jogarão logo na fôrnalha subtraindo-nos o tempo necessário para a transformação? (FERRARI, 1996, p.46)

Mesmo na crise de emprego que vivemos hoje, em que se adia a entrada no mercado de trabalho, esse tempo necessário de transformação e adaptação não lhes é concedido. Enquanto o jovem, num momento anterior, era levado quase que automaticamente ao mercado de trabalho, hoje há a exigência de se adquirir capacidades e competências desde muito cedo, sem a segurança de um lugar no processo produtivo.

A crise do emprego pode ser considerada marco da desvalorização da imagem atrelada ao jovem das classes populares. Sem emprego, a ocupação dos mais pobres não é mais garantida e seu tempo livre passa a ser visto como ameaça social, especialmente se este é rotulado como rebelde e consumista. Afinal, se o que se espera do jovem é o consumo e a transgressão, o que esperar de um jovem que não tem recursos para consumir?

A falta de trabalho atinge os filhos, mas também os pais, que poderiam prover as necessidades dos filhos nesse período de transição. Diminuí a importância do trabalho humano no sistema produtivo, e o trabalho assalariado, que era visto como exploração, passa a ser valorizado como nobreza na criação de emprego (HERRMANN, 2003). A sobrevivência individual e familiar neste contexto é incerta, o que provoca insegurança existencial:

O homem sente que está rapidamente perdendo o seu emprego na economia do mundo e tal percepção leva a reações exacerbadas de insegurança existencial – desespero de sobrevivência, ainda quando a existência não esteja imediatamente ameaçada, consumo desesperado, que se estende do consumo de bens, do consumo de drogas, além de um notório acréscimo nos atos de violência pessoal nos grandes centros. (HERRMANN, 2003, p.09)

É uma comparação arriscada, mas quem sabe fosse mais fácil para o jovem suportar as carências materiais e o trabalho precoce quando a disciplina e o esforço eram socialmente valorizados do que numa conjuntura na qual predomina o hedonismo. Por um lado, os jovens

das classes populares não são induzidos mais a trabalhar e nem o trabalho lhe é prontamente possível caso o queiram, enquanto, por outro lado, a cultura afirma e reafirma o seu direito ao prazer e ao consumo sem explicar de onde viriam os recursos para financiá-los.

Patologias da nossa sociedade

Jeammet, assim como outros pesquisadores que escrevem sobre o tema, considera a adolescência ou a juventude como *espelho da sociedade*:

O adolescente representa, para mim, um papel de duplo revelador. Ele revela o que eu chamei de qualidade das nossas bases narcísicas, isto é, o nosso ser, nossa auto-estima, adquiridas durante a infância, e que, com a necessidade, na puberdade, de estabelecer uma distância com os objetos de ligação, obrigarão o sujeito a entrar em contato com seus recursos internos. Esse é o espelho do que se passou durante a infância.

O segundo ponto é que, a partir dessa grande dependência do meio ambiente, o adolescente será um revelador da sociedade e da representação que os adultos têm de si e dos próprios adolescentes. (JEAMMET, 2005, s/n)

A conduta patológica do jovem apresentar-se-ia então como o reverso da moeda desse estado autômato e ao mesmo tempo autoritário, em que a identidade individual parece estar sendo construída por meio de mimetização num contexto *neo-individualista* e *neo-narcisista* em que indivíduo e sociedade partilham do princípio de máximo efeito, com mínima participação social (HERRMANN, 2003, p.4). A elaboração interna, tão necessária à constituição de bases narcísicas suficientemente fortes para que o sujeito não seja dependente do mundo exterior, é cada vez mais difícil num regime em que o pensamento é deixado de lado em favor do ato puro.

Uma sociedade mais aberta é favorável àqueles cujas bases narcísicas estão bem constituídas e que se sentem aptos a criarem as suas próprias regras e estilo de vida, o que seria um problema em períodos anteriores. Já os sujeitos mais dependentes sentem maiores dificuldades:

Creio que, infelizmente, numa sociedade muito aberta, aproveitável para pessoas muito seguras de si mesmas, corre-se o risco de vir a ser narcisicamente muito difícil de viver. Se esses sujeitos que buscam no exterior meios de se assegurar, de ter referências que não têm no interior de si, não encontram no nível social um certo número de limites que possam lhes servir de referência, mesmo se eles se opuserem e os transgredirem, eles podem sentir essa grande liberdade, essa ausência de resposta, como uma forma de abandono a esse mundo interno inseguro (JEAMMET, 2005, s/n).

Sob essa perspectiva, podemos considerar que o paradoxo da dependência na adolescência se coloca em grande medida exacerbado em função do individualismo e das exigências que caracterizam a sociedade contemporânea. Num período anterior ou em outra configuração social, é possível que fosse mais fácil para o jovem admitir a dependência dos adultos e contar com o seu auxílio para enfrentar os conflitos que surgem nesse período. Tanto é que os “ritos de passagem” estiveram presentes em muitas sociedades em função dos conflitos dessa fase e da necessidade de se terem claros os limites e as fronteiras entre a infância e o mundo adulto.

Em nosso tempo, aos adolescentes é exigida coerência, ignorando que esses sujeitos estão numa fase em que precisam muito do suporte dos pais para que estejam mais livres para ocuparem-se de si. A figura do outro, sem que seja percebido como objeto persecutório, diminui a angústia e aumenta a confiança em relação aos próprios recursos (FERRARI, 1996, p.26). Se considerarmos então que a adolescência comporta uma necessidade de dependência, a sociedade que nega qualquer autoridade não preenche essa lacuna:

Com efeito, podemos considerar que quanto mais uma sociedade tem regras de funcionamento relativamente rígidas, sobretudo no que diz respeito à força das barreiras entre as gerações, mais esta sociedade comporta interdições, mais ela pode absorver as necessidades de dependência dos adolescentes, que, ao se submeterem por vontade própria ou à força a esta pressão social, encontra, nessa submissão, uma satisfação não reconhecida dessas necessidades de dependência. (JEAMMET, 2002, p.9)

Jeammet apresenta assim algumas das implicações da liberdade de escolha que encontramos na sociedade contemporânea. Liberações que podem ser entendidas como uma tormenta para os mais fracos, entre eles os adolescentes que em maior ou menor grau estão com suas bases narcísicas fragilizadas. Lipovetsky, ao descrever as mudanças que caracterizam a hipermodernidade, chama a atenção para o enfraquecimento do indivíduo com a diminuição das normas coletivas.

Quanto menos normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente cambiante, mais surgem manifestações de esgotamento e “panes” subjetivas. Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004, p.84)

Voltando à argumentação de Jeammet, podemos entender o sofrimento com a falta de referências em especial das figuras parentais, ao mesmo tempo em que as exigências aumentam:

Nesse exato momento perdemos o espelho no qual poderíamos nos olhar, o qual é substituído por esse culto da performance, com o adágio social que poderia ser: 'faça o que você quiser, mas, se você quer ser visto, considerado, seja o melhor! (JEAMMET, 2005, s/n)

Sem regras e sem uma idéia clara sobre até onde se deve chegar, vivemos numa busca sem fim:

Então podemos ver bem que são os limites e as vantagens das regras que nos dizem o que é bom e o que é ruim, é que é suficiente segui-las para saber o seu valor. Se as transgredimos podemos ser perdoados, enquanto na performance não há mais nenhum limite. Logo, nesses sujeitos que não têm limite interior, a sociedade pode agravar suas angústias dizendo-lhes que eles podem sempre fazer mais, uma vez que não há limite para a performance. (JEAMMET, 2005, s/n)

Nesse sentido, o desejo de ser visto leva-nos a procurar uma maneira de nos destacarmos, o que se torna muito mais difícil numa sociedade em que mais nada parece realmente causar surpresa ou espanto. Entre aqueles que estão narcisicamente fragilizados essa questão se agrava, pois sentem uma maior necessidade de afirmação ao mesmo tempo em que possuem menos recursos para isso. Como vimos nas patologias do agir, a autodestruição é um recurso, mas também a violência contra o outro é uma forma de se afirmar e chamar a atenção. Desse modo, não é a toa que presenciamos casos de violência dos mais assustadores:

O risco inerente ao homem é essa capacidade de fazer o mal sem limites, que nada mais é para mim do que o inverso, a imagem em espelho, da capacidade criadora. A destrutividade seria no fundo a criatividade do pobre, não no sentido econômico, e sim no daquele que se sente impotente, não visto por ninguém, sem valor (JEAMMET, 2005, s/n)

O autor não está afirmando, contudo que a configuração social contemporânea seja melhor ou pior que as precedentes, mas que é preciso estar atento para onde foi deslocado o problema:

[...] numa sociedade onde havia muitas proibições estruturadas, o problema era com os conflitos de desejo, ligados aos interditos, com o sofrimento que isso provocava, porém, numa sociedade mais livre, esse não é mais o verdadeiro problema. O problema é o do Eu, da representação que ele tem de si mesmo, do seu valor e das suas ligações com os outros. (JEAMMET, 2005, s/n)

Com normas cada vez mais flexíveis, com a falta de consenso sobre a ética, com o enfraquecimento das leis e onde, afinal, ninguém mais se impressiona com nada, fica difícil para o jovem reconhecer os limites. Questiona-se: se a transgressão é característica da adolescência, quais os parâmetros que lhes são dados hoje para transgredir?

Assim, se não queremos apenas descrever a complexidade social e psíquica mas, além de tudo, propor caminhos, podemos admitir a necessidade de diferenciação e fronteiras cada vez mais ausentes numa sociedade em que o adulto não se diferencia dos mais jovens – por falta de interesse, segurança, responsabilidade, por querer ser jovem a vida toda e, além disso, por hoje em dia estar fora de moda a restrição e a autoridade:

Sem o proibido, sem a interdição, é um pouco como se os adultos se indiferenciassem e não houvesse mais uma hierarquia [...] Esse é um perigo muito grande. Então, esquecemos o lado protetor do proibido, da interdição, que nos permite dizer sim a uma hierarquia de valores, que não é um tudo ou nada, mas é uma hierarquia, o que permite que haja reparação e que ainda tenhamos prazer na transgressão (JEAMMET, 2005, s/n).

Se a dependência dos pais em relação aos filhos tem consequências negativas para a construção da autonomia do adolescente, o seu afastamento produz resultados igualmente graves. Entre eles, há alguns jovens que encontram na criminalidade a visibilidade almejada, pois, colocando sua vida em risco, tornam-se o centro das atenções familiares, da comunidade e dos amigos. Os perigos de vida que correm não os amedrontam tanto quanto o risco da invisibilidade – como afirma Jeammet em sua entrevista: “Veja bem, indo mal, de um jeito ou de outro, se protegem da angústia de abandono e de não serem vistos [...]” (JEAMMET, 2005, s/n). Se a sociedade e seus meios de comunicação acreditam que colocando o jovem como o “vilão da história”, expondo as atrocidades cometidas por alguns deles como manchete de jornal irá coibi-los, podem estar cometendo um grave erro.

Essas são características que fundamentam a concepção do jovem como *espelho da sociedade* e como tal estaria refletindo, nos seus conflitos psíquicos e transtornos de comportamento, as contradições de uma sociedade de consumo. Os conflitos psíquicos fazem parte do processo da formação do sujeito em qualquer época. Sua expressão, sua dimensão e sua intensidade, porém, dependem dos recursos oferecidos pelo meio. Se observamos hoje uma juventude com tendências à violência e à apatia, recorrendo à agressão ao outro e a si próprio, não será preciso refletir se são esses os modos que eles encontram de obter visibilidade?

Em uma sociedade desigual como a nossa, são desiguais também os recursos que os jovens possuem para tal expressão. A desigualdade não está só nos recursos materiais e a exclusão não é apenas no poder de consumo. A desigualdade e a exclusão estão colocadas também em outras dimensões da experiência, como a disponibilidade de tempo para um ócio criativo, a presença de cuidados, de informações, de formações sólidas, de educação, de afetividade e de

reconhecimento. Enquanto os jovens economicamente privilegiados podem obter mais facilmente os diversos bens oferecidos no mercado para *compor a sua identidade*, (se é que isso pode ser visto como problemático e empobrecedor) os jovens pobres enfrentam grandes dilemas para definir suas prioridades num mundo que tanto lhes exige.

Capítulo 4. O trabalho de campo

A fim de elucidar a questão que impulsionou o projeto de pesquisa, me propus a ir a campo para me aproximar de um grupo de jovens com o perfil que delineei: moradores de periferias metropolitanas, com baixa renda individual e familiar. Considerando que na cidade de São Paulo muitos jovens se encontram nessa condição, as possibilidades eram inúmeras e o campo de pesquisa amplo: escolas públicas nas regiões economicamente desfavorecidas, as diversas ONGs com programas destinados aos jovens, a Fundação Casa (antiga Febem), as favelas, entre outras.

Tendo em vista, porém, que nenhuma dessas possibilidades, isoladamente, seria representativa o bastante para fazer uma caracterização geral do objeto dessa pesquisa, mas que era preciso me aproximar de sua realidade, escolhi trabalhar com jovens que fossem atendidos por uma instituição – em função do espaço e da regularidade das atividades – e que constituíssem um grupo não muito numeroso para que pudesse observá-los e conhecê-los, individualmente e na relação com o grupo.

Entrei em contato com algumas instituições atuantes na periferia de São Paulo e, nessa busca, conheci o Grupo de Assistência Social Bom Caminho, uma instituição que atende jovens da região Oeste de São Paulo/SP com o perfil do projeto e que abriu suas portas para que lá eu realizasse a pesquisa de campo.

A Instituição Bom Caminho

O Grupo de Assistência Social Bom Caminho é uma instituição beneficente, sem fins lucrativos²⁴. A entidade, conhecida na região em que atua pelo nome de um dos programas de distribuição de refeições que desenvolve, o “Sopão”, foi formada por um grupo de amigos seguidores da doutrina espírita kardecista²⁵ que já realizava um trabalho comunitário com crianças de famílias de baixa renda dessa mesma região. Sua fundação ocorreu em 8 de março de 2000 e desde então o grupo atua na busca de amparo e de integração da população local, principalmente das crianças e jovens que participam de atividades realizadas por educadores voluntários nos finais de semana.

²⁴ Mais informações sobre a instituição no endereço eletrônico <http://www.bomcaminho.com.br>.

²⁵ Kardecismo é o nome que se dá à doutrina espírita baseada nos escritos de Allan Kardec, definida por ele como uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, A. *O que é espiritismo?* Coleção Espiritualismo. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d).

O grupo atua no Jardim São Jorge, próximo ao Jardim João XXIII, às favelas do Miolo e do Arpoador e à COHAB Educandário. Os dados que levantamos sobre a região, apresentados no **apêndice A** desse trabalho, nos trazem algumas informações que consideramos não serem suficientes para descrevê-la, mas que certamente nos dão algumas indicações das condições de vida de sua população.

Em relação aos outros distritos que compõem a Administração Regional do Butantã, o distrito de Raposo Tavares apresenta condições adversas: crescimento demográfico acima da média; mais de 40% de seus habitantes recebem até cinco salários mínimos; a taxa de analfabetismo é a mais alta; até 2002 não havia equipamentos culturais na região como cinemas, salas de teatro e centros culturais; não há nenhuma instituição de ensino superior e não há nenhum equipamento de saúde especializado.

Não obstante as suas condições, o distrito em que se situa o Grupo de Assistência Social Bom Caminho é classificado como área de *classe média baixa*, conforme o estudo do Índice de Desenvolvimento Juvenil que também expomos no **apêndice B**. Essa classificação, porém, não é representativa da população atendida pela instituição, visto que o distrito apresenta desigualdades marcantes – presença de favelas e condomínios de luxo – e também porque a instituição privilegia o atendimento às famílias que mais precisam.

De acordo com as normas da instituição Bom Caminho, a inclusão das famílias nos programas de assistência social inicia-se com a triagem e cadastramento daquelas que vêm procurar auxílio. As famílias consideradas mais necessitadas são encaminhadas para os diversos programas educacionais direcionados: desde grupos infantis até a terceira idade. Para os jovens e *pré-adolescentes* – segmentos prioritários da casa – os objetivos da instituição são a “formação educacional” e a “elevação da auto-estima” através da reflexão de diversos temas que envolvem afeto, amor, vícios e violência²⁶.

Em 2007, a casa Bom Caminho contava com 138 trabalhadores voluntários residentes em diferentes regiões da cidade e dos mais diversos segmentos da sociedade, que atendiam 878 crianças de 394 famílias cadastradas.

²⁶ *Jornal Bom Caminho*, n.º 1, 1º de março de 2007.

Os programas da assistência social oferecidos e os benefícios²⁷ correspondentes são, resumidamente:

AUTO-AJUDA: grupo criado para atender às pessoas que procuram a instituição em busca de apoio contra algum tipo de viciação (álcool, fumo ou outras drogas), familiares de dependentes químicos e pessoas que apresentam sintomas de depressão. Esse programa é semanal e conduzido por uma psicóloga.

CESTA BÁSICA: distribuição de cestas básicas para famílias consideradas carentes pela Assistência Social, após visitas domiciliares periódicas. Somente são beneficiadas as famílias que estiverem cadastradas e participarem de algum grupo na instituição. Atualmente, são distribuídas 80 cestas básicas mensalmente.

GRUPO CORUJINHA: Amamentação, vacinação e alimentação da mãe são alguns dos assuntos discutidos nas reuniões desse grupo, com mulheres vindas do grupo de gestantes ou com filhos de 0 até 3 anos. As reuniões são quinzenais e a participação frequente da mãe garante à criança uma cesta de Natal na festa promovida pela instituição no final do ano.

GRUPO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: Programa destinado às crianças de 4 a 11 anos, com o objetivo de apoiar a formação moral. O programa conta atualmente com cinco turmas, divididas por faixa etária e os temas apresentados são: higiene, comportamento, respeito aos pais, conflitos, escola, entre outros. No final dos encontros, todas as crianças almoçam uma sopa na instituição, com direito a bolo, no último sábado de cada mês, resultado da comemoração dos aniversariantes. As reuniões ocorrem semanalmente e todas as crianças que participam de, no mínimo, 80% do total de aulas do ano, recebem uma sacolinha de Natal com roupas e calçados, na festa promovida pela instituição no final do ano.

GRUPO DE PRÉ-ADOLESCENTES E JOVENS: Programa destinado aos jovens de 12 a 17 anos. São discutidos assuntos atuais, como gravidez na adolescência, aborto, drogas, sexo, trabalho, educação, comportamento e muitos outros, sempre com o objetivo de orientá-los sobre limites e responsabilidades. No final dos encontros, todos os jovens recebem um lanche. Mensalmente são realizadas festas temáticas com o intuito de consolidar a convivência entre os jovens. O grupo se encontra todos os sábados e todos os jovens que participarem de, no mínimo, 80% do total de aulas do ano, recebem uma sacolinha de Natal na festa promovida pela instituição no final do ano.

GRUPO DE GESTANTES: Voltado para mulheres em fase de gestação, a partir do 4º. mês de gravidez. As reuniões trazem temas que demonstram a importância do pré-natal e dos cuidados da mãe durante esse período, orientando-lhes para uma gestação mais tranquila e

²⁷ Informações que têm como fonte o *website* da instituição <http://www.bomcaminho.com.br>, que alteramos em vista das modificações nos programas em 2007, observadas pela pesquisadora.

saudável. As reuniões ocorrem quinzenalmente e a participação freqüente da mãe premia-lhe com o enxoval do bebê quando ele nasce.

GRUPO DE MULHERES: Grupo dedicado à mulher, com o objetivo de conscientizá-la do seu papel na sociedade. Nessas reuniões são discutidos assuntos como casamento, problemas familiares, comportamento, trabalho, preconceito, entre outros. A instituição procura abrir um espaço semanal para que as mulheres se encontrem, troquem informações e sintam-se valorizadas.

ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA: Programa de orientação psicológica individual ou familiar para as famílias cadastradas.

SERVIÇO SOCIAL: O grupo tem por objetivo cadastrar as famílias, crianças e adolescentes que desejam serem atendidos pela instituição. O grupo também é responsável pela avaliação de todas as famílias cadastradas, buscando encontrar alguma necessidade específica da família que a instituição possa ajudar.

GRUPO DO SOPÃO: Preparação de mais de 90 litros de sopa, para serem distribuídos todos os sábados às crianças do grupo de educação infantil, às mães que vêm buscar seus filhos e para outros moradores da região. Há também os que trazem suas vasilhas para levar sopa para suas casas.

GRUPO DA TERCEIRA IDADE: Programa semanal desenvolvido para mulheres a partir dos 50 anos de idade, com o objetivo de resgatar valores de cidadania, de direitos e deveres, lazer e cultura.

VISITAS: Visitas às famílias cadastradas para avaliação e diagnóstico de seus problemas.

Fonte: Grupo de Assistência Social Bom Caminho: <http://www.bomcaminho.com.br>. Acesso dia 06/11/2007 (texto adaptado).

O objetivo do Grupo de Assistência Social Bom Caminho é atender ao seu público em suas necessidades materiais e espirituais. Apesar disso, não se exige que os membros das famílias cadastradas sigam a religião espírita e, pelo que me foi possível observar nos jovens, apenas uma minoria participa das atividades religiosas promovidas pela casa. Para exemplificar, daqueles que participam do grupo de jovens que pesquisamos, somente duas garotas participaram eventualmente do grupo de *evangelização juvenil* que se reúne em outros dias na instituição.

No presente trabalho, tais peculiaridades da instituição, em especial o fato de ser uma instituição religiosa e de atender um grupo de jovens em condição econômica extremamente

desfavorável, não serão desconsideradas. No entanto, como também pretendo mostrar, não são definitivas para compreender o grupo pesquisado.

A entrada como voluntária

Conheci a instituição em dezembro de 2004, enquanto estava desenvolvendo o projeto de pesquisa para a pós-graduação. Em fevereiro de 2005, após algumas reuniões com os dirigentes da casa e com a equipe de educação, iniciei o trabalho como voluntária no programa de educação para o Grupo de Jovens. Propus à instituição combinar o trabalho e o estudo e, a partir da interação com o grupo, definir melhor o objeto de pesquisa.

Nos anos de 2005 e 2006, o Grupo de Jovens compreendia meninos e meninas com idades entre 13 e 21 anos, que se reuniam todos os sábados à tarde para as atividades na instituição, tais como as palestras de educação moral, os grupos de discussão, as gincanas e as festas. Propus-me a estar presente em todos os encontros semanais para auxiliar no que fosse necessário: servir o lanche, organizar as salas e, eventualmente, expor algum tema sugerido pela instituição. Os dirigentes procuravam sempre montar um cronograma de atividades, mas que em determinados momentos era interrompido, seja pela mudança de voluntários que ministravam as aulas, seja por algum passeio proposto ou algum fato na comunidade considerado importante a ser discutido com os jovens – em geral algum caso de violência ou vício que envolvia membros do grupo.

Minha participação no grupo era constante, mas meu papel era incerto. Eu não era *aluna*, tampouco era *professora*. Eu não era parte da comunidade, mas também não era uma visitante. Como alguns jovens que fizeram parte do grupo tornaram-se também voluntários da Instituição Bom Caminho e como eu era mais jovem do que aqueles que ministravam as aulas – eu estava com 23 anos na época – acredito que o grupo me via numa posição intermediária entre uma colega e uma *tia* da casa (forma com que eles se referem às voluntárias da instituição).

O comportamento dos jovens foi sempre muito amigável. Diferente do que eu ouvia e via na relação entre alunos e professores durante as minhas observações nas escolas no curso de licenciatura – como situações de afronta e desrespeito freqüentes, por exemplo – minha convivência com eles foi tranqüila e não presenciei agressões físicas ou mesmo discussões mais graves. Postura dos jovens que pode ser explicada, entre outras coisas, pelo trabalho da instituição em promover a integração e a reflexão desses jovens sobre a convivência com o

outro e, além disso, porque a permanência do jovem no grupo exige disciplina com horário e bom comportamento.

As observações que relato nesse trabalho se iniciaram no momento em que entrei na instituição e se estendem por todo o período em que participei de suas atividades, como ainda estou fazendo. Já os questionários e entrevistas foram todos realizados entre maio e dezembro do ano de 2006. Para aplicar os questionários e as entrevistas, expliquei aos jovens que eu estava fazendo um trabalho para a faculdade e que gostaria de contar com a ajuda deles, esclarecendo que as suas identidades seriam ocultadas. Realizei a pesquisa sem interferir nas atividades normais do grupo, pois, embora muitas vezes os assuntos relacionados ao nosso tema – tais como a *juventude*, a *família*, a *educação*, os *vícios* e o *consumo* – fossem abordados nos debates, preferi colocá-la em prática fora do horário de aula e em momentos em que esses assuntos não estivessem em pauta. Optei por esse procedimento porque, segundo minhas observações nas primeiras atividades, muitos jovens reproduziam o que era defendido em aula tanto pelos educadores quanto por aqueles colegas que mais e melhor se expressavam. Além disso, como estive presente durante as aulas, as informações sobre as mesmas estarão contempladas nesse trabalho.

Já em 2007, o programa foi reformulado e houve uma divisão do grupo: os chamados *pré-adolescentes* (de 12 a 14 anos) e os *jovens* (de 15 a 17 anos), cada turma com cerca de 50 integrantes. Foi formado também outro grupo, chamado *mocidade*, para os jovens entre 18 e 25 anos, mas com enfoque no conhecimento da doutrina espírita kardecista. Durante esse ano o meu trabalho com os jovens foi mais bem definido: as atividades da turma dos *jovens*, aqueles entre 15 e 17 anos, ficaram sob minha responsabilidade, seguindo os temas sugeridos pela coordenação de educação do Bom Caminho, entre eles *o conhecimento de si*, *o ser jovem*, *as organizações sociais*, *os cuidados com o corpo*, *a violência*, *os vícios* e *a prostituição*. Continuamos organizando uma festa por mês, em que participaram os *pré-adolescentes* e os *jovens* – momentos muito importantes para a observação e para a interação com o grupo e em que se evidenciou a importância para esses jovens de *ver* e de serem *vistos* num ambiente social mais descontraído.

Houve assim, em 2007, uma alteração significativa da minha participação na instituição. Se antes eu pouco interferia nas atividades do grupo, durante esse ano, o meu trabalho foi mais bem definido e o grupo me via de uma forma diferente, pois saí de uma situação incerta para assumir o papel de *tia*. Como houve mudanças do trabalho como voluntária, alterou-se

também o meu trabalho de pesquisa, na medida em que passei a interferir mais no grupo. Diante dessa nova configuração, uma questão metodológica se colocou: eu deveria priorizar os dados recolhidos num momento de *estranhamento*, ou seja, quando surgiam as questões numa relação em que eu pouco interferia ou privilegiaria o meu próprio envolvimento, num momento em que eu estava realmente atuando na instituição?

Decidi, junto a minha orientadora, que esses momentos seriam considerados de acordo com suas especificidades, pois implicam na qualidade das questões e das eventuais respostas que se objetiva ter em campo. Por esse motivo, fizemos a opção metodológica de trabalhar com o material de pesquisa nos quais os jovens poderiam sentir-se mais expostos (os questionários e entrevistas), recolhidos em 2006, e as observações e comentários de atividades, nos quais acreditamos que eles se sentiam mais à vontade, foram contemplados por todo o período da pesquisa, de 2005 até a redação final desse relatório.

Os grupos de jovens

Como mencionamos sobre os procedimentos do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, aqueles que participam como usufrutuários de seus programas assistenciais percorrem um trajeto mais ou menos definido: pedem auxílio à instituição, passam por uma triagem em que se privilegia o atendimento das famílias economicamente mais necessitadas, os membros do grupo são matriculados nos diversos programas oferecidos pela casa e a partir daí passam a receber os benefícios.

A instituição promove o grupo de jovens desde sua fundação, no ano de 2000. Inicialmente e até 2004, o grupo se reunia aos sábados pela manhã com um número menor de jovens (cerca de 30) e dividia o espaço com os grupos de crianças. Nesse período, os encontros não ficavam restritos às atividades regulares do grupo, pois alguns jovens freqüentavam a instituição em outros horários, principalmente aos sábados à tarde e à noite e aproveitavam o espaço para encontrar os amigos que também faziam parte do grupo, para conversar, para assistir filmes, para comer etc. Estabeleceu-se entre os dirigentes e esses jovens uma relação muito próxima.

Com o passar dos anos e o aumento do número de participantes nos diversos grupos da casa, o grupo de jovens também cresceu e já não havia mais espaço no sobrado que é sede da instituição para que se reunissem todos os grupos no mesmo período. Em 2005, o grupo de jovens passou a realizar suas atividades regulares aos sábados à tarde, período em que não havia outros grupos reunidos na casa.

Talvez pelo número maior de jovens e também por aqueles que estavam lá há mais tempo não encontrarem um horário em que a casa estivesse livre de atividades, o grupo tornou-se menos coeso e formaram o que eles chamam de *panelinhas*, ou seja, grupos de amigos com mais afinidades. Durante o período em que estive presente na instituição, houve mudanças importantes na configuração dos grupos, sempre com a proposta clara da instituição em tornar as aulas mais interessantes para os jovens e torná-los mais unidos.

Foi em uma configuração de um grupo mais heterogêneo, entre 2005 e 2007, que iniciei minha observação. Havia certa nostalgia em relação aos grupos anteriores e uma tentativa de que as *panelinhas* se desfizessem para haver maior interação entre os jovens do grupo. Essa é uma tentativa que se mantém na casa e, embora haja muitos avanços, o número maior de alunos e sua diversidade de interesses parecem constituir-se como empecilhos.

No início de cada ano, um número muito grande de jovens é cadastrado no programa, pois as famílias que procuram a instituição são incentivadas a matricularem todos os seus membros nos programas correspondentes às suas faixas etárias e condição, como expomos anteriormente. Muitos jovens são cadastrados, portanto, sem que tenham um interesse efetivo de participar, o que explica o fato de muitos desistirem no decorrer do ano ou mesmo nunca terem assistido a uma aula. Essa é uma informação importante, pois é preciso destacar que a pesquisa é realizada com jovens que não necessariamente estabeleceram uma relação com a instituição e com o próprio grupo devido à participação inconstante. Isso sugere que a educação moral proposta pela casa incide sobre eles de forma desigual: enquanto uns tornam-se efetivamente parte do grupo, outros participam apenas de algumas atividades.

Tal situação implica na dificuldade de avaliar a influência da instituição Bom Caminho na formação moral desses jovens na medida em que há mudanças entre os anos e no decorrer de cada ano letivo. É ainda difícil traçar um perfil mais detalhado dos jovens que participaram das atividades do grupo. Todavia, é possível marcar algumas diferenças entre as turmas:

Grupo de Jovens em 2005

- no início do ano estavam cadastrados 133 jovens;
- idades entre 13 e 21 anos²⁸;
- 65 meninos e 68 meninas;

²⁸ Estavam cadastrados também uma garota de 11 anos e um garoto de 12 anos, considerados pela instituição “maduros” para participar do grupo de jovens.

- inicialmente a turma seria dividida em 4 salas, cada uma com um educador responsável;
- devido a mudanças constantes dos educadores responsáveis, o programa sofreu muitas alterações ao longo do ano. Versou sobre os seguintes temas: relações familiares, amizade, meio-ambiente, a cidade, o bairro e as profissões;
- metodologia: a proposta inicial era realizar uma aula expositiva, um jogo, um passeio e uma festa por mês. Porém, não foi possível seguir essa programação em função da falta de recursos materiais, principalmente para os passeios. Na maioria dos encontros houve exposição dos temas pelos educadores e trabalhos em grupo;
- em média 75 jovens participaram efetivamente das atividades até o final do ano letivo.

Grupo de jovens de 2006

- no início estavam cadastrados 153 jovens;
- idades entre 13 e 21 anos;
- 76 meninos e 77 meninas;
- o dirigente da instituição era responsável pela exposição das aulas e outros voluntários o apoiavam;
- o programa foi seguido mais regularmente e as aulas abordaram: riscos de vida, cuidados com o corpo, violência na cidade, compromissos com a vida, estudo, harmonia no lar, amor, amizade, saúde, noções de higiene e bem-estar;
- metodologia: aulas expositivas e trabalhos em grupo;
- em média 80 jovens participaram efetivamente das atividades até o final do ano letivo.

Grupo de jovens de 2007

- no início do ano estavam cadastrados 103 jovens;
- idades entre 15 e 17 anos²⁹;
- 57 meninos e 46 meninas;
- as aulas ficaram sob minha responsabilidade, seguindo as orientações e o auxílio dos dirigentes da instituição;
- o programa inicial proposto pela instituição foi seguido no primeiro semestre do ano. No segundo semestre decidimos abordar assuntos que preocupavam a direção em relação aos jovens da casa;

²⁹ Alguns jovens mais novos foram incluídos, pois a instituição considerou-os com maturidade para participar do grupo, assim como alunos menores de 17 anos foram convidados a participarem do grupo da mocidade que aborda temas religiosos e é formado por jovens, em sua maioria entre 18 e 25 anos.

- o programa no primeiro semestre continha os seguintes temas: maioridade penal, acidentes, ser jovem, identidade, amor, agressividade, suicídio, delinquência, doenças e aprendizado. No segundo semestre decidimos falar sobre drogas, prostituição, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e convivência;
- em média 40 jovens participaram efetivamente das atividades até o fim do ano letivo.

Chamo a atenção sobre esses aspectos, pois gostaria de iniciar o relato sobre as impressões de campo a partir de um ponto essencial: apesar de compartilharem do mesmo ambiente e situação econômica, o grupo não é, de forma alguma, homogêneo. Isso quer dizer que qualquer generalização pretendida nesse trabalho tem em conta os seus limites e tem em conta também que os sujeitos pesquisados não podem ser reduzidos ao rótulo de *jovens pobres moradores de periferia*. O que foi observado nesse ambiente restrito pode não ser representativo de todos os jovens que se encontrem nessa condição. Cada um deles possui sua personalidade e trajetória de vida que o faz ser único, sem dúvida.

Por outro lado, consideradas as diferenças, há também aspectos comuns que influem em alguma medida na sua individualidade. A partir de alguns desses fatores, podemos traçar um perfil mais geral do grupo pesquisado:

- *idades entre 13 e 21 anos;*
- *baixa renda familiar;*
- *residência em um bairro periférico da zona oeste de São Paulo;*
- *estudantes de escola pública;*
- *difícil acesso às zonas centrais da cidade devido ao transporte precário;*
- *poucas atividades culturais nas imediações de suas residências;*
- *usufruto de outros serviços públicos como transporte, pavimentação, saneamento básico, saúde e segurança de baixa qualidade.*

Esses aspectos, que serão discutidos ao longo desse trabalho, não nos autorizam a estabelecer generalizações que se estendam muito além do próprio grupo. No entanto, a pesquisa de campo suscitou questões importantes para se refletir, junto com a discussão teórica e as pesquisas qualitativas e quantitativas de maior abrangência, sobre a situação de diversos jovens que têm em comum essas mesmas condições objetivas de vida.

As primeiras questões

Fui apresentada ao grupo de jovens no início do ano letivo de 2005 como uma voluntária que auxiliaria as aulas. Disse a eles que eu estava fazendo faculdade e que pretendia estudar temas relacionados à juventude, o que me fez interessar pelo grupo. A partir de então tentei observá-los atentamente, interferindo o menos possível no andamento das aulas.

Desde o início dos trabalhos, o meu olhar estava voltado ao aspecto do consumo, o que no espaço das aulas não é algo tão simples de observar. Sem que eu os questionasse diretamente, não era possível responder a todas as indagações que eu trazia a campo como, por exemplo, quais eram as suas preferências de consumo materiais e culturais; como conseguiam os recursos para consumir os bens que desejavam e muito menos como se sentiam em relação à posse ou a impossibilidade de adquirir os objetos. Nesta fase inicial, então, concentrei minhas observações sobre os bens de consumo mais aparentes e procurei identificar suas roupas e objetos pessoais e logo notei que as roupas e os tênis de marca, os celulares, entre outros objetos que comumente se considera fora do poder aquisitivo desses de jovens, de alguma forma, eram acessíveis a um grande número deles.

Colocava-se então a questão: como esses garotos adquiriam esses objetos, mesmo possuindo uma renda familiar tão baixa? Além disso, numa situação em que se possui poucos recursos financeiros, não seria mais “correto” investir em objetos de menor custo e talvez mais “necessários”? Foram essas questões inspiradas no senso comum – no qual eu estava imersa – que impulsionaram o trabalho e que a pesquisa nos mostrou que não são nada fáceis de serem respondidas. Não há respostas únicas e diretas e existem muitos fatores ligados a elas. Além disso, aos poucos foi possível perceber a dimensão preconceituosa dessas questões, afinal, tais objetos são desejados por muitos jovens e adultos de diferentes poderes aquisitivos e por que não seriam igualmente desejados pelos jovens em condição econômica desfavorável?

Com o objetivo de aprofundar e problematizar essas questões, indo além das aparências, prosseguimos o trabalho de campo que consistiu em:

- *observar e participar das atividades realizadas com os jovens da instituição Bom Caminho, semanalmente aos sábados à tarde, mensalmente nas festas de aniversário e eventualmente em algum passeio ou evento extra;*
- *analisar as atividades realizadas pelos grupos de jovens que estivessem relacionadas ao tema da pesquisa;*

- *entrevistas individuais gravadas com 21 jovens da Instituição sobre preferências de consumo e os meios de adquiri-los;*
- *questionário aplicado a 63 jovens, com questões baseadas nas pesquisas Perfil da Juventude Brasileira³⁰; Dossiê Universo Jovem³¹ e “The \$100 Billion Allowance: How to Get Your Share of the Global Teen Market”³²;*
- *visitas à comunidade atendida pelo Grupo de Assistência Social Bom Caminho.*

Esse trabalho foi uma experiência muito rica de aprendizado. Sem pretender encontrar respostas simples sobre o cotidiano, os sentimentos, os desejos e as perspectivas desses jovens, pude adentrar em seu mundo que me é estranho e conhecer um pouco sobre o que é ser jovem em meio a exigências muitas vezes contraditórias, tendo recursos materiais e sociais tão reduzidos. O relato do trabalho de campo é um convite ao leitor a acompanhar a minha incursão nesse mundo.

Perfil dos jovens do Bom Caminho

A fim de conhecer os aspectos mais gerais sobre o grupo de jovens dessa pesquisa, montei um questionário composto por questões já elaboradas e aplicadas em outras pesquisas, identificando algumas características que os aproximam e que os diferenciam daquelas da média dos jovens brasileiros, de jovens de outros segmentos sociais e de jovens europeus, latino-americanos e estadunidenses.

A maior parte do questionário (15 questões) foi composta de questões elaboradas na pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, de iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania em parceria com o Instituto de Hospitalidade e com o Sebrae. Duas questões foram retiradas de outras duas pesquisas: uma encomendada pela MTV Brasileira divulgada no *Dossiê Universo Jovem* e a outra realizada por Elissa Moses publicada no livro “The \$100 Billion Allowance: How to Get Your Share of the Global Teen Market”.

Apliquei o questionário (ver **apêndice C**) no dia 2 de dezembro de 2006 a 63 jovens (32 garotas e 31 rapazes) do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, com idades entre 13 e 21 anos. Entreguei o questionário com 17 questões para que cada aluno respondesse individualmente. Expliquei as questões e estive presente durante o preenchimento para o esclarecimento de dúvidas. Como já havia aplicado algumas entrevistas semi-estruturadas

³⁰ O universo da população estudada na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (ABRAMO; BRANCO, 2005) é de 15 a 24 anos. As entrevistas foram realizadas com 3501 jovens de 128 municípios em todo o território brasileiro em 2003, através de um questionário estruturado com 160 perguntas em entrevistas pessoais e domiciliares.

³¹ Escritório de Pesquisa e Planejamento Wilma Rocca, 1999.

³² Moses, 2000.

gravadas com cerca de 20 jovens da instituição, optei por deixá-los mais à vontade para responder o questionário individualmente, na tentativa de que a minha presença tivesse menor interferência nas respostas.

Devido à desproporção entre as amostras e devido ao rigor metodológico entre a presente pesquisa e as pesquisas em que nos fundamentamos, não pudemos estabelecer comparações estatísticas. Os resultados obtidos nos auxiliaram, porém, a traçar um perfil do grupo de jovens que pesquisamos em relação às suas condições sociais, às suas atividades cotidianas e às suas preferências de consumo. Assinalamos e comentamos a seguir alguns pontos que consideramos importantes junto aos resultados das pesquisas nas quais nos baseamos.

Grau de escolaridade

Entre os 63 jovens que responderam o questionário, estão matriculados:

- *14 jovens na 5ª até a 7ª série do ensino fundamental;*
- *13 jovens na 8ª série do ensino fundamental;*
- *12 jovens na 1ª ou na 2ª série do ensino médio;*
- *5 jovens que estão na 3ª série do ensino médio;*
- *3 jovens que concluíram o ensino médio e estão no cursinho pré-vestibular³³;*
- *3 jovens que terminaram o ensino médio e não continuaram os estudos;*
- *10 jovens que não concluíram a educação básica e não estavam matriculados na escola no ano de 2006;*
- *3 jovens que estão estudando mas não responderam em qual série;*
- *nenhum dos jovens pesquisados estava matriculado na universidade, embora 17 entre eles serem maiores de 18 anos.*

Chama a atenção o fato de seis jovens em idade escolar não estarem matriculados em qualquer escola, não obstante a obrigatoriedade de escolarização no ciclo básico e a presença de um número significativo de escolas na região (22 escolas públicas na região do distrito de Raposo Tavares entre as 76 escolas públicas localizadas na área da Administração Regional do Butantã/AR-BT). Destaca-se também o fato de que os jovens que pesquisamos estão, em geral, defasados na correlação idade/série cursada. Dos 54 jovens que estão matriculados na escola, apenas 23 estão na série adequada para a sua idade.

³³ As três alunas que estão fazendo cursinho pré-vestibular foram contempladas com uma bolsa de estudos do Cursinho da Poli. Mais informações em <http://www.cursinhodapoli.org.br/>. Acesso em 29/10/2008.

Na pesquisa nacional observamos a ampliação do acesso ao ensino fundamental no Brasil, atingindo uma taxa líquida de 94,4% da população de 7 a 14 anos freqüentando o ensino fundamental³⁴. O ensino médio, apesar da sua rápida expansão, ainda não é acessível à grande parte da população com idade para cursá-lo. No Brasil, entre os jovens de 15 a 24 anos, apenas 52% estão matriculados já freqüentaram ou terminaram o ensino médio³⁵.

Tabela 1 - Grau de escolaridade

<i>Série</i>	<i>Brasil (%) (1)</i>	<i>Sudeste (%) (1)</i>
<i>Da 1ª a 3ª série do ensino fundamental</i>	<i>4</i>	<i>2</i>
<i>4ª série/primário completo</i>	<i>4</i>	<i>2</i>
<i>Da 5ª a 7ª série/ginásio incompleto</i>	<i>22</i>	<i>18</i>
<i>8ª série/fundame ntal completo</i>	<i>11</i>	<i>10</i>
<i>1ª ou 2ª série/médio incompleto</i>	<i>25</i>	<i>28</i>
<i>3ª série/médio completo</i>	<i>27</i>	<i>32</i>

³⁴ PNAD/IBGE, 2006.

³⁵ Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

▪ <i>Superior completo ou pós</i>	▪ 1	▪ 6
▪ <i>Não estuda no momento</i>	▪ 34 (2)	▪ 33 (2)

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.
(2) PNAD/IBGE, 2001, calculando a média simples entre os segmentos 15-17 e 18-19 anos.

Participação no mercado de trabalho

Entre os jovens maiores de 15 anos do grupo (49 jovens), que são considerados população economicamente ativa (PEA),

- *11 jovens disseram estar trabalhando no momento da pesquisa, sendo que apenas um jovem estava empregado no mercado de trabalho formal;*
- *10 jovens nunca trabalharam e não estavam procurando emprego;*
- *13 jovens nunca trabalharam, mas estavam procurando emprego;*
- *15 jovens já trabalharam e no momento estavam desempregados;*
- *um deles não respondeu essa questão.*

Podemos considerar que entre os economicamente ativos do grupo, 28 jovens, ou seja, mais de 50%, podem ser classificados como desempregados.

Acompanhando uma tendência global, o desemprego³⁶ entre os jovens brasileiros apresenta taxas elevadas. No Brasil apenas 36% dos jovens entre 15 e 24 anos conseguiram encontrar uma ocupação no mercado de trabalho. Há ainda maior dificuldade em conquistar o primeiro emprego, como ilustramos na tabela a seguir.

Tabela 2 - Inserção no mercado de trabalho

▪ <i>Situação ocupacional</i>	▪ <i>Brasil (%)</i>
-------------------------------	---------------------

³⁶ A situação de desemprego ou desocupação definida pelo IBGE corresponde ao percentual de pessoas desocupadas procurando trabalho entre os economicamente ativos (IBGE, 2007).

▪ <i>Trabalham</i>	▪ 36
▪ <i>Nunca trabalhou, nem procurou trabalho</i>	▪ 24
▪ <i>Nunca trabalhou, mas está procurando</i>	▪ 8
▪ <i>Já trabalhou e está desempregado</i>	▪ 32

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Renda familiar no último mês

No item “renda familiar” é preciso ressaltar que os baixos níveis de remuneração eram esperados, visto que os jovens atendidos pela instituição são selecionados entre as famílias mais necessitadas da região, que buscaram o auxílio do Grupo de Assistência Social Bom Caminho e não eram atendidas por outras instituições. De acordo com as respostas ao questionário,

- 27 jovens têm renda familiar de até 1 salário mínimo;
- 14 jovens têm renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos;
- 4 jovens têm renda familiar entre 2 e 5 salários mínimos;
- 2 jovens têm renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos;
- nenhum jovem tem renda familiar maior que 10 salários mínimos;
- 16 jovens não responderam.

Como pudemos observar, a maioria das famílias desses jovens recebia até o momento da pesquisa até dois salários mínimos (700 reais)³⁷. Devemos sublinhar que essa renda era utilizada para prover as necessidades de famílias grandes. Conforme o relato dos jovens pesquisados, é comum morarem na mesma casa mais de cinco crianças, os pais e outros familiares e agregados, o que resulta em uma renda *per capita* extremamente baixa. São

³⁷ O valor do salário mínimo no momento da elaboração do questionário (novembro de 2006) era de 350 reais.

recorrentes ainda os trabalhos informais das crianças e jovens como a única fonte de renda familiar ou mesmo famílias que não possuem renda alguma.

Esses números indicam uma condição de renda bem abaixo daquela que observamos na média do país e da região sudeste em particular:

Tabela 3 - Renda familiar

<i>▪ Renda familiar</i>	<i>▪ Brasil (%)</i>	<i>▪ Sudeste (%)</i>
<i>▪ Até 1 salário</i>	<i>▪ 18</i>	<i>▪ 9</i>
<i>▪ De 1 a 2 salários</i>	<i>▪ 24</i>	<i>▪ 23</i>
<i>▪ De 2 a 5 salários</i>	<i>▪ 31</i>	<i>▪ 36</i>
<i>▪ De 5 a 10 salários</i>	<i>▪ 9</i>	<i>▪ 11</i>
<i>▪ Mais de 10 salários</i>	<i>▪ 5</i>	<i>▪ 7</i>

Fontes: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Posse de filhos

Três jovens do Bom Caminho, no momento da pesquisa, já eram mães. É um número baixo se compararmos com a média brasileira, em que 22% dos jovens entre 15 e 24 anos já têm filhos. É preciso ressaltar, contudo, que muitas das mães adolescentes que participam das atividades da instituição Bom Caminho são encaminhadas para o grupo de Gestantes ou para o grupo Corujinha (Grupo das mães com filhos de até dois anos de idade). Além disso, ao longo do

ano de 2006, três garotas do grupo menores de 18 anos engravidaram, o que exemplifica como a gravidez na adolescência entre esses jovens é também recorrente.

Tabela 4 - Posse de filhos

	<i>Brasil (%)</i>
▪ <i>Não têm filhos</i>	▪ 78
▪ <i>Têm filhos</i>	▪ 22

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Com quem mora

Questionamos aos 63 jovens com quem eles moram e 25 jovens declararam que moram com cinco ou mais pessoas na mesma residência.

Quanto ao responsável pelo lar,

- 33 jovens moram com os pais e/ou padrastos;
- 19 jovens moram só com a mãe;
- 2 jovens moram só com o pai;
- 6 jovens moram com outros adultos mais velhos;
- 1 jovem mora com o cônjuge sem os pais;
- 1 jovem não respondeu.

Nessas tabelas verificamos que as famílias em que os pais coabitam com os filhos correspondem, em média, a 50% das residências. Podemos observar também um número expressivo de mulheres chefes de família: 19 famílias mantidas por mulheres no grupo pesquisado, indicando que a renda tende a ser menor, pois, além dessas mulheres serem responsáveis sozinhas pelo lar, o rendimento entre as mulheres é, em geral, inferior ao dos

homens. Como mostra pesquisa recente do IBGE³⁸ sobre os gastos das famílias brasileiras, em média, o rendimento de famílias chefiadas por homens entre 2002 e 2003 era 21% maior do que o das famílias chefiadas por mulheres.

Em comparação com a média brasileira, temos uma variação significativa em relação às famílias chefiadas por mulheres, que se apresenta em proporção menor que o grupo de jovens que pesquisamos.

Tabela 5 - Com quem mora

	<i>Brasil (%)</i>
<i>Moram com os pais e/ou padrastos</i>	48
<i>Moram só com a mãe</i>	15
<i>Com adulto mais velho</i>	13
<i>Moram só com o pai</i>	2

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Atividades que realiza de segunda à sexta-feira

Entre as atividades que os 63 jovens declararam realizar de segunda à sexta-feira, há diferenças importantes entre as pesquisas. Em relação aos três primeiros itens que constavam entre as alternativas (assistir TV, ouvir rádio e encontrar os amigos), os jovens do Bom Caminho declararam realizá-las com frequência bem menor do que a média nacional, divulgada pela pesquisa *Perfil da Juventude*.

³⁸ Portal do IBGE. “Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003 - Perfil das Despesas no Brasil - indicadores selecionados” – disponível no endereço eletrônico http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/pof/2002_2003perfil/default.shtm. Acesso em 30/08/2007.

- 33 jovens ajudam nas tarefas de casa;
- 32 jovens assistem TV;
- 32 jovens ouvem rádio;
- 24 jovens namoram;
- 21 jovens encontram os amigos;
- 19 jovens usam o computador;
- 16 jovens jogam futebol;
- 12 jovens estudam sem ser para a escola;
- 11 jovens lêem revistas;
- 10 jovens lêem livros;
- 10 jovens falam ao telefone;
- 9 jovens cantam ou tocam algum instrumento musical;
- 8 jovens praticam outros esportes (além do futebol);
- 5 jovens lêem jornal.

Contudo, por meio das observações e das entrevistas gravadas que realizamos com o grupo, é possível afirmar que as diferenças não são tão grandes. Supomos que essas atividades estão tão naturalizadas entre esses jovens que acabam fazendo sem o perceber – como, por exemplo, “assistir televisão”, atividade não muito citada nas respostas ao questionário dos jovens, mas que, apesar da baixa renda, dos 63 jovens, 55 disseram ter televisão em casa.

Falar ao telefone parece ser uma atividade não muito recorrente entre eles, provavelmente pela dificuldade de manter uma linha de telefonia fixa, cujos custos aumentaram muito com a expansão dos telefones celulares e o aumento dos valores de assinatura e serviço, além da possibilidade de comunicação via Internet que por sua vez é maior entre o grupo pesquisado, em função, principalmente, da popularização do seu uso nas *lan houses* e nas escolas da região.

Uma diferença importante, diretamente ligada à educação escolar deficitária da região, é observada na leitura de revistas e livros. Apenas 11 jovens do grupo pesquisado (nove meninas e dois meninos) afirmaram ler revistas durante a semana e dez (sete meninas e três meninos) disseram ler livros, o que corresponde a menos da metade da média nacional, respectivamente 55 e 44%.

Tabela 6 - Atividades que realiza de segunda à sexta-feira

<i>Atividades</i>	<i>Brasil (%)</i>
<i>Assistir TV</i>	<i>91</i>
<i>Ouvir rádio</i>	<i>89</i>
<i>Encontrar os amigos</i>	<i>82</i>
<i>Ajudar nas tarefas de casa</i>	<i>80</i>
<i>Falar ao telefone</i>	<i>68</i>
<i>Namorar</i>	<i>57</i>
<i>Ler revistas</i>	<i>55</i>
<i>Ler livros</i>	<i>44</i>
<i>Estudar (sem ser para a escola)</i>	<i>41</i>
<i>Ler jornal</i>	<i>35</i>
<i>Jogar futebol</i>	<i>31</i>
<i>Praticar esportes</i> <i>outros</i>	<i>26</i>

▪ <i>Usar o computador</i>	▪ 17
----------------------------	------

▪ <i>Cantar ou tocar instrumento musical</i>	▪ 16
--	------

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Atividades que realiza nos finais de semana

Não há diferenças significativas em relação às atividades realizadas durante a semana. Chama a atenção, contudo, a frequência ainda menor de leitura de livros, revistas e jornais nos finais de semana.

- 33 jovens encontram os amigos;
- 27 jovens ouvem rádio;
- 27 jovens namoram;
- 22 jovens assistem TV;
- 22 jovens ajudam nas tarefas de casa;
- 18 jovens usam o computador;
- 16 jovens jogam futebol;
- 11 jovens cantam ou tocam algum instrumento musical;
- 9 jovens praticam outro esporte (além do futebol);
- 6 jovens lêem livros;
- 6 jovens falam ao telefone;
- 3 jovens lêem revistas;
- 3 jovens estudam sem ser para a escola;
- 3 jovens lêem jornais.

Tabela 7 - Atividades que realiza nos finais de semana

<i>Atividades</i>	<i>Brasil (%)</i>
-------------------	-------------------

▪ <i>Assistir TV</i>	▪ 87
▪ <i>Ouvir rádio</i>	▪ 89
▪ <i>Encontrar os amigos</i>	▪ 90
▪ <i>Ajudar nas tarefas de casa</i>	▪ 73
▪ <i>Falar ao telefone</i>	▪ 67
▪ <i>Namorar</i>	▪ 73
▪ <i>Ler revistas</i>	▪ 46
▪ <i>Ler livros</i>	▪ 34
▪ <i>Estudar (sem ser para a escola)</i>	▪ 20
▪ <i>Ler jornal</i>	▪ 33
▪ <i>Jogar futebol</i>	▪ 39
▪ <i>Praticar outros esportes</i>	▪ 27
▪ <i>Usar o computador</i>	▪ 17
▪ <i>Cantar ou tocar instrumento musical</i>	▪ 18

▪ *Outros* ▪ -

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Atividades que mais gosta de fazer no tempo livre

Perguntamos aos alunos quais as atividades que eles mais gostam de fazer no tempo livre, mas que nem sempre têm condições de realizar e que só fazem de vez em quando. E responderam:

- *30 jovens gostam de ouvir rádio;*
- *28 jovens gostam de encontrar os amigos;*
- *27 jovens gostam de assistir TV;*
- *24 jovens gostam de namorar;*
- *22 jovens gostam de ir ao shopping;*
- *21 jovens gostam de ir a festas de amigos;*
- *18 jovens gostam de passear em praças ou parques;*
- *17 jovens gostam de ir ao cinema;*
- *17 jovens gostam de jogar futebol;*
- *15 jovens gostam de ir à praia;*
- *14 jovens gostam de ir ao teatro;*
- *13 jovens gostam de dançar;*
- *13 jovens gostam de ir à missa ou culto;*
- *12 jovens gostam de ir a bares;*
- *12 jovens gostam de viajar;*
- *8 jovens gostam de assistir jogo em estádio;*
- *7 jovens gostam de ouvir outros estilos de música (além de MPB, rock, pop ou funk);*
- *7 jovens gostam de ir à lanchonete;*
- *4 jovens gostam de ouvir música popular brasileira;*
- *4 jovens gostam de ouvir rock, pop ou funk;*
- *4 jovens gostam de ir ao circo.*

Na maioria dos itens, as respostas entre os grupos comparados são semelhantes. Notamos, no entanto, que as atividades aparentemente mais acessíveis são as preferidas pelos jovens do Bom Caminho em proporção maior que a média nacional: *jogar futebol, encontrar os amigos,*

namorar, assistir TV, ouvir música, ir ao shopping, passear em praças ou parques, ir a festas de amigos e ir a bares. Também denota que os meninos do Bom Caminho não parecem desejar o que não experimentam, como ir ao teatro, por exemplo, ou por estar relacionado à falta de equipamentos de lazer no bairro, como parques ou praças onde possam ir passear.

Tabela 8 - Atividades que mais gosta de fazer no tempo livre

<i>Atividades</i>	<i>Brasil (%)</i>
<i>Ir ao cinema</i>	28
<i>Dançar</i>	18
<i>Ir à missa ou culto</i>	18
<i>Ir à praia</i>	18
<i>Jogar futebol</i>	17
<i>Passear em praças ou parques</i>	15
<i>Ir a festas de amigos</i>	15
<i>Ir a bares</i>	13
<i>Ouvir música (MPB)</i>	11
<i>Ouvir música (outros)</i>	10

▪ <i>Ir ao circo</i>	▪ 10
▪ <i>Encontrar os amigos</i>	▪ 10
▪ <i>Viajar</i>	▪ 10
▪ <i>Assistir jogo em estádio</i>	▪ 9
▪ <i>Namorar</i>	▪ 9
▪ <i>Assistir TV</i>	▪ 9
▪ <i>Ouvir música</i>	▪ 9
▪ <i>Ir à lanchonete</i>	▪ 9
▪ <i>Ouvir música (rock, pop e funk)</i>	▪ 7
▪ <i>Ir ao teatro</i>	▪ 5

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Para a realização das tarefas que gostam, declaram como impedimentos:

- *A falta de dinheiro para 38 jovens;*
- *A falta de tempo para 30 jovens;*
- *10 jovens dizem serem impedidos pelos pais;*
- *3 jovens afirmam fazer tudo o que querem.*

Além do problema da falta de dinheiro, maior impedimento entre os jovens pesquisados do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, observamos que a falta de tempo foi um item muito citado (30 jovens), mesmo que quase todos os jovens não tenham nenhuma ocupação regular além da escola.

Tabela 9 - Impedimentos

▪ <i>Impedimentos</i>	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>
▪ <i>Falta de dinheiro</i>	▪ 41
▪ <i>Falta de tempo</i>	▪ 17
▪ <i>Pais não deixam</i>	▪ 12
▪ <i>Faz tudo o que quer</i>	▪ 10

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

Objetos que possui

Entre os itens pesquisados nos dois grupos (celular, *discman*/MP3, computador e câmera digital), a posse desses bens pelos jovens da nossa pesquisa mostra-se proporcionalmente menor que aquela encontrada na pesquisa da MTV, o que pode ser explicado por seu universo de pesquisa abranger jovens das classes A, B e C (56% da população).

Dos 63 jovens do Bom Caminho:

- 39 jovens possuem celular;
- 4 jovens possuem *discman*/MP3;

- 10 jovens têm computador;
- 6 jovens têm câmera digital;
- 24 jovens têm videogame.

Tabela 10 - Objetos que possui

▪ <i>Objetos</i>	▪ <i>Pesquisa MTV (%) (1)</i>
▪ <i>Celular</i>	▪ 71
▪ <i>Discman/MP3</i>	▪ 35
▪ <i>Computador</i>	▪ 46
▪ <i>Câmera digital</i>	▪ 24
▪ <i>Videogame</i>	▪ 52

Fonte: Escritório de Pesquisa e Planejamento Wilma Rocca, 1999.

O item que mais se aproxima entre as duas pesquisas é a posse de celular, objeto que vem se popularizando de forma acelerada nos últimos anos. De acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicação (Anatel) publicados no Portal Estadão, em 2007 os telefones móveis em uso no Brasil chegaram a 120 milhões. No fim do ano de 2006, o celular já estava presente em 59,3% das residências brasileiras, comparado com os 47,6% da presença do telefone fixo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁹.

Questionamos ainda ao grupo do Bom Caminho sobre a posse de itens que não constavam na pesquisa da MTV, que consideramos importantes para a nossa investigação:

³⁹ CELULARES TÊM O MAIOR CRESCIMENTO DA HISTÓRIA EM 2007. Estadão.com.br, Economia. 17 de janeiro de 2008, 10:48 on-line. Disponível em: http://www.estadao.com.br/economia/not_econ110828,0.htm. Acesso em: 18 mar. 2008.

- 68 jovens possuem aparelho de som;
- 55 jovens possuem TV;
- 38 jovens possuem telefone fixo;
- 25 jovens possuem tênis ou roupa de marca.

Objetos que gostaria de ter

Incluímos um item no questionário para o grupo de jovens da instituição que não constava nas pesquisas nas quais nos baseamos, pois consideramos importante saber quais são os objetos de consumo que esses jovens desejam possuir. As respostas foram as seguintes:

- 34 jovens gostariam de ter uma câmera fotográfica digital;
- 33 jovens gostariam de ter um discman ou um MP3;
- 33 jovens gostariam de ter um computador;
- 15 jovens gostariam de ter roupa ou tênis de marca;
- 14 jovens gostariam de ter um videogame;
- 12 jovens gostariam de ter um celular;
- 12 jovens gostariam de ter um telefone fixo;
- 6 jovens gostariam de ter um aparelho de som;
- 3 jovens gostariam de ter uma TV.

Verificamos então que a câmera digital é o objeto mais desejado, assinalado por 34 jovens; o computador e o *discman* ou MP3, ocupam o segundo lugar como objeto mais desejado pelos jovens entrevistados, assinalados por 33 jovens em cada um dos dois itens.

O celular parece ter deixado de ser objeto de desejo prioritário, como havíamos imaginado no início da pesquisa, e acreditamos que isso se deve ao fato de muitos jovens já o possuírem.

Chama a atenção o desejo pela câmera digital e pelo computador, relacionado à maior utilização da Internet por esses jovens, principalmente do *website* de relacionamento Orkut⁴⁰, como pudemos verificar na observação e nas entrevistas.

O desejo pelo tênis e pela roupa de marca contabilizou apenas 15 respostas, contrariando as nossas expectativas, pois nas entrevistas que apresentaremos a seguir quase todos os jovens colocaram a compra de roupa como prioridade. Contudo essa resposta pode estar relacionada a uma disputa mais presente na vida desses jovens e talvez por isso, mais difícil de admitir,

⁴⁰ Portal da rede de relacionamentos Orkut: <http://www.orkut.com>.

uma vez que as roupas “de marca”, diferente da máquina digital, são mais acessíveis e são utilizadas como forma de reconhecimento e participação no grupo.

Com o que você gasta o dinheiro que você ganha?

A essa pergunta, os jovens do grupo que pesquisamos responderam:

- *34 jovens ajudam os pais;*
- *27 jovens gastam em cosméticos e produtos de higiene pessoal;*
- *22 jovens gastam em roupas e tênis;*
- *17 jovens gastam em comida e lanches;*
- *10 jovens gastam em bebidas;*
- *10 jovens gastam em CDs;*
- *9 jovens gastam em DVDs;*
- *7 jovens gastam em idas ao cinema.*

Em relação à utilização do dinheiro por jovens em diferentes países, verificamos diferenças significativas. Analisando primeiramente o consumo de alimentos e bebidas, constatamos que os jovens estadunidenses têm um consumo que chega a ser proporcionalmente duas vezes maior que o dos jovens da América Latina e do grupo de jovens do Bom Caminho. Outra diferença importante está no consumo de bens audiovisuais, tais como os CDs, DVDs e a frequência ao cinema. Nos Estados Unidos e na Europa Ocidental o gasto com cinema chega a ser três vezes maior (respectivamente 37 e 41%) do que na América Latina (15%). O grupo que pesquisamos apresenta um interesse quantitativamente semelhante aos jovens latino americanos: sete jovens afirmaram gastar com idas ao cinema, entre os 63 que responderam o questionário. A diferença pode estar relacionada às condições que esses jovens dispõem para consumir, tanto em relação ao poder aquisitivo quanto ao acesso aos equipamentos culturais nos locais onde moram. Como verificamos na pesquisa sobre as condições de vida dos jovens entrevistados por nós, não havia salas de cinema no distrito de Raposo Tavares ao menos até 2002 (ver **apêndice A**). Por outro lado, é relativamente caro para eles e o acesso a outros bairros é dificultado pelos custos e problemas do transporte na região.

Podemos observar na **tabela 12** a prioridade dos jovens em relação aos seus gastos: as roupas e os tênis, cujo consumo é priorizado por 22 jovens do Bom Caminho, corresponde a cerca de 35% deles, similar aos números da Europa Ocidental (35%) e EUA (41%) e chega a ser mais que o dobro da média das classes altas na América Latina (14%). Destaca-se ainda o consumo

elevado de cosméticos e produtos de higiene pessoal entre os jovens do Bom Caminho em relação à média de todos os outros grupos: 27 jovens entre os 63 que afirmaram gastar o dinheiro que ganham com cosméticos.

Adicionamos ao questionário para os jovens da nossa pesquisa o item “outros” para ser respondido livremente, o que não estava presente na pesquisa de Elissa Moses (2000). Nesse item prevaleceram as respostas relacionadas ao auxílio aos pais em mais da metade das respostas.

Tabela 11 - Gastos comparativos dos jovens da Europa Ocidental, EUA e América Latina

	Europa Ocidental (%)	USA (%)	América Latina (%)
Comida e lanche	37	51	24
Bebidas	35	45	22
CDs	49	54	14
Cinema	37	41	15
DVD	12	13	4
Roupas e tênis	35	41	14
Cosméticos e higiene pessoal	23	24	8
Outros	-	-	-

Fonte: Moses, 2000.

Grau de satisfação com a vida por sexo

Os dados obtidos em relação ao “grau de satisfação” com a vida indicam diferenças entre aqueles obtidos na pesquisa *Perfil da Juventude* sobre os jovens brasileiros em geral e os jovens do Bom Caminho em particular.

Como nessa questão e na próxima questão que se refere às atividades domésticas há mais respostas, o que dificulta a comparação, optamos por apresentar os dados na mesma tabela e ambos em porcentagem para termos uma visão mais ampla, tendo em mente, porém, que a amplitude dessas pesquisas são tão diversas que se deve compará-las com reserva.

Em termos gerais, as respostas dos jovens que pesquisamos apontam para uma menor satisfação com a vida do que a média dos jovens brasileiros. Para eles, o bairro, a casa e mesmo as relações pessoais não estão conforme suas expectativas. Outro item importante na interpretação das tabelas é a dificuldade ou a falta de interesse em responder as questões: muitos jovens questionados por nós responderam não saber ou não quiseram responder os itens dessa questão. Selecionados entre os jovens de família de renda mais baixa de um bairro de baixa renda, escrever sobre aquilo que os humilha não é nada fácil.

Da mesma forma, notamos que o grau de satisfação com a família entre os jovens do Bom Caminho (66% entre as meninas e 55% entre os meninos responderam que estão muito satisfeitos) está abaixo da média dos jovens brasileiros (81% entre as meninas e 87% entre os meninos). Enquanto a diferença entre a alta satisfação das meninas e dos meninos na média brasileira é de apenas seis pontos, entre os jovens do Bom Caminho essa diferença é de onze. Destaca-se ainda a diferença enorme entre a alta satisfação com a família da média dos meninos brasileiros e daqueles do Bom Caminho, que chega a 32 pontos.

Sem negar os efeitos perversos que as difíceis condições de vida impõem sobre os laços familiares, é possível que, pressionados por apelos ao consumo, que incidem sobre eles pela democratização da mídia (79% deles têm televisão) pode-se aventar a hipótese que esses jovens considerem os pais culpados pelas condições em que vivem.

Contudo, em apenas um item o grau de satisfação se mostra consideravelmente maior que a média brasileira: a aparência física, mas apenas para as meninas. A média brasileira entre as meninas é de 55% enquanto a das jovens do Bom Caminho chega a 75%. Somente 24% dos meninos responderam estar muito satisfeitos com a aparência, o que corresponde a menos da metade da média entre os rapazes brasileiros, que é de 69%. Acreditamos ser esse um dado importante que nos fez questionar se, sob as mesmas condições socioeconômicas, o que levaria as meninas a estarem mais satisfeitas com a sua aparência pessoal enquanto os meninos se dizem menos satisfeitos? Uma hipótese que levantamos é que, diferente das

mulheres, que são sexualmente valorizadas na cultura brasileira, independente da condição financeira e cor da pele, os meninos são alvos de preconceito como discutimos no **capítulo 1**.

Tabela 12 - Grau de satisfação - público feminino

▪	▪ Muito		▪ Médio		▪ Pouco/nada		▪ Não sabe/não respondeu	
	▪		▪		▪		▪	
	▪ Brasil	▪ BC	▪ Brasil	▪ BC	▪ Brasil	▪ BC	▪ Brasil	▪ BC
▪	▪ (1)	▪ (2)	▪ (1)	▪ (2)	▪ (1)	▪ (2)	▪ (1)	▪ (2)
▪ Com a família	▪ 81	▪ 66	▪ 15	▪ 28	▪ 3	▪ 6	▪ 0	▪ 5
▪ Em relação à sexualidade	▪ 67	▪ 47	▪ 17	▪ 13	▪ 14	▪ 13	▪ 3	▪ 8
▪ Com a saúde física	▪ 66	▪ 69	▪ 27	▪ 28	▪ 8	▪ 0	▪ 0	▪ 6
▪ Com as amizades	▪ 62	▪ 34	▪ 27	▪ 59	▪ 11	▪ 6	▪ 0	▪ 6
▪ Com a aparência física	▪ 55	▪ 75	▪ 36	▪ 16	▪ 9	▪ 3	▪ 0	▪ 6

a

▪ Com a capacidade de tomar decisões	▪ 63	▪ 47	▪ 28	▪ 38	▪ 9	▪ 6	▪ 0	▪
▪ Com a casa em que mora	▪ 68	▪ 59	▪ 21	▪ 34	▪ 7	▪ 6	▪ 0	▪
▪ Com o bairro em que mora	▪ 46	▪ 38	▪ 29	▪ 56	▪ 25	▪ 6	▪ 0	▪
▪ Com relação ao amor	▪ 49	▪ 41	▪ 29	▪ 34	▪ 22	▪ 13	▪ 0	▪
▪ Com a educação escolar que recebeu	▪ 57	▪ 34	▪ 33	▪ 47	▪ 9	▪ 6	▪ 0	▪
▪ Com a maneira com	▪ 51	▪ 47	▪ 32	▪ 41	▪ 17	▪ 9	▪ 0	▪

o pass a o temp o livre									
Com as possi bilid ades de trab alho que tem hoje	19	13	28	31	52	31	0		

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.
(2) Pesquisa de campo

Tabela 13 - Grau de satisfação - público masculino

	Muito		Médio		Pouco/nada		Não sabe/não respondeu	
	Brasil	BC	Brasil	BC	Brasil	BC	Brasil	BC
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
Com a família	87	55	9	5	4	2	0	
Em relação à sexualidade	80	25	11	3	8	0	1	

▪ Com a saúde e física	▪ 76	▪ 25	▪ 19	▪ 2	▪ 5	▪ 0	▪ 0	▪ 0
▪ Com as amizades	▪ 71	▪ 22	▪ 20	▪ 8	▪ 9	▪ 0	▪ 0	▪ 0
▪ Com a aparência física	▪ 69	▪ 24	▪ 26	▪ 5	▪ 5	▪ 0	▪ 0	▪ 0
▪ Com a capacidade de tomar decisões	▪ 63	▪ 13	▪ 28	▪ 13	▪ 9	▪ 2	▪ 0	▪ 0
▪ Com a casa em que mora	▪ 68	▪ 27	▪ 21	▪ 2	▪ 7	▪ 0	▪ 0	▪ 0
▪ Com o bairro em que mora	▪ 56	▪ 11	▪ 26	▪ 17	▪ 17	▪ 2	▪ 0	▪ 0

▪ Com relaç ão ao amor	▪ 49	▪ 16	▪ 33	▪ 10	▪ 18	▪ 2	▪ 0	▪ 1
▪ Com a educ ação escol ar que rece beu	▪ 59	▪ 13	▪ 29	▪ 10	▪ 12	▪ 3	▪ 0	▪ 1
▪ Com a man eira com o pass a o temp o livre	▪ 59	▪ 16	▪ 29	▪ 8	▪ 12	▪ 2	▪ 0	▪ 1
▪ Com as possi bilid ades de trab alho que tem hoje	▪ 26	▪ 8	▪ 27	▪ 10	▪ 47	▪ 8	▪ 0	▪ 1

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.
(2) Pesquisa de campo.

Frequência que costuma fazer as tarefas domésticas em casa

Os dados obtidos sobre a realização de tarefas domésticas não indicam que os meninos e meninas do Bom Caminho dediquem mais ou menos tempo às tarefas domésticas que a média da população jovem brasileira. Enquanto os jovens de nossa pesquisa realizam mais tarefas,

como varrer a casa e cuidar de crianças, na média brasileira os jovens lavam e passam roupas, fazem compras e pagam contas com maior frequência que os jovens de nossa pesquisa.

Confirmamos a divisão de tarefas entre rapazes e garotas: as meninas realizam indiscutivelmente mais tarefas domésticas. Porém, os rapazes do Bom Caminho parecem realizar mais tarefas domésticas que a média brasileira para o gênero.

Tabela 14 - Frequência que realiza atividades domésticas - total (meninas e meninos)

	<i>Sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>	
	<i>Brasil (%) (1)</i>	<i>BC (%) (2)</i>	<i>Brasil (%) (1)</i>	<i>BC (%) (2)</i>	<i>Brasil (%) (1)</i>	<i>BC (%) (2)</i>
<i>Varrer a casa</i>	49	54	38	35	3	11
<i>Cuidar de crianças mais novas</i>	28	37	20	24	52	40
<i>Fazer comida</i>	35	25	39	33	26	41
<i>Lavar e passar roupas</i>	30	19	33	35	3	46
<i>Fazer compras</i>	31	17	43	49	25	33

▪ <i>Pagar contas</i>	▪ 31	▪ 24	▪ 40	▪ 25	▪ 29	▪ 51
-----------------------	------	------	------	------	------	------

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.

(2) Pesquisa de campo

Tabela 15 - Frequência que realiza atividades domésticas - meninas

	<i>Sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>	
	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>
▪ <i>Varrer a casa</i>	▪ 77	▪ 69	▪ 21	▪ 28	▪ 2	▪ 3
▪ <i>Cuidar de crianças mais novas</i>	▪ 43	▪ 44	▪ 15	▪ 25	▪ 43	▪ 31
▪ <i>Fazer comida</i>	▪ 55	▪ 44	▪ 36	▪ 44	▪ 9	▪ 13
▪ <i>Lavar e passar roupas</i>	▪ 49	▪ 25	▪ 36	▪ 53	▪ 16	▪ 22
▪ <i>Fazer compras</i>	▪ 42	▪ 16	▪ 39	▪ 69	▪ 19	▪ 16

▪ <i>Pagar contas</i>	▪ 33	▪ 16	▪ 36	▪ 34	▪ 32	▪ 50
-----------------------	------	------	------	------	------	------

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.
(2) Pesquisa de campo

Tabela 16 - Frequência que realiza atividades domésticas - meninos

	<i>Sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>	
	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>	▪ <i>Brasil (%) (1)</i>	▪ <i>BC (%) (2)</i>
▪ <i>Varrer a casa</i>	▪ 21	▪ 39	▪ 55	▪ 42	▪ 24	▪ 19
▪ <i>Cuidar de crianças mais novas</i>	▪ 13	▪ 19	▪ 25	▪ 23	▪ 62	▪ 48
▪ <i>Fazer comida</i>	▪ 14	▪ 6	▪ 42	▪ 23	▪ 44	▪ 71
▪ <i>Lavar e passar roupas</i>	▪ 10	▪ 13	▪ 30	▪ 16	▪ 60	▪ 71
▪ <i>Fazer compras</i>	▪ 20	▪ 19	▪ 48	▪ 29	▪ 32	▪ 52

▪ <i>Pagar contas</i>	▪ 29	▪ 32	▪ 44	▪ 16	▪ 27	▪ 52
---------------------------	------	------	------	------	------	------

Fontes: (1) Perfil da Juventude Brasileira, 2005.
(2) Pesquisa de campo

Observações de campo e comentários sobre as atividades

Como colocado anteriormente, as observações de campo relatadas nessa dissertação contemplam todo o período em que participei das atividades do Grupo de Assistência Social Bom Caminho. Em função da agitação que caracterizava todas as atividades do grupo – tanto pelo número de jovens que participavam quanto pela atenção que demandavam – não me era possível fazer anotações enquanto eu estava no espaço da instituição ou nas atividades externas. Procurei, então, desde o início da pesquisa, fazer um diário de campo, isto é, escrever sobre minhas impressões logo depois que eu saía do trabalho com os jovens.

Nessa parte do trabalho, reproduzo algumas dessas anotações que considerei ilustrativas da minha interação com o grupo. Muitas das conversas que descrevo são ocasiões em que tínhamos a oportunidade de conversar antes ou depois das aulas, enquanto preparávamos a decoração das festas ou durante os passeios. Nessa interação, me foi possível captar os discursos e o contexto em que os mesmos se inseriam, o que me mostrou que as condições objetivas da vida desses jovens muitas vezes me diziam mais do que eles mesmos puderam contar – particularmente entre esses jovens que temem o preconceito e a exposição de circunstâncias das quais nem sempre é possível orgulhar-se.

Apresento ainda nessa parte do trabalho alguns comentários sobre as atividades realizadas pelos jovens nos nossos encontros semanais. Como estive presente em quase todas as aulas nos últimos três anos e tive acesso aos trabalhos escritos dos jovens (redações e relatórios de atividades), o volume de dados que disponho é grande e como os alunos entravam e saíam do grupo, a situação era instável e traria um relato muito confuso se colocado aqui integralmente e em ordem cronológica. Optei então por selecionar alguns desses comentários e expô-los junto com as observações, de acordo com os assuntos que me chamaram mais a atenção, como segue, lembrando que todos os nomes que mencionaremos são fictícios.

O uso de drogas

Apesar das exigências da instituição e do perfil que se imagina de um jovem que participa de um grupo com aspirações morais, há entre eles alguns usuários de drogas e trabalhadores do tráfico. A situação desses jovens é conhecida no grupo, mas não é tratada abertamente. A relação da instituição com a comunidade e com a família é muito próxima e as informações sobre esses jovens circulam à margem das atividades do grupo, pois não há interesse de expô-los individualmente.

Não há diferenciação instituída no grupo entre os usuários e os não-usuários de drogas. Somente após um episódio no segundo semestre de 2006, em que o jovem Wallace de 16 anos havia levado maconha para um dos passeios, gerando uma reação muito negativa por parte do próprio grupo, houve uma tentativa de tratamento diferenciado em relação aos jovens dependentes de drogas em uma atividade realizada na instituição e em uma outra num sítio com a participação restrita desses jovens e dos dirigentes do Bom Caminho. Pelo relato dos dirigentes as atividades correram bem, contudo não houve continuidade e logo os jovens voltaram ao grupo.

Sobre a abordagem do tema das drogas nas aulas, em uma das dinâmicas de grupo da turma de 2006⁴¹, perguntamos a eles quais eram os fatores que mais induziam os jovens a usarem drogas e lhe sugerimos três possibilidades: *curiosidade*, *influência dos amigos* e *fuga dos problemas*. Todos os alunos responderam que o principal motivo era a curiosidade sobre os efeitos da droga, mas acrescentaram que a influência do grupo faz muita diferença, pois se os amigos dizem que é bom, eles vão querer experimentar e se, além disso, a pessoa tiver problemas, ela usa a droga para esquecê-los.

No começo de 2007, foi interessante observar que numa redação que propusemos com o tema “Quem sou eu”⁴², muitos jovens incluíram na definição do seu perfil o fato de não serem usuários de drogas. Essa afirmação pode ser indicativa do quanto as drogas estão presentes em seu cotidiano ou mesmo do efeito das campanhas anti-drogas entre eles ou entre eles e a instituição, assim como podem ser constitutivas da identidade dos jovens.

Trabalhamos sobre esse tema mais detidamente no segundo semestre desse mesmo ano, quando um dos dirigentes da casa propôs que fizéssemos atividades que tratassem do crack,

⁴¹ Atividade regular da instituição no dia 19 de julho de 2006, aplicada pela pesquisadora.

⁴² Atividade proposta para os jovens no dia 19 de fevereiro de 2007, aplicada pelos educadores da instituição.

uma droga conhecida por ser forte e barata e que tem sua imagem associada ao consumo pelos jovens pobres e moradores de rua:

Preparei uma atividade com a intenção de saber o que eles conheciam sobre o crack para depois expor as informações que eu havia pesquisado, alertando sobre seus efeitos e consequências para a saúde. Para não intimidá-los, estimei uma competição entre grupos na sala em que eles não precisariam revelar quem tinha as informações. Havia também uma premiação para o grupo mais bem informado (uma ida ao cinema) como forma de incentivá-los.

Eles pareceram muito entusiasmados em falar sobre algo que eles sabiam ou o que acreditavam saber, principalmente o Wallace, 16 anos, o Lucas, 17 anos e o Otávio, 16 anos.

O trabalho foi importante, pois revelou o desconhecimento sobre muitas informações importantes em relação ao crack – até mesmo daqueles que deixaram a entender já tê-lo consumido – como, por exemplo, o desconhecimento sobre sua constituição (restos de cocaína misturados com bicarbonato e que muitos acreditavam que era feito da cachaça 51⁴³ e de fermento em pó).

Sobre se o uso do crack poderia levar a morte, uma jovem respondeu: “Sim, porque se você fuma e é viciado pode vender tudo o que tem para comprar e às vezes por dívida você pode perder a vida e se estiver drogado pode ser atropelado, espancado ou até mesmo se mata sem noção do que fez” (Samantha, 15 anos) e quando questionamos sobre como podemos perceber quando uma pessoa está viciada em crack, surge outra resposta interessante: “Quando começa a vender as coisas dentro de casa, quando começa a agredir os familiares e quando começa a vender as coisas da ‘biqueira’⁴⁴”.

O grupo vencedor acertou todas as questões sobre o crack. Eles não se esforçaram em ocultar quem sabia o quê e ficou claro que o Wallace deu todas as respostas ao grupo e parecia orgulhoso em saber sobre o assunto. Por outro lado, não se mostrou orgulhoso por usar, pois o tempo todo enfatizava nas respostas a mudança de comportamento decorrente do uso de drogas como algo negativo.

Atividade regular dos jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 4 de agosto de 2007

Continuamos na aula seguinte discutindo o tema das drogas:

Pedi que eles escolhessem um tipo de droga ou um tema relacionado para pesquisarem e depois exporem para os colegas.

Um grupo escolheu falar sobre o ecstasy⁴⁵ e tinha informações como: que a droga só faz efeito se beber água; que uma “balinha” custa R\$25,00 e que deixa a pessoa “elétrica” a noite inteira. O grupo trocou muitas informações sobre o assunto e aparentemente eles têm um contato próximo com essa droga.

Outro grupo escolheu falar sobre como pode ser tratado o viciado. Era o grupo em que se concentrava o maior número de usuários e ex-usuários que eu tinha conhecimento. Dois deles já haviam passado por clínicas de recuperação. O Otávio, 16 anos, passou três meses em uma clínica e disse que teve bons resultados, pois conseguiu parar de usar. O Lucas, 17

⁴³ 51 é a cachaça, também conhecida como *pinga*, mais popular e mais vendida no Brasil. Mais informações: <http://www.cachaca51.com>, Acesso 10/10/2007.

⁴⁴ *Biqueira* refere-se aos trabalhos informais e eventuais também conhecidos como *bicos*. Em alguns casos o termo refere-se ao dinheiro ganho com o tráfico de drogas.

⁴⁵ “O ecstasy é uma substância psicoativa designada como 3,4 metilenodioximetanfetamina. Foi sintetizada pela empresa Merck em 1914 e é chamada droga de recreio ou de desenho, pois possui ação estimulante e alucinógena” (Portal Brasil Escola: <http://www.brasilecola.com/drogas/ecstasy.htm>, Acesso em 29/11/2007).

anos, disse que ficou internado durante dois meses. Era para ficar um ano, mas disseram que ele poderia ir embora e ele foi. Eu perguntei se o tratamento havia dado resultado e ele respondeu: “Ah adiantou, né. Antes eu usava mais coisa. Eu cheirava, fumava [...] só não usava crack”. Outro rapaz, o João Paulo, 16 anos, também é usuário. O Lucas disse: “Olha esse aí ó, pergunta pra ele, ele também fuma. Pede pra ele tirar o óculos, quer ver?”

Atividade regular dos jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 11 de agosto de 2007

Em seu programa de educação moral para os jovens, o Grupo de Assistência Social Bom Caminho apresenta valores morais e informa sobre os males das drogas lícitas e ilícitas. Mesmo não sendo uma atividade obrigatória a esses jovens como a escola, por exemplo, a instituição é uma referência para aqueles que a frequentam com assiduidade. Como discutimos no **capítulo 3**, o adolescente está num momento de questionamento da postura dos pais ou daqueles que representam seus papéis. Nesse processo, a norma é um componente fundamental para incitar um diálogo com o jovem, mesmo que seja para sua contestação (JEAMMET, 2005). Se os jovens que pesquisamos por vontade própria frequentam um ambiente que tem a direção moral como sua principal função, podemos supor a necessidade desses jovens por referências, mesmo que sejam para serem transgredidas.

Se analisarmos ainda o uso de drogas como um transtorno de comportamento (JEAMMET; CORCOS, 2005), podemos interpretar a drogadição como uma forma do adolescente expressar o seu mal-estar. Muitos dos jovens que precisam de ajuda não estão em condições de pedir, mas encontram a atenção que procuram na preocupação, nas broncas e nas sanções colocadas pelos dirigentes e educadores do Bom Caminho.

Como também foi discutido no **capítulo 3**, não há uma forma única de transtornos de comportamento. O recurso utilizado, como a droga por exemplo, depende do ambiente em que o adolescente se encontra. A proximidade com o tráfico de drogas, realizado abertamente nas ruas e nas vielas da região em que os jovens sujeitos dessa pesquisa moram, é um fator agravante. É importante, dessa maneira, não só de estarmos atentos às condições psíquicas desses adolescentes como também às condições que o meio oferece para a sua manifestação.

Os bicos

Poucos desses jovens obtêm renda própria através do trabalho formal. Durante o ano de 2006 apenas três entre eles foram contratados por empresas: uma garota de 17 anos que conseguiu trabalho em uma lanchonete, outra garota de 19 anos que trabalha num escritório e um rapaz

de 18 anos que trabalhou durante alguns meses em uma loja. Outros trabalhavam no mercado informal vendendo doces no farol, auxiliando em serviços de construção, distribuindo panfletos, trabalhando como cabeleireiro, manicure etc.

No grupo de jovens de 2007, nenhum deles estava empregado formalmente. Por outro lado, foi perceptível o aumento do número de jovens que estavam realizando serviços informais, o que levou alguns deles a abandonarem as atividades do grupo. Alguns vieram nos informar pessoalmente que sairiam do grupo em função de um trabalho que haviam conseguido e soubemos de outros que estavam trabalhando quando tivemos uma reunião com os pais no início do segundo semestre, em que as mães vieram explicar as ausências de seus filhos:

Mãe do Roberto, 15 anos: [...] disse que o filho não estava vindo, pois arrumou um emprego em um lava-rápido nos finais de semana e que, além disso, estava estudando e fazendo um curso de cabeleireiro.

[...]

Mãe e irmã do Guilherme, 17 anos: a mãe avisou que o filho não estava vindo, pois estava trabalhando aos sábados e a irmã informou que o trabalho era fazer malabarismo nos faróis. Talvez ele não conseguisse mais voltar ao grupo naquele ano.

[...]

Mãe do Rodrigo, 16 anos: disse-nos que o Rodrigo está trabalhando também em um lava-rápido nos finais de semana.

[...]

*Reunião com os pais dos jovens assistidos pelo Grupo de Assistência Social Bom Caminho,
no dia 28 de julho de 2007*

Além desses três jovens, outros vieram justificar suas faltas em função de trabalhos remunerados que estavam realizando: o Edson, 16 anos, estava adestrando animais; o Jeferson, 17 anos, trabalhava como ajudante de pedreiro; o João Paulo, 17 anos, entregava panfletos na Av. Paulista; o Miguel, 16 anos, trabalhava em uma lanchonete; o Luiz, 16 anos, trabalhava no bar do pai; o Wallace, 16, anos trabalhava na Ceagesp e em duas feiras-livres (uma no Paraíso e outra na Aclimação), e o Leonardo, 17 anos, o Lucas, 17 anos, o Luiz Augusto, 19 anos, e o Maurício, 17 anos, eventualmente faltavam às aulas para trabalharem como ajudantes de pedreiro.

Outros ainda, em especial entre os jovens do grupo de 2006, trabalhavam cobrando dívidas de traficantes e agiotas e tinham como instrumentos de trabalho um carro ou moto e, em alguns casos, uma arma de fogo. Dentre eles, algumas garotas:

Daniela, 14 anos, mãe de um bebê de poucos meses, nos contou que recebeu dez reais para participar de uma cobrança. Ela disse que usou o dinheiro para comprar cigarro. Disse que tinha medo, mas foi convencida pelos amigos (entre eles o Nilson, 17 anos, do grupo de jovens) que argumentaram que ela era bonita e precisava ser esperta. Daniela queria também chamar a atenção do pai de seu filho, o João, 18, que também fez parte do grupo de jovens no ano anterior.

Conversa informal no Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 6 de maio de 2006

Nas conversas informais com o grupo de 2006 não havia esforço por parte de alguns jovens em ocultar sua participação em atividades ilegais como o tráfico e o furto. O envolvimento com o tráfico era revelado de maneira indireta por alguns deles. Os garotos que participavam dessas atividades eram sempre os mais vigiados e os mais cobrados pelos trabalhadores da instituição e, por isso, acabavam concentrando a atenção de todos em geral. Eram, além disso, os que se vestiam melhor, os mais desinibidos e os que tinham as melhores histórias a contar, tornando-se os mais “populares”.

O comprometimento com atividades ilegais era “deixado no ar”. Os jovens chegavam à aula sob o efeito de drogas, falavam dos embates com policiais, traziam novos pertences fora de seu poder aquisitivo e outras atitudes que acabaram por nos indicar aqueles jovens mais comprometidos. Por outro lado, quando discutíamos os vícios e a criminalidade na sala de aula, esses mesmos alunos nunca admitiam abertamente seu envolvimento; pelo contrário, manifestavam reprovação a tais práticas. Seus discursos soavam contraditórios, o que me dificultou ter informações mais claras sobre como essas atividades se davam e mesmo sobre os recursos que delas obtinham.

Voltando ao que foi discutido no **capítulo 3**, o jovem tende a sobrepor o investimento no mundo externo ao investimento no mundo interno e está mais vulnerável ao olhar do outro (JEAMMET, 2005). Por isso é preciso considerar a importância dos recursos financeiros para os jovens, pois são sujeitos que estão se formando em um contexto no qual as pessoas são valorizadas pela sua aparência e o consumo é a forma que encontram de “adquirir uma personalidade” (BAUDRILLARD, 1983).

Na busca por valorização e reconhecimento, o recurso financeiro é essencial. Mas as oportunidades de trabalho são escassas, mesmo as mais precárias. Pudemos perceber que a escolha entre atividades legais ou ilegais, mais “leves” ou “pesadas” para os jovens sujeitos dessa pesquisa, são definidas em geral mais pelas oportunidades que se oferecem do que por seus valores pessoais.

Violência

Há alguns meninos comprometidos em atividades criminosas, outros não têm envolvimento com essas atividades, mas todos, porém, têm a violência como algo muito próximo. Suas vidas estão repletas de histórias de agressões, pessoas próximas que estão presas ou que já passaram pelo sistema carcerário, de perda de amigos e de familiares. São meninos e meninas que estão constantemente expostos a situações que colocam suas vidas em risco, independentemente de quem são, do que sentem e do que fazem, como nos mostram em alguns relatos:

Certa vez, fora do ambiente de aula, o Lucas, 19 anos, comentou que já tinha visto três mortes. Disse que em uma noite sua casa foi invadida por traficantes que queriam “acertar as contas” com o seu cunhado que tinha desavenças no tráfico. Lucas pediu para que não fizessem nada com a família dele e afirmou que os bandidos diziam: “ninguém vai mexer com sua família não, vamos só pegar o cara”. Foi o que aconteceu. Deram um “tiro de doze” no ex-cunhado do rapaz procurado dentro do quarto de Lucas que depois teve que levar sozinho o corpo para fora da casa. Esse episódio fez com que a família de Lucas decidisse morar em outro estado. O jovem foi junto, mas logo decidiu voltar para São Paulo para morar com uma tia e quase não mantém mais contato com seus pais.

Conversa informal no dia 9 de setembro de 2006 no Grupo de Assistência Social Bom Caminho

Entrevistei Letícia, 18 anos, sobre suas atividades do dia-a-dia e preferências de consumo. Durante a entrevista, Luiza contou-me sobre o seu irmão. Disse que na passagem do ano de 2004 para 2005 estavam todos se preparando para as festas de *reveillon* quando chamaram seu irmão para ir até um bar na vizinhança. Próximo a esse bar ficava a casa da ex-namorada do rapaz que morava com a irmã, o cunhado e um sobrinho. Não se sabe exatamente o que ocorreu, mas acredita-se que o irmão de Luiza envolveu-se numa briga com os familiares de sua ex-namorada e acabou sendo esfaqueado por sua ex-cunhada. O rapaz foi socorrido e levado ao hospital e quando Luiza, sua irmã e sua mãe foram avisadas, ele já havia falecido.

Conversa informal no dia 13 de outubro de 2006 no Grupo de Assistência Social Bom Caminho

Flávia, 14 anos, também tem uma triste história familiar. Conforme me relatou na presença de mais uma amiga, seu pai havia “viciado” sua mãe no consumo de drogas. Durante o seu período de infância, “tinha um padrão de vida bom” e morava em um apartamento na praia.

Depois de algum tempo, a mãe de Flávia perdeu tudo que tinha por causa do vício e o pai da garota foi assassinado. Ela e a mãe se mudaram para o Jd. São Jorge (bairro onde se localiza a instituição) e logo sua mãe se envolveu com “umas pessoas erradas”. Um dia vieram cobrar uma dívida e a mãe de Flávia levou cinco tiros e sobreviveu. Tiveram que se mudar pra uma outra casa no mesmo bairro. Em seguida, sua mãe começou a namorar um homem que “não prestava” e continuou correndo perigo. A mãe estava grávida quando levou mais sete tiros, mas novamente sobreviveu e ainda conseguiu dar à luz a irmã mais nova de Flávia. Seu relato terminou com uma frase impossível de esquecer: “Sabe, acho que a minha irmã é especial, minha mãe levou sete tiros e ela nasceu mesmo assim”. Atualmente, a mãe da garota vive como indigente, andando pelo bairro, não quer mais voltar para casa e “não tem mais vontade de viver”. Nesse mesmo dia que me contou a história, Flávia havia encontrado sua mãe e quis levá-la para casa, mas não conseguiu. Disse que ficou triste, pois não gostava de ver a mãe “por aí”.

Conversa informal no dia 22 de abril de 2006 no Grupo de Assistência Social Bom Caminho

Além de tristes histórias familiares, alguns dos garotos passaram por situações que por pouco não os levaram à morte.

Na festa de Natal de 2006, quando encerrava o trabalho dos voluntários, o dirigente da instituição nos contou que João, um garoto de 15 anos do grupo de jovens, não compareceu à festa, pois havia sido levado para o Conselho Tutelar depois de sofrer agressões e ser “jurado de morte”. No começo de 2007, João estava de volta para a sua casa e ao grupo de jovens e me contou o que ocorreu: um de seus amigos, da mesma idade que ele, havia sido acusado por moradores locais de ter tentado roubar uma casa da comunidade. O rapaz estava sendo procurado e num momento que João estava junto foram violentamente agredidos por alguns homens pelo crime que acreditavam que o rapaz havia cometido. João apanhou muito disse que teve medo de morrer. O outro rapaz foi gravemente ferido, seus braços foram quebrados e sofreu inúmeras lesões que o deixaram desfigurado.

Relatos do dirigente do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 16 de dezembro de 2006 e do jovem João em 3 de março de 2007

Otávio, 16 anos, também passou por experiências muito próximas à morte. O garoto estava muito implicado com criminosos locais e era obrigado a ajudar a “dar fim” a corpos de vítimas, por exemplo. Certa vez, Otávio, após ter encontrado um pacote de maconha e tentado vender, foi pego por esses criminosos e teve seu corpo coberto de gasolina e dizem que só não lhe atearam fogo em consideração às suplicas de sua mãe. Otávio ficou vários

meses “fora de circulação”, numa clínica para dependentes químicos. Meses depois, sua mãe conversou com os traficantes e ele pôde voltar ao grupo de jovens no começo do ano de 2007.

Relato de voluntários do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 13 de agosto de 2006

Infelizmente, outro jovem do grupo não conseguiu se salvar.

No final de 2005, Marcos tinha 17 anos e fazia parte do grupo de jovens junto com suas irmãs. Ele havia acabado de se iniciar em um emprego, quando teve a oportunidade de trabalhar numa atividade que lhe parecia mais rentável: a cobrança de dívidas feitas com agiotas locais, ameaçando os devedores. Para isso, teria disponível uma moto, receberia uma boa quantia em dinheiro por semana, além de ganhar roupas novas e viagens. Aceitou a proposta e abandonou o trabalho formal. Dizem os voluntários da casa que tomaram conhecimento do perigo que o garoto corria e tentaram persuadi-lo a desistir do trabalho para os agiotas. Mas Marcos não mudou de idéia e, um dia, quando estava na garupa da moto de um rapaz que estava fazendo cobrança com ele, Marcos foi atingido por tiros disparados por seus “colegas de trabalho” e não sobreviveu.

Relato de voluntários do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em novembro de 2005

Esses relatos nos dão uma idéia da dimensão da desigualdade entre os jovens de diferentes classes sociais não só em relação ao aspecto econômico, mas também na exposição à violência. Quando tentamos entender as novas construções de subjetividades, precisamos estar atentos a esse aspecto, pois não podemos considerar que um jovem com experiências tão próximas à morte possa se formar do mesmo modo que aquele jovem que vive menos exposto à violência. São diferentes modos de vida que podem refletir tanto nos seus relacionamentos como nas suas perspectivas de futuro.

Outros relatos mostram ainda que esses jovens estão expostos à violência física e psicológica por sua própria condição e independente do que façam:

Estávamos eu e mais cinco jovens – dois meninos e três meninas – em um *shopping center*. Durante alguns minutos, deixamos os dois meninos, um de 15 e outro de 14 anos sozinhos olhando uma vitrine. Um deles disse assustado assim que voltamos: “ainda bem que você chegou, tia” e eu também assustada perguntei o porquê e eles me contaram que o segurança foi até eles e questionou o que estavam fazendo ali parados na frente da loja. O garoto disse que estava esperando as amigas e então o segurança se afastou, mas continuou os

observando. Percebi o problema, porém eu disse que não era “nada demais” para não estragar o passeio, afinal era a primeira vez que dois dos cinco jovens iam ao cinema. Algum tempo depois, o mesmo segurança passou ao nosso lado e o garoto falou no meu ouvido ainda assustado: “É esse aí, tia, é esse aí que veio intimidar a gente”.

Ida ao cinema com cinco jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, dia 17 de março de 2006

Circunstância que parece ser recorrente na vida desses jovens, mas que esse menino de 15 anos, que dificilmente sai do bairro em que mora, parece não ter percebido sua gravidade. No entanto, em outras situações, há uma discriminação mais explícita. Muitos jovens do grupo disseram já terem sido agredidos por policiais militares. Admitiam que, em algumas vezes, a abordagem tinha algum motivo claro, mas que em geral, a violência que sofriam não era justificada.

O jovem Maurício de 17 anos e eu estávamos conversando sobre trabalho e ele disse que estava esperando ser chamado para servir o exército. Disse-me que gostaria muito de servir, pois teria vários benefícios, entre eles que: “[...] quando você sai à noite, anda com aquele negócio [aponta para o ombro, provavelmente referindo-se ao distintivo] aí os policiais não batem em você [...]”. Perguntei: mas por que eles iriam bater em você?” E ele respondeu: “ah, quando sai da balada, sabe? Quando os policiais batem” Então Maurício me contou que é muito comum quando saem da balada – geralmente uma casa de shows nas proximidades do bairro – serem agredidos por policiais que fazem a “revista”. Ele comentou que muitas pessoas realmente usam drogas dentro do local e que há muitas brigas, reconhecendo que é um lugar “barra pesada”. Porém o jovem, mesmo sem resistir à abordagem e sem portar nada que o comprometesse, era agredido.

Conversa informal no dia 19 de maio de 2007 no Grupo de Assistência Social Bom Caminho

Assisti com eles ao filme “Uma onda no ar”⁴⁶, que contava a história verídica da criação de uma rádio comunitária em uma favela em Belo Horizonte/MG. No filme são mostradas inúmeras cenas que destacam o preconceito de cor e de condição social e a arbitrariedade da polícia em relação à população moradora da favela. Depois do filme, houve um debate entre os educadores e os jovens. Nesse debate questionamos o que chamou a atenção no filme e alguns responderam que “mostrava a realidade” e que eles vivenciavam muitas situações

⁴⁶ UMA ONDA NO AR, 2002.

parecidas com aquelas mostradas no filme, como o fato de serem vítimas freqüentes do abuso de poder policial.

Fui com 19 alunos e mais dois voluntários da instituição em um espaço cultural assistir ao filme “Uma onda no ar”. Não sabíamos qual filme seria e no desenrolar da projeção me surpreendi com a temática: tráfico, favela e preconceito de cor.

Depois de assistirmos ao filme, participamos de um debate com a coordenadora do projeto.

Todos os jovens disseram ter gostado muito do filme e um deles chamou a atenção para o preconceito sofrido pelos negros. Disse: “É a realidade. Principalmente quando a gente vai no shopping os seguranças vêm logo embaçando”. (João Paulo, 15 anos, 01/09/2007)

Outros jovens confirmaram que o filme expressava a realidade que eles também viviam. Quando a coordenadora do projeto comentou sobre a abordagem policial, todos se manifestaram como se aquilo fosse algo corriqueiro, inclusive para as meninas. Os meninos, por sua vez, comentaram que era tão comum que no dia anterior ao filme haviam sido abordados violentamente por policiais militares.

A coordenadora perguntou se os jovens teriam muito a dizer, caso tivessem uma rádio, assim como os protagonistas do filme. Um deles respondeu que “muita coisa” e que talvez “desse para escrever um livro” (João, 16 anos, 01/09/2007).

Atividade com os jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, dia 1º de setembro de 2007

Na semana seguinte ao filme, propus que eles respondessem por escrito algumas questões relacionadas ao preconceito e à violência policial. As respostas que recebi foram ainda mais acusatórias:

Sobre a polícia:

Eu gostaria que as outras pessoas soubessem que os policiais hoje em dia não são os anjos que eles pensam. Porque eles batem nas pessoas inocentes e os errados sempre saem ganhando. (Thalita, 15 anos, 08/09/2007)

[...] muitos policiais trabalham drogados outros batem porque para eles é um esporte bater nos outros. (Márcio, 15 anos, 08/09/2007)

[...] você pode não estar com nada que eles [os policiais] chegam batendo sem motivo algum. (Miguel, 14 anos, 08/09/2007)

[...] principalmente quando não estamos com documentos ou quando não vão com a nossa cara! (Sueli, 15 anos, 08/09/2007)

[...] eles [os policiais] acham que qualquer lugar é livre pra eles fazer o que quiser, só que as vezes é os próprios que ligam e fazem denúncia (Karen, 16 anos, 08/09/2006).

[...] sim, são aqueles que só porque tem farda pensa que é o dono do mundo. (Patrícia, 15 anos, 08/09/2007)

[...] sim porque ainda há preconceito e racismo contra os pobres. (Lilian, 14 anos, 08/09/2007)

[...] principalmente as [policiais] femininas que vão com a mão na nossa cara. (Thalita, 15 anos, 08/09/2007)

[...] porque se tiver alguém na rua sozinho e não tiver flagrante nenhum, eles batem muito porque não tem ninguém por perto para fazer alguma coisa. Ou então eles forjam drogas na pessoa e leva para a delegacia e até a pessoa provar que focinho de burro não é tomada ele já tá em cana há uns três anos (Carina, 15 anos, 08/09/2007).

Sobre o preconceito em relação à condição social:

[...] porque tem favela e outros lugares que não tem muita violência às vezes. Por as pessoas serem humildes, tem pessoas que pensam mal do lugar sem ter provas. (Beatriz, 15 anos, 08/09/2007)

[...] só porque é pobre pensa que são todos iguais e não é bem assim porque na comunidade pobre tem muita gente trabalhando para sobreviver. (Patrícia, 15 anos, 08/09/2007)

Sobre o preconceito de cor:

[...] os negros têm dificuldade em encontrar trabalho por causa da cor da pele. (Alan, 15 anos, 08/09/2007)

[...] porque o preconceito nunca vai acabar, pois parece que as pessoas já nasceram com ele ou como se ele fosse ensinado. (Márcio, 15 anos, 08/09/2007)

[...] os negros sofrem para encontrar emprego em shoppings ou em lugares chiques. (Samantha, 14 anos, 08/09/2007)

[...] por causa da cor da pele muitos não são aceitos no trabalho e sofrem muito. Os brancos se sentem no direito de humilhar [...] os brancos 0,01 por cento já fazem isso. (Roberta, 15 anos, 08/09/2007)

[...] o negro sofre muito com a polícia, na hora de arrumar emprego e na escola. Pessoas brancas têm mais oportunidades do que um negro (Sueli, 15 anos, 08/09/2007).

[...] em 1888 a Lei áurea que a Princesa Isabel assinou. O negro foi jogado na rua e essa lei não adiantou porque o negro continua sendo discriminado. (Edson, 16 anos, 08/09/2007)

Com essas atividades, pudemos compreender a situação de vulnerabilidade desses sujeitos. Jovens que se encontram em meio ao fogo cruzado entre policiais e traficantes, em meio a

conflitos familiares e outras tantas ocorrências comuns aos ambientes abandonados pelo Estado. Locais em que muitos conflitos não se resolvem pela da justiça, mas através violência.

Em relação às práticas policiais, persiste a perseguição aos jovens, que remete aos tempos da ditadura, ou mesmo aos tempos da escravidão. Se uma parcela de jovens foi reprimida por seus movimentos de contestação, num momento histórico conhecido e aclamado, a repressão baseada na estigmatização do jovem pobre como delinqüente é, no entanto, muito mais difundida, violenta, numerosa, pertinaz e pouco conhecida. No entanto, os jovens não são os principais agentes da violência e nem do tráfico, como pode ser observado nos números sobre a criminalidade no Brasil (ADORNO, S., 1999) analisados no **capítulo 2** desse trabalho.

Adorno e Horkheimer (1985) alertaram que a perseguição aos mais fracos ou a um grupo minoritário é uma prática histórica comum às sociedades cuja organização se funda na dominação. Os agressores são, em geral, sujeitos que sentem necessidade de extravasarem sua violência interna, como reflexo da violência social que afeta a todos. Se considerarmos que não há grandes diferenças na configuração social e psíquica entre nossa época e aquela analisada por Adorno e Horkheimer (CROCHIK, 2000), podemos entender que os policiais militares, numa posição de dominação, também encontram na perseguição aos jovens, uma forma de extravasar sua agressividade. O objeto de perseguição, acrescentam Adorno e Horkheimer, não representa uma ameaça. É, ao contrário, um alvo fácil e sem possibilidade de defesa. Ora, é mais fácil demonstrar poder agredindo jovens que estão pelas ruas desprotegidos do que perseguindo criminosos fortes e armados.

A proteção policial no Brasil atende preferencialmente à elite econômica (CHAUÍ, 1995), atuando, muitas vezes como guardas de fronteira entre o centro e a periferia e entre os ricos e os pobres (PINHEIRO, 2001), consolidando a xenofobia nos moldes contemporâneos ligada a questões socioeconômicas, acentuando o distanciamento dos grupos sociais (LIPOVETSKY, 1994).

Como mais uma das incoerências sociais que observamos atualmente, destaca-se a contradição da valorização cultural do *ser jovem* como “estado de espírito” (KEHL, 2004) e a perseguição dos jovens pelos agentes da ordem. Nessa contradição, porém, a discriminação econômica é coerente. Se os jovens de classe média e alta encontram no consumo uma forma de inclusão e distração, os jovens mais pobres não encontram lugar nessa sociedade em que mal conseguem ocupar o seu tempo. Os policiais, como afirmam os nossos sujeitos da

pesquisa, desrespeitam seu direito de ir e vir, cerceando a liberdade dos jovens de ficar na rua com os amigos, o único lazer que ainda resta a muitos deles.

Relações familiares

Como discutimos no **capítulo 3, *O jovem entre a dependência e a liberdade***, dentre os grupos, a família é concebida como o primeiro e fundamental espaço de formação psíquica do indivíduo, bem como da formação de um ser social. É a principal fonte de valores e das regras de convivência transmitidas às crianças e jovens e é a partir das influências familiares que o indivíduo irá agir dentro do grupo social mais amplo.

Nas atividades, os jovens deixavam clara a importância que dão à família. A mãe é frequentemente citada como uma pessoa batalhadora e é apontada como modelo de vida para muitos deles. Nota-se também a ausência do pai biológico nas famílias da maioria desses jovens, o que se expressa no apego à mãe, nas responsabilidades que afirmam ter em seus lares e nas histórias de separação e abandono. Alguns relatos confirmam a importância da figura materna e a compreensão sobre suas faltas:

Lucas, 18 anos, cuja família foi morar em outro estado, nos contou que acha importante estudar, pois quer mostrar para a mãe que ele é capaz: “Um dia minha mãe vai dizer com orgulho: esse é meu filho” e completou: “mas isso se ela estiver viva pra ver”. Aí brinquei com ele: “nossa, coitada da sua mãe, isso é jeito de falar?” Ao que ele respondeu: “ah, tia, do jeito que ela bebe [...]”.

Conversa informal no dia 9 de setembro de 2006 no Grupo de Assistência Social Bom Caminho

Outra situação em que se mostrou clara a importância do relacionamento com a mãe foi um debate que fizemos na instituição:

Após assistirmos o filme “Aos Treze”⁴⁷, questionamos com alunos o que eles consideravam ter influenciado a transformação da protagonista do filme (uma garota estudiosa, considerada “certinha”, que passou a usar drogas e ter problemas com a escola) e a maioria dos jovens respondeu que a relação com a mãe da garota era o principal problema. O jovem Nilson, 17 anos, chamou a atenção para o fato de a protagonista ter visto a mãe ir comprar roupas contrabandeadas pagando a vendedora com dinheiro e drogas. Outros jovens

⁴⁷ AOS TREZE, 2003.

mencionaram a ausência do pai e outros mencionaram ainda a relação da mãe com o namorado que não a tratava bem e era viciado em drogas. Marcelo, 18 anos, disse ainda que a menina de fato queria atenção e se a mãe conversasse com a filha, tal mudança não ocorreria. Outros alunos concordaram com Marcelo e disseram que a falta de diálogo é um grande problema.

Continuando o debate, questionamos se a mãe deles os tratava como crianças ou como jovens. Alguns deles responderam que os pais os tratam como crianças. Nilson, por exemplo, disse que a sua mãe o chama de “neném” e brincou: “olha o meu tamanho, não dá pra chamar de neném”. Nilson é muito apegado à mãe, apesar de ela ser alcoólatra e sempre ter batido muito nele (conforme me disse um voluntário da instituição). Seu pai morreu assassinado e o rapaz mantém sozinho a sua casa com os bicos que faz como pedreiro e com os serviços para o tráfico de drogas.

Falamos também para os garotos da diferença entre morar em uma casa (como espaço físico) e em um Lar (que pressupõe companheirismo, amor e respeito entre as pessoas). Pedimos que levantassem a mão aqueles que viviam realmente em um lar. Somente três alunos dos cerca de 70 levantaram a mão.

Atividade regular dos jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 29 de julho de 2006

A relação dos jovens com aqueles que representam a figura paterna (pai, padrasto, avô etc.) é muitas vezes positiva, como pudemos ler em algumas redações do grupo de jovens de 2006 sobre a família:

[...] tenho muito orgulho do meu pai que me ajudou a superar a morte da mãe (Deise, 18 anos, agosto de 2006).

Ou em 2007, numa atividade sobre o Dia dos Pais:

Meu pai não é só um pai, ele é duas vezes mais que um pai, ele é um guerreiro [...]. (Carina, 15 anos, agosto de 2007)

Entretanto, sobressaem os casos em que o pai é ausente ou mantém uma relação conturbada com os filhos:

Eu não vejo meu pai há nove anos, mas sempre vou guardar ele no coração [...]. (Gisele, 16 anos, agosto de 2007)

Queria que meu pai fosse o oposto do que ele é [...]. (Cláudia, 15 anos, agosto de 2007)

Eu queria que meu pai fosse que nem minha mãe, que conversasse comigo, me aconselhasse, desse carinho e tratasse do jeito que minha mãe me trata [...] (Karen, 16 anos, agosto de 2007)

[...] quando a gente sai ele [o pai] briga com a minha mãe e a gente não gosta quando ele briga com ela. Agora eu peço a Deus que ele não brigue mais com a gente (Vitória, 17 anos, 2007)

São relações que surtem efeito no comportamento dos adolescentes, intensificando seus conflitos, como se pode supor no relato de algumas jovens:

A Cláudia, 15 anos, e a Roberta, 16 anos, disseram já terem feito cortes nos pulsos e me mostraram as marcas. A Carla, além dessas marcas no pulso, me mostrou outras cicatrizes de cortes que havia feito nos braços.

Os motivos são praticamente os mesmos. As duas sofreram decepções amorosas e têm problemas com o pai.

A Cláudia me contou que estava mal porque descobriu que o menino que ela está apaixonada é homossexual. Isso é o que a angustia atualmente, mas contou que o seu maior problema é com o pai, que é separado da mãe e não lhe dá a atenção que deseja. Disse que nos dias que se encontram, o pai a leva sempre aos mesmos lugares escolhidos pelos filhos que tem com a outra esposa. Sente-se mal ainda por seu pai sempre a comparar com a mãe dela.

A Roberta disse que sofre há três anos por amor ao mesmo garoto. Uma das vezes que cortou o pulso disse ter sido por causa dele. Porém, também afirma que seu principal motivo de angústia são os problemas na relação com o pai, que desqualifica tudo o que ela faz, que agride a mãe e os irmãos menores.

Conversa informal no Grupo de Assistência Social Bom Caminho dia 8 de setembro de 2007

Não é possível afirmar se tais relatos expressam a realidade do relacionamento dos jovens com seus pais, pois não mantivemos muito contato com seus familiares. Porém acreditamos ser importante reproduzir aqui como alguns jovens sentem esse relacionamento ou, pelo menos, como eles o descrevem.

Tive um encontro programado com os pais dos jovens do grupo em julho de 2007, quando a instituição promoveu uma reunião entre os pais e os educadores. Foi um dos poucos momentos em que pude conversar com as mães (os pais também eram convidados, mas nenhum esteve presente). As impressões sobre esse encontro foram, principalmente, a

importância da instituição para as famílias. Chamou-me também a atenção a aparência dessas mães, pois quase todas aparentavam ser mais humildes se comparadas à aparência dos seus próprios filhos:

Às oito e meia da manhã do sábado, dia 28 de julho de 2007, fizemos a primeira reunião com os pais do grupo de jovens. Surpreendeu a todos o número de mães presentes e em particular o interesse de muitas mães em saber como estavam se comportando os filhos adolescentes em sala.

Eram simpáticas e afirmavam a importância que o curso no Bom Caminho tinha para seus filhos. A preocupação com as faltas dos filhos era o principal assunto, o que pode estar relacionado ao fato de que o recebimento de cesta básica e da cesta de natal depende da frequência dos filhos nas aulas.

Chamou-me a atenção o fato das mães, se comparadas aos seus filhos, terem uma aparência bastante descuidada em relação ao vestuário.

[...]

*Reunião com os pais dos jovens assistidos pelo Grupo de Assistência Social Bom Caminho,
no dia 28 de julho de 2007*

A importância que as mães conferem ao trabalho do Grupo de Assistência Social Bom Caminho pode ser uma expressão da dificuldade que elas têm de educar seus filhos ante as adversidades que se colocam para todos pais e mães, em especial, para aqueles com condições materiais precárias e que vivem em um ambiente violento.

A família, como o grupo mais importante no processo de socialização, tem perdido a sua capacidade de proteção e de formação de sujeitos autônomos (HORKHEIMER; ADORNO, 1973). Além das questões materiais, tais como o desemprego e os baixos salários das classes populares, que trazem mudanças nas relações familiares e nos papéis de cada membro da família, a instituição familiar é transformada ainda por uma cultura hedonista. A juventude, celebrada como um estado de espírito, é também desejada e vivenciada pelos pais desses jovens, não só por uma simples escolha pessoal, mas por estarem do mesmo modo submetidos a imposições sociais para o cuidado de si e para o culto à felicidade e ao prazer (LIPOVETSKY, 1994).

As mães dos jovens sujeitos dessa pesquisa parecem também acompanhar essa tendência. Não obstante sua aparência descuidada como observamos acima – o que pode ser explicado em

parte pelo fato do Bom Caminho ser um espaço de sociabilidade para os jovens, mas não para suas mães – muitas entre elas vivem o “espírito juvenil”. Um aspecto que chama a atenção nos relatos dos jovens e dos voluntários da instituição sobre as mulheres atendidas pelo Bom Caminho é a troca constante de parceiros e um eventual uso de drogas ilícitas – dados talvez supervalorizados, uma vez que se trata de uma instituição de cunho religioso – e a frequência aos bares da região, o que pude observar pessoalmente. É como se os comportamentos considerados específicos da adolescência se prolongassem. Dificilmente encontraremos as figuras típicas de mães abnegadas e pais provedores, como se idealiza sobre essas famílias, pelos antigos moldes burgueses. Contudo, como alerta Lipovetsky (1994), o cuidado de si não significa necessariamente o desinvestimento no outro, mas uma rehierarquização nas suas preocupações. Isso quer dizer que os pais não abdicaram do cuidado de seus filhos, mas estão mais e inseguros e ocupados, tanto quanto lhes é possível, com seus interesses pessoais.

Consumo

Além dos questionários e das entrevistas que trataram diretamente o tema, as observações de campo foram importantes para compreensão das prioridades e da utilização dos objetos de consumo nas relações que os jovens mantêm no grupo. Sobressai a importância do consumo ligado à aparência, especialmente às roupas, aos calçados e aos demais objetos pessoais, o que pudemos observar em algumas situações:

Assim que cheguei na sala de aula alguns dos meninos disseram “olha o tênis da tia”. O tênis era um Olympikus⁴⁸ que custa 99 reais, preço bem abaixo das marcas normalmente mais valorizadas. Surpreendi-me com o fato deles terem reparado. Disse que meu tênis devia ter custado bem menos que os que eles estavam usando: pareciam ser da marca Nike, pelo símbolo, mas já bem velhos e rasgados. Eles responderam: “que nada, tia, um desses é bem baratinho. Com 50 reais eu arrumo um pra senhora”. “Como assim?” eu disse. “Um desses deve custar uns 400 reais” ao que eles disseram: “Que nada. Quando era lançamento era isso mesmo, agora compra por 50 reais. Lá em Pinheiros, na banquinha. Agora baixou”. Eu disse: “Barato mesmo. Esse aqui eu paguei 99 reais” e eles perguntaram onde e eu respondi que havia comprado em uma loja em um shopping ao que eles comentaram: “Ah, na loja. A tia compra tênis na loja. Da hora, hein [...]” e continuaram falando do meu tênis.

Atividade regular dos jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 4 de agosto de 2007

⁴⁸ O tênis é fabricado pela empresa brasileira de calçados Azaléia. Mais informações no site: <http://www.olympikus.com.br>

Assim, na falta de recursos financeiros, alguns jovens buscam alternativas para adquirir esses objetos, como no caso acima em que eles dizem adquirir seus tênis nas barraquinhas que vendem produtos, cujos baixos preços só podem ser explicados por sua ilegalidade: seja pelo contrabando, seja pela falsificação.

Nessa busca pelo objeto e pela valorização de sua aparência pessoal é possível ainda que muitos estejam correndo riscos, como podemos pensar a partir do que contam algumas garotas:

Perguntei para a Samantha, 15 anos, e para a Jaqueline, 14 anos, onde elas fizeram e quanto elas pagaram pelas tatuagens que têm no corpo, cujas cores não eram muito vivas, mas os desenhos eram muito bonitos.

Elas me disseram que não pagaram nada, pois foram feitas por um amigo na casa delas: “Ele tem o aparelhinho e usa agulha de costura para fazer o desenho. Só a tinta é nova” segundo elas. Elas disseram que ele não cobra nada para fazer o desenho.

Atividade regular dos jovens no Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 4 de agosto de 2007

No que se refere à preocupação e às possibilidades de cuidado com a aparência, nota-se que há certa divisão entre eles: de um lado há um grupo formado por jovens que se apresentam nos padrões semelhantes aos da classe média em relação ao vestuário e aos objetos pessoais (celulares, correntes de ouro, relógios etc.) e de outro, há um grupo que aparenta consumir produtos mais populares ou de “segunda mão” como, por exemplo, celulares mais antigos, roupas “desbotadas” e chinelos ou tênis sem marca conhecida. Aqueles que parecem querer diferenciar-se nesse último grupo capricham nos acessórios e os utilizam em grandes quantidades: pulseiras que geralmente custam um real e brincos e correntes que não passam de cinco reais. Em ambos os grupos, contudo, normalmente não se admite a importância que dispensam a esses objetos que valorizam a aparência, o que se expressa, muitas vezes, em discursos contraditórios:

Lucas, 19 anos, estava me contando sobre uma casa de jogos que costuma freqüentar e disse que nesse local “aparecia muito *boy*” que usava roupa de marca e se achava melhor do que os outros por isso. Afirmou que não se importava, pois dizia que a roupa que ele usava era “suada”, diferente da roupa dos *boys* que vinha de “dinheiro de roubo”. Em outro momento, perguntei o que ele faria se pudesse gastar o dinheiro que ganhava com os bicos que fazia na feira, que ele afirmava entregar tudo para a tia com quem morava. Ele disse que não tinha vontade de gastar e que gostava de ficar em casa vendo clipe de *black music*

ou na rua, de bobeira, mas se recebesse um salário ia querer comprar umas roupas “bacanas”.

Conversa informal no Grupo de Assistência Social Bom Caminho no dia nove de setembro de 2006.

Em uma atividade na instituição, questionamos o que os meninos fariam para conquistar uma garota, caso ela preferisse garotos que tivessem moto ou carro. Um dos meninos disse que “pegaria uma moto emprestada” e todos riram. Os outros afirmaram que tentariam de outras formas como a conversa e que deveriam ser sempre “eles mesmos”, ou seja, assumirem a sua condição, terem sua própria atitude e seu próprio estilo na forma de se vestir, sem se preocupar em usar roupas “de marca”.

Atividade regular dos jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho em 29 de julho de 2006

Porém, tal importância se revela em situações concretas. Por mais que a preocupação com a aparência pareça não ser algo digno de se assumir como vimos em Baudrillard (2007), a sociedade do consumo tem códigos que todos somos impelidos a compartilhar e a valorização do vestuário e das marcas é parte importante desse código. Com o dinheiro em mãos, os jovens devem fazer escolhas e o exemplo seguinte pode ser ilustrativo da importância do produto de marca:

Eram cinco horas da tarde em um domingo e eu estava a caminho da instituição. Encontrei o Wallace, 16 anos, no ônibus. Ele estava voltando do trabalho. Contou orgulhoso que tinha ido trabalhar em uma feira livre na Aclimação e na Ceagesp como ajudante geral: passa o dia carregando caixas que pesam, em média, 30 quilos. Parecia feliz, provavelmente porque naquele dia estava recebendo o seu primeiro pagamento semanal: 350 reais.

Perguntei o que ele ia fazer com esse dinheiro e ele respondeu: “Ah tia, eu vi um *pano*, nossa. Amanhã vou lá em Pinheiros comprar”. Ele se referia a um agasalho da Nicoboco⁴⁹ que custa 200 reais, como ele afirmou. Disse já ter escolhido a cor: azul-marinho. Ele daria ainda 100 reais para a mãe: “100 reais dá pra fazer uma compra boa né, tia?” e ficaria com os outros 50 reais para passar a semana. Como o seu pagamento era semanal, ele disse que não estava muito preocupado porque na semana seguinte ia receber de novo e poderia comprar mais coisas para ele e que ainda ajudaria a mãe.

⁴⁹ Marca brasileira de roupas criada em 1988, reconhecida no mercado de Surf, Street e Sportwear. Mais informações sobre a marca e seus produtos no website: <http://www.nicoboco.com.br/>.

Wallace está fora da escola desde o ano passado. Disse que pretende fazer supletivo no ano que vem. Wallace e mais cinco irmãos moram com a mãe e o padrasto. Ele não soube me dizer se o padrasto dele está trabalhando e nenhum dos irmãos nem a mãe dele trabalham.

Conversa informal no Grupo de Assistência Social Bom Caminho, dia 19 de agosto de 2007

Todavia, essa atenção à aparência pessoal não atinge a todos igualmente, em um grupo que de forma alguma é homogêneo - o que podemos observar em atividades da instituição que abordavam *questões de higiene* pessoal e auto-estima, nas quais alguns meninos nos contavam que usavam sabão para lavar o cabelo, perfume nas partes íntimas, que não possuíam o hábito de usar desodorante etc. Deste modo, enquanto alguns se ocupavam visivelmente com o cuidado de si, outros pareciam alheios a essas preocupações.

O consumo de bens culturais não é tão perceptível através da observação. São comuns os casos em que os jovens adotam um modo de se vestir inspirado em estilos ligados à música, como o *hip hop*⁵⁰, por exemplo, mas conhecem pouco o conteúdo musical que deu origem ao estilo. A crítica social abordada pelo *rap*⁵¹ parece não interessar à maioria, nem mesmo quando tentávamos promover debates e aproximações com grupos e temáticas *rappers*.

Temos exemplos em outros pontos da periferia de São Paulo em que os movimentos *hip hop* ou *rapper* são muito fortes e impulsionam atividades comunitárias artísticas e políticas nos locais que atuam, levando a crítica social ao cotidiano dos jovens (KEHL, 1999; DIETZSCH; 2006). Como grupos juvenis, representam parte fundamental para a socialização dos jovens, constituindo-se como espaço de aprendizado e reconhecimento através da expressão artística. Contudo, como pudemos observar entre os jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, esse movimento não atinge todas as comunidades da periferia. Muitos jovens compartilham de uma espécie de apatia, num estado de coisas em que a nossa participação parece diluir-se num sistema que funciona por si próprio (HERRMANN) e que, além disso, a

⁵⁰ O *Hip Hop* é um movimento de cultura juvenil que surgiu nos Estados Unidos, no fim da década de 1960, a partir de práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nas periferias dos grandes centros urbanos. **Consultar:** MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. "Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop". *Cad. CEDES*, Campinas, v. 22, n. 57, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/11/2007.

⁵¹ O rap é um movimento cultural e político composto em sua maioria por jovens pobres e negros. O rap se originou no final dos anos de 1970, nos Estados Unidos, juntamente com o Grafite (arte plástica), com o Break (dança), elementos que juntos formam o Movimento Hip-Hop. Expressa a crítica social a respeito das questões vivenciadas no cotidiano das periferias. Consultar: HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. "Rap-rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica". *Psicologia Social*, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/11/2007.

promessa da felicidade por meio do consumo cria cada vez mais indivíduos conformados (BAUDRILLARD, 2007).

O que parece chamar a atenção da maioria dos jovens que pesquisamos em relação à música é o seu conteúdo sentimental e dançante. Nas festas de aniversário dos jovens, realizadas na instituição, pedíamos que eles levassem CDs para serem tocados durante as festas e as escolhas variavam entre *funk*, *black music*, música eletrônica, *axé music* e *forró*. Vale lembrar que esses são momentos específicos em que se procura a integração com o objetivo de fazer com que todos dançam. Não há espaço para outros estilos que sejam preferidos por esses jovens individualmente se não tiverem aceitação do grupo.

Em algumas ocasiões, a instituição premiava os jovens com idas ao cinema. Nessas situações, mais uma vez, os gostos individuais cediam às decisões coletivas e a outros fatores como, por exemplo, os horários e a exigência de que os filmes fossem dublados, visto que a maioria dos jovens não conseguia ou não queria acompanhar as legendas. Pelo que pude observar, o que movia as escolhas eram as propagandas e as sinopses dos filmes que enfatizavam seus aspectos mais extraordinários e “amedrontadores”. Os filmes de suspense foram os mais vistos e, aparentemente, não corresponderam às expectativas dos jovens que não se mostravam animados ou dormiam durante a projeção.

Ao longo desse tempo fui percebendo que o cinema não é muito valorizado por eles, o que dá a entender também em algumas conversas:

Havíamos combinado de ir assistir a um filme sobre *hip hop* em um centro cultural nas imediações. Menos da metade dos alunos, 16 dos 40 alunos que freqüentam a instituição normalmente, apareceu na hora marcada – uma hora mais cedo que o horário que costumávamos a nos encontrar aos sábados. Todos haviam sido avisados nas semanas anteriores. Na outra vez que os levamos, apenas 19 alunos estiveram presentes.

A caminho da sessão de cinema, algumas meninas disseram preferir as atividades regulares da instituição a filmes, pois disseram que não são todos os temas que lhes interessam. Menos ainda no caso daquele filme com uma temática rap que elas consideraram “coisa de menino” e que nem mesmo aos meninos interessa tanto, afirmaram. Isso parecia fazer sentido no grupo, pois entre os meninos, poucos foram aqueles que se mostraram animados quando os avisamos que iríamos assistir a um filme no centro cultural e que a temática seria o *hip hop*.

Na sala dos pré-adolescentes o educador fez uma votação para decidir se a turma assistiria ao filme no centro cultural ou se ficaria na instituição onde teriam uma aula expositiva. Os alunos votaram por ficar na instituição.

Atividade com o grupo de jovens no Grupo de Assistência Social Bom Caminho, dia 29 de setembro de 2007

Por duas vezes fui com eles ao teatro. Apesar da avaliação positiva que eles fizeram, os jovens demonstraram um interesse similar àquele que expressaram pelo cinema. Se compararmos ainda com o interesse por passeios como *Hopi-Hari*⁵², *Playcenter*⁵³ e as viagens eventualmente realizadas pela instituição, o cinema e o teatro são realmente pouco valorizados.

Como havia afirmado, foi difícil avaliar o interesse sobre o consumo de produtos culturais baseando-nos somente na observação. Tal interesse será contemplado, todavia, em tópicos posteriores da pesquisa de campo, nos quais descrevo as entrevistas.

Formação e perspectivas de futuro

Nas primeiras aulas, deparei com problemas que eu não imaginava encontrar em um grupo de jovens maiores de 13 anos de idade: alguns deles não sabiam ler e escrever e os que sabiam apresentavam dificuldades na compreensão dos textos e na expressão textual.

Muitas atividades propostas pela instituição eram escritas: questionários, redações, relatórios, jogos etc. Nas primeiras vezes em que fiquei responsável por receber essas atividades e arquivá-las, vi que alguns alunos ou não as realizavam ou entregavam papéis com letras e sinais escritos sem sentido. Questionei-os individualmente sobre suas dificuldades e me impressionou o fato de alguns deles realmente não terem desenvolvido a escrita, não obstante estarem cursando classes regulares de 5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental. Mesmo aqueles que abandonaram os estudos, freqüentaram a escola ao menos até a 5ª série do ensino fundamental.

Com base na leitura das atividades escritas e na observação do comportamento dos jovens na instituição, percebe-se uma desigualdade de formação escolar entre meninos e meninas do

⁵² Parque de diversões temático localizado entre os municípios de Vinhedo e Louveira no Estado de São Paulo. Mais informações no site: <http://www.hopihari.com.br/>. Acesso em 19 nov. 2007.

⁵³ Parque de diversões em funcionamento desde 1973 no município de São Paulo /SP. Mais informações no site: <http://www.playcenter.com.br/>. Acesso em 19 out 2007.

grupo. A maioria das meninas escreve e se comporta melhor, enquanto a maioria dos meninos escreve pouco, com muitos erros e desvia mais sua atenção da aula. Poucas meninas têm dificuldades sérias com a escrita, assim como poucos meninos parecem se esforçar em fazer um bom trabalho. Entre aqueles que estão fora da escola – cinco jovens da turma de 2007- há apenas uma garota. Percebe-se a diferença também na representação que fazem de si mesmos em relação aos estudos. Em uma atividade de integração do grupo, em que pedimos que eles escrevessem como se comportam em diversas situações cotidianas e em relação a escola, as meninas descreveram-se como estudiosas e quietas enquanto os meninos se definiram como “bagunceiros”.

Em 2006, houve uma experiência de integração entre estudo e trabalho com a turma. Alguns dos jovens do grupo participaram do ProJovem⁵⁴, um programa do Governo Federal direcionado a jovens de 18 a 24 anos de idade, sem emprego com carteira assinada e que não concluíram o Ensino Fundamental. O programa paga uma bolsa mensal de cem reais por um período de doze meses para os alunos que obtiverem bons resultados e pelo menos 75% de frequência nas aulas dos cursos de conhecimento geral e profissionalizante oferecidas pelo programa. Como a instituição parceira do governo responsável pela realização dos cursos e da seleção dos jovens estava com dificuldades em preencher as vagas que havia criado, algumas regras foram alteradas: puderam participar do programa alguns alunos que estavam cursando o ensino médio e o valor da bolsa foi elevado para 150 reais.

Eram 30 vagas e não foi possível preenchê-las com o público do grupo de jovens do Bom Caminho. Além de não haver muitos alunos que atendiam o requisito da idade, muitos deles não tinham os documentos necessários para se inscrever: RG e CPF. Outras dificuldades ocorreram também no andamento do curso. Os jovens faltaram muito às aulas e justificaram suas faltas dizendo que as aulas eram pouco interessantes e que tinham muita “enrolação”. Outros ainda alegaram falta de recursos, pois houve atraso no pagamento das bolsas. Não obtive muitas informações sobre como foi a conclusão do curso, pois era no período de férias no final do ano letivo e perdi o contato com a maioria deles. Tive notícias de muitas desistências e de um garoto que havia concluído o curso do ProJovem e chegou a trabalhar alguns meses em uma empresa indicada por esse programa.

⁵⁴ Mais informações no portal do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – ProJovem no endereço eletrônico <http://www.projovem.gov.br/>. Acesso em 19/11/2007.

Houve ainda uma garota de 15 anos que frequentou um curso profissionalizante (pago por sua mãe, indicado pela escola em que ela estudou) e conseguiu um emprego em um escritório. Mas tais exemplos de integração não são comuns. Há alguns casos de alunos que participaram de cursos extracurriculares na região, mas não tenho notícia de que tenham sido encaminhados para empresas. Como mostramos anteriormente, os jovens que trabalham estão, em geral, no mercado informal.

Buscando entender como os jovens do grupo se sentem em relação à escola, ao desafio da entrada no mercado de trabalho e ao futuro, recorri a algumas atividades realizadas por eles na instituição. No início do ano de 2007 questionamos aos alunos “como eles sonhavam estar vivendo daqui a dez anos”. Quarenta alunos participaram da atividade e as respostas não variaram muito: sonham estar trabalhando, ter uma família e estar morando numa casa própria.

Com muita felicidade, fazendo muitas faculdades, tendo amigos e amigas e tendo a minha família ao meu lado (Augusto, 15 anos, 14/04/2007)

Ser uma pessoa trabalhadora (Alan, 15 anos, 14/04/2007)

Eu gostaria de ter minha casa, ter minha família e ser feliz (Lilian, 14 anos, 14/04/2007)

Dez dentre eles especificaram qual a profissão ou o tipo de trabalho que gostariam de estar exercendo: modelo, militar, advogado, pediatra, dentista, empresário e dois garotos que sonham ser jogadores de futebol e duas garotas que pretendem cursar a faculdade de administração, enquanto os demais somente disseram que desejam estar trabalhando.

Eu sonho em estar começando a faculdade de direito, ter um bom emprego, ter a minha casa, ajudar a minha mãe e ser do bem. (Sueli, 15 anos, 14/04/2007)

Eu sonho estar vivendo no Morumbi com a minha família, com o meu carro zerado como um empresário. (Márcio, 15 anos, 14/04/2007)

Numa casa chique com empregada, um carrão e formada em Administração. (Karen, 16 anos, 14/04/2007)

As dificuldades mais citadas para alcançar os objetivos foram a falta de trabalho, a falta de dinheiro e falta de documentos regularizados:

Muitas vezes o dinheiro (Sérgio, 12 anos, 14/04/2007)

Eu sonho muito em trabalhar só que não tem serviço e quando tem é pra “de maior”. (Karen, 16 anos, 14/04/2007)

A minha vontade é ir para o exército, estudar, ir para a faculdade e trabalhar, mas eu não posso porque não tenho documento nenhum e o meu histórico escolar está errado. (Jean, 15 anos, 14/04/2007)

Ou quando não há dificuldades:

Eu não encontro dificuldades porque eu não tenho nada para fazer (Otávio, 16 anos, 14/04/2007)

Alguns meses depois, pedi a 32 jovens que respondessem mais algumas questões com o intuito de compreender o interesse nos estudos e as perspectivas que o grupo tinha em relação ao futuro. Nas respostas deixadas em aberto, encontramos algumas regularidades e para destacá-las coloquei nos primeiros lugares aquelas que foram mais citadas, indicando ao lado, entre parênteses, quantas vezes se repetiram. Tais regularidades seriam ainda mais enfatizadas se considerarmos as respostas escritas de modo diferente, mas que têm sentidos similares. Optei, no entanto, por mostrar como elas foram escritas para que o leitor possa percebê-las tal como são:

1. Na sua opinião, por que as pessoas vão à escola?

- “para aprender” (16);
- “para ser alguém na vida” (10);
- “para estudar” (6);
- “para ter um futuro melhor” (3);
- “para ter um bom emprego” (3);
- “para bagunçar/zoar” (3);
- “para encontrar os amigos” (2);
- “para comer” (2).

Outros (mencionados uma vez): “ter conhecimento”; “ter cultura”; “ser educado”; “saber assinar o nome”; “saber ler”; “aprender a ler e a escrever”; “porque ninguém nasce sabendo”; “para ser um bom aluno”; “para aprender a subir na vida”; “para ter um objetivo na vida”; “para ser trabalhador”; “porque os pais obrigam”; “não sei, não estudo”.

2. Por que você estuda?

- “para aprender” (10);
- “para ser alguém na vida” (8);
- “para ter um futuro melhor” (4);
- “para ter uma vida melhor” (4);
- “para ter um bom emprego” (4);
- “para aprender a ler e a escrever” (3).

Outros (mencionados uma vez): “para ser independente”; “porque gosto”; “para aprender a conviver”; “para me formar”; “porque sou obrigado a ir”; “não estudo”; “porque minha mãe manda”; “não sei porque estudo”.

3. Para que serve a escola?

- “para ensinar” (14);
- “para educar” (5);
- “para ajudar as pessoas a aprenderem” (4);
- “para você não ficar na rua” (3);

Outros (mencionados uma vez): “ensinar convivência”; “para bagunçar”; “para mostrar o que você tem que saber no futuro”; “para dar um futuro para os estudantes”; “para dar um bom futuro”; “para ajudar as pessoas de rua e outras”; “para honrar a nossa língua portuguesa” e “para alfabetizar”.

4. No que a escola ajuda na sua vida?

- “a aprender coisas novas” (6);
- “em nada” (4);
- “em tudo na vida” (2);
- “em quase nada” (2).

Outros (mencionados uma vez): “ter um bom emprego”; “ter respeito pelas pessoas”; “conviver melhor com as pessoas”; “não depender tanto das outras pessoas”; “pensar por si próprio”; “não ser mais um ‘Zé Mané’”; “ser alguém no futuro”; “para não sofrer como os meus pais sofrem”; “não termos dificuldades no futuro”; “ter um futuro melhor”; “não ficar na rua”; “ter o que fazer”; “viver”.

5. Qual a sua opinião sobre a escola que você estuda ou a(s) que você já estudou?

- “a escola é boa” (4);
- “nada de bom” (4);
- “bom ensino” (3);
- “alunos bagunceiros” (2);
- “ensino ruim” (2);
- “professores se esforçam para ensinar” (2);
- “professores ruins” (2);

Outros (mencionados uma vez): “nada de ruim”; é boa porque “é rígida”; “quase nada de ruim”; “muito velha”; “professores não têm paciência”; “tem uma professora ruim”; é ruim porque “tem que usar uniforme”; incomoda o “uso de drogas e cigarro”; incomoda o “cheiro de maconha” e “tem muita briga”.

6. O que você quer “ser quando crescer”?

- “não sei” (5);
- “trabalhador” (5);
- “advogado(a)” (4);
- “jogador de futebol” (3);
- “empresário” (2);
- “médico” (2);
- “modelo” (2);
- “músico” (2);
- “promotora de eventos” (2);
- “veterinária” (2);

Outros (mencionados uma vez): “atriz”; “boxeadora”; “enfermeira”; “engenheiro”; “executivo”; “fisioterapeuta”; “operadora de telemarketing”; “piloto da aeronáutica”; “químico”; “independente” e “alto”.

7. Pra você, o que é “subir na vida”?

- “ter um bom emprego” (8);
- “ter dinheiro” (4);
- “alcançar os objetivos” (3);
- “ser feliz” (3);
- “ter uma boa família” (3);
- “ter um bom estudo” (3);
- “estudar” (2);
- “conseguir o que quer” (2);
- “realizar os sonhos” (2);
- “ser alguém na vida” (2);
- “ter uma casa própria” (2);
- “trabalhar” (2).

Outros (mencionados uma vez): “ser chefe de polícia”; “ter o próprio negócio”; “ter mais responsabilidade”; “ser organizado”; “ser lutador”; “aproveitar as oportunidades”; “ser independente”; “ter tudo o que preciso”; “ter coisas melhores”; “ter sabedoria”; “ser reconhecido pelo trabalho que realizo”; “ser uma pessoa boa”; “ser alguém melhor”; “ser humilde”; “respeitar as pessoas”; “ter saúde” e “não sei”.

8. O que você precisa fazer para ter o emprego dos seus sonhos?

- “estudar” (17);
- “correr atrás” (4);
- “fazer faculdade” (4);
- “se formar” (2);
- “lutar” (2);

Outros (mencionados uma vez): “fazer diversos cursos”; “ser educado”; “ter caráter”; “ser honesto”; “ter oportunidade”; “arriscar”; “trabalhar”; “se esforçar”; “não desistir”; “acreditar”; “pedir a Deus”; “esperar” e “não sabe”.

9. Como você acha que estará vivendo daqui a dez anos?

- “com uma família” (9);
- “com uma casa própria” (9);
- “estar bem empregado” (7);
- “feliz” (5);
- “ter um carro” (4);
- “não sei” (4);
- “bem” (3);
- “com saúde” (3);
- “estar solteira” (2);

Outros (mencionados uma vez): “normal”; “estar melhor do que hoje”; “ter dinheiro para gastar”; “ter uma empregada”; “ser dona de uma loja”; “ser empresário”; “ter duas motos”; “se não morrer, estar trabalhando”; “em paz” e “como uma boa pessoa”.

Atividade com o grupo de jovens no Grupo de Assistência Social Bom Caminho, dia 30 de junho de 2007

As repostas dadas nos advertem sobre a falta de conhecimento desses jovens sobre as suas próprias possibilidades de formação educacional e profissional. Eles estão diante de um mundo que se transforma rapidamente. A geração anterior a esse grupo de jovens teve acesso restrito ao ensino médio e a universidade estava completamente fora da sua realidade do segmento mais pobre da população. Os pais desses jovens têm poucas condições de conduzir seus filhos à universidade, mesmo através de programas como o Prouni, pois é um caminho desconhecido e difícil de ser compreendido.

Esse desconhecimento sobre os caminhos da formação profissional sugere igualmente que os jovens não encontram tais informações na instituição escolar. O acesso ao ensino profissionalizante em nível médio, aos cursinhos populares e às universidades é restrito e os estabelecimentos estão distantes dos locais de moradia desses jovens e, além disso, não há nas escolas um programa de incentivo e esclarecimento para os alunos que desejam continuar os estudos após o ensino médio. Certamente, alguns dos jovens, mesmo em condições econômicas precárias, têm a sorte de encontrar alguma orientação e conseguem continuar seus estudos. A maioria, porém, não está em condições de fazer planos para o futuro, pois esse caminho é desviado por necessidades diversas, em especial, a de conseguir dinheiro para se manter e ajudar a família (CORTI; SPOSITO, 2002).

Num sentido mais amplo, os jovens são obrigados a se fazerem sujeitos sem nenhum enunciador coletivo, nem mesmo enunciado pelos responsáveis por sua educação (SOUZA, 2004). Suas poucas referências são as celebridades da mídia (COSTA, 2004) que desaparecem de suas vistas, antes mesmo que esses jovens consigam entender o modelo de vida que elas difundem.

As vias do consumo, por outro lado, não deixam dúvidas. Como vimos em Adorno e Horkheimer (1985) e discutimos no **capítulo 2**, a subordinação à esfera da produção pode ser explicada pela possibilidade do consumo e o enfraquecimento do pensamento. Aquele que deseja consumir entra na lógica do mercado de trabalho, independente da especialidade, para consumir os produtos que estão disponíveis no mercado. Há pouca margem para criação, alternativas de subsistência e satisfação pessoal fora dessa lógica.

Visita ao bairro

No dia quatro de maio de 2006, visitei as casas de oito famílias atendidas junto com dois voluntários do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, onde fizemos 14 entrevistas entre as 10h30m e 13h30m.

Fomos bem recebidos por todos os moradores, provavelmente pela boa reputação da instituição e pelo fato dos dois voluntários que me acompanharam serem moradores da região há muitos anos. As pessoas foram atenciosas e gostaram muito de conversar.

A maioria das casas ficava em vielas e todas elas eram de alvenaria. A parte interna das casas era rebocada, não eram muito arrumadas, não tinham muitos móveis, mas contavam, pelo menos, com mesa, cadeiras, geladeira, fogão, camas, colchões, televisão e algumas tinham forno de micro-ondas.

Em quase todas as casas os chefes de família estavam desempregados e contaram-nos que sobreviviam com bicos (geralmente de ajudante de pedreiro e ajudante geral), com a ajuda de instituições locais e dos vizinhos. Disseram-nos também que, apesar das dificuldades, todas as crianças e adolescentes em idade escolar estavam matriculados em colégios da região.

Nesse dia, visitamos a casa de dois jovens atendidos pelo Bom Caminho em 2006 e conseguimos recolher alguns dados sobre as famílias e suas casas:

Casa do jovem Gustavo, 20 anos:

- Casa de alvenaria com dois cômodos (cozinha que servia como sala e quarto de dormir). Havia duas beliches no quarto e uma cama no espaço que seria a sala, mesa, armário, fogão, geladeira e micro-ondas. Não havia guarda-roupas. As roupas eram colocadas em caixas de papelão.
- Nove moradores na casa (Gustavo, sua esposa, sua filha, sua mãe, seu pai, sua tia, uma irmã, um irmão e mais uma criança);
- O rapaz, a mãe, a esposa e a irmã estão desempregados. O pai está doente, recebe auxílio doença de 350 reais e ajuda da igreja evangélica e um dos irmãos vende doces no farol e ganha por volta de 150 reais por mês.
- A tia de Gustavo tem deficiência mental e um irmão tem problema auditivo.
- Gastam com alimentação cerca de 300 reais por mês e ainda pagam as contas de água e luz. Não há telefone na casa.

Casa da jovem Shirlei, 17 anos:

- A casa é de alvenaria, com cinco cômodos, tem mesa, fogão, armário, geladeira, micro-ondas, sofá e televisão.
- Atualmente são três moradores na casa (Shirlei, a irmã e a mãe).

- Shirlei e a irmã estão desempregadas, apenas a mãe trabalha e recebe 341 reais por mês, mais um auxílio de 80 reais do ex-marido. A irmã de 20 anos algumas vezes faz serviços em gráficas.
- Os gastos mensais da família são de cerca de 400 reais por mês para pagar água, luz e telefone.
- As três (a mãe, Shirlei e sua irmã) sofrem de depressão.

Visita ao bairro junto com outros voluntários do Grupo de Assistência Social Bom Caminho no dia 4 de maio de 2006

No dia 4 de agosto de 2007, participei de outra visita às famílias atendidas pela Instituição. Na reunião preparatória, antes do trabalho, fomos informados pela direção da casa que privilegiaríamos a visita aos assistidos que tivessem problemas de saúde, em especial àqueles com dificuldades de locomoção. Visitamos nesse dia a casa de seis famílias e dentre elas duas em que faziam parte jovens do grupo pesquisado:

A primeira visita foi à casa da Roberta, 15 anos. A casa de alvenaria faz parte de um cortiço que se localiza em uma rua asfaltada e ampla. Há na casa cozinha, banheiro, sala de visitas que também serve de quarto de dormir e mais um quarto. Na casa moram a Roberta, sua irmã mais nova, seu irmão que tem paralisia cerebral, a mãe e o pai. A casa estava em boas condições em relação à média das famílias que são atendidas. Vimos que há na cozinha geladeira, forno microondas e fogão. Na sala há sofá, cama, aparelhos de televisão e DVD. No quarto há uma cama de casal. Há muitos ursinhos decorando a cama que fica na sala.

A mãe de Roberta está desempregada e o pai trabalha. Sabemos que a mãe da Roberta tem dificuldades para ler e escrever, pois é a filha que faz os exercícios da mãe no curso da doutrina espírita que ela frequenta e que, além disso, as atividades são melhores que a média da sala no curso. A Roberta também ajuda a cuidar do irmão deficiente.

[...]

Visitamos, por último, a casa da Sara, 18 anos, que fazia parte do grupo de jovens até o ano passado (2006). O acesso à casa é difícil, pois se encontra numa viela muito estreita. É de alvenaria e não tem acabamento. Na parte inferior da casa fica a sala e a cozinha e no piso superior dois quartos. Há muitos móveis. Moram na casa a Sara, seu pai, sua mãe e a sua irmã que tem paralisia cerebral e há 16 anos vive em uma cama - não fala, não faz muitos movimentos e se alimenta através de sonda. Ela pesa apenas 20 quilos e está muito debilitada. A mãe faz alguns bicos e o pai não está trabalhando, pois está doente à espera de um transplante. A Sara trabalha em uma lanchonete, mas, como disse a mãe, o dinheiro é só pra ela.

Sara terminou o ensino médio e não está estudando. A mãe contou: “A Sara quer fazer [...] acho [...] fisioterapia, como é o curso? [...] Ah faculdade”.

Não conseguimos realizar a visita em outras casas, pois os moradores não estavam presentes. Numa delas, a da Nice, 14 anos, do grupo de pré-adolescentes, não havia ninguém. Nos contaram que o pai da garota havia saído da cadeia há pouco tempo e que policiais haviam entrado na casa no dia anterior (dia 3 de agosto) e atiraram no pai e na mãe da garota. Pelo que soubemos na vizinhança, o pai da menina faleceu e a mãe, cujo tiro havia pegado só de “raspão”, estava presa. A Nice estava na casa no momento em que a polícia apareceu e no dia da nossa visita estava sob os cuidados da avó.

Visita ao bairro junto com outros voluntários do Grupo de Assistência Social Bom Caminho no dia 4 de agosto de 2007

Capítulo 5. A fala dos jovens: entrevistas sobre preferências de consumo

Em outubro e novembro de 2006, entrevistei jovens da Instituição Bom Caminho com o intuito de saber mais sobre a vida deles fora da instituição e, em particular, sobre as suas possibilidades e as suas preferências de consumo.

As entrevistas foram realizadas individualmente com 21 jovens que participaram da turma daquele ano, o que corresponde à cerca de 1/4 daqueles que estiveram no grupo até o final do ano letivo (80 no total). Os critérios de escolha foram a diversidade etária e os grupos de interesse desses jovens (*as panelinhas*). Procurei entrevistar os jovens dos mais novos até os mais velhos por considerar que há variações entre aqueles de 13 e 21 anos tão importantes que, a rigor, talvez nem pudéssemos agrupá-los numa mesma classificação etária. Entrevistei os jovens dos diferentes grupos de afinidade que pude observar por estarem sempre juntos e por aparentarem semelhanças entre os seus membros no modo de se vestir e de se comportar.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, em momentos anteriores ou posteriores às atividades regulares da instituição. Eu os convidava a responder algumas perguntas sobre as suas preferências de consumo, explicando que a identidade deles seria protegida e que suas respostas me ajudariam em uma pesquisa para a faculdade. Nenhum deles recusou o convite e me impressionou a boa disposição de todos em responder as perguntas. Propus que as entrevistas fossem gravadas; não houve nenhuma recusa.

O roteiro das entrevistas objetivou fornecer maior entendimento sobre as preferências de consumo material e cultural, as alternativas que encontravam para adquirir esses produtos, além de captar um pouco do cotidiano desses jovens para contextualizar suas falas. Nem sempre o roteiro foi seguido “à risca”. Em geral eu iniciava a entrevista pedindo que eles descrevessem as suas atividades principais do dia-a-dia, e conforme os relatos, aprofundávamos alguns temas e seguíamos para as outras perguntas.

Vale destacar que, nesse período, o meu papel no grupo de jovens variava de colega à educadora, sem responsabilidade sobre as avaliações e as atividades. A relação que eu tinha com os jovens, a meu ver, caracterizava-se pela informalidade, apesar de não se tratar de uma relação igualitária – afinal eu não era aluna como eles – porém, menos desigual do que aquela

estabelecida com os responsáveis pelo grupo, que tinham o poder de incluir e excluir os alunos dos passeios, das festas e da lista da cesta de Natal⁵⁵.

As entrevistas foram momentos importantes de aproximação com os jovens individualmente. Cada relato me trouxe surpresas. Diversas experiências de vida, de educação e de trabalho. Com a oportunidade de falarem sobre si mesmos, muitos deles se abriram e, a partir daí, pareciam sentir-se mais à vontade para conversar outras vezes. A possibilidade de contar sobre seus gostos e suas perspectivas pareceu-lhes sempre positiva.

São informações que mereceriam ser contadas uma a uma em todos os seus detalhes. Seria preferível ainda se todos que estão lendo esse trabalho pudessem ouvi-las deles mesmos, sem passar pelo “filtro” de alguém que está se esforçando para entender o sentido que essas experiências têm para eles. Contudo, devido à necessidade de sistematizar essas informações, destaco alguns aspectos que me chamaram a atenção nas entrevistas e reproduzo algumas das falas dos jovens que considerei representativas de tais aspectos. Em seguida, há um quadro resumo (**Quadro 1**) das respostas, cuja finalidade é dar uma visão geral sobre quem são esses jovens entrevistados, lembrando que todos os nomes são fictícios.

O cotidiano

Para todos os jovens entrevistados, fizemos uma pergunta sobre quais as atividades que realizam durante o seu dia-a-dia. Houve pouca variação entre as respostas: ir à escola, assistir à televisão e cuidar das tarefas de casa são atividades que fazem parte do cotidiano de quase todos eles.

A escola

A frequência à escola é um dado esperado, visto que quase todos os jovens entrevistados estão em idade escolar. Como consta no **apêndice A**, existem várias escolas na região; por isso são poucos aqueles que saem do bairro para estudar. O que se destaca, contudo, é o fato de três entre os oito garotos entrevistados em idade escolar não estarem matriculados e outros dois estarem muito defasados em relação à série e à faixa etária por terem parado de estudar durante um período.

⁵⁵ A cesta de Natal é uma premiação para as crianças e os jovens que frequentam as aulas durante todo o ano. A instituição realiza, entre seus frequentadores e voluntários, uma campanha de doação de roupas, calçados, acessórios e produtos de higiene.

É que um dia eu fui fazer a prova aí eu levei multa. Só que eu tinha acertado a maioria. Aí ela me deu NS [não satisfatório] aí eu saí da escola [...] no ano retrasado (Bruno, 13 anos, 25/11/2006)

Eu saí da escola porque agora eu vou estudar lá no João XXIII

Por que você saiu da escola?

Porque não estavam conseguindo vaga para eu estudar à tarde e eu queria estudar à tarde, então vão colocar de noite lá

Você não queria estudar de manhã então, é isso?

É.

E o que seus pais acharam?

Falaram que eu vou ter que estudar e vão me colocar de novo (Arthur, 15 anos, 25/11/2006)

Em que ano você está na escola?

Estou na quinta série.

Você parou de estudar?

Parei [...] quando eu fugi né. (Nilson, 17 anos, 11/11/2006)

O que podemos perceber nesses três depoimentos é que esses garotos não foram impedidos de estudar. Podemos supor que, para esses garotos e para seus pais, a escola não era sentida como algo necessário, uma vez que por dificuldades superáveis abandonaram os estudos. Por outro lado, é custoso entender o porquê desses jovens abrirem mão de algo tão essencial para sua formação e sociabilidade – considerando que, no Brasil, para os meninos entre 15 e 17 anos, a escola é o espaço em que mais se faz amizades (ABRAMO; BRANCO, 2005), além da importância social da internalização da disciplina e da cultura no ambiente escolar (SOUZA, 1998).

Os três casos de abandono não nos dariam essa resposta. No entanto devemos buscá-la, uma vez que não só esses jovens do Bom Caminho, mas 34% dos jovens brasileiros com idades entre 15 e 17 anos estão fora da escola (IBGE, 2001).

O fracasso escolar não pode ser explicado simplesmente pela condição econômica (PATTO, 1987), todavia o problema da formação dos estudantes de baixa renda persiste e precisa ser explorado. Bernard Charlot (1996) argumenta que a relação entre condição social e fracasso escolar deve ser levado em consideração, pois o fracasso se constrói numa história singular que é mais frequente nas classes populares: separações, desemprego de familiares, mudanças de moradia, violência, falta de comida, saúde etc, são problemas presentes entre os pobres e que atingem diretamente os estudos. É uma população que lê pouco, dificilmente tem acesso a boas revistas e ao cinema. Teatros e museus estão muito afastados dos lugares em que moram e são alheios ao seu universo cultural. Apesar da riqueza cultural não se restringir a isso, o

conhecimento escolar é favorecido por essas atividades da cultura letrada – e pelo menos em tese a cultura letrada é dominada pela elite intelectual, afinal foi pensada por e para essas elites – o que facilita a sua vivência no âmbito escolar. Para os pobres, sem essas facilidades, o custo do sucesso escolar é mais alto.

É possível acrescentar ainda as questões psicossociais da juventude. Conforme discutimos no **capítulo 3**, vivemos em uma sociedade cuja liberdade de costumes dificulta a delimitação do Eu, oferecendo condições propícias à proliferação de condutas patológicas na adolescência. Os transtornos de comportamento são assim formas de expressar o mal-estar e, nesse sentido, o fracasso escolar, ou como diz Jeammet e Corcos, a recusa escolar pode ser interpretada, até certo ponto e sob certa perspectiva, também como conduta patológica. (JEAMMET; CORCOS, 2005).

Atividades domésticas

Eu acordo, dou uma ajeitada na casa e faço comida (Nilson, 17 anos, 11/11/2006)

Olha, eu acordo pela manhã e vou para a escola. Estudo no colégio Fernão Dias em Pinheiros. Aí eu chego, dou uma geral na casa de vez em quando. Quando dá tempo eu vou dormir, quando não tem alguma lição ou não tenho que estudar pra prova (Henrique, 14 anos, 18/11/2006).

Eu acordo onze horas, arrumo minha cama e minhas irmãs, depois eu vou pra Pinheiros, eu estudo lá [...] chego em casa aí o que não foi arrumado em casa eu arrumo. Faço a janta, como [...] (Priscila, 13 anos, 25/11/2006).

Fico ajudando a minha mãe a arrumar a casa, aí quando eu termino vou para a rua e fico brincando com os meus amigos. (Bruno, 13, 25/11/2006)

A atividade doméstica consta na maioria das respostas, principalmente daqueles jovens que não possuem outras atividades regulares tais como o trabalho, os “bicos” e os estudos extracurriculares.

É interessante observar, assim como vimos no questionário que aplicamos aos jovens (ver **capítulo 4**), que os meninos estão também participando dessas atividades comumente associadas à figura feminina, o que pode indicar que entre eles a divisão sexual do trabalho não é tão forte, ou pelo menos foi superada por essas novas gerações. O enfraquecimento desse aspecto cultural em nossa sociedade tem explicações no processo produtivo, uma vez que as mulheres têm uma participação maior no mercado de trabalho. Mas pode ter uma

explicação também na ocupação do tempo livre. Como vemos em Brenner, Dayrell e Carrano (2005), vão diminuindo as opções de lazer dos jovens fora de casa, em especial durante a semana, tanto para homens quanto para mulheres. Tal situação pode ser indicativa, não de uma maior imposição sociocultural aos meninos, mas a de sua maior disponibilidade de tempo em função da falta de opções de trabalho e lazer fora de casa.

Televisão

Os jovens entrevistados despendem parte considerável do seu dia assistindo à televisão. As novelas são o programa preferido entre as meninas e contam ainda com a audiência de alguns meninos:

O que você vê na televisão?

- Assisto novela

Em qual canal?

- No cinco [TV Globo] , no 7 [TV Record] e no 4 [SBT] (Arthur, 15 anos, 25/11/2006).

Uma das entrevistadas afirma que a novela *Rebeldes* é uma referência de estilo:

[...] porque lá eles mostram estilo de roupa [...] eu gosto porque a gente vê assim a roupa a maquiagem, eu acho assim da hora o estilo deles [...] rock
(Gabriela, 21 anos, 21/10/2006)

A novela tem, portanto, um papel importante na vida desses jovens. Na sociedade contemporânea não há narrativas que sirvam de modelos de comportamento. Na falta de sentido comum e na ausência de uma vida pública, como nos mostrou Arendt (2001), busca-se esse sentido em modelos individuais. Segundo Lipovetsky (1989), o culto às celebridades tem papel importante na subjetivação do indivíduo, pois é através dos modelos representados por pessoas famosas que os jovens podem conquistar uma parcela de autonomia em relação às influências familiares, em especial num período em que os gostos e as preferências estéticas são os meios principais de afirmação da personalidade (LIPOVETSKY, 1989).

Como vimos nos relatos, a novela é referência para alguns desses jovens. Representam modelos de beleza e de consumo e com o aumento expressivo da interatividade e do *merchandising* dos programas televisivos, podemos entender a importância da compra de objetos para expressar a identidade do expectador que quer construir a partir dos modelos colocados pela mídia. Assim como as novelas “são um reflexo da vida”, como afirma Ricardo

Linhares, diretor de novelas da Rede Globo⁵⁶, a apresentação de marcas na trama dos personagens aparece como algo natural. Afasta-se da possibilidade de crítica do expectador, uma vez que, diferentemente do anúncio publicitário, no qual o consumidor é avisado do oferecimento de produtos, o *merchandising* se confunde com a vida dos personagens.

Internet

A utilização da Internet vem crescendo de modo surpreendente entre os jovens da nossa pesquisa nesses últimos três anos. Se no ano de início da pesquisa (2005) poucos deles tinham acesso à rede, hoje a maioria deles utiliza frequentemente o *site* de relacionamento virtual Orkut e o serviço de comunicação instantânea Windows Messenger (MSN).

Questionei àqueles que afirmaram acessar a rede quanto ao que lhes interessava na Internet e constatamos que eles a utilizam principalmente para a comunicação com o seu círculo de amizades e eventualmente para jogos virtuais.

Quando você tem [dinheiro] costuma gastar com o quê?

- ah, eu vou pra lan house (Thaís, 15 anos, 18/11/2006).

[...] eu fico no bate-papo com os gatinhos (Gabriela, 21 anos, 21/10/2006).

Nas proximidades da Instituição existiam na época da entrevista pelo menos duas *lan house* que cobravam de R\$1,00 a 1,50 a hora de utilização do computador ligado à Internet e um Telecentro⁵⁷ em que cada pessoa podia usar gratuitamente o computador por um limite de uma hora.

Eu gosto de mexer na Internet né, mas como não tenho computador, fica mais difícil. Eu vou no telecentro. Gasta muito dinheiro em lan house. É uma hora lá no Telecentro. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

Além do acesso facilitado, o aparecimento do *website* de relacionamentos virtuais Orkut chama-lhes a atenção como possibilidade de entrar em contato com uma rede de pessoas e de se tornar “visível” no mundo virtual. Esse *website* de relacionamentos permite aos seus usuários que exponham seu perfil (interesses sociais, profissionais, amorosos etc.), fotos,

⁵⁶ Depoimento ao *Jornal da Tarde* no dia 29 de agosto de 2007 <http://txt.jt.com.br/editorias/2007/08/29/var-1.94.12.20070829.1.1.xml> e publicado também no Web site *Consumo & Criança*, <http://www.criancaconsumo.org.br/imprensa/246.htm>. Acesso em 23 jan. 2008.

⁵⁷ Mais informações sobre os Telecentros no município de São Paulo/SP no *website*: <http://www.telecentros.sp.gov.br/>. Acesso em 23/01/2008.

vídeos, comunidades de interesse e as mensagens trocadas com seus amigos. Através desses recursos é possível mostrar o que se é e o que gostaria de ser.

A Internet é um ambiente virtual que permite ampliar o universo de relações através do seu sistema de busca e das comunidades de interesse.

Sentado diante da tela, o indivíduo tem intercâmbios com seus amigos cibernéticos do mundo inteiro, faz pesquisa em bancos de dados ou dialoga durante horas com interlocutores espalhados no espaço, sem se preocupar com fronteiras (BRETON, 2003, p.148)

Contudo, sua utilização, ao menos pelo que observamos, parece favorecer mais o relacionamento entre seu grupo de amigos do que o contato com pessoas desconhecidas ou novos amigos. Acreditamos que isso ocorra, pois a esses jovens faltam ferramentas essenciais para a busca de novos conhecimentos, como, por exemplo, o limite de tempo de uso da Internet, uma vez que a maioria não tem computador em casa e a dificuldade com a linguagem escrita.

O bairro

As atividades diárias descritas pelos jovens mostram que são poucos aqueles que costumam deslocar-se do bairro. Suas atividades estão ligadas às tarefas domésticas (arrumar a casa, cozinhar e cuidar dos irmãos), ir à escola localizada no mesmo bairro e encontrar os amigos, que em geral são seus vizinhos.

Tokman, Carrochano e Gouvêa (2003) mostram que para os jovens fora da escola e do trabalho, como é o caso de alguns jovens do grupo, o bairro passa a ser o local de sociabilidade. Além disso, assinala Carlos Fortuna (2002), a desvitalização da cidade e a privatização dos espaços públicos constituem fatores da tensão da relação do jovem com a cidade.

Nos finais de semana é possível ainda que não haja deslocamento para outras áreas da cidade, pois as saídas não são freqüentes e quando saem para a “balada” vão até o Espaço Mega⁵⁸, nas imediações.

[...] no fim de semana eu fico o dia inteiro em casa e saio à noite
Onde você costuma ir?
No espaço Mega

⁵⁸ O Espaço Mega é uma casa noturna no Jd. Arpoador, no Butantã, onde são promovidos shows e festas.

Onde é? É aqui perto?

É. É aqui perto

E o que toca lá?

- Funk, black

Vocês pagam pra entrar lá?

Depende. Tem dia que até tal hora mulher é vip. Depende, quando vai alguém famoso é dez reais [...] (Luana, 15 anos, 04/11/2006)

É cada vez mais difícil para o jovem pobre viver numa sociedade em que quase toda forma de diversão depende de recursos financeiros. Talvez seja esse mais um fator de valorização do Grupo de Assistência Social Casa Bom Caminho para esses jovens, pois lá encontram um espaço seguro de lazer e que não precisam pagar por ele. A presença assídua dos jovens às festas de aniversário realizadas na instituição uma vez por mês, mesmo sob os olhares atentos dos voluntários da instituição, sem bebida alcoólica, sem cigarro ou outras drogas, é um exemplo disso.

Cinema e Música

O consumo cultural representa uma parcela reduzida dos gastos entre os jovens. A ida ao cinema, por exemplo, tem baixa prioridade entre eles. Acreditamos que isso ocorra pelos altos custos de transporte e dos ingressos. Já a televisão e a rádio contam com a audiência da maioria. As novelas são os programas preferidos na TV e os programas de música são os preferidos na rádio.

Os gastos com música são também baixos, uma vez que, com a disseminação de CDs e DVDs piratas, dificilmente se adquire o produto em uma loja. Normalmente se paga pela cópia, em média cinco reais, ou se consegue cópias com amigos. A ida a shows, de acordo com a pesquisa, não é comum entre os jovens, salvo as apresentações de música ao vivo em bares ou *baladas* da região. Esse dado não surpreende muito visto que entre os jovens brasileiros quase 60% deles nunca foram a um show de *rock, pop, hip-hop e funk*, estilos mais associados à cultura juvenil (ABRAMO; BRANCO, 2005).

[...] eu gosto também das músicas do Leandro, eu gosto de música rock, de música pop, eletrônica, black, techno, ah eu gosto de tudo [...] mas o que eu acho mais da hora mesmo é eletrônico. (Gabriela, 21 anos, 21/10/2006)

[...] eu gosto de tudo. Eu só não gosto daqueles rock pesado. Bate-cabeça não [...] (Marina, 20 anos, 18/11/2006)

O estilo musical que sobressai na preferência dos entrevistados é a *black music* - um ritmo dançante que não encontra preconceitos entre aqueles que seguem o estilo *rapper*, roqueiro ou mesmo pagodeiro; é sempre tocado nas festas de aniversário realizadas na Instituição Bom Caminho. É importante salientar que esse estilo musical, cantado em língua inglesa, parece não conter em suas letras nenhuma mensagem significativa para esses jovens. O *funk* é um estilo musical que os entusiasma muito nas festas, mas nem todos o declaram como estilo musical preferido. Já o *rap*, considerado por muitos o *som das periferias*, não é preferência majoritária. Diferentemente da centralidade do *rap* e do *funk* na sociabilidade dos jovens de Belo Horizonte pesquisados por Dayrell (2002), os jovens do Bom Caminho parecem transitar entre esses estilos de acordo com o que toca na *balada*. A música os atrai pela sua batida e pela sua melodia dançantes, que eles se empenham em acompanhar com passos muito sofisticados. O axé, o pagode e o samba, mais tradicionais da cultura brasileira, também são valorizados. O rock, pouco aceito pelo grupo em geral, é preferência de alguns deles:

E que tipo de música você curte?

curto mais rock

Que banda você gosta?

System of a Down (Elias, 14 anos, 04/11/2006)

Rock, com certeza, muito rock e reggae. Reggae é da hora também (João, 15 anos, 28/10/2006)

Necessidades e desejos de consumo

Entre os jovens entrevistados, parece não haver uma idéia clara sobre o custo dos objetos. Quando os questionei sobre o que fariam se recebessem um salário de 500 reais, muitos pareceram ter supervalorizado o montante.

[...] eu abriria uma poupança [...] pro meu futuro, por exemplo, juntar um dinheiro pra comprar uma moto ou um carro. (Gabriela, 21 anos, 21/10/2006)

Eu ia comprar tudo importado [...] Eu queria ter um carro geração 2007 com um monte de som. (Fábio, 15 anos, 11/11/2006)

[...] comprar uma casa pra mim morar com o meu namorado [...] ele já está construindo pra eu ir morar com ele [...] acho que uma casa mesmo porque enquanto eu não morar dentro e não tiver faltando janta [...] (Júlia, 14 anos, 18/11/2006)

Isso pode ser explicado pelo fato de grande parte deles não contar com uma renda familiar maior do que um salário mínimo (350 reais na época). Imaginar ter em mãos um valor que excede aquilo com o que contam as famílias numerosas para suprir suas necessidades pode atizar seus desejos. Pode-se considerar ainda que as possibilidades de financiamento, além da poupança, permitem realmente tornar alguns desses desejos possíveis.

Verificamos também que esses jovens combinam desejos considerados infantis com outros considerados adultos. Afirmam gastar o dinheiro que têm em mãos com doces e biscoitos, mas pensam também que ajudariam em casa comprando alimentos e eletrodomésticos como geladeira e máquina de lavar, mostrando que, de alguma forma, sentem-se responsáveis pelo lar ou desejam mais conforto para si e para os familiares:

[...] o que eu gosto mais de comprar é bolacha (Elias, 14 anos, 04/11/2006)

[...] quando eu to com dinheiro assim, eu ajudo a minha mãe a comprar alguma coisa para a minha irmã, quando eu to com o meu dinheiro. Vou pra feira [...] (Arthur, 15 anos, 25/11/2006)

[...] ia cuidar do meu cabelo e da minha casa. Ele [o cabelo] tá horrível (Luana, 15 anos, 04/11/2006)

[...] ia pagar as dívida da minha mãe. Roupa [...] comida né pra dentro de casa e gás (Júlia, 14 anos, 18/11/2006)

[...] como eu sou gulosa eu compro bolo. Aqueles pedaços de bolo que vende na padaria. Ah besteira [...] é, refrigerante [...] (Priscila, 13 anos, 25/11/2006)

[...] não ia ser só pra mim não, mano, pra minha mãe também que tá com dificuldades e tal. É tipo assim, se eu ganhasse 500 reais agora eu dava 250 pra ela e 250 pra mim [...] ela ia pagar as dívida dela né, agiota, esses negócios que ela tem. (João, 15 anos, 28/10/2006)

[...] ia lá comprar, gastaria lá. Compraria o vestidinho da minha irmã pro natal. Alguma coisa pro meu pai, ajudaria em casa para comprar mistura. (Arthur, 15 anos, 25/11/2006)

Um fogão para a minha mãe e uma geladeira. Mas se eu tivesse dinheiro mesmo eu comprava uma casa maior, porque não dá pra morar lá [...] na minha casa só tem um cômodo [em que moram seis pessoas] (Isabela, 14 anos, 18/11/2006)

[...] eu ia dar dinheiro pra minha mãe comprar as coisas pra minha casa, porque pra dez pessoas é pouco. Então eu daria pra minha mãe (Priscila, 13 anos, 25/11/2006)

Comprava coisa pra casa. Aí quando chegasse perto do natal comprava mais coisas também. Roupa pra minha mãe. Ah eu compraria uma geladeira. Lá em casa, a da minha mãe ta quase pifando [...] pra mim uma bicicleta, eu nunca tive né [...] (Pedro, 15 anos, 25/11/2006)

Quando questionados sobre quais objetos eles compram ou gostariam de comprar para uso pessoal, destacam-se alguns itens citados pelas meninas do Bom Caminho, como, por exemplo, absorvente e escova de dente.

[...] eu dou presente pra minha mãe, sogra, namorado [...] pra mim mais eu compro absorvente e escova de dente. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

[...] ah tinha que comprar umas coisas, calcinha, sutiã, absorvente, aí vai [...] coisa íntima que eu uso né [...] pro meu dia a dia. (Júlia, 14 anos, 18/11/2006)

[...] e compraria coisas pra mim [...] Tipo creme, escova, absorvente [...] O que a mulher usa. (Isabela, 14 anos, 18/11/2006)

Não que a compra desses itens tão essenciais seja inusitada; o que chama a atenção é que elas se lembrem desses itens em meio a tantas possibilidades. Isso pode ser representativo do quanto a posse de produtos básicos torna-se uma preocupação quando esses lhes faltam, ainda mais para meninas que estão na puberdade, conhecendo seu próprio corpo e aprendendo a lidar com ele.

Outros ainda revelam em suas falas a carência alimentar. A lembrança de gastar o dinheiro que têm em mãos com “arroz e feijão”, “gás [de cozinha]” e “mistura” pode sugerir isso.

Essas falas a seguir, são representativas do quanto os jovens valorizam os objetos que compõem a aparência pessoal. Algumas garotas, por exemplo, são muito vaidosas, mesmo em seu o dia-a-dia:

Ah eu demoro, demoro pra me arrumar, fico escolhendo que roupa eu vou vestir, escolher o estilo de maquiagem [...] quando eu não vou maquiada eu me maquio na escola, eu e a Letícia (risos) [...] eu uso blush, eu uso batom, brilho, sombra [...] toda produzida. Eu vejo assim, se a roupa está combinando, se não está. (Gabriela, 21 anos, 21/11/2006)

Quando perguntados sobre o que fazem com o dinheiro que ganham e o que fariam se tivessem mais dinheiro, todos responderam que comprariam roupas, como podemos verificar no quadro resumo das entrevistas (**Quadro 1**).

A fim de exporem a identidade que escolheram para si, esses jovens com recursos financeiros limitados costumam adquirir os itens de vestuário (roupa, calçados e acessórios) em locais com preços mais acessíveis: no Shopping Taboão⁵⁹, em lojas de comércio popular nas redondezas ou em locais em que encontram os produtos com as marcas falsificadas, como em Pinheiros e na Rua 24 de Maio (no centro da cidade).

Quando questionados sobre as marcas de preferência, muitos jovens declararam não ter marcas preferidas e não citaram nenhuma (10 jovens); outros citaram marcas de roupas mais caras, comumente valorizadas, como *Billabong*, *Gap*, *Mizuno*, *Nike*, *Onbongo*, *Pakalolo*, *Pólo*, *Puma*, *Red Noise*, *Titan*, e *Zoomp* (9 jovens); e outros, além dessas marcas mais valorizadas, citaram marcas populares como *C&A* e *Sawary*⁶⁰, por exemplo (3 jovens).

São poucos os jovens do grupo que consomem as marcas de sua preferência. A maioria daqueles que citou as marcas, adquire os produtos falsificados, ou apenas tem essas marcas como referência ou desejo de consumo.

Ah comprar, deixa eu ver, comprar calça, saia, blusa, tudo na moda, tem que ser tudo na moda [...] eu não sei muita marca de tênis não [...] o que tá mais na moda eu tô pegando [...] de cosmético é Boticário, Natura (Gabriela, 21 anos, 21/10/2006).

[...] só tênis só que eu tenho preferência. O Titan é o tênis mais resistente que tem de skatista [...] não sei, acho que é uns 500 paus assim, é o tênis mais resistente que tem, você toma um rola é mais difícil de arranhar entendeu? Ou então rasgar assim, difícil pra caramba [...] (João, 15 anos, 28/10/2006)

Que marcas de roupa você gosta?

Ah, tem uma pá [...] Puma, Pólo, Nike, Adidas, um monte de marca esportiva que entrou agora na moda e a Puma lançou aquela que tem um tigrezinho escrito Puma assim [...] (Nilson, 17 anos, 11/11/2006)

[...] eu gosto de um tipo de roupa que não seja assim do Brasil [...] eu gosto das que vem de outro lugar tipo EUA e Japão. (Fábio, 15 anos, 11/11/2006)

Tem roupa que você paga caro que dura, tipo assim, sou mais pagar num tênis caro que dura [...] mas tem roupa que você paga o maior dinheiro e não vale nada né. Lava aí estica e não dá mais pra usar. Aquela roupa que

⁵⁹ O Shopping Taboão, construído em Taboão da Serra, município da Grande São Paulo, recebe consumidores dos municípios de Embu das Artes, Itapeverica da Serra, São Lourenço, Jiquitiba, Cotia e grande parte da região sudoeste da cidade de São Paulo. A presença de lojas populares, um hipermercado e salas de cinema com preços abaixo da média atraem o público com menor poder aquisitivo.

⁶⁰ Confecção popular de roupas que comercializa seus produtos para o mercado de varejo e atacado. Têm cerca de 20 mil pontos de venda no Brasil, América Latina, EUA, Europa e Líbano. Mais informações em: <http://www.sawary.com>. Acesso em 24 mar. 2008.

...você deseja, na que você trabalhou pra comprar, você veste até com gosto né, pra sair na rua, entendeu? (Márcia, 19 anos, 04/11/2006)

[...] ah assim, [roupa] de boa qualidade né. Roupas de marca se tiver em promoção melhor ainda [...] eu nunca fui assim de comprar roupa de marca. Eu compro assim na barraquinha se eu acho bonito e vejo na barraquinha eu compro. (Marina, 20 anos, 18/11/2006)

Outros afirmam que a marca da roupa não é importante:

Se você tivesse mais dinheiro, você compraria em Pinheiros ou compraria em uma loja de marca?

Em Pinheiros mesmo, dava pra comprar mais. Melhor do que marca. (Luana, 15 anos, 04/11/2006)

Se eu acho a roupa bonita eu compro. Não tenho preferência de marca. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006).

Eu não gosto de marca não. Ninguém dos meus amigos gosta. Meus colegas, não [...] pro estilo acho que não precisa de marca não, o estilo é você tendo seu próprio estilo, cada um inventa o seu [...] (João, 15 anos, 28/10/2006)

Sobretudo em uma situação em que se trata de famílias numerosas cujos recursos são escassos:

[...] sempre compro mais barato, porque tem que dar pra um e pro outro [...] tenho mais dois irmãos. Se comprar uma roupa cara pra um tem que comprar pro outro, então tem que comprar tudo quase no mesmo preço [...] (Luana, 15 anos, 04/11/2006).

[...] eu ia comprar roupa pra mim e roupa pros meus irmãos. Porque quando meu pai recebe, ele compra roupa aos "picados" [...] ele compra roupa pros três pequenos, aí depois pros grandes, aí ele compra roupa pra ele. Aí meu pai não ia precisar comprar roupa aos "picados". (Thaís, 15 anos, 18/11/2006)

[...] peço [dinheiro] mas de vez em quando, porque o meu pai não tem muito dinheiro pra me dar. Quando ele tem, ele compra as coisas pra minha casa, entendeu? Mas quando ele tem dinheiro ele sempre me dá. (Priscila, 13 anos, 25/11/2006)

Quando perguntados como se sentem por não ter os objetos que não lhes são acessíveis, a maioria dos jovens declara não se importar:

[...] não faz falta porque eu não tenho. Se eu fosse ter todas as coisas que eu preciso mesmo [...] roupa assim dá pra comprar uma vez no mês, no final do ano, mas coisas assim que eu preciso mesmo minha mãe dá. As coisas que

eu preciso mesmo é as coisas de higiene pessoal. Mas roupa, essas coisas não [...] (Luana, 15 anos, 04/11/2006)

[...] quando ele [o pai] tem [dinheiro] ele dá, quando ele não tem, ele fala que quando ele tiver, ele dá. Mas eu entendo né, porque é só ele. Meu irmão não ajuda e ele não ganha muito. (Isabela, 14 anos, 18/11/2006)

Outros, porém, declaram que a ausência dos objetos faz sim muita falta:

[...] o que eu tenho mais vontade de ter é as minhas próprias roupas porque minhas roupas a minha irmã usa. É, minhas próprias roupas. É ruim. Um dia você ta usando, no outro dia sua irmã ta usando [...] (Priscila, 13 anos, 25/11/2006)

[...] se eu tivesse trabalhando eu comprava do tipo do meu estilo porque eu gosto de rap e comprava várias coisas pra mim de rap. Sabe, é porque eu não tenho dinheiro mesmo pra mim comprar meu estilo.

[...]

Te faz falta não ter essas roupas?

Faz, faz muita falta viu, se eu pudesse, nossa. É o que eu te falei, se eu tivesse trabalhando compraria de tudo pra mim [...] (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

Os aparelhos portáteis, constitutivos também de uma imagem pessoal, tais como o celular e o MP3/MP4, são muito valorizados entre eles. Quando questionados como adquiriam esses aparelhos, a maioria respondeu que eram comprados de segunda mão ou pertencentes a familiares. Poucos foram aqueles que disseram ter adquirido com recursos próprios – nas entrevistas, somente uma jovem empregada no mercado formal de trabalho, adquiriu um aparelho celular através do salário.

Como vimos no capítulo sobre a sociedade do consumo, a valorização de objetos portáteis que valorizam a aparência pessoal faz parte de todo um sistema de significação em que todos nós, pertencentes a esse mundo, somos parte. A aquisição de objetos está sob a lógica da *manipulação dos significantes sociais* (BAUDRILLARD, 2007). A expressão da identidade que o jovem escolheu para si depende, em grande parte, do modo com que se veste, do uso de acessórios ou das tecnologias que pode portar. Os objetos são manipulados como sinais de distinção e são essenciais para a inclusão ou exclusão dos sujeitos em determinados grupos, em especial em um contexto em que as relações são cada vez mais superficiais e efêmeras (LIPOVETSKY, 1989).

Por mais que haja um julgamento moral negativo em relação ao consumo que parte da sociedade em geral (COSTA, 2004) e, em particular, dos próprios jovens, o código do

consumo é totalitário. Na discussão sobre o que se pode considerar consumismo, Baudrillard bem esclarece que o consumo dos objetos não se define por sua materialidade ou quantidade e sim pela manipulação sistemática de signos. Não importa se o sujeito adquire sistematicamente objetos que logo irá descartar ou se investe todo o seu recurso na compra de um único objeto. O consumo é um processo estrutural vivido socialmente, mas é sentido pelo indivíduo como resultado de suas escolhas. Sem que os jovens percebam, suas preferências estão intimamente ligadas ao sistema social.

Os hábitos de consumo são vivenciados ainda de forma diferente pelos sujeitos que estão orgulhosos do seu status e entre aqueles que pretendem negar sua condição (DUBET, 2001). A preocupação com o consumo é deixada aos desprivilegiados que buscam a felicidade na tentativa de tornarem-se iguais àqueles que se apresentam como modelo de vida. Contudo, apesar de compartilharem o ideal de consumo, percebemos que para esses jovens a preocupação com a sobrevivência material pessoal e familiar é um fator que está ao lado do desejo de adquirir objetos de valorização pessoal.

Renda familiar

No que seu pai está trabalhando agora?

É, de jardineiro parece. (Elias, 14 anos, 04/11/2006)

Quem está trabalhando na sua casa atualmente?

Minha mãe [...] ela tá trabalhando naquele negócio lá de mexer com rato. (Pedro, 15 anos, 25/11/2006)

Os trabalhos realizados pelos pais desses jovens são pouco diversificados. Quase todas as mães são trabalhadoras domésticas⁶¹, enquanto os pais são pedreiros ou alguma variação de serviços ligados à construção civil, como, por exemplo, ajudante de pedreiro e eletricitista (ver **quadro 1**).

É algo para se pensar, pois mesmo nas classes populares outras possibilidades de trabalho tradicionalmente conhecidas parecem estar se extinguindo: costureira, cabeleireiro, barbeiro, manicure, cozinheiro e principalmente aquelas ligadas às indústrias como metalúrgicos e auxiliares de produção, por exemplo, que não foram mencionados por nenhum deles.

⁶¹ Conforme classificação adotada pelo IBGE, a categoria trabalhador doméstico refere-se à pessoa que trabalha prestando serviço doméstico remunerado, inclusive diaristas, recebendo dinheiro ou benefícios (moradia, comida, roupas, etc.), em uma ou mais unidades domiciliares (IBGE, 2006).

A renda familiar média declarada pelos jovens no questionário que aplicamos (ver **capítulo 4**) é de um a dois salários mínimos. Esse é um dado que precisamos aceitar com reserva, pois, os jovens entrevistados não pareceram seguros ao afirmar o quanto de recursos sua família dispunha, seja porque não sabiam o valor do salário dos seus pais, seja porque os membros da família não possuíam uma renda fixa. Alguns jovens ainda não sabem dizer ao certo qual a atividade remunerada que seus pais realizam. Um dos fatores que pode explicar esse desconhecimento é o fato da maioria dos pais desses jovens não ter uma atividade formal e variar suas atividades conforme as oportunidades que aparecem:

Por outro lado, os dados de população nos sugerem que esse nível de renda não é inusitado, pelo contrário. Na Pesquisa de Orçamentos Familiares 2000-2003 empreendida pelo IBGE, constata-se que, no Brasil, cerca de 8 milhões de famílias têm um rendimento médio mensal de menos de 400 reais e que 17 milhões de famílias brasileiras têm um rendimento médio entre 400 e um mil reais, ou seja, num universo de 48 milhões de famílias brasileiras estimadas pelo IBGE, mais da metade compartilha de uma renda familiar muito próxima daquelas declaradas pelos jovens do Bom Caminho.

Difícilmente essas pessoas conseguem atender às suas necessidades básicas com esses recursos. É possível supor que os desempregados, as crianças e os jovens se envolvem em trabalhos informais para ajudar em casa e que, além disso, as famílias conseguem na comunidade, nas instituições do bairro e nos programas sociais do governo um complemento para essa renda.

Podemos entender que numa sociedade na qual a sobrevivência é garantida essencialmente por recursos monetários, a família, em condições econômicas precárias, tem a capacidade de atender às necessidades de seus dependentes reduzida. Como instância primária de socialização (HORKHEIMER; ADORNO, 1973) e socialmente mediatizada, a família reproduz para o sujeito a insegurança do contexto contemporâneo. Sem emprego ou com uma renda insuficiente, os pais têm poucos recursos econômicos e mesmo psicológicos para investir na educação dos seus filhos a fim de que eles possam se preparar para entrar no mercado de trabalho. Os jovens mais pobres desde muito cedo se sentem impelidos a buscar seus próprios recursos financeiros para suprir suas necessidades próprias e familiares, o que expressam claramente na sua preocupação em encontrar um trabalho para contribuir no orçamento doméstico e para satisfazer seus desejos pessoais.

Recursos próprios

Os trabalhos informais (os *bicos*) que os jovens realizam são esporádicos. Alguns deles os realizaram apenas uma ou duas vezes, como, por exemplo, os jovens que responderam entregar panfletos, trabalharem nas feiras livres, nos “sacolões” e como ajudantes de pedreiro.

[...] eu trabalhava de bico com o Marcelo [...] fazia uns bagulho [...] eu ajudava ele a carregar entulho, barro [...] a cada dois dias assim ele dava 30 reais. (Arthur, 16 anos, 25/11/2006)

Esses pequenos serviços são realizados nas redondezas e o seu público é a própria comunidade e grupos de amigos:

[...] muitas pessoas sabem que eu tranço o cabelo. Minhas amigas, vizinhas [...] aí eu tranço, ponho “canecalon”, vários tipos de trança. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

Há ainda iniciativas promovidas por instituições da região que dão a possibilidade de um trabalho mais estável, embora informal:

Eu trabalhava numa cooperativa [...] a gente fazia de tudo lá. Tinha uma escala. Tinha gente que ficava na cozinha. Eu era mais garçonete. A gente tava fazendo eventos: formatura, casamento, aniversário de criança, churrasco de Dia dos Pais, das Mães. Aí pensamos, ao invés da gente ficar comprando as coisas, vamos fazer né, aí já ajuda. Lá no Educandário tem curso profissionalizante de comunicação, aí juntou um grupo, aí a gente começou a fazer salgado e ir congelando, aí foi isso. A gente fazia de tudo, da limpeza, decoração, limpar banheiro [...] (Marina, 20 anos, 18/11/2006)

É perceptível que a oferta de trabalho formal e informal é escassa, pois os jovens expressam o desejo de trabalhar, mas poucos entre eles têm oportunidade. Especialmente porque buscam a possibilidade de adquirir os seus objetos pessoais.

[...] minha mãe que me dá as coisas, mas ultimamente ela não ta me dando mais porque ela ta construindo lá em casa. Mas tipo, eu tranço cabelo, entendeu? Aí eu ganho um dinheirinho, dá pra mim comprar minhas coisinhas, compro chinelinho [...] o básico que dá pra mim comprar e eu compro. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

E quando você quer comprar uma roupa, você pede dinheiro para o seu pai?

Eu pago. Eu tento achar um lugar onde tenha que entregar folheto, aí eu entrego o folheto, pego o dinheiro e vou guardando até dar a quantidade certa pra comprar. (Fábio, 15 anos, 11/11/2006)

Se há uma renda um pouco mais estável, eles exploram suas possibilidades de crédito:

[...] o dinheiro que eu ganho, quando é de domingo a quinta-feira eu pego coisa fiada aí eu vou lá, pago tudo, aí o que sobrar eu compro coisa lá em casa e dou pra minha mãe e pro meu pai [...] (Fábio, 15 anos, 11/11/2006)

[...] quando eu saio de casa pra comprar roupa eu levo o que... dinheiro e cartão de crédito porque eu costume estourar. Aí quando eu estouro um cartão de crédito, eu dou uma entrada e parcelo o restante no cartão de crédito ou então eu compro alguma coisa com dinheiro e outras com o cartão de crédito, mas eu sempre levo o cartão de crédito [...] porque cartão você sabe né, passou, viu, se não tem dinheiro, passa o cartão [...] (Márcia, 19 anos, 04/11/2006)

No estudo sobre a ocupação dos jovens no mercado de trabalho metropolitano, realizada pelo Dieese⁶² em 2006, a maior parte dos jovens empregados, nessa faixa etária entre os 16 e 24 anos, concluiu o ensino médio e não está entre os mais pobres. De acordo com o estudo, os jovens com baixa renda familiar têm mais dificuldades de conciliar o estudo e o trabalho. Mostra ainda que a renda dos jovens ocupados é maior quanto mais elevado é o total de rendimentos de suas famílias e afirma que isso seria resultado da melhor preparação para o mercado de trabalho dos jovens das famílias com maior poder aquisitivo.

Ao analisarmos a questão do emprego precisamos ter em mente que a inserção no mercado de trabalho tem uma importância que ultrapassa a necessidade econômica. Em entrevista a Melissa Mattos Pimenta (2005), Paul Willis, teórico britânico da cultura, explica que “o salário permite uma série de emancipações culturais, além de dar acesso ao mundo do consumo [...]” (PIMENTA, 2005, s/n). O jovem desempregado está com sua transição econômica, cultural, social e política atravancadas, uma vez que sem recursos financeiros pouco lhe é permitido numa sociedade de consumo.

Maria Carla Carrochano e Marilena Nakano, no artigo *Jovens, mundo do trabalho e escola* (2002), enfatizam igualmente a importância do emprego para esse segmento da população que busca no trabalho o respeito, a autonomia em relação ao adulto, a convivência, conhecimentos e o consumo de bens sociais e materiais que lhe permitem identificar-se como jovens (CARROCHANO; NAKANO, 2002).

No artigo “Notas sobre los jóvenes portadores de la violencia juvenil en el marco de las sociedades pos-industriales” (2002), Juan Pegoraro, Professor Titular de Sociologia na Universidade de Buenos Aires, explora as estratégias para o acesso aos bens de consumo de jovens de sociedades pós-industriais numa situação de exclusão social e inclusão cultural.

⁶² Dieese, 2006.

Destaca que enquanto alguns jovens se comportam de acordo com as normas, outros combinam comportamentos aceitáveis e reprováveis e que as formas legais e ilegais de satisfazer as demandas de consumo são determinadas social e culturalmente pelo grupo de referência. Com a forte presença do tráfico de drogas nas grandes cidades, recrutando seus trabalhadores entre aqueles em situação econômica e social menos privilegiada, a entrada no mundo do crime vem se tornando uma alternativa cada vez mais presente para os jovens moradores da periferia.

No Brasil, em uma situação na qual o trabalho precário prevalece, o tráfico aparece a esses jovens como uma possibilidade de conseguir recursos econômicos. Alguns deles estão dispostos a aceitar o trabalho que lhes seja oferecido para atender às suas necessidades familiares e ao seu desejo de inserir-se no mundo do consumo. Durante a pesquisa, alguns jovens abandonaram as atividades da instituição sem dar explicações. Aqueles que permanecem vão consolidando um vínculo com o grupo. Como já esclarecemos na descrição do trabalho de campo, a atividade semanal aos sábados à tarde, a participação nos passeios e mesmo a proteção da instituição e da sua rede de voluntários moradores da região, exigem do jovem um comportamento que desfavorece a atuação criminosa. As eventuais incursões de alguns desses jovens no tráfico ou na agiotagem se assemelham mais a um *bico*, tal como aqueles que realizam na feira-livre ou distribuição de panfletos, por exemplo, do que a um trabalho regular, como nos é mostrado pela pesquisadora Marisa Feffermann sobre a participação de adolescentes nas organizações do tráfico de drogas em especial no Rio de Janeiro (FEFFERMANN, 2006). Há uma diferença importante em São Paulo. Como escreve Antonio Sergio Spagnol (2005) sobre sua pesquisa com jovens paulistanos considerados delinquentes, a participação desses jovens em crimes graves é rara. O autor não constatou a presença de jovens organizados em *gangues*⁶³. Os atos criminosos desses jovens, em geral, não são planejados (SPAGNOL, 2005, p.283).

Deve-se ressaltar ainda que, assim como outras formas de comércio, o tráfico perpassa todas as classes sociais. Ele não atua somente na periferia, mas é nas regiões mais pobres que ele mostra sua violência mais explícita.

⁶³ Spagnol (2005) define as *gangues* como coletivos formalizados nos quais o objetivo principal é proporcionar ganhos econômicos e sociais a seus membros.

Perspectivas para o futuro

O conhecimento dos jovens entrevistados sobre as profissões é vago. Quando respondiam a pergunta sobre quais as suas perspectivas de trabalho, se referiam muito mais à imagem ou ao *status* que a profissão representava do que ao trabalho em si.

[...] queria trabalhar. Um trabalho que pagasse bem. Qualquer coisa [...] têm aqueles caras que quando você vai fazer uma casa eles desenharam como ela vai ser sabe? O que é mesmo? (Nilson, 17 anos, 11/11/2006)

*No futuro eu quero ser trabalhador né [...] nem que seja fazer uns bicos.
Tem alguma coisa que você acha mais legal de fazer?*

Guarda. Aqueles caras que tomam conta dos cofres. (Pedro, 15 anos, 25/11/2006).

[...] ah quero fazer um curso de médico. (Arthur, 16 anos, 25/11/2006)

Algumas garotas têm o sonho de ser modelo ou manequim:

Eu queria seguir a carreira de modelo né, mas eu sei que é complicado, teria que ter contato com alguém. (Lúcia, 16 anos, 04/11/2006)

[...] eu gostaria de ser modelo. Modelo não, manequim [...] eu gosto não de desfilar, mas de tirar fotos [...] tenho que fazer o meu book, porque aí se alguém me chamar na primeira oportunidade eu vou. (Priscila, 13 anos, 25/11/2006)

Aqueles que terminaram o ensino médio demonstram preocupação com as dificuldades de conciliar a formação profissional e o trabalho para ajudar a família:

Eu tava pensando em fazer cursinho e fazer a faculdade enquanto eu estiver trabalhando pra poder pagar, porque só minha mãe que paga as coisas né, aí não dá pra ela ajudar. Então eu vou entregar currículo pra eu ir trabalhar pra depois poder estudar tranqüila, né [...] aí a gente vai mudar e vai precisar comprar as coisas. Minha mãe não vai poder pagar aluguel e mobiliar o apartamento [...] aí eu queria começar a trabalhar pra poder ajudar ela e também ajudar nos estudos. (Marina, 20 anos, 18/11/2006)

Qual o curso que você gostaria de fazer na faculdade?

Psicologia, mas eu não sei [...] eu tenho que trabalhar né, para poder pagar mesmo, para me manter e tenho que me esforçar para me sair bem. (Vivian, 14 anos, 18/11/2006)

Para outros ainda, formar uma família está em primeiro plano:

[...] eu abri uma poupança pra estar sempre guardando na poupança, pra mim prever o meu futuro, né. Porque eu planejo muito meu futuro. Porque

eu to namorando e ele ta morando comigo desde janeiro. (Letícia, 18 anos, 21/10/2006)

As entrevistas, assim como as atividades realizadas com o grupo, nos mostraram, em geral, a confiança desses jovens numa vida promissora. Contudo, os meios para chegar a uma realização na vida adulta não são objeto de sua reflexão.

O estudo não é visto como forma de conhecimento que os enriqueceriam como pessoas, mas como uma etapa até o mercado de trabalho. Ainda assim, faltam-lhes as informações sobre as formações profissionais necessárias para atingirem seus objetivos de emprego. Tudo isso, associado às condições precárias de moradia, alimentação e segurança, dificulta, por parte desses jovens, a elaboração de projetos de futuro (CORTI; SPOSITO, 2002). Em uma obra recente, intitulada *Vida Líquida*, Bauman (2005) acrescenta que, não só o passado é desvalorizado como se torna cada vez mais arriscado pautar-se nas experiências anteriores uma vez que as condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente (BAUMAN, 2005, p.7). A identidade do indivíduo está presa no presente e por mais que se procure uma boa preparação, ela não significará um alicerce para o futuro.

Algumas considerações

Em consonância com o desejo de reconhecimento, o consumo corresponde a um elemento fundamental para a auto-estima e a construção da identidade dos jovens. Se antes os sujeitos eram definidos por aquilo que poderiam produzir, ou seja, sua profissão ou seu papel social, em nossos dias os indivíduos se definem muito mais pelo que podem consumir. Se acrescentarmos ainda a superficialidade e a rapidez com que se dão as relações entre os sujeitos, não impressiona o fato de que as pessoas privilegiem o consumo de bens que lhes dão visibilidade imediata em detrimento daqueles cujos ganhos exigem mais tempo de serem elaborados e reconhecidos. Por esse motivo, dá-se tanta importância à imagem pessoal:

A construção e exposição de si e de 'seu visual' não se explica apenas pela submissão ao consumo de massa, mas também pela necessidade de expor, constantemente, ao olhar dos outros, a identidade escolhida. (DUBET, 2001, p.10)

A opção pelo vestuário, pelo calçado e pelos objetos pessoais portáteis, quando questionamos os jovens do Bom Caminho sobre suas preferências de consumo, evidenciam essa suposição.

O jovem pobre, sem barreiras institucionalizadas para ascender socialmente, deseja também construir a sua identidade a partir do que é valorizado por essa sociedade. Diante do

reconhecimento da discriminação social que sofre, o consumo lhe aparece como o modo mais lógico de participação na sociedade e a aparência como a forma mais direta de evidenciar esse consumo e de reduzir as desigualdades.

Todos nós sabemos que as roupas são uma necessidade e uma preocupação central no mundo social. Mas é preocupante observar que essa seja a escolha unânime quando perguntamos sobre sonhos. Sonhos circunscritos, é claro, a um ganho eventual ou mensal de 500 reais. Contudo, essa mesma quantidade de dinheiro poderia ser utilizada para sonhar com a inserção em um universo muito maior de possibilidades se esses jovens estivessem inseridos em uma sociedade que enfatizasse menos o consumismo. Isso tudo demonstra como o horizonte desses jovens está restrito.

▪ **Quadro 1 Resumo das entrevistas**

Nome	Quantos moram na residência	Programas preferidos na TV	Estilo de música preferido	O que vê na Internet	Atividades da semana	Atividades nos fins-de-semana	Gastos do dia-a-dia	O que faria com R\$500,00	O que faria com um salário de R\$500,00	Marido que prefere
Gabriela	4 (ela, mãe, pai e uma irmã)	Casos de Família e Rebeldes	rock, pop, eletrônica e black	bate-papo	ir à escola, se “arrumar”, cuidar da casa e namorar	assistir TV, ouvir rádio e namorar	doces	Comprar roupas, calçados, perfume, bijuteria, maquiagem, cuidar do cabelo e comprar um celular	poupar e comprar moto ou carro	Zoeira, W, S, 7, C&P, Pak
Letícia	5 (ela, mãe, namorado, irmã e namorado da	Casos de Família, Chaves, Noticiário	rap e funk	bate-papo	ir à escola, assistir TV, cuidar da casa e ir	assistir TV; ouvir rádio; namorar; ler revistas e cantar	presentes, escova de dentes e absorvente e	comprar roupas, videogame, DVD karaokê	presentes, poupar, comprar móveis para quando	S, preferir, com r

3º Médio	irmã)	SBT e	ao	player, CDs e tênis
		▪ novelas	▪ curso de culinária	
João		▪ está sem TV, mas assiste na casa dos amigos:		
15 anos	▪ 6 (ele, padrasto, mãe e 3 irmãos)	▪ rock e	▪ Orkut e	▪ ajudar a mãe, comprar skate e
▪ não está estudando		▪ "Um maluco no Pedaço" e "Eu, a patroa e as crianças"	▪ andar de skate e encontrar os amigos	▪ MP3
		▪ reggae	▪ jogos	
			▪ andar de skate	
			▪ lan house, roupa de rock e boné	
Regina		▪ programas de entretenimento, filmes de ação, terror e comédia		▪ Comprar tênis, roupas e
20 anos	▪ 6 (ela, mãe, padrasto e 3 irmãos)	▪ black, samba e	▪ cuidar da casa, cuidar dos irmãos e ir ao	▪ cuidar do cabelo
cursinho pré-vestibul		▪ funk	▪ bate-papo e pesquisa de emprego	
			▪ cuidar da casa, cuidar dos irmãos e ir ao	
			▪ cursinho	
			▪ ir a baladas em que mulher não paga para entrar	
			▪ ajuda a mãe, compra roupas e cosméticos, paga para fazer currículo, transporte e	

ar

cabeleireir
o

s, DVD
player,
linha
telefônica
e reformar
a casa

ro
n
bar
de

Continuação – Quadro 1 – Resumo das Entrevistas

Nome	Quantos moram na residência	Programas preferidos na TV	Estilo de música preferido	O que vê na Internet	Atividades da semana	Atividades nos fins-de-semana	Gastos do dia-a-dia	O que faria com R\$500,00	O que faria com um salário de R\$500,00	
Idade										
Escol										

Marina

20 anos

cursinho pré-vestibular

4 (ela, mãe, pai e irmão)

Rebeldes, noticiários e desenhos

Vários

Orkut

ir ao cursinho e cuidar da casa

ir à casa da mãe do namorado

roupas, alimentação, higiene pessoal e transporte

abrir conta no banco, ajudar a mãe, cuidar do cabelo, comprar cosméticos, roupas e tênis

poupar R\$100,00, cuidar da casa, comprar roupa, cosmético e aparelho de som

<div><div>▪ Júlia</div><div>▪ 14 anos</div><div>▪ 7ºFund</div></div>	<div><div>▪ 5 (ela, mãe e 3 irmãos)</div><div>▪ -</div></div>	<div><div>▪ funk</div><div>▪ não usa</div></div>	<div><div>▪ ir à escola, ao curso do Pró-jovem e namorar</div><div>▪ namorar e ir nas baladas</div><div>▪ doces e lanches</div><div>▪ ajudar a mãe, comprar roupas, alimentos e gás de cozinha</div><div>▪ comprar casa para morar com o namorado, roupas íntimas, absorvente e alimentos</div></div>
<div><div>▪ Thaís</div><div>▪ 15 anos</div><div>▪ 8ºFund</div></div>	<div><div>▪ 9 (ela, mãe, pai e 6 irmãos)</div><div>▪ -</div></div>	<div><div>▪ funk</div><div>▪ bate-papo</div></div>	<div><div>▪ cuidar da casa, encontrar os amigos, ir à escola, cuidar dos irmãos e assistir TV</div><div>▪ namorar</div><div>▪ lan house e doces</div><div>▪ ajudar a construir a casa, comprar roupas e sapatos</div><div>▪ roupas para ela e para os irmãos</div></div>
<div><div>▪ Isabela</div></div>	<div><div>▪ 6 (ela, pai, mãe, tio,</div><div>▪ novelas</div></div>	<div><div>▪ black</div><div>▪ -</div></div>	<div><div>▪ cuidar da casa, encontrar</div><div>▪ -</div><div>▪ cosméticos</div><div>▪ comprar roupa e tênis e</div><div>▪ ajudar em casa,</div></div>

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Continuação – Quadro 1 – Resumo das Entrevistas

[illegible]

▪ Fábio	▪ 7 (ele, mãe, pai e 4 irmãos)	▪ desenhos animados do Cartoon Network e novelas	▪ hip-hop, black, rock, pagode, axé e samba	▪ dicas de jogos e Orkut	▪ cuidar do irmão, ir à escola, jogar xadrez, videogame e futebol	▪ Bom Caminho, casa dos primos, lanchonete e lan house	▪ não costuma ter dinheiro, mas compra lanche quando tem	▪ reformar a casa, comprar televisão e videogame	▪ comprar computador,
▪ 15 anos									▪ roupa para os irmãos,
▪ 7ªFund									▪ objetos importados, carro com som, celular com câmera digital e doar
▪ Nilson	▪ 3 (ele, mãe e irmã)	▪ -	▪ black e	▪ -	▪ cuidar da casa, fazer comida, ficar na rua, jogar futebol, fliperama, ir à escola e “dar rolê”	▪ vai a baladas: Love Store, Show Bar, Caipirão e Espaço Mega	▪ lanche e fliperama	▪ pagar contas, comprar comida (as roupas que ele gosta são caras e esse valor não seria suficiente)	▪ ajudar em casa, tirar habilitação de moto e carro
▪ 17 anos									
▪ 5ªFund			▪ funk						

e)

▪ Jéssica	▪ 4 (ela, pai, mãe, irmão e tio)	▪ Novela	▪ Black	▪ não usa	▪ cuidar da casa e do irmão e ir à escola	▪ festas, casa de amigos	▪ lanche	▪ comprar roupa e ajudar a mãe	▪ guardar para a faculda de, ajudar a mãe e comprar roupas
▪ 13 anos									
▪ 7ºFund									
▪ Vivian	▪ 6 (ela, mãe, 3 irmãos, avó)	▪ novela	▪ Axé	▪ Orkut e bate-papo	▪ ir à escola, ao curso de gestão e cuidar do irmão	▪ assistir TV, ouvir rádio, encontrar os amigos, cuidar da casa	▪ lanche e lan house	▪ poupar, comprar roupa e sapato	▪ Ajudar em casa, poupar para a faculdade e comprar um computador
▪ 14 anos									
▪ 1ºMédio									

Continua

Continuação – Quadro 1 – Resumo das Entrevistas

Nome	Quantos moram na residência	Programas preferidos na TV	Estilo de música preferido	O que vê na Internet	Atividades da semana	Atividades nos fins-de-semana	Gastos do dia-a-dia	O que faria com R\$500,00	O que faria com um salário de R\$500,00
Henrique	3 (ele, dirigente do BC e outro jovem)	futebol	pagode, black e axé	Orkut, bate-papo e pesquisas para a escola	ir à escola, arrumar a casa, estudar e jogar bola	voluntário no Bom Caminho, Curso de kardecismo, Joga futebol e toca pagode	não costuma ter dinheiro, quando tem compra lanche	ajudar a mãe, poupar, comprar tênis, videogame e bola de futebol	Ajudar a mãe, poupar, comprar mp4, e videogame
Pedro	7 (ele, mãe e 5 irmãos)	filmes e desenhos animados	black	bate-papo	cuidar da casa, jogar futebol e ir à escola	ouvir rádio, namorar e ajudar em casa	beber cerveja com o irmão e comer pizza e doces	comprar roupas e tênis para ele e para os irmãos	Ajudar em casa, comprar roupa para a mãe, para

Capítulo 6. Algumas reflexões

Os jovens do Bom Caminho e a escola

Em uma das atividades realizadas com os jovens do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, quando discutimos acerca dos medos e das preocupações dos jovens, impressionou-me o fato de a maioria ter respondido que não sentia medo nenhum de ir mal na escola, sendo que a dificuldade em ler e escrever era evidente no grupo. Estava no início da pesquisa e decidi investigar o que considerarei, num primeiro momento, uma despreocupação dos alunos em relação aos estudos. Investigação essa que percebe seus limites, uma vez que não estava prevista no projeto inicial desse trabalho e o nosso campo de pesquisa não era a escola formal, mas que traz questões que podem ser aprofundadas em estudos posteriores.

Na primeira etapa dessa sondagem, pedi que os 70 jovens presentes no dia da atividade respondessem a um questionário (ver **apêndice D**). Disse-lhes que era uma pesquisa para o meu curso da faculdade, em que eu buscava saber a opinião deles sobre a escola em que estudavam e sobre seu próprio desempenho nos estudos. Ao final da atividade, 67 alunos devolveram o questionário que me trouxe os seguintes dados:

- *Todos os jovens eram moradores do entorno do Jd. São Jorge, bairro periférico da zona oeste da cidade de São Paulo/SP;*
- *A maioria estudava em colégios públicos no próprio bairro: seis alunos na EMEF⁶⁴ Daisy Amadio Fujiwara; 16 alunos na EMEF General Alcides Gonçalves Etchegoyen; 20 alunos na EE⁶⁵ Guiomar Rocha Rinaldi. Poucos alunos estudavam fora do bairro: cinco alunos na EE Fernão Dias Paes e três alunos na EE Godofredo Furtado, ambos na região do bairro de Pinheiros, área mais central da cidade;*
- *17 jovens estudavam no período da manhã; 19 à tarde e 16 à noite;*
- *Sete jovens responderam que não gostavam da escola em que estudavam; 39 disseram que gostavam um pouco e 19 disseram que gostavam bastante;*
- *Quatro jovens disseram que seus pais não gostavam da escola em que estudavam; 32 que seus pais gostavam um pouco e 29 que gostavam bastante;*

⁶⁴ EMEF é a sigla usada para indicar Escola Municipal de Ensino Fundamental.

⁶⁵ EE é a sigla usada para indicar Escola Estadual.

- *Sobre o relacionamento com os professores, dois jovens disseram que era muito ruim; 39 que era razoável e 23 que era muito bom;*
- *Se os professores ajudam a superar suas dificuldades, 36 jovens responderam que os professores os ajudavam bastante; 27 que os ajudavam um pouco e somente um jovem disse que os professores não ajudavam;*
- *Sobre o aprendizado na escola, nenhum disse que não estava aprendendo nada; sete disseram que estavam aprendendo pouco; 31 que estavam aprendendo bem em algumas matérias e 27 disseram que estavam aprendendo muito;*
- *Dois jovens disseram que seus pais não cobravam que eles estudassem e tirassem notas boas; 20 jovens disseram que os seus pais os cobravam pouco e 42 que os pais os cobravam muito;*
- *Oito jovens afirmaram que não se importavam em tirar nota baixa; 33 disseram que ficavam decepcionados quando suas notas eram ruins, mas logo esqueciam e 23 disseram que ficavam muito decepcionados;*
- *Dos 67 alunos, apenas oito afirmaram já terem participado de classes especiais;*
- *Seis alunos disseram que trabalhavam diariamente; 13 faziam alguns “bicos” e os demais não trabalhavam;*
- *Apenas um dos alunos afirmou acreditar que o trabalho prejudicava os estudos e 17 deles disseram que prejudicava um pouco. O restante afirmou que o trabalho não prejudicava os estudos;*
- *Em relação às faltas, 23 jovens disseram que só não iam à escola quando acontecia algo grave; 36 disseram faltar de vez em quando e quatro afirmaram faltar muito.*

Os resultados dos questionários não coincidiam com as impressões que tive durante as atividades da instituição. Os alunos apresentavam uma opinião muito mais positiva do que aquela que eu esperava, uma vez que, nos seus exercícios, a dificuldade de leitura e escrita era clara.

Havia também um senso comum sobre a baixa qualidade das instituições de ensino dos bairros próximos e a falta de vagas para o ensino fundamental e médio. De acordo com o Instituto Lidas (1993), a população do distrito de Raposo Tavares era menos escolarizada que a média da população do município de São Paulo. Enquanto a média de analfabetismo no

município é de 31,3%, no distrito que pesquisamos esse índice chegava a 38,20%. Entre os escolarizados, a média de estudo em Raposo Tavares era também menor:

Primário:	São Paulo_____32,30%
	Raposo Tavares_31,53%
Ginásio:	São Paulo_____13,45%
	Raposo Tavares_13,00%
Colégio:	São Paulo_____11,43%
	Raposo Tavares_10,70%
Superior:	São Paulo_____7,14%
	Raposo Tavares_5,50%

Essas diferenças se destacam ao compararmos com dados das regiões mais ricas da cidade, que apresentavam, na época, índices de analfabetismo de 22,5% e escolarização superior que chegava a 19,6% (ambos no Jardim Paulista).

Quase uma década após a realização da pesquisa do Instituto Lidas, quando os índices de analfabetismo caíram de forma acelerada no conjunto da população paulistana, o analfabetismo no distrito de Raposo Tavares estava em 9,5%, continuando ainda maior que a média do município de São Paulo que estava em 8,0%, conforme os dados do censo do IBGE de 2000 (ver **apêndice A**).

Mas esses alunos afirmavam ter uma condição muito favorável em relação a alguns fatores que, a princípio, influenciam o sucesso escolar: escola próxima à região em que vivem; boa parte dos alunos e dos pais gosta da escola em que estudam, apesar de toda a desvalorização do ensino público; a relação com os professores parece não ser muito conflituosa; afirmam ter aprendido na escola, mesmo que um pouco; a maioria afirma que seus pais cobram que eles estudem; muitos dizem ficarem decepcionados quando vão mal na escola; poucos participaram de classes especiais; apenas 9% dos alunos trabalham regularmente e somente 6% afirmaram faltar muito às aulas.

Os questionários, ao meu ver, não foram suficientes para entender o desempenho dos alunos na escola – mas deram indícios de que sua inserção no âmbito escolar estava repleta de contradições. Parti então para a segunda etapa, que consistiu em entrevistar alguns alunos da instituição e suas respostas nos levaram a refletir a respeito da escola num contexto mais

amplo e a pensar em algumas de suas relações com certas características de uma sociedade de consumo.

Nas entrevistas, os jovens relataram as dificuldades que enfrentam em seu dia-a-dia: meninas com menos de 15 anos que são mães ou são responsáveis por sustentar financeiramente seus lares; famílias em que não há renda mensal; meninos que não conhecem ou perderam o contato com o pai; além dos casos relatados de violência. Não há como negar que essa população, apesar de muitas vezes se integrar bem na escola, enfrenta muito mais obstáculos para estudar do que uma população com condições de vida mais favoráveis. Estudar, trabalhar, vestir-se, comer, ter lazer, manter-se seguro e longe de agressões os atingem de uma forma muito mais incisiva.

Para aqueles que conseguem superar as dificuldades e se manter na escola, percebemos que um fator de extrema importância para o interesse dos jovens pelo conteúdo e pelo ambiente escolar é a atuação dos professores. O adolescente, em geral, não consegue diferenciar entre o interesse pelo estudo e a afinidade com o professor⁶⁶. Grande parte dos alunos apontou que a disciplina escolar favorita é aquela ministrada pelo professor também favorito. Isso pode ser expresso na transcrição das entrevistas e nas expressões dos jovens ao falarem daqueles professores divertidos, daqueles que explicam a matéria, daqueles que são exigentes e daqueles professores que mostram realmente se preocuparem com o seu desempenho. Para o jovem, ser tratado pelo nome, ser reconhecido pela sua personalidade e ser tratado como um sujeito único faz a diferença. Pequenos gestos fazem com que os alunos mudem de atitude e eles são sensíveis ao fato do professor interessar-se por eles como pessoas (DUBET, 1997).

Infelizmente, a maioria dos professores não atende a essas expectativas. Segundo os jovens, os professores não têm domínio sobre a matéria que ensinam; por isso fazem aulas desinteressantes e não trazem nada de novo além de palavras a serem copiadas da lousa. Aqueles que conseguem chamar a atenção dos alunos são exceções. Ainda assim, quando respondeu o questionário, a maioria dos alunos não criticou a atuação dos professores em geral, o que podemos considerar como certa aceitação ou uma naturalização desse “professor que não explica”.

⁶⁶ Ver Dubet, 1997.

Pela perspectiva docente, Souza (2008) chama a atenção para o sentimento de impotência por parte dos professores diante de alunos que parecem “não estar nem aí”, enquanto a instituição escolar lhes exige aulas prazerosas:

Todos os professores conhecem essa experiência devastadora: ser profissional e psiquicamente demolido por crianças ou jovens que destituem o professor de seu lugar, não pelo fracasso, mas pela ausência, pela recusa em entrar no jogo da escola. Os empurrões, os insultos, o vandalismo são meras decorrências desse dado principal.

As recomendações dos psicólogos e pedagogos para que os professores "tornem as aulas motivadoras, abandonem conteúdos rígidos, ensinem tudo que possa se transformar em vida e brinquedo" - soa quase como afronta aos professores. Injunção paradoxal, essa de dizer para professores deprimidos que suas aulas devem ser interessantes. E que retira do professor sua razão de existir - transformado-o em simulacro de animador, ao qual é pedido que se esforce para concorrer com a televisão (SOUZA, 2008, p.21)

Colocar os professores em concorrência com os meios de comunicação é algo desleal. A cultura televisiva, apoiada por uma tecnologia audiovisual, chama para si a função de apresentar a realidade, em especial no Brasil, onde a televisão chegou num momento em que a maioria da população era analfabeta.

Acompanhando ainda a série de discursos conflitantes do nosso tempo, ao professor são exigidas, ao mesmo tempo, toda e nenhuma responsabilidade:

A depressão que toma conta dos educadores tem raízes históricas e políticas, todos concordam. Contudo, é necessário emprestar maior nitidez e discernimento no desvendamento da rede discursiva endereçada aos professores. Nesses últimos anos, tais discursos oscilaram entre dois extremos - ou considerava os dados fatalmente já jogados antes que se abrissem os portões da escola, ou se tomava ingenuamente o primeiro dia de aula como a primeira manhã do mundo. Se de um lado o discurso sociológico desobrigava os professores de compromisso, os discursos psicológicos e também psicanalíticos, paralisavam os professores pela culpa (SOUZA, 2008, p.22)

Fala-se também das condições materiais de trabalho dos professores. Com o impacto dos resultados lastimáveis das últimas avaliações do ensino no Brasil, colocou-se em pauta a formação deficitária e os baixos salários dos professores. Nessa discussão, chama a atenção o discurso daqueles que defendem que não é o salário que faz um bom professor. Cabe aí questionar: de que forma os profissionais são valorizados numa sociedade de consumo? Se a tradição e a participação na esfera pública se enfraquecem, como esperar que os professores se empenhem nessa luta? O problema da formação não pode ser desvinculado da remuneração do profissional. Inclusive por questões que exigem dinheiro: comprar livros, CDs, DVDs, ir ao cinema etc, ou seja, ter uma formação constante. Com uma perspectiva tão desalentadora

da profissão docente, são poucas as chances de que sujeitos, para tornarem-se professores, invistam em bons cursos universitários, em livros, que no Brasil estão entre os mais caros do mundo, e no seu direito de acesso à arte, cada vez mais restrita àqueles que podem pagar.

Sob a perspectiva do aluno, o significado da escola não lhe é claro, seja porque perdeu a confiança de que o estudo lhe garantirá um bom emprego, seja porque o conhecimento que poderia adquirir na escola não lhe faz sentido.

Souza (2008) afirma que, por algum tempo, a escola conseguiu apoiar-se na esperança dos alunos de ascender socialmente através dos estudos e que, apesar dessa esperança ser em grande parte ilusória, foi capaz de manter os alunos na escola. Hoje, porém, nem a ilusão é oferecida aos alunos:

O projeto de ascensão social assim mudou de lugar. As crianças e jovens guardados pela escola são submetidos à televisão, que repete sem cessar a dispensa da escola na ascensão social, através da notoriedade obtida a qualquer custo. A escola já não é capaz de desfazer a ilusão relacionada à improbidade real de um jovem pobre se tornar uma celebridade milionária, sendo jogador de futebol, *top-model* ou cantor de *funk*. Nem há professores capazes de sustentar que as celebridades, exibidas semanalmente nas capas de revistas, não são exatamente modelos de seres humanos a serem seguidos. A publicidade acena para uma vida inacessível aos alunos, a escola ao nada deles exigir, tem por função tentar fechar seus olhos. (SOUZA, 2008, p. 22)

De acordo com Bernard Charlot, “[...] não é só a lógica da instituição que resta obscura aos olhos dos alunos, é seguidamente a do próprio saber e, por conseguinte, do ato ensino/aprendizagem” (CHARLOT, 2002, p.441). Em um mundo em que se prioriza a rapidez e a eficiência, como exigir que os alunos percam seu tempo com aulas que não lhes trazem uma utilidade prática e imediata?

Essas indicações levam a entender que, além do contexto social mais amplo, o problema da educação diz respeito também à instituição escolar em particular. Afinal, se existem alunos que estão na sexta ou sétima série e que ainda não sabem ler e escrever é porque a escola e os professores não estão se responsabilizando pelos seus alunos e, além de tudo, fazem com que os alunos acreditem que estão aprendendo como deveriam.

O aluno tem encontrado na escola, além disso, um ambiente hostil. Nos relatos do grupo pesquisado aqui, podemos perceber alguma agressividade dos professores em relação aos alunos. A jovem Daniela, 14 anos, afirmou que o que menos gostava na escola era dos professores, pois eles diziam que ela era muito “patricinha”, que “não queria ser ninguém na vida”. Conforme a garota, os professores “querem colocar a gente [os alunos] pra baixo”. O

preconceito, como uma das marcas dessa sociedade que se constrói sob a égide da dominação, manifesta-se também na escola. Também diz respeito ao que Freud chama de narcisismo das pequenas diferenças, quando alguém numa posição apenas um pouco superior projeta no outro uma miséria que é comum a ambos, e crê assim livrar-se da angústia advinda de uma precariedade que é comum a todos. O preconceito não existe apenas entre grupos de rendas diferenciados, do superior em relação ao inferior, também se revela entre os iguais que compartilham uma mesma situação de vida. Tal parece ser o caso dos professores das escolas da periferia ora analisada.

O jovem Adriano, 17 anos, por exemplo, disse que os professores deveriam respeitar mais a condição do aluno e mesmo a religião, pois já sofreu discriminação na escola por ser espírita. Há do mesmo modo outros relatos sobre a irritabilidade e mesmo a violência por parte dos professores. É certo que esses dados podem não refletir a realidade e ainda menos afirmar que tais situações ocorrem em outras escolas além daquelas freqüentadas pelos jovens da nossa pesquisa. No entanto, tais afirmações, junto com o conhecimento sobre o problema da violência e a escola no Brasil e em outros países do mundo, nos dão indícios da relação conflituosa que vem se configurando entre professores e alunos.

Sposito (2005) comenta o fato de a escola ser o segundo lugar apontado pelos jovens brasileiros entre os espaços em que já sofreram experiências de discriminação, humilhação e falta de respeito. Na avaliação da autora isso ocorre pois a escola é um campo de relações primárias que comporta tensões entre os seus protagonistas. É um espaço em que os jovens passam boa parte de seu tempo e que não está imune aos conflitos.

É importante marcar também o que Charlot chama de a *violência da escola*. Esta seria “[...] uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...)” (CHARLOT, 2002, p.435). O autor alerta que se são os jovens os principais autores, são eles também as principais vítimas dessa violência⁶⁷ causada pela

⁶⁷ “Seria ainda pertinente distinguir a questão da violência, a da agressão e a da agressividade. A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva à angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredire* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo). A violência remete a uma característica desse ato, enfatiza o uso da força. Mas parece pertinente distinguir a agressão que utiliza a força apenas de maneira instrumental, até mesmo que se limita a uma simples ameaça (...) e a agressão violenta, na qual a força é utilizada muito além do que é exigido pelo resultado, com uma espécie de prazer de causar mal, destruir, de humilhar” (CHARLOT, 2002, p.436)

incapacidade da escola encontrar formas legítimas ou aceitáveis de que seus funcionários, professores e alunos expressem seus conflitos.

O ponto chave seria, de acordo com o autor, encontrar um novo modo de interação entre a escola e a sociedade no sentido de desvincular a imagem da escolaridade com a conquista de um bom emprego. Idéia que havia esvaziado da escola seu lugar de sentido e prazer.

Prazer que está bem além dos muros da escola, que se assemelha cada vez mais prisões, deixando clara a intenção do poder público de manter os jovens pobres sob controle. Muitos jovens na entrevista disseram que o que menos gostam na escola é a sujeira, a falta de conservação dos equipamentos e mesmo a aparência geral, sinais que são percebidos como desrespeito pelos seus usuários. Uma das jovens entrevistadas compara a sua escola a um presídio pela quantidade de grades que possui. Outro jovem disse que ficou decepcionado ao ver a degradação da escola em que foi estudar no ensino médio e como isso o desanimou a permanecer no colégio.

Se a escola é o principal espaço de sociabilidade dos jovens, sua aparência não pode ser considerada uma questão de menor importância. Se nos *shoppings centers* o ambiente agradável proporciona a sensação de liberdade – em especial a liberdade de escolher entre o que se pode comprar – a escola deixa claro ao aluno que no seu espaço cheio de grades e muros ele não tem outras opções, além de permanecer lá dentro num ambiente hostil ou permanecer do lado de fora, marcando mais ainda a sua situação de excluído da sociedade. Acreditamos que a escola não precisa seguir os moldes dos centros comerciais, como fazem muitas instituições de ensino privadas que visam ao consumo, mas sim se tornar um ambiente agradável para a convivência.

O custo dos estudos para as classes populares já é muito alto: deve-se comprar uniforme, material escolar, transporte, perde-se o tempo que se teria para trabalhar e ajudar em casa e deve-se atender às exigências de consumo que trazem do convívio com os colegas. A ida à escola é muitas vezes condicionada à possibilidade de emprego e de consumo, principalmente dos objetos que compõem a aparência pessoal do aluno, pois não se pode esquecer ainda que o ambiente escolar é também o espaço, por excelência, de sua sociabilidade, onde se busca reconhecimento entre seus pares. Em um estudo de Peres (2006) sobre a violência na escola, encontramos falas de jovens sobre como é humilhante ir à escola com a roupa furada, quando outros colegas vão com roupa de marca.

É possível pensar, assim, que a crise na escola relaciona-se às contradições de uma instituição escolar numa sociedade de consumo. Num contexto em que se desvaloriza o passado, todo o conhecimento é considerado rapidamente obsoleto. Walter Benjamin (1994) em “o Narrador” descreve a transformação que observa nas formas de comunicação humana nas quais o saber é substituído pela informação como um reflexo do *pathos* do novo: “A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele [...]”. Uma obsolescência que se contrapõe totalmente ao significado da narrativa, que representa o valor da tradição para as gerações mais antigas, como algo que apesar de ter suas origens no passado nunca perde sua atualidade na medida em que é sempre passível de reflexão: a narrativa não se entrega, “ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p. 204).

A educação, do ensino básico ao superior, submersa também no *pathos* do novo, lança-se a atender necessidades que surgirão no futuro, em detrimento da tradição que lhe deu origem e em detrimento ainda da reflexão sobre as necessidades do presente. O valor do conhecimento, representado pelo dito de muitos pais de que “aquilo que você aprende ninguém pode lhe tirar”, de acordo com Bauman (2007), vai perdendo seu poder de persuasão sobre jovens da sociedade *líquido-moderna*. A sociedade de consumo tende a trazer para a educação a obsolescência que marca os bens materiais, oferecendo saberes descartáveis para que possam logo ser substituídos por outros igualmente descartáveis.

El consumismo actual no se preocupa por la acumulación de las cosas, pero sí por su extraordinaria utilización. ¿Por qué motivo “el bagaje del conocimiento” construído sobre los bancos de escuela, en la universidad, debería ser excluido de esta ley universal? (BAUMAN, 2007, p.28)

Educadores, empresários ou economistas falam seguidamente da obsolescência da escola enquanto forma educacional e insistem que a escola deve imperativamente se curvar “às transformações da atualidade” e “as novas configurações do mundo na era da globalização”. Muito embora ainda distantes de atingir os jovens do Bom Caminho, essas afirmações - que afirmam certa desvalorização social da instituição escolar - decerto não são estranhas a seus professores.

Mas, como diz Hannah Arendt (2001), para que um mundo permaneça, ele deve ser constantemente colocado “em ordem”. O aprimoramento tecnológico e a produção de novos produtos e necessidades ocorrem tão rapidamente que há muito não são acompanhados por

planejamento e reflexão. Sem isso, como ter segurança de que esse processo traz benefícios reais? Sem planejamento, que perspectiva pode-se ter para o futuro? A educação poderia ser um espaço para colocarmos o “mundo em ordem” na medida em incentivássemos a observação e a análise das inovações e de suas conseqüências pois, já que não podemos isolar as instituições educacionais dos problemas do mundo, por que não colocá-los como forma de Educação?

Considerações finais

Como pudemos aprender da literatura sobre os aspectos psicossociais da juventude, os jovens deveriam ser vistos como seres frágeis em busca de reconhecimento frente à obrigação de afirmarem sua autonomia. A experiência de campo e o estudo de trabalhos sobre a contemporaneidade foram fundamentais para entender certas peculiaridades dessa busca, mostrando-nos que vários dos nossos sujeitos estão mergulhados em um estado de impotência diante das exigências de desempenho colocadas pela sociedade em que vivem.

Por um lado, constata-se a esperança dos jovens por um futuro melhor, sonhando em ter um bom emprego, constituir família, um lar etc. Esses sonhos são frágeis e nebulosos, porque os jovens não parecem ter idéia dos meios para consegui-los, e quando têm, esses meios são tão inacessíveis quanto os próprios sonhos – cursar uma faculdade de Direito, de Psicologia, de Medicina, juntar dinheiro suficiente para ter o “carrão do ano”, uma casa própria, andar só com roupa de marca. Trata-se da sociedade de consumo se ampliando em todos os espaços.

Acrescenta-se ainda que os jovens pobres são objeto do olhar que os discrimina, tendo sido normalmente encarados como problemas a serem solucionados por meio de políticas que os consideram como grupo de risco e não como sujeitos de direitos. Como temos visto em Dubet (1997, 2001, 2004) a propósito das condições de jovens das classes populares, até mesmo a formação identitária desses sujeitos é comprometida nessa situação de carências múltiplas:

Esse trabalho de construção de si, através da multiplicidade dos registros das desigualdades, é por sua vez bastante desigual, pois mobiliza recursos também distribuídos de maneira muito desigual. Aliás, uma das características da expressão moderna das desigualdades é a de ter tirado dos pobres a capacidade de construir plenamente para si uma identidade. (DUBET, 2001, p.14)

Dubet se refere aqui, talvez com certa nostalgia, às antigas “periferias vermelhas”, as diversas ideologias de esquerda. Deixando de lado aqui se tinham ou não razão, deixando de lado o fato de terem ou não sido superadas por essa etapa do capitalismo, o fato é que o credo socialista permitia ao jovem criar certa visão do mundo, certa compreensão da realidade e da origem da desigualdade, das lógicas, das razões e dos interesses que explicam a razão das coisas serem hoje como são – eles não se sentiam excluídos, incompetentes ou desprezados, eles não se sentiam objeto de um problema social; eles se sentiam sim, explorados. Atualmente, a percepção do caráter exploratório do sistema em que vivem, a revolta informada por uma teoria política, ainda que tosca ou simplista, desapareceu. Os sonhos e os

projetos dos jovens do Bom Caminho não diferem em nada dos sonhos e dos projetos de um jovem de classe média: ser um profissional liberal, comprar a casa própria, constituir família, ter um bom emprego.

A periferia vermelha desapareceu. As reivindicações dos jovens não são mais de mudar o mundo, mas de tornar o mundo mais parecido com aquele entrevisto do outro lado da fronteira da desigualdade – boas escolas, oportunidade de lazer, acesso aos bens de consumo, acesso a serviços públicos de saúde e transporte de qualidade, além de um ambiente saudável e seguro para morar. Talvez eles nem sequer conheçam esse outro lado – poucos se aventuram a sair do próprio bairro. Em geral os jovens não articulam esses direitos como algo a ser conquistado por uma luta coletiva, nem os concebem como direitos. O sonho de ascensão é sempre o sonho particular e individual de mudar de bairro e deixar para trás e bem longe esse local marcado por carências de todo o tipo – conseguir subir na vida significa esquecer-se de que se foi um dia jovem de periferia. Numa associação, na formação de um *esprit de corps*, talvez o jovem pudesse assinalar quais são suas necessidades específicas e se estariam em condições de tomar iniciativas individuais e comunitárias que atendessem seus anseios. Pois, como diz Dubet:

Os pobres não aceitam ser reduzidos ao status de casos sociais, ser ignorados e, sobretudo, ser obrigados a se afirmarem como sujeitos portadores de projetos no momento mesmo em que tal capacidade lhes é tirada. (DUBET, 2001, p. 17)

A Educação, por sua vez, deve ter um papel crítico em relação à sociedade de consumo, mas deve saber que a idéia tornar os jovens conscientes, muitas vezes, se limita a uma consciência intelectual apenas, sem transformar em nada o modo de vida e o pensamento desses jovens. É preciso que os jovens tenham lugar para expressar sua dor, seu desapontamento, sua desesperança, suas pequenas invejas, sua idéia de que a posse de um determinado produto tenha o efeito mágico de fazer desaparecer a infelicidade, o medo, as perplexidades através de um ato de compra. Ao inserir o tema do consumo na educação, como é a proposta da educação brasileira registrada no PCN, é preciso estar também atento para não tratar como um problema individual algo que é coletivo, ou dito de um outro modo, não aprofundar as dimensões subjetivas de um problema coletivo, mas ao mesmo tempo, fornecer ao aluno pistas que o levem a enxergar as dimensões sociais desse problema que ele considera pessoal. Nesse ponto esbarramos nas limitações ideológicas daqueles que elaboraram o PCN durante o governo Fernando Henrique. Certamente o consumismo e a sustentabilidade ambiental são questões essenciais na formação de cada indivíduo. Mas é preciso tomar cuidado com aquela

percepção, comum nas campanhas “educativas” da televisão, que “se cada um ascender um pequeno fósforo a terra toda se ilumina”. Idéias como, por exemplo, se cada um cuidar por si mesmo de reciclar o lixo, o problema do desperdício desaparece. Para lutar contra a poluição do ambiente, do consumismo, do aquecimento global, do esgotamento da água, é preciso mais do que simplesmente tomar atitudes individuais. É preciso entrar em associações, discutir estratégias coletivas, cobrar do Estado e das diversas mídias atitudes conseqüentes e menos hipócritas. No entanto, tal formação transformadora só será possível quando uma educação de qualidade ofereça bases para que os jovens, por si próprios, elaborem uma visão crítica do mundo e na medida em que cada educando, associado com outros, consiga remeter seus problemas individuais às suas origens sociais, conscientes que as soluções somente serão alcançadas com ações que interfiram realmente no dia-a-dia dessa sociedade que lhe oprime. Não se trata assim de substituir ou de complementar uma educação de má qualidade por uma publicidade contra a sociedade de consumo. Afinal, como afirma Dubet, “[...] nunca o confronto entre a afirmação da igualdade dos indivíduos e as múltiplas desigualdades que fracionam as situações e as relações sociais foi tão violento e tão ameaçador para o sujeito” (DUBET, 2001, p.14).

Ninguém quer se sentir excluído. Ninguém quer ter um olhar sobre si carregado de medo ou de desprezo. Quando se pesquisa e se aproxima desses jovens, mesmo tendo por trás as limitações de uma instituição do tipo “Bom Caminho”, temos a real dimensão das pressões a que os jovens pobres estão sujeitos. Mas ao mesmo tempo, quando a investigação olha para esses mesmos jovens procurando saber quem são, como pensam e como reagem, aparecem em suas vidas aspectos dinamizadores. Demonstram que face ao mal-estar a que estão submetidos, muitos dos jovens criam estratégias de sobrevivência psíquicas originais e modos de vida que transcendem os limites que a sociedade atual lhes impõe. Se não encontram empregos formais, eles se agarram vivamente às oportunidades de trabalhos esporádicos, não importando se são trabalhos leves ou pesados. Trabalham na própria comunidade, como babás, cabeleireiro e muitas outras profissões gerando um “setor de serviços” alternativo mais acessível à população local. Se não conseguem comprar roupas de marca, abastecem-se nos mercados “fakes”, que muitas vezes imitam com perfeição as roupas de marca, ou criam sua própria moda. Se não podem ter um celular de última geração, adquirem, através da troca ou do comércio de usados, aparelhos que já não são mais valorizados pela elite econômica. O que importa a esses jovens é ter recursos que lhes permitam ter certa autonomia e possibilidade de consumo. Se não percebem a oportunidade de melhorar efetivamente a sua condição de vida,

tentam ao menos transformar o que ganham em algo que seja útil à sua família e ao seu reconhecimento social.

Diante desse quadro, as preferências pelo consumo de bens que valorizem a aparência, em prejuízo daqueles que trariam um enriquecimento interior, pode ser visto não como uma falta de orientação desses jovens para sua inserção na sociedade, mas exatamente como a conformidade à orientação dada pela própria sociedade, que não lhes dá, como não dá a nós próprios, outra escapatória. Num contexto em que predominam as relações superficiais e a valorização da imagem, o investimento na aparência pode ser pensado como uma forma de inclusão social e não como puro consumismo. Como nos mostra García Canclini (1997),

[...] quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos com que nos integramos e nos distinguimos na sociedade, com que combinamos o pragmático e o apazível (GARCÍA CANCLINI, 1997:21)

De imediato, se não é possível suprimir os males da sociedade de consumo que incidem sobre os jovens, dever-se-ia trabalhar para ampliar o leque de possibilidades desses sujeitos. Dever-se-ia trabalhar para que a escola fosse um ambiente mais igualitário e acolhedor, afirmando sua autonomia em relação à lógica do mercado. Voltando a Dubet (2004), “[...] um sistema justo é aquele que assegura uma certa independência entre as diversas esferas”, mas não somente isso. A questão é que “[...] uma escola justa precisa também se propor o problema inverso, ou seja, o dos efeitos das desigualdades engendradas pela escola sobre as desigualdades sociais” (DUBET, 2004, p. 550)

O jovem comumente já tem uma imagem frágil sobre si mesmo e o saber deve permitir que ele reforce uma auto-imagem positiva, ao invés de ferí-la ainda mais. É preciso suspender a engrenagem que faz com que ele valorize aquilo que o desvaloriza. Uma escola democrática deve estimular positivamente a imagem que os alunos têm de si mesmos. Se os alunos das classes populares são desvalorizados pela sua impossibilidade de consumir, ou mesmo não freqüentam a escola porque não podem exibir produtos de consumo, a escola deve mostrar-lhes que essa não é meramente uma incapacidade sua, ou que esse não é o ideal a ser procurado. A escola deve levar os alunos a se reconhecer e a se tornar sujeitos de direito, a defender os seus direitos sociais, políticos e econômicos, mostrando que os direitos existem não como palavras vazias, ou como fatos já dados, mas como algo a ser conquistado. Isso sem recair na educação voltada para o consumidor, que reforça a desigualdade intrínseca do

consumo em detrimento da igualdade fundamental de cidadania que buscamos como educadores.

Referências

ADORNO, S.; BORDINI, E.; LIMA, R. “O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana”. *São Paulo Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 4, 1999. Pré-publicação.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ALBERTI, S. “O adolescente e seu pathos”. *Psicologia. USP* vol. 13 n.2, São Paulo, 2002.

AMARAL, M. “As noções de pudor e de corpo erótico fragmentado na adolescência: os desafios da análise em tempos pós-modernos”. *Revista IDE*. n. 41, 2005, pp. 97-106.

_____. *A atualidade da noção de regime do atentado para uma compreensão do funcionamento-limite na adolescência: proposição de um debate sobre a constituição da subjetividade na pós-modernidade* (mimeo, 2003).

_____. “Adolescência na contemporaneidade: reflexões sobre a vida danificada”. In: OLIVEIRA, M. L. In: *Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____. *Condição humana*. São Paulo: Edusp, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Edições 70 Editora, 2007.

_____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

_____. Entrevista sobre la educación. “Desafíos pedagógicos y modernidad líquida”. Por Alba Porcheddu. In. *Revista Propuesta Educativa*. n.28. ano 16, nov. 2007.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999a.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999b.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica de Luís Carlos Friedman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BEATO, Cláudio. “O problema da violência está nas áreas metropolitanas”. *Folha de São Paulo*, 5 mar. 2007. Caderno Cotidiano. Entrevista concedida a Mário César Carvalho.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221

_____. "Sobre alguns temas em Baudelaire". In: *Obras escolhidas* v. III. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

BERGAMO, Alexandre. "O campo da moda". In: *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 2, São Paulo, 1998, pp. 137-184.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais - PCN Brasil*. Brasília. MEC, 1998.

BRENNER, A.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. "Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros". In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (Org.) *Retrato da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. "O homem cordial". In: *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro. José Olímpio Editora, 1984, pp. 101-125.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tit.Trad. Culture eXtreme: mutazioni giovanili tra i corpi delle metropoli. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

CARROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. "Jovens, mundo do trabalho e escola". In: SPOSITO, M. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC; INEP; Comped, 2002.

CHARLOT, Bernard. "A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão". In: *Sociologias*, Porto Alegre (UFRGS), v. ano 4, n. jul-dez, pp. 432-442, 2002.

CHAUÍ, Marilena. "Cultura política e política cultural". In: *Estudos Avançados*, Abr. 1995, vol.9, no.23, p.71-84.

CORTI, Ana Paula; SPOSITO, Marília. "A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes". In: SPOSITO, M. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC; INEP; Comped, 2002. pp. 203-217.

COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

_____. *Violência e Psicanálise*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CROCHÍK, J. L. "Tecnologia e individualismo: Um estudo de uma das relações Contemporâneas entre ideologia e personalidade". *Análise Psicológica* (2000), 4 (XVIII): pp. 529-543.

DAYRELL, Juarez. "O rap e o funk na socialização da juventude". In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002. pp. 117-136. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jan. 2008.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. “Leituras da cidade e educação”. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 129, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 Maio 2008. doi: 10.1590/S0100-15742006000300011

DUBET, François. “O que é uma escola justa?”. Trad. Édi Gonçalves de Oliveira e Sérgio Cataldi. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, set./dez. 2004, pp. 539-555

_____. “As desigualdades multiplicadas”. Trad. Maria do Carmo Duffles Teixeira. Revisão Técnica: Lea Pinheiro Paixão e Maria José Jacques G. de Almeida. In: *Revista Brasileira de Educação* n. 17. Ed. Mai/Jun/Jul/Ago, 2001. pp. 5-19.

_____. “Quando sociólogo quer saber o que é ser professor”. Entrevista concedida à Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito. *Revista Brasileira de Educação*. n. 6, 1997. pp. 222-31.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Julio Assis Simões, São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEFFERMANN, Marisa. *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis. Ed. Vozes, 2006.

FERRARI, Armando. B. *Adolescência - o segundo desafio (considerações psicanalíticas)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias, Javier Rapp. 3.ed. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1997.

HERRMANN, Fábio. *Psicanálise e política - no mundo em que vivemos* (mimeo, 2003).

HORKHEIMER, Max. *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

INSTITUTO AKATU. “A Trajetória do Movimento dos Consumidores” (Anexo). In: *Diálogos Akatu*. n. 1, ano 1, janeiro de 2002.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª. Edição. São Paulo: Ática, 1997.

JEAMMET, Philippe; CORCOS, Maurice. *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. Organização da tradução brasileira Mônica do Amaral. 1a. Ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.

JEAMMET, Philippe. “As patologias do agir na adolescência”. In: AMARAL, M., (org). *Educação, Psicanálise e Direito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. “Adolescência: espelho da sociedade”. In. *Revista IDE*. n. 41, 2005.

KEHL, Maria Rita. “A juventude como sintoma da cultura”. In: NOVAES; VANNUCHI (Orgs.). *Juventude e Participação: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 89-114.

_____. “Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo”. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 13, n. 3, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 Maio 2008. doi: 10.1590/S0102-88391999000300013

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. “O mundo vazio: sobre a ausência da política no contexto contemporâneo”. In: SILVA, MARRACH; ALEM (Orgs.). *Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas*. São Paulo: UNESP, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

_____. *Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGNANI, José Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, junho de 2002. pp.11-29.

_____. “Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia da metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lílían de Lucca (Org.) *Na Metrópole*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2000.

MARX, K. *O Capital*, v. I. 3ª. Ed. Trad.: Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MERTON, Robert K. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1968. pp. 356-359.

MEZAN, Renato. “Psicanálise e cultura, psicanálise na cultura”. In: MEZAN. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. p.317-372.

NOVAES, R.; VANUCCHI, P. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lúcia “A Psicanálise como método de investigação em Pesquisa – Relações entre a construção da identidade e rebeldia”. In: OLIVEIRA, M. L. *Educação e psicanálise: história, atualidade e perspectiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Processos cognitivos em situações da vida diária: um estudo etnográfico sobre migrantes urbanos*. Tese de doutoramento. Califórnia: s.n., 1982.

PEGORARO, Juan S. “Notas sobre los jóvenes portadores de la violencia juvenil en el marco de las sociedades pos-industriales”. In: *Sociologias*, jul./dic. 2002, no.8, p.276-317.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. *Homicídios de crianças e jovens no Brasil: 1980-2002*. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo. São Paulo: NEV/USP, 2006.

PIMENTA, Melissa Mattos. Entrevista com Paul Willis. In: *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jan 2008.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. "Transição Política e não-estado de direito na República". In: SACHS; WILHEIM; PINHEIRO (Org.), *Brasil: Um século de transformações*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. pp. 260-305.

SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Sistema Integrado de Informações Criminais. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/siic/index.html>>. Acesso em: 13 nov. 2004.

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. "Depressão em Professores e Violência Escolar". In: *Notandum*. Ano XI, n. 16, 2008. São Paulo/Porto: pp. 19-28.

_____. "A insustentável leveza de estar em família. Contemporaneidade: alguns desafios". *Pulsional*, 2004. n. pag. 1. (impresso)

_____. "À sombra do fracasso escolar: a psicologia e as práticas pedagógicas". *Estilos de Clínica*, ano 3 n. 5. 2º semestre de 1998, pp. 63-83.

_____. "Os estudos sobre aspectos psicossociais de adolescentes". In: SPOSITO. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC; INEP; Comped, 2002, pp.35-58.

SPAGNOL, Antonio Sergio. "Jovens delinquentes paulistanos". *Tempo social*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jan 2008.

SPOSITO, Marília. "Algumas Reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil". In: ABRAMO; BRANCO (Org.). *Retrato da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

_____. "Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação". In: SPOSITO. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC; INEP; Comped, 2002.

TOKMAN, Victor E. *Desemprego juvenil no Cone Sul: uma análise de década*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2003.

WINNICOTT, D. W. *Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro, Revan/URFJ, 1994.

_____. "Teoria e Prática do trabalho de campo: alguns problemas". In: CARDOSO (Org.), *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp.107-26.

Fontes

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). (2005), “Perfil da Juventude Brasileira”. In: *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo.

BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>
. Acesso em: 28 jan. 2008.

BRASIL. Lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Código de Defesa do Consumidor. Disponível em:
<<http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJ7E3E5AAEITEMID736B189700174E618C00EF8DA589D98CPTBRIE.htm>>. Acesso em: 28 jan 2008.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 10 nov. 2007.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. “A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos”. In: *Estudos e Pesquisas*. Ano 3. n. 24. set. 2006. Disponível em:
<http://www.dieese.org.br/esp/estudos_mercado.xml>. Acesso em: 29 jan 2008.

ESCRITÓRIO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO WILMA ROCCA. Dossiê MTV: Universo Jovem. São Paulo. Trabalho especialmente encomendado pela MTV, 1999.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Pesquisa Município de São Paulo (2002). Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/>>. Acesso em: 11 mai. 2007.

GRUPO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL BOM CAMINHO. Disponível em
<<http://www.bomcaminho.com.br>>. Acesso 6 nov. 2007.

GUIA SERASA DE ORIENTAÇÃO DO CIDADÃO. Disponível em:
<<http://www.serasa.com.br/guia/conteudo.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. Instituto Polis. *Diálogo Nacional para uma Política Pública de Juventude*. Rio de Janeiro: Ibase; São Paulo: Polis, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (2006). Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

MOSES, Elissa. *The \$100 billion allowance: accessing the global teen market*. New York: John Wiley, 2000.

_____. Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (2001). Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

ROHMANN, Chris. *O Livro das Idéias: pensadores, teorias e conceitos que formam nossa visão de mundo*. Trad. Jussara Simões. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SÃO PAULO. Prefeitura da cidade de São Paulo. Subprefeitura Municipal do Butantã. Disponível em < <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spbt>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

WASELWISZ, J. *Mapa da Violência 2006: os Jovens do Brasil*. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2006.

_____. Relatório de desenvolvimento juvenil 2003. Brasília: UNESCO, 2004.

_____. (Coord.) Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília. São Paulo: CORTEZ; Brasília: UNESCO, 1998.

Filmes

AOS TREZE (Thirteen). Direção de Catherine Hardwicke. Produção Jeffrey Levy-Hinte e Michael London. Argumento e roteiro de Catherine Hardwicke e Nikki Reed. EUA. Distribuidora Fox Films, 2003. (100 min.). Ing.

UMA ONDA NO AR. Direção de Helvécio Ratton. Produção de Simone Magalhães Matos. Argumento e roteiro de Jorge Durán e Helvécio Ratton. Brasil: Quimera Produções, 2002. (92 min.). Port.

Apêndices

Apêndice A. Caracterização da área onde se localiza a instituição e as residências dos jovens pesquisados

Os estudos estatísticos encontrados sobre a região administrativa onde se localiza o Grupo de Assistência Social Bom Caminho – o distrito de Raposo Tavares, na Administração regional do Butantã, zona oeste de São Paulo/SP – nos trazem, em geral, dados que consideramos não serem suficientes para caracterizar as condições das famílias mais pobres, em função das desigualdades expressivas dessa região que abarca, ao mesmo tempo, um grande número de favelas e luxuosos condomínios fechados.

Apesar disso, são indicadores importantes, pois alguns desses dados estatísticos ilustram as disparidades socioeconômicas do distrito de Raposo Tavares em relação à média da região do Butantã, no qual o distrito está inserido e mais ainda, em relação a outras regiões que compõem a zona oeste da cidade de São Paulo/SP.

Zona Oeste

Como exemplo das desigualdades que marcam o município de São Paulo, a zona oeste compõe-se de regiões tão díspares que se torna difícil caracterizá-la em seu conjunto. Há por um lado, regiões como os bairros de Pinheiros, Alto de Pinheiros, Perdizes e Morumbi, onde predomina uma população com alto poder aquisitivo, usufrutuária de equipamentos sociais, educacionais e culturais (públicos e privados) dos mais sofisticados e cujos moradores são freqüentadores assíduos das inúmeras livrarias, cinemas e restaurantes da região. De outro lado, nos distritos do Rio Pequeno e Raposo Tavares, por exemplo, as condições são extremamente precárias: há poucos equipamentos de saúde, de educação, de assistência social e de lazer, numa região em que prevalece uma população de baixa renda que enfrenta os problemas causados pelas enchentes freqüentes, pela falta de calçamento nas ruas e com a violência⁶⁸.

Administração Regional do Butantã (AR/BT)

A Administração Regional do Butantã (AR/BT) é formada por cinco distritos, criados por lei em 1992. Os distritos são: Butantã, Morumbi, Raposo Tavares, Rio Pequeno e Vila Sônia, com os seguintes limites territoriais:

⁶⁸ Publicado no Jornal Folha de São Paulo, Especial Zona Oeste do município de São Paulo, 31/03/2004.

- *norte: Administração Regional da Lapa (pelas avenidas Corifeu de Azevedo Marques e Nossa Senhora da Paz);*
- *sul: Administração Regional Do Campo Limpo (pelas avenidas Marechal Juarez Távora, Rua Marechal Hastimphilo de Moura, Av. Giovani Gronchi, Rua Flávio Américo Murano e Av. Morumbi);*
- *leste: Administração Regional de Pinheiros e Administração Regional de Santo Amaro (rio Pinheiros);*
- *oeste: municípios de Osasco e Taboão da Serra, que são os limites mais próximos aos locais de moradia do grupo pesquisado.*

Crescimento demográfico

No período entre 1991 e 1996, a taxa de crescimento demográfico da região do Butantã foi de -5%. Apenas o distrito de Raposo Tavares apresentou uma taxa de crescimento positiva: 5,21%. Entre 1996 e 2000 seu crescimento foi de 3,3% contando, no fim do período, com uma população de 90.118 pessoas. (PMSP, 2000)

Tabela 1. Dados demográficos da Regional do Butantã:

Distritos	1991*	1996*	2000**
Butantã	58.019	53.520	49.086
Morumbi	40.031	38.550	36.892
Raposo Tavares	82.890	87.209	90.118
Rio Pequeno	102.791	99.428	96.349
Vila Sônia	83.006	79.320	75.865
AR/BT	366.737	358.027	348.310

Fonte: Sempla, Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (1999) - BDP/Base de Dados para Planejamento. Dados populacionais; tamanho, evolução, distribuição, projeção 1940 a 2000.

Notas:

*Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; Censos 1991; Contagem populacional - 1996.

**Secretaria Municipal de Planejamento Urbano - Sempla/Deinfo; Estimativa 2000.

Dados do ano de 2000 mostram que 13% dos moradores da AR/BT morava em favelas, e 3.649 domicílios se situavam em áreas de risco, representando 10% de todas as residências

existentes nos cinco distritos: Butantã, Morumbi, Vila Sônia, Raposo Tavares e Rio Pequeno⁶⁹.

Segundo a subprefeitura local, enquanto 60,58% dos moradores do Morumbi ganham mais do que 25 salários mínimos, no distrito de Raposo Tavares, apenas 7,2% têm essa renda. Mais de 40% dos habitantes do distrito de Raposo Tavares e 34% de Rio Pequeno recebem até cinco salários mínimos, já nos distritos do Butantã e do Morumbi esse índice é de 14%. A mesma fonte divulga também as diferenças entre as atividades econômicas que prevalecem nas diferentes áreas: nos distritos do Butantã e Morumbi concentra-se o setor de serviços e no distrito de Raposo Tavares o setor industrial.

Subprefeitura do Butantã

Fonte: Portal da Prefeitura do Município de São Paulo, 2007.

Distrito Raposo Tavares

⁶⁹ Fonte: PMSP (2000) no endereço eletrônico <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spbt>.

Fonte: Portal da Prefeitura do Município de São Paulo, 2007.

Segundo as informações do Portal da Prefeitura Municipal de São Paulo, existem políticas públicas destinadas aos adolescentes da região, entre eles os 16 *Espaços Gente Jovem*. Afirma-se ainda que há três equipamentos que recebem crianças e adolescentes considerados em situação de risco pessoal ou social mantidos pelo Centro de Referência de Assistência Social da Regional do Butantã e que têm por objetivo abrigar e oferecer atendimento integral a crianças e adolescentes, de modo a criar condições para sua reinserção familiar e social.

Os quadros abaixo apresentam dados sobre os equipamentos de assistência social voltados a crianças e adolescentes vinculados à prefeitura, localizados na área de abrangência da AR/BT.

Tabela 2. Distribuição de equipamentos de assistência social voltados a crianças e adolescentes, segundo os tipos de administração e os distritos da AR/BT

Distritos	Creches			Espaços Gente Jovem	
	Administração			Administração	
	Direta	Indireta	Conv.	Indireta	Conv.
Butantã	-	-	4	-	1
Morumbi	-	-	6	-	4
Raposo Tavares	4	3	9	-	2
Rio Pequeno	6	3	5	2	3
Vila Sônia	1	1	3	-	4
Total AR/BT	11	7	27	2	14

Fonte: Centro de Referência de Assistência Social-CRAS PI/BT, fev./2001.

Como podemos notar, por meio dos dados da Prefeitura Municipal de São Paulo, o distrito de Raposo Tavares é onde se agrupa o maior número de equipamentos públicos de assistência social da região do Butantã. Podemos interpretar esse maior número, tanto pela sua concentração populacional, uma vez que é a 2ª maior da região, como também pela condição de risco em que vivem os jovens desse distrito.

Cultura

A administração Regional do Butantã informa em sua página na Internet as ações de incentivo, de apoio, de promoção e de desenvolvimento de atividades artísticas e culturais no município. Essa rede de equipamentos variados, mantidas pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC), inclui bibliotecas, teatros, museus, casas de cultura, centros culturais, sítios históricos, entre outros. Contudo, na regional do Butantã, esses equipamentos culturais são praticamente nulos e no distrito de Raposo Tavares são inexistentes, como vemos no quadro a seguir:

Tabela 3. Equipamentos culturais, por tipo, segundo subprefeituras e distritos

	Salas de cinema	Salas de teatro	Casas de cultura	Centros culturais	Museus	Espaços e oficinas culturais
Município de São Paulo	235	121	12	33	72	35
Butantã (AR/BT)	12	2	1	-	20	2
Butantã	9	2	1	-	15	1
Morumbi	-	-	-	-	4	1
Raposo Tavares	-	-	-	-	-	-
Rio Pequeno	-	-	-	-	-	-
Vila Sônia	3	-	-	-	1	-

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados –Seade – Pesquisa Município de São Paulo Equipamentos culturais, por Tipo, segundo Subprefeituras e Distritos Município de São Paulo, 2002 (tabela adaptada).

Educação

Na área de abrangência da Administração Regional do Butantã, estão localizadas 48 escolas municipais, das quais 21 são Escolas Municipais de Ensino Infantil (EMEI), 26 são Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) e um Centro de Ensino Supletivo (CEME). A Rede Estadual de Ensino conta com 28 escolas localizadas na área de abrangência da AR/BT, respondendo pelo ensino fundamental, médio, supletivo e especial.

Apesar da região oeste de São Paulo apresentar conjunto baixas taxas de analfabetismo, conforme os dados do censo do IBGE de 2000, três distritos da Região Administrativa do Butantã apresentam analfabetismo acima da média do restante do município de São Paulo que é cerca de 8%. São eles: Jaguaré (9,3%), Raposo Tavares (9,5%) e Rio Pequeno (8,3%).

O quadro a seguir mostra a distribuição das escolas municipais, estaduais e particulares, além das faculdades e universidades, por distrito da AR/BT, em que podemos observar no Distrito de Raposo Tavares a concentração de estabelecimentos no ensino fundamental e a ausência de instituições de ensino superior.

Tabela 4. Distribuição de estabelecimentos de ensino, por distritos da AR/BT

Distritos	Escolas Municipais	Escolas Estaduais	Escolas Particulares	Faculdades / Universidades
Butantã	7	6	16	3
Morumbi	2	1	14	4
Raposo Tavares	16	6	6	-
Rio Pequeno	14	8	11	1
Vila Sônia	9	7	10	1
Total AR/BT	48	28	57	9

Fonte: Núcleo de Ação Educativa - 12/SME, Diretoria Centro-Oeste de Ensino/SEE.

Tabela 5. Distribuição de estabelecimentos de ensino municipais e estaduais segundo cursos oferecidos, por distrito da AR/BT⁷⁰

Distritos	Escolas Municipais			Escolas Estaduais	
	EMEI	EMEF	Ciclo Básico	5ª a 8ª	Ensino Médio
Butantã	3	3	3	2	4
Morumbi	1	1	-	1	1
Raposo Tavares	7	9	4	4	4
Rio Pequeno	6	8	5	4	5
Vila Sônia	4	5	4	2	3

Fonte: Núcleo de Ação Educativa/SME, Diretoria Centro-Oeste de Ensino/SEE.

Esporte, lazer e recreação

A Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (Seme) é responsável pela administração e manutenção das praças de esportes, dos centros educacionais e esportivos, balneários, mini-balneários e demais unidades municipais destinadas à prática de atividades desportivas. Os Centros Desportivos Municipais (CDMs) são “embriões” de clubes criados em áreas da Prefeitura onde a Secretaria instala equipamentos básicos como quadras, campos de futebol, vestiários, lanchonetes e os entrega para a comunidade.

Na área da Administração Regional do Butantã existem sete CDMs ativados, distribuídos pelos cinco distritos. Além destes, existem outros três desativados e um em processo de reativação⁷¹. Há também outros tipos de equipamentos esportivos conveniados com a Seme, como os campos de futebol e campos de malha.

⁷⁰ Um estabelecimento estadual que oferece o Ciclo Básico pode também oferecer ensino da 5ª a 8ª série, de modo que a mesma escola pode ser contabilizada mais de uma vez.

⁷¹ Um CDM é desativado quando ocorre algum problema com as entidades que dirigem o equipamento como, por exemplo, atas desatualizadas, atraso de pagamentos das taxas municipais ou documentação irregular em situação extrema.

Tabela 6. Distribuição de estabelecimentos de esporte, lazer e recreação oferecidos, por distrito da AR/BT

Distritos	CEE*	Balneário	CDMs**		Campos de futebol		Campo de bocha/malha
			A	D	A	D	
Butantã	1	-	-	-	-	-	-
Morumbi	-	-	-	-	-	-	-
Raposo Tavares	-	-	-	3	3	-	-
Rio Pequeno	-	1	1	1***	4	--	-
Vila Sônia	-	-	6	-	1	1	1
Total AR/BT	1	1	7	4	8	1	1

Fonte: Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação-Seme, mar/2001.

Notas:

* CEE: Centro Educacional Esportivo

** CDM: Centro Desportivo Municipal

***CDM em processo de reativação.

Saúde

A rede municipal de saúde, na área de abrangência da Administração Regional do Butantã, possui um hospital, um ambulatório de especialidades, um pronto atendimento, um centro de referência em DST-Aids, um centro de convivência e cooperativa e oito unidades básicas de saúde que prestam atendimento nas áreas de clínica médica, ginecologia, obstetrícia, pediatria e odontologia, efetua vacinação e administração de medicamentos.

No Portal da Prefeitura de São Paulo, verificamos que a região do distrito de Raposo Tavares possui quatro Unidades Básicas de Saúde e nenhum equipamento de saúde especializado.

Fontes

- CENTROS DE REFERÊNCIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Disponível em:
<http://www2.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/assistencia_social/servicos/criancas_adolescentes/0007>. Acesso em 1 jun de 2007.
- PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Subprefeitura Municipal do Butantã. Disponível em: < <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spbt>>. Acesso em 10 jul. 2007.
- SP 450 – ZONA OESTE. Folha de São Paulo. São Paulo, 31 mar. 2004. Caderno Especial.
- CULTURA: EQUIPAMENTOS CULTURAIS. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Anuário Estatístico do Estado de São Paulo 2002. Disponível em:
<http://www.seade.gov.br/produtos/anuario/2002/cul/cul2002_01.htm>. Acesso em: 11 jul. 2007.
- BASE DE DADOS PARA PLANEJAMENTO. Dados populacionais; tamanho, evolução, distribuição, projeção 1940 a 2000. Sempla, Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Disponível em:
<http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/md/index.php?texto=tabela&ordem_tema=3&ordem_subtema=4>. Acesso em: 6 jun 2007.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos 1991; Contagem populacional - 1996. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem/default.shtm>>. Acesso em: 10 jun 2007.

Apêndice B. Dados sobre as condições sociais da juventude paulistana e brasileira para contextualização da pesquisa

Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ)

Nos últimos anos, diante da crescente preocupação com a situação da população jovem, foram criados instrumentos estatísticos para traçar o perfil da juventude brasileira e localizar as áreas prioritárias para a aplicação de políticas públicas para esse segmento populacional.

O *Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ)*, criado pela Fundação Seade em 2002, mede a vulnerabilidade dos jovens em relação a *deficiências educacionais, mortes por homicídio e maternidade na adolescência*. Em maio de 2007, a Fundação Seade publicou o relatório *Evolução do Índice de Vulnerabilidade Juvenil 2000-2005* (Seade, 2007) apresentando os dados e a análise da situação dos 96 distritos do município de São Paulo, que foram classificados em quatro níveis de acordo com o grau de vulnerabilidade de sua população à pobreza: *área pobre; área de classe média baixa; área de classe média; e área rica*.

De acordo com a pesquisa, a vulnerabilidade juvenil diminui em todos os níveis, principalmente aqueles referentes às áreas mais pobres. Apesar disso, o índice das áreas pobres (pobre e classe média baixa) ainda é duas vezes e meia maior do que das localidades ricas (classe média e rica), como mostra a pesquisa,

Em 2005, nas regiões mais ricas, a cada 100 mil jovens com idades entre 15 a 19 anos, 57 foram mortos por algum tipo de agressão, enquanto nos distritos mais pobres esse número chegou a 189, ou seja, os jovens mais pobres morreram por homicídio três vezes mais do que aqueles dos distritos mais ricos. (Seade, 2007)

O número de casos de gravidez na adolescência apresenta-se também de forma desigual, segundo a situação econômica da região. Nas áreas ricas, cerca de 19 a cada um mil jovens de 14 a 17 anos tiveram filhos, contra 41 nas áreas mais pobres. A desigualdade econômica também reflete na escolaridade: nas áreas ricas, 75,7% dos jovens de 15 a 17 anos freqüentam o ensino médio, já nas áreas menos favorecidas, esse percentual é de 62,5%. Quanto à evasão escolar, nas áreas pobres há o dobro (14,9%) de jovens fora da escola em relação às localidades ricas (7,6%).

O distrito de Raposo Tavares, onde se localiza o Grupo de Assistência Social Bom Caminho, é classificado conforme o estudo do Seade como área de classe média baixa (Seade, 2007).

Tipos de Área: Distritos do Município de São Paulo - 2005

Fonte: Seade (2007). Sistema de Estatísticas Vitais (Imagem adaptada)

Tabela 7. Componentes do Índice de Vulnerabilidade Juvenil, segundo tipos de área, município de São Paulo – 2000 a 2005

Componentes do índice de vulnerabilidade	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Proporção de jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam a escola (%)						
	16,6	15,5	14,9	13,9	13,0	12,5
Rica	11,9	10,8	8,7	8,5	7,2	7,6
Classe média	13,9	13,4	13,5	11,6	10,2	9,8
Classe média baixa	18,5	16,2	15,6	14,6	13,7	13,4
Pobre	18,8	18,2	17,3	16,4	15,7	14,9
Proporção de jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam ensino médio (%)						
	45,2	41,6	39,3	36,8	34,1	32,5
Rica	34,3	32,5	30,1	28,3	24,7	24,3
Classe média	38,4	35,5	34,4	31,9	30,6	29,3
Classe média baixa	47,9	43,1	39,5	36,2	33,4	31,9
Pobre	52,8	48,9	46,3	43,3	39,8	37,5
Taxas de mortalidade por agressões de homens de 15 a 19 anos (em 100 mil)						
	215,9	219,1	206,9	180,0	140,5	140,5
Rica	56,7	51,2	62,3	59,9	57,1	57,1
Classe média	126,4	120,9	118,6	99,7	80,3	80,3
Classe média baixa	228,7	233,2	221,6	198,9	153,0	153,0
Pobre	303,0	311,3	283,4	240,5	189,4	189,4
Taxa de fecundidade das adolescentes de 14 a 17 anos (Em 1.000 mulheres)						
	37,7	35,1	35,1	34,8	34,7	34,9
Rica	19,9	7,2	19,3	19,6	19,2	19,3
Classe média	27,5	26,5	27,0	26,1	26,1	26,9
Classe média baixa	41,1	37,3	37,2	37,2	37,2	37,8
Pobre	47,1	43,8	42,9	42,1	41,7	41,0

Fonte: Seade, 2007. SEP. Convênio Seade-Dieese. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, Fundação Seade. Sistema de Estatísticas Vitais.

Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ)

O Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ), criado para medir as condições de vida dos jovens brasileiros, foi construído a partir de indicadores sociais relacionados à educação, à saúde e à renda, obtidos nas bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, do

Subsistema de Informações de Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde e do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) do Ministério da Educação.

O estudo propõe um indicador sintético das condições de vida da juventude, o IDJ, utilizando critérios semelhantes aos do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e adaptando-os de modo a contemplar questões específicas dos jovens nas áreas de educação (taxa de analfabetismo, de jovens que frequentam o ensino médio em diante e qualidade do ensino); saúde (taxa de mortalidade por causas violentas e de mortalidade por causas internas) e renda, indicada pela renda familiar *per capita* dos jovens nos estados brasileiros.

No ano de 2003, o IDJ mostra que entre os jovens reproduzem-se e intensificam-se as desigualdades em nosso país, pois as dificuldades de acesso à educação e ao mercado de trabalho e as mortes por causas violentas estão concentradas nas regiões urbanas mais pobres.

A metodologia e os dados obtidos estão publicados no *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003*⁷² que procura dar uma visão geral da situação da juventude brasileira e cujo índice elaborado, o IDJ, serve para avaliar os impactos das políticas públicas destinadas a esse segmento da população. Para nossa pesquisa, os dados obtidos são importantes para a análise das diferenças entre os indicadores do estado de São Paulo e os indicadores da totalidade dos estados brasileiros, visto que o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) foi utilizado somente para analisar a situação dos jovens paulistanos.

Dados selecionados do Relatório de Desenvolvimento Juvenil, 2003

Educação

O analfabetismo entre os jovens brasileiros de 15 a 24 anos é em média 4,2%. Na região sudeste é 1,6% e entre os jovens entre 15 e 17 anos é de 1,1%, o que indica a expansão da educação básica nos últimos anos. Na cidade de São Paulo, a média de analfabetismo é de 1,1% entre os jovens de 15 a 24 anos. Segmentando por faixa etária temos:

⁷² Waiselfisz, 2004.

Tabela 8. Analfabetismo por faixa etária em São Paulo

	15-24	15-17	18-19	20-24
Analfabetos	1,1	0,7	0,8	1,5

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Caracterização da população classificada como analfabeta segundo o gênero, a cor e entre moradores da área urbana e rural:

Tabela 9. Analfabetismo: diferenças entre homens e mulheres (%)

	Masculino	Feminino
Brasil	5,3	3,1
São Paulo	1,4	0,8

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Tabela 10. Analfabetismo: diferenças entre brancos e pretos/pardos (%)

	Branco	Pretos/pardos
Brasil	2,0	6,4
São Paulo	0,8	2,0

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Tabela 11. Analfabetismo: diferenças entre moradores das zonas urbana e rural (%)

	Urbana	Rural
Brasil	5,3	3,1
São Paulo	1,4	0,8

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

A escolarização, ou seja, a permanência na escola, é outro fator importante que compõe os índices sobre a situação educacional e cujos números devem ser observados considerando as taxas de repetência que no Brasil chegam a 60%.

Tabela 12. Escolarização por faixa etária (%)

	15-24	15-17	18-19	20-24
Brasil	48,6	81,1	51,4	20,4
São Paulo	48,0	86,3	49,3	23,9

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Em 2001, nota-se o aumento da taxa de aprovação, que passou de 71,6% em 1996 para 75,8% e a diminuição do abandono à escola caiu de 18,9% para 16,7%. Mas em cada cem crianças que ingressam na escola, apenas 59 concluem o ensino fundamental e 40 concluem o ensino médio.

Quanto à escolarização adequada, temos os seguintes dados:

Tabela 13. Escolarização adequada para os jovens entre 15 e 24 anos (%)

	Bruta	Adequada	Defasada
Brasil	48,6	29,2	19,4
São Paulo	48,0	36,4	11,6

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Abaixo temos a escolarização adequada por idade, ressaltando que São Paulo é o segundo estado com a escolarização mais adequada, ficando atrás somente do Distrito Federal, cujo índice é de 54,9%.

Tabela 14. Escolarização adequada por faixa etária (%)

	15-17	18-19	20-24
Brasil	38,0	34,6	20,2
São Paulo	56,6	42,6	21,3

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Se observarmos a escolarização adequada quanto ao gênero, notamos que os homens estão mais defasados que as mulheres, em especial, na faixa etária entre 15 e 17 anos.

Tabela 15. Escolarização adequada por faixa etária (%)

	15-17		18-19		20-24	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Brasil	33,4	42,7	34,5	38,2	19,1	21,3
São Paulo	52,7	60,4	44,5	40,6	21,4	21,1

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Se segmentarmos as informações quanto a cor da pele, percebemos também que a escolarização da população negra e parda é defasada em relação a escolarização da população branca:

Tabela 16. Escolarização adequada por cor da pele (%)

	15-17		18-19		20-24	
	Branco	Pretos/ pardos	Branco	Pretos/ pardos	Branco	Pretos/ pardos
Brasil	51,1	25,2	43,2	29,2	24,8	15,0
São Paulo	61,7	43,7	45,7	33,5	24,3	11,9

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Quanto às diferenças entre população rural e urbana temos:

Tabela 17. Escolarização adequada das populações rural e urbana (%)

	15-17		18-19		20-24	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Brasil	42,5	17,3	39,6	19,1	20,24	7,7
São Paulo	57,8	37,3	42,8	39,2	21,8	11,8

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Além da permanência na escola e da escolarização adequada, é fundamental avaliar a qualidade do aprendizado desses jovens. É o que se busca identificar através dos exames

nacionais, como, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Em 2006, os mais de 2,7 milhões de estudantes que fizeram a prova do Enem obtiveram médias de desempenho iguais a 36,90 na parte objetiva da prova e 52,08 na redação, numa escala que vai de 0 a 100. Em São Paulo, as médias não foram melhores: 38,86 na parte objetiva e 51,30 na redação.

Tabela 18. Desempenho médio na parte objetiva da prova do Enem 2006, por situação em relação ao Ensino Médio e tipo de escola que cursou

Região/UF	Total			Tipo de escola em que cursou o Ensino Médio	
	Geral *	Concluintes	Egressos	Somente em escola pública	Somente em escola particular
Brasil	36,90	35,52	38,14	34,94	50,57
São Paulo	38,86	36,49	40,51	36,00	53,97

Nota: * Considera todos os participantes independente da situação em relação ao Ensino Médio.

Observação: Os participantes são candidatos do Enem 2006 que fizeram a parte objetiva da prova.

Fonte: MEC/INEP/DTDIE, 2007.

Tabela 19. Desempenho médio na redação do Enem 2006, por situação em relação ao Ensino Médio e tipo de escola que cursou

Região/UF	Total			Tipo de escola em que cursou o Ensino Médio	
	Geral *	Concluintes	Egressos	Somente em escola pública	Somente em escola particular
Brasil	52,08	50,72	53,40	51,23	59,77
São Paulo	51,93	50,52	52,95	51,09	59,25

Nota: * Considera todos os participantes independente da situação em relação ao Ensino Médio

Observação: Os participantes são candidatos do Enem 2006 que fizeram a parte objetiva da prova'

Fonte: MEC/INEP/DTDIE 2007.

Renda e atividades

Os dados sobre a renda familiar *per capita* dos jovens no Brasil confirmam as desigualdades em nosso país, cujo coeficiente Gini⁷³ chega em média a 0,60, índice atingido apenas por mais seis países do mundo: Namíbia, Botswana, Zuazilândia, República Centro-Africana, Serra Leoa e Nicarágua. (Waiselfisz, 2004)

⁷³ Coeficiente que mede o grau de concentração, neste caso, da renda, onde o valor 0,0 indica a ausência absoluta de concentração (todos os indivíduos têm a mesma renda) até o índice 1,0 no qual uma só unidade concentra toda a renda (Unesco, 2004).

Dividindo as famílias brasileiras em 10 grandes grupos de acordo com sua renda, verifica-se que o grupo de 10% das famílias de maior renda concentra 43,9% do total da renda nacional. Já a metade das famílias - as de menor renda - só recebem 13,8% da mesma. Comparando o primeiro grupo (Renda familiar *per capita* dos jovens do decil superior) com os 50% de menor renda, no primeiro grupo, cada membro da família dos jovens percebe o equivalente a 6,4 salários mínimos. Já nos 50% de menor renda, cada membro recebe 0,4 salário mínimo, ou seja, os membros do primeiro grupo possuem renda 15,7 vezes maior que a renda daqueles da metade inferior das famílias brasileiras. O *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003* mostra ainda que, com algumas diferenças regionais e estaduais, as desigualdades de renda são elevadas em todas as regiões do país e intensificadas nas regiões norte e nordeste.

Tabela 20. Renda familiar *per capita* dos jovens do decil superior e dos 5 decis inferiores por regiões e UFs em salários mínimos.

Unidade da Federação	5 decis inferiores	Decil superior	Total	Relação
BRASIL	0,41	6,39	1,46	15,7
Norte	0,41	6,44	1,11	15,7
Rondônia	0,47	5,92	1,32	12,6
Acre	0,38	7,96	1,57	21,2
Amazonas	0,39	6,12	1,05	15,8
Roraima	0,44	5,57	1,33	12,5
Pará	0,41	5,98	1,02	14,6
Amapá	0,45	5,77	1,26	12,9
Tocantins	0,41	9,15	1,15	22,3
Nordeste	0,36	6,21	0,82	17,4
Maranhão	0,36	5,98	0,76	16,4
Piauí	0,34	5,55	0,75	16,4
Ceará	0,35	6,93	0,85	19,6
Rio Grande do Norte	0,36	6,57	0,91	18,2
Paraíba	0,35	5,89	0,75	16,7
Pernambuco	0,36	6,27	0,88	17,4
Alagoas	0,33	6,11	0,73	18,4
Sergipe	0,37	5,35	0,91	14,6
Bahia	0,36	6,22	0,83	17,1
Sudeste	0,45	6,37	1,85	14,2
Minas Gerais	0,43	6,04	1,30	13,9
Espírito Santo	0,42	6,03	1,31	14,2
Rio de Janeiro	0,46	6,30	1,83	13,8
São Paulo	0,46	6,47	2,17	14,0
Sul	0,46	6,27	1,77	13,8
Paraná	0,44	6,68	1,65	15,1
Santa Catarina	0,50	5,53	1,88	11,0
Rio Grande do Sul	0,45	6,39	1,83	14,2
Centro-Oeste	0,46	6,98	1,67	15,2
Mato Grosso do Sul	0,47	6,28	1,49	13,4
Mato Grosso	0,44	6,57	1,54	14,8
Goiás	0,46	6,97	1,46	15,0
Distrito Federal	0,46	7,53	2,46	16,5

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Apesar da concentração de renda extremamente elevada no estado de São Paulo, onde os membros do primeiro grupo possuem renda 14,0 vezes maior que a renda daqueles da metade inferior das famílias, nosso estado encontra-se em situação privilegiada em relação à totalidade dos estados brasileiros, pois ocupa a segunda posição no nível de renda dos jovens com 2,17 salários mínimos. O Distrito Federal ocupa a primeira posição, com 2,46 salários mínimos.

Tabela 21. Ordenamento das UF's segundo a renda familiar *per capita* dos jovens de 15 a 24 anos em salários mínimos

Unidade da Federação	RFPC	Posição
Distrito Federal	2,46	1º
São Paulo	2,17	2º
Santa Catarina	1,88	3º
Rio de Janeiro	1,83	4º
Rio Grande do Sul	1,83	5º
Paraná	1,65	6º
Acre	1,57	7º
Mato Grosso	1,54	8º
Mato Grosso do Sul	1,49	9º
Goiás	1,46	10º
Roraima	1,33	11º
Rondônia	1,32	12º
Espírito Santo	1,31	13º
Minas Gerais	1,30	14º
Amapá	1,26	15º
Tocantins	1,15	16º
Amazonas	1,05	17º
Pará	1,02	18º
Sergipe	0,91	19º
Rio Grande do Norte	0,91	20º
Pernambuco	0,88	21º
Ceará	0,85	22º
Bahia	0,83	23º
Maranhão	0,76	24º
Piauí	0,75	25º
Paraíba	0,75	26º
Alagoas	0,73	27º

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Os dados do relatório permitem verificar ainda que a cor da pele é um fator importante de discriminação social, pois a renda média dos pretos e pardos é inferior à dos brancos em todos os estados brasileiros, com exceção apenas do estado do Paraná. Como vimos na **tabela 21**, no total de jovens, a renda familiar *per capita* maior do país é de 2,46 salários mínimos e a menor 0,73 salário mínimo. Já entre os brancos, a maior renda registrada é de 3,56 salários mínimos (Distrito Federal), enquanto na mesma unidade federativa a média entre pretos e pardos é de 1,67 salário mínimo.

Tabela 22. Ordenamento das UFs segundo diferenças na renda familiar *per capita* em salários mínimos dos jovens de 15 a 24 anos por cor

Unidade da federação	RFPC			Diferença (%)
	Total	Branco	Preto e pardo	
Tocantins	1,15	2,05	0,87	135,6
Sergipe	0,90	1,59	0,70	127,1
Alagoas	0,73	1,21	0,55	120,0
Piauí	0,75	1,26	0,59	113,6
Distrito Federal	2,47	3,56	1,67	113,2
Santa Catarina	1,88	1,96	0,93	110,8
Bahia	0,83	1,40	0,69	102,9
Rio Grande do Norte	0,91	1,31	0,66	98,5
Espírito Santo	1,32	1,84	0,94	95,7
Rio de Janeiro	1,83	2,30	1,20	91,7
São Paulo	2,14	2,48	1,30	90,8
Paraíba	0,75	1,10	0,58	89,7
Acre	1,57	2,40	1,28	87,5
Mato Grosso do Sul	1,49	1,91	1,03	85,4
Goiás	1,46	2,02	1,09	85,3
Minas Gerais	1,30	1,70	0,92	84,8
Maranhão	0,76	1,16	0,63	84,1
Ceará	0,85	1,21	0,66	83,3
Rio Grande do Sul	1,83	1,95	1,08	80,6
Pernambuco	0,88	1,22	0,69	76,8
Amapá	1,26	1,91	1,10	73,6
Roraima	1,34	2,01	1,16	73,3
Mato Grosso	1,55	2,12	1,24	71,0
Amazonas	1,05	1,40	0,91	53,8
Pará	1,02	1,34	0,92	45,7
Rondônia	1,32	1,34	1,16	15,5
Paraná	1,63	1,84	1,96	-6,1

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

As desigualdades de renda entre os jovens também se apresentam em relação ao gênero. Enquanto 54,0% dos homens entre 15 e 24 anos possuem renda própria, apenas 37,8% das mulheres na mesma faixa etária estão nessa situação. De acordo com a tabela abaixo, verificamos que no estado de São Paulo, contudo, essa diferença é menor e é um dos estados com maior participação de mulheres no mercado de trabalho, chegando a 44,7% das mulheres entre 15 e 24 anos.

Tabela 23. Jovens de 15 a 24 anos que têm renda própria segundo sexo por regiões e UFs (%)

Unidade da Federação	Masculino	Feminino
BRASIL	54,0	37,8
Norte	51,3	31,8
Rondônia	57,6	33,5
Acre	49,8	40,6
Amazonas	45,4	28,0
Roraima	49,5	40,9
Pará	52,9	30,6
Amapá	31,1	24,4
Tocantins	59,6	41,7
Nordeste	46,7	30,5
Maranhão	44,6	29,2
Piauí	43,1	28,0
Ceará	51,5	38,5
Rio Grande do Norte	45,1	32,6
Paraíba	39,6	26,7
Pernambuco	48,6	30,8
Alagoas	42,7	26,3
Sergipe	45,4	31,2
Bahia	48,1	28,4
Sudeste	56,2	41,2
Minas Gerais	58,1	39,4
Espírito Santo	56,4	36,9
Rio de Janeiro	51,1	35,0
São Paulo	57,0	44,7
Sul	60,5	43,9
Paraná	58,2	42,6
Santa Catarina	63,5	46,9
Rio Grande do Sul	61,0	43,4
Centro-oeste	61,3	41,7
Mato Grosso do Sul	61,5	41,1
Mato Grosso	62,9	36,0
Goiás	64,3	44,4
Distrito Federal	51,5	42,5

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Atividades

Neste item, o relatório contempla as atividades educacionais e de trabalho, considerando como centrais para os jovens, principalmente na formação para a vida adulta. Alerta-se, porém, para o volumoso número de jovens que não estudam e nem trabalham:

No Brasil, em 2001, são semelhantes as taxas de jovens que têm como atividade exclusiva o estudo (30,3%) ou o trabalho (31,2%). Parcela menor, mas também significativa (18,2%), concilia trabalho e estudo. Contudo, maior do que esta é a parcela de jovens que não trabalha nem estuda (20,3%). Trata-se, nesse último caso, de 6,7 milhões de jovens, salvo exceções, em situação de risco de exclusão social. (Waiselfisz, 2004)

A distribuição das atividades está em grande parte determinada pelo nível de renda, pois observamos que tanto a possibilidade de apenas estudar assim como uma melhor aceitação no mercado de trabalho é mais recorrente entre os jovens de famílias com maior poder aquisitivo. O relatório alerta também que a alta incidência de jovens maiores de 18 anos que só estudam está menos ligada a uma opção de formação do que ao atraso escolar, como vimos no item escolarização.

Tabela 24. Estrutura de atividades entre os jovens de 15 a 24 anos por regiões e UFs (%)

Unidade da federação	Só estuda	Trabalho e estudo	Só trabalha	Não trabalha nem estuda	Total
BRASIL	30,3	18,2	31,2	20,3	100,0
Norte	35,2	16,4	26,0	22,5	100,0
Rondônia	29,6	14,0	31,8	24,7	100,0
Acre	38,3	17,8	23,6	20,3	100,0
Amazonas	39,4	13,6	24,0	23,1	100,0
Roraima	36,5	16,3	27,8	19,4	100,0
Pará	34,9	16,2	25,8	23,2	100,0
Amapá	48,5	9,9	16,1	25,5	100,0
Tocantins	25,9	26,6	30,4	17,1	100,0
Nordeste	32,4	18,9	27,3	21,4	100,0
Maranhão	31,2	20,2	28,4	20,3	100,0
Piauí	34,2	20,7	25,6	19,5	100,0
Ceará	29,6	21,3	27,8	21,3	100,0
Rio Grande do Norte	34,6	15,2	25,8	24,5	100,0
Paraíba	34,1	15,6	24,7	25,6	100,0
Pernambuco	30,5	16,9	29,0	23,5	100,0
Alagoas	31,1	17,9	27,8	23,2	100,0
Sergipe	35,2	16,2	26,7	21,9	100,0
Bahia	34,0	20,1	26,9	19,0	100,0
Sudeste	30,5	16,8	32,9	19,9	100,0
Minas Gerais	27,9	16,0	35,1	21,1	100,0
Espírito Santo	26,2	16,4	35,7	21,7	100,0
Rio de Janeiro	37,1	13,7	27,7	21,5	100,0
São Paulo	29,7	18,3	33,4	18,6	100,0
Sul	24,8	21,1	36,5	17,5	100,0
Paraná	23,6	20,5	35,9	20,1	100,0
Santa Catarina	25,2	23,2	37,8	13,7	100,0
Rio Grande do Sul	25,8	20,6	36,4	17,2	100,0
Centro-oeste	27,2	20,2	31,8	20,8	100,0
Mato Grosso do Sul	24,0	15,7	36,6	23,6	100,0
Mato Grosso	22,4	21,4	33,7	22,4	100,0
Goiás	27,0	22,0	31,9	19,1	100,0
Distrito Federal	36,3	18,7	24,8	20,3	100,0

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Na próxima tabela procura-se elucidar algumas distinções entre os diversos grupos de jovens que não são perceptíveis na análise agregada. Percebe-se na próxima tabela a predominância de diferentes ocupações dependendo do recorte de faixa etária. Nesse caso, nos ateremos apenas ao estado de São Paulo e à média brasileira.

Tabela 25. Estrutura de atividades entre os jovens por idade no Brasil e no estado de São Paulo (%)

Grupo etário	Unidade da Federação	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha nem estuda	Total
15-17	Brasil	59,0	22,1	8,2	10,7	100,0
	São Paulo	64,7	21,5	5,7	8,1	100,0
18-19	Brasil	30,4	20,9	27,7	21,0	100,0
	São Paulo	27,6	21,7	30,3	20,3	100,0
20-24	Brasil	11,6	14,5	47,7	26,2	100,0
	São Paulo	9,2	14,7	51,7	21,8	100,0

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

As atividades desenvolvidas pelos jovens relacionam-se às diferenças sociais e a distribuição dessas atividades nos permite deduzir a estrutura de oportunidades que cada região proporciona aos jovens. Mostra ainda como a condição familiar influi na estrutura de atividades, pois os jovens que cumprem o papel de referência na família são aqueles que em maior número se encontram na situação “só trabalha”, além de revelar a condição de dependência das jovens “cônjuges” que, em geral, não trabalham e nem estudam.

Tabela 26. Estrutura de atividades das jovens brasileiras de 15 a 24 anos segundo condição familiar (%)

Condição familiar	Só estuda	Trabalha e estuda	Só trabalha	Não trabalha nem estuda
Pessoa de referência, mora independente	8,7	14,3	46,6	30,4
Pessoa de referência, mora com os pais	13,3	8,7	32,2	45,8
Pessoa de referência, mora com parentes	9,6	7,5	33,6	49,3
Cônjuge, mora independente	7,2	5,2	30,0	57,5
Cônjuge, mora com os pais	14,0	6,4	22,1	57,6
Cônjuge, mora com parentes	14,5	4,5	22,6	58,3
Filha	47,9	19,6	17,8	14,7
Sozinha, mora com parentes	41,3	16,9	20,9	20,9
Total	33,2	15,0	23,1	28,7

PNAD/IBGE, 2001.

O relatório contempla ainda as variações por cor da pele, ressaltando que, apesar dos dados não mostrarem grandes diferenças na configuração de atividades, as condições sob as quais essas atividades são realizadas são qualitativamente distintas. Como observado nas tabelas anteriores, há uma defasagem da população negra e parda quanto aos anos de estudo, o que, provavelmente, resulta em diferentes condições de trabalho.

Tabela 27. Estrutura de atividades entre os jovens segundo a cor e faixa etária (%)

Grupo etário	Unidade da Federação	Só estuda		Trabalha e estuda		Só trabalha		Não trabalha nem estuda	
		Branco	Preto e pardo	Branco	Preto e pardo	Branco	Preto e pardo	Branco	Preto e pardo
15-24	Brasil	31,1	29,4	19,3	17,2	31,5	31,0	18,1	22,5
	São Paulo	30,3	27,3	19,4	15,6	33,0	35,2	17,4	21,9
15-17	Brasil	61,8	56,2	22,3	21,9	7,2	9,3	8,7	12,6
	São Paulo	66,0	61,0	21,9	21,3	5,0	7,4	7,2	10,3
18-19	Brasil	31,2	29,4	21,7	20,1	27,9	27,6	19,2	22,8
	São Paulo	28,6	23,6	22,7	19,5	29,9	32,3	18,8	24,6
20-24	Brasil	12,2	10,9	16,4	12,5	48,0	47,5	23,5	29,1
	São Paulo	10,0	6,1	16,4	9,9	30,9	35,4	22,8	28,6

PNAD/IBGE, 2001.

Educação, trabalho e renda

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) do ano de 2001 indicam uma relação positiva entre os anos de estudo e a inserção no mercado de trabalho, bem como no nível de renda. As tabelas seguintes apresentam as correlações entre *anos de estudo* e *renda* dos jovens entre 20 e 24 anos e *anos de estudo* e *inserção no mercado de trabalho* da população com 25 anos e mais:

Tabela 28. Renda própria em salários mínimos dos jovens de 20 a 24 anos por anos de estudo

Anos de estudo	Renda própria
0	1,00
1	1,01
2	1,02
3	1,15
4	1,28
5	1,43
6	1,52
7	1,60
8	1,90
9	1,64
10	1,84
11	2,27
12	3,02
13	3,21
14	3,46
13 e +	5,31

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Tabela 29: Trabalho da população de 25 anos e mais por anos de estudo (%)

Anos de estudo	População que trabalha
0	46,1
1	55,7
2	54,6
3	56,1
4	57,2
5	61,8
6	65,3
7	65,5
8	64,7
9	66,9
10	68,1
11	71,2
12	74,8
13	77,6
14	76,0
15 e +	81,3

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

Saúde

O relatório aborda três aspectos referentes à saúde dos jovens: *mortalidade por causas externas* (apenas por causas violentas); *mortalidade por causas internas* e a *gravidez juvenil*.

Os dados e a análise relatados chamam a atenção para a vulnerabilidade dos jovens brasileiros. Enquanto a taxa global de mortalidade brasileira caiu de 633 em cem mil habitantes em 1980 para 573 em cem mil habitantes em 2000, a taxa de mortalidade juvenil aumentou, passando de 128 para 133 mortes em cem mil no mesmo período. As causas também se diferenciaram: as epidemias e as doenças infecciosas que constituíam a principal causa morte foi sendo substituída pelas chamadas causas externas, em especial os acidentes de trânsito e os homicídios (Waiselfisz, 2004).

A *mortalidade por causas violentas* atinge particularmente a população jovem. Conforme o relatório da Unesco (Waiselfisz, 2004), a taxa de morte por causas violentas entre os jovens é 74,42 em cem mil, enquanto a taxa da população em geral é de 48,15 e ressalta que, entre as possíveis causas violentas, o homicídio é a principal. Destaca-se ainda que há regiões em que a diferença entre as taxas de mortalidade por causas violentas da população em geral e a dos jovens são muito mais acentuadas:

Tabela 30. Mortalidade por causas violentas (homicídios, suicídios e acidentes de transporte) na população total e entre jovens de 15 a 24 anos por regiões e UFs (em 100.000)

Unidade da federação	População total	15 a 24 anos
BRASIL	48,15	74,42
Norte	37,18	53,82
Rondônia	62,76	78,51
Roraima	88,16	125,76
Pará	26,05	36,52
Amapá	55,97	106,7
Tocantins	48,05	60,60
Nordeste	35,57	52,14
Maranhão	15,08	21,34
Piauí	26,73	32,35
Ceará	37,26	51,53
Rio Grande do Norte	29,10	33,38
Paraíba	28,60	45,79
Pernambuco	75,51	127,97
Alagoas	47,93	67,69
Sergipe	47,02	65,99
Bahia	20,17	26,97
Sudeste	56,54	96,73
Minas Gerais	28,78	40,05
Espírito Santo	77,23	113,72
Rio de Janeiro	71,88	128,57
São Paulo	62,26	111,68
Sul	46,85	61,96
Paraná	50,62	69,92
Santa Catarina	43,97	53,82
Rio Grande do Sul	44,82	58,54
Centro-oeste	62,53	87,41
Mato Grosso do Sul	59,10	84,82
Mato Grosso	75,79	96,57
Goiás	54,15	74,35
Distrito Federal	70,30	108,44

Fonte: MS/Funasa/CENEPI/SIM, 2000.

Distinguindo as taxas de mortalidade entre os gêneros, tem-se uma idéia do direcionamento da violência, que atinge em proporções muito maiores os jovens do sexo masculino. Outro fator importante a ser observado é que não há uma associação entre pobreza e violência em relação às Unidades da Federação, pois os estados em que a renda média mensal é mais baixa apresentam os menores índices de violência, como o Maranhão (21,34), a Bahia (26,97), o Piauí (32,35) e o Rio Grande do Norte (33,38).

Tabela 31. Mortalidade por causas violentas (homicídios, acidentes de transporte e suicídios) entre os jovens de 15 a 24 anos segundo sexo por regiões e UFs (em 100.000)

Unidade da Federação	15 a 24 anos	Masculino	Feminino
BRASIL	74,42	132,91	15,72
Norte	53,82	93,36	13,88
Rondônia	78,51	131,72	24,07
Acre	59,95	102,00	17,84
Amazonas	58,71	103,04	14,67
Roraima	125,76	214,76	37,09
Pará	36,52	63,51	9,08
Amapá	106,70	210,65	7,32
Tocantins	60,60	99,54	20,39
Nordeste	52,14	92,90	11,20
Maranhão	21,34	36,70	5,64
Piauí	32,35	56,61	7,73
Ceará	51,53	92,21	11,48
Rio Grande do Norte	33,38	57,97	8,79
Paraíba	45,79	82,35	9,27
Pernambuco	127,97	234,36	22,34
Alagoas	67,96	118,43	18,04
Sergipe	65,99	118,25	14,09
Bahia	26,97	175,96	17,56
Sudeste	96,73	175,96	17,56
Minas Gerais	40,05	67,84	11,66
Espírito Santo	113,72	202,98	23,72
Rio de Janeiro	128,57	239,11	19,72
São Paulo	11,68	204,91	19,11
Sul	61,96	105,83	17,29
Paraná	69,92	120,65	18,57
Santa Catarina	53,82	87,32	19,55
Rio Grande do Sul	58,54	101,41	14,75
Centro-oeste	87,41	152,42	23,24
Mato Grosso do Sul	84,82	140,21	28,77
Mato Grosso	96,57	169,35	21,38
Goiás	74,35	126,00	23,13
Distrito Federal	108,44	205,18	20,76

Fonte: MS/Funasa/CENEPI/SIM, 2000.

Mais recentemente, a Organização dos Estados Ibero-americanos publicou o Mapa da Violência 2006 (OIE, 2006), divulgando dados específicos sobre as taxas de homicídios segundo o sexo em todo o Brasil e também por Unidade Federativa. Em São Paulo, no ano de 2004, 4.043 jovens do sexo masculino foram assassinados, o que representa uma taxa de 106,6 por cem mil habitantes, como verificamos na tabela seguinte:

Tabela 32. Homicídios segundo o sexo. População jovem. Brasil e São Paulo. Ano: 2004.

Unidade da Federação	Número		% Masc.	Taxas	
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino
Brasil	4.043	252	94,1	106,6	6,6
São Paulo	17.419	1.180	93,7	96,7	6,6

Fonte: SIM/SVS/MS

Em relação a 84 países do mundo que o Whosis/OMS disponibilizou informações, o Brasil ocupa a 3ª posição na taxa de homicídios de jovens com 51,7 por cem mil habitantes no ano de 2004. A Colômbia ocupa o 1º lugar com 95,6 e a Venezuela o 2º com 65,3 mortes de jovens por homicídio por cem mil habitantes (Waiselfisz, 2006). Entre os jovens, as *taxas de mortalidade por causas internas* são bem menores que as causas externas. No Brasil, a média é de 40,5 mortes por causas internas a cada cem mil habitantes e esse número varia significativamente entre as regiões do país, indicando as diferentes condições de saúde e assistência.

Tabela 33. Ordenamento das UFs segundo as taxas de mortalidade por causas internas entre os jovens de 15 a 24 anos (em 100.000)

Unidade da federação	Taxa	Posição
Acre	72,91	1º
Roraima	57,16	2º
Alagoas	51,76	3º
Amapá	50,54	4º
Pará	49,28	5º
Sergipe	49,23	6º
Tocantins	48,96	7º
Paraíba	48,04	8º
Distrito Federal	47,25	9º
Piauí	47,00	10º
Amazonas	46,87	11º
Pernambuco	46,17	12º
Rio de Janeiro	45,41	13º
Minas Gerais	41,79	14º
Ceará	41,55	15º
Mato Grosso do Sul	40,96	16º
Bahia	40,67	17º
Espírito Santo	40,64	18º
Mato Grosso	39,01	19º
Rondônia	38,75	20º
Maranhão	38,31	21º
São Paulo	36,47	22º
Rio Grande do Sul	36,10	23º
Goiás	35,03	24º
Paraná	34,11	25º
Rio Grande do Norte	31,98	26º
Santa Catarina	26,02	27º

Fonte: MS/Funasa/CENEPI/SIM, 2000.

A *gravidez na adolescência* é um fator importante a ser considerado em relação ao desenvolvimento da juventude. Nesse estudo, a Unesco adotou a faixa de 11 a 19 anos como foco de análise, considerando os aspectos culturais e biológicos que poderiam colocar a gravidez como um aspecto de vulnerabilidade. Como vemos na tabela a seguir, diferentemente das mortes por causas externas, fica clara a relação entre a gravidez na

adolescência e as condições econômicas dos estados, em que as maiores taxas são observadas nas regiões mais pobres do país.

Tabela 34. Taxas de maternidade segundo faixa etária por UFs (%)

Unidade da Federação	Tem filhos			
	11 a 19 anos	11 a 14 anos	15 a 17 anos	18 e 19 anos
BRASIL	7,7	0,3	7,2	22,4
Amapá	14,2	2,4	20,5	19,6
Tocantins	11,9	0,8	11,2	33,8
Mato Grosso	11,9	0,3	11,4	38,0
Acre	11,6	0,8	11,8	33,3
Rondônia	10,9	0,0	5,0	43,3
Mato Grosso do Sul	10,7	0,0	9,3	37,0
Roraima	10,6	1,4	2,1	34,9
Maranhão	10,6	0,3	12,8	28,8
Pará	10,5	0,1	8,7	31,2
Goiás	10,0	0,2	11,5	25,4
Amazonas	9,9	0,6	8,5	30,7
Paraíba	9,8	0,9	10,5	27,2
Ceará	9,3	0,0	9,3	27,4
Espírito Santo	9,3	0,0	9,3	27,4
Rio Grande do Norte	9,0	0,4	6,9	26,1
Alagoas	8,8	0,7	10,0	24,6
Pernambuco	8,6	0,5	8,8	23,2
Distrito Federal	8,5	0,0	5,3	26,2
Piauí	7,9	1,1	7,3	24,8
Sergipe	7,8	0,0	8,6	22,3
Bahia	7,6	0,1	4,6	22,3
Rio de Janeiro	7,0	0,1	4,6	22,3
Paraná	6,8	0,0	6,0	20,5
Rio Grande do Sul	6,8	0,1	6,3	20,8
Minas Gerais	6,4	0,3	5,3	18,4
São Paulo	5,8	0,1	5,2	16,7
Santa Catarina	5,1	0,0	6,0	13,4

Fonte: PNAD/IBGE, 2001.

O índice de desenvolvimento juvenil

Com a combinação dos seis indicadores analisados no relatório: *Analfabetismo, Escolarização Adequada, Qualidade do Ensino, Mortalidade por Causas Internas, Mortalidade por Causas Violentas, Renda Familiar*, chega-se então a um quadro geral do desenvolvimento juvenil brasileiro, no qual São Paulo, não obstante todos os problemas relatados, encontra-se ainda em situação privilegiada, ocupando o 4º lugar no ordenamento dos estados.

Tabela 35. Índice de Desenvolvimento Juvenil – IDJ – 2003

Unidade da Federação	Analfab.	Escolariz. Adequada	Qualidade do Ensino	Educação	Mortalid. Causas Internas	Mortalid. Causas Violentas	Saúde	Renda Familiar Per Capita	Renda	IDJ
Santa Catarina	0,950	0,660	0,628	0,746	0,740	0,731	0,735	0,537	0,537	0,673
Distrito Federal	0,925	0,693	0,662	0,760	0,528	0,458	0,493	0,702	0,703	0,652
Rio Grande do Sul	0,935	0,580	0,713	0,743	0,639	0,707	0,673	0,523	0,523	0,616
São Paulo	0,945	0,660	0,520	0,708	0,635	0,442	0,538	0,620	0,620	0,622
Paraná	0,920	0,588	0,517	0,675	0,659	0,650	0,655	0,471	0,471	0,600
Minas Gerais	0,885	0,450	0,561	0,632	0,582	0,800	0,691	0,371	0,371	0,565
Goiás	0,898	0,490	0,476	0,619	0,650	0,628	0,639	0,417	0,417	0,558
Rio de Janeiro	0,928	0,585	0,582	0,696	0,546	0,357	0,452	0,523	0,523	0,557
Mato Grosso do Sul	0,908	0,363	0,394	0,619	0,590	0,576	0,583	0,426	0,426	0,543
Mato Grosso	0,870	0,408	0,482	0,586	0,610	0,517	0,564	0,440	0,440	0,530
Espírito Santo	0,840	0,490	0,529	0,620	0,594	0,431	0,513	0,374	0,374	0,502
Rio Grande do Norte	0,520	0,383	0,359	0,420	0,680	0,833	0,757	0,260	0,260	0,479
Tocantins	0,740	0,403	0,326	0,490	0,510	0,697	0,604	0,329	0,329	0,474
Amapá	0,917	0,507	0,377	0,600	0,495	0,467	0,481	0,337	0,337	0,473
Rondônia	0,845	0,235	0,479	0,520	0,613	0,607	0,610	0,287	0,287	0,472
Bahia	0,615	0,278	0,378	0,423	0,593	0,865	0,729	0,237	0,237	0,463
Maranhão	0,520	0,250	0,289	0,353	0,617	0,865	0,729	0,237	0,237	0,442
Ceará	0,530	0,358	0,349	0,412	0,585	0,742	0,663	0,243	0,243	0,440
Pará	0,571	0,260	0,407	0,413	0,507	0,817	0,662	0,238	0,238	0,428
Amazonas	0,621	0,322	0,274	0,406	0,531	0,706	0,619	0,259	0,259	0,428
Sergipe	0,565	0,338	0,372	0,425	0,508	0,670	0,589	0,260	0,260	0,425
Piauí	0,345	0,333	0,436	0,371	0,530	0,838	0,684	0,214	0,214	0,423
Roraima	0,742	0,453	0,341	0,512	0,428	0,371	0,400	0,327	0,327	0,413
Paraíba	0,410	0,218	0,355	0,327	0,520	0,771	0,645	0,214	0,214	0,356
Acre	0,314	0,346	0,314	0,324	0,271	0,700	0,486	0,345	0,345	0,385
Pernambuco	0,548	0,295	0,308	0,381	0,538	0,360	0,449	0,251	0,251	0,361
Alagoas	0,230	0,153	0,309	0,230	0,482	0,660	0,571	0,209	0,209	0,337

Fonte: MS/Funasa/CENEPI/SIM, 2000.

Fontes

- PNAD/IBGE – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – (2006) – Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm>>. Acesso em 28 jan. 2008.
- SEADE – FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Índice de Vulnerabilidade Juvenil – IVJ – Evolução do Índice de Vulnerabilidade Juvenil 2000/2005 – Maio de 2007. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/ivj/ivj_2000_05.pdf>. Acesso em 10 jul. 2007.
- WASELFISZ, J. Mapa da Violência 2006: os Jovens do Brasil. Brasília. Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2006.
- _____. Relatório de desenvolvimento juvenil 2003. Brasília: UNESCO, 2004.
- _____. (Coord.) Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília, UNESCO. São Paulo: Cortez: UNESCO, 1998.

Apêndice C. Questionário sobre consumo

Nome completo: _____ Idade: _____

1. Você está estudando atualmente? () sim () não

Se **sim**: em que série ou ano você está? _____ Se **não**: até que ano da escola você estudou? _____

2. Atualmente você:

☐ está trabalhando	☐ Nunca trabalhou, mas está procurando trabalho
☐ Nunca trabalhou, nem procurou trabalho	☐ Já trabalhou e está desempregado

3. No seu trabalho você é:

☐ Assalariado(a) na cidade sem registro	☐ Auxiliar de família sem salário fixo
☐ Assalariado(a) na cidade com carteira assinada	☐ Outras situações
☐ Faz <i>bico</i> / <i>Free-lance</i> / trabalho temporário	

4. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, de quanto foi aproximadamente a renda familiar na sua casa no mês passado?

☐ Até um salário mínimo (R\$350,00)	☐ Mais de 5 a 10 salários mínimos (R\$1750-R\$3500,00)
☐ Mais de 1 a 2 salários mínimos (R\$350,00-R\$700,00)	☐ Mais de 10 salários mínimos
☐ Mais de 2 a 5 salários mínimos (R\$700,00-R\$1750,00)	

5. Você tem filho(s)? () sim () não Se sim: Quantos? _____ De quantos anos? _____

6. Sem contar você, quantas pessoas moram na sua casa atualmente? _____

7. Qual o vínculo de parentesco que você tem com eles?

☐ pais e padrastos	☐ Sozinho
☐ com filho(s)	☐ Com cônjuge e sem pais
☐ Só com a mãe	☐ Com cônjuge e com pais ou sogros
☐ Só com o pai	☐ Com adulto mais velho
☐ Sem pai, mãe ou filho	☐ Sem adulto mais velho

8. Das seguintes atividades, quais são as que você costuma fazer de segunda à sexta-feira:

☐ Assistir televisão	☐ Ler algum livro (sem ser para a escola)
☐ Ouvir rádio	☐ Estudar (fora da escola)
☐ Encontrar amigos (as)	☐ Ler jornal
☐ Ajudar nas tarefas em casa	☐ Jogar futebol
☐ Falar ao telefone	☐ Praticar algum outro esporte
☐ Namorar	☐ Jogar computador ou usar a Internet
☐ Ler revistas	☐ Tocar instrumentos ou cantar

9. Das seguintes atividades, quais são as que você costuma fazer no fim-de-semana:

☐ Assistir televisão	☐ Ler algum livro (sem ser para a escola)
☐ Ouvir rádio	☐ Estudar (fora da escola)
☐ Encontrar amigos (as)	☐ Ler jornal
☐ Ajudar nas tarefas em casa	☐ Jogar futebol
☐ Falar ao telefone	☐ Praticar algum outro esporte
☐ Namorar	☐ Jogar computador ou usar a Internet
☐ Ler revistas	☐ Tocar instrumentos ou cantar

10. O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que você só faça de vez em quando?

☐ Ir ao cinema	☐ Assistir a futebol em estádio	☐ Ir a festas na casa de amigos
☐ Jogar bola/futebol	☐ namorar	☐ Ir a bares com os amigos
☐ Ir a shows de MPB	☐ Assistir à TV	☐ Viajar nos fins de semana
☐ Ir a show de <i>rock, pop, funk</i>	☐ Ouvir música	☐ Ir à lanchonete
☐ Ir a shows de música (outros)	☐ Ir dançar / baile	

- () Ir ao circo
() Encontrar amigos
() Ir ao *shopping*
- () Ir à missa/igreja/culto
() Ir à praia
() Passear em praça ou parque

11. Se não consegue realizar sempre essas atividades, o que te impede?

- () Falta de tempo () Falta de dinheiro () Pais não deixam () Faz tudo o que quer

12. Quais desses objetos você possui?

- () televisão () celular () câmera digital
 () telefone fixo () discman/mp3 () vídeo game
 () aparelho de som () computador () roupas/tênis de marca

13. Quais desses objetos você não possui, mas gostaria de poder comprar?

- () televisão () celular () câmera digital
 () telefone fixo () discman/mp3 () vídeo game
 () aparelho de som () computador () roupas/tênis de marca

14. Quais são os gêneros ou tipo de música que você mais gosta? () sertanejo

- () rock () axé () samba
() pagode () pop () Rap/Hip Hop

15. Com o que você gasta o seu dinheiro que você ganha?

☐ ajuda seis pais e familiares	☐ CDs	☐ Roupas / calçados
☐ comida/lanche fora de casa	☐ Cinema	☐ Cosméticos / Produtos de
☐ sucos/refrigerantes	☐ DVDs	Higiene e Beleza

16. Atualmente, você diria que está muito satisfeito(a), mais ou menos, pouco ou nada satisfeito:

Em relação à família	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Em relação à sexualidade	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com a saúde física	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com as amizades	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com a aparência física	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Capacidade de tomar decisões	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com a casa em que mora	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com o bairro em que mora	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com relação ao amor	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com a escola/ o colégio	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com o seu tempo livre	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe
Com as possibilidades de trabalho	() muito satisfeito	() Mais ou menos	() Pouco/nada	() Não sabe

17. Com que frequência você costuma fazer as seguintes tarefas domésticas na sua casa

Varrer e limpar a casa	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca
Cuidar dos irmãos ou outros	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca
Fazer comida	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca
Lavar e passar roupas	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca
Fazer compras	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca
Pagar contas	() Sempre	() De vez em quando	() Nunca

Apêndice D. Questionário sobre a escola**Nome:**_____ **Idade:**_____**Nome da Escola:**_____ **Série que estuda:**_____

Período em que estuda: () manhã () tarde () noite

Você gosta da escola em que você estuda?

() não () um pouco () gosto bastante

Os seus pais gostam da escola em que você estuda?

() não () um pouco () gostam bastante

Como é o seu relacionamento com seus professores?

() muito ruim () nem bom, nem mau () muito bom

Como os professores te ajudam a resolver suas dúvidas e dificuldades sobre as matérias?

() ajudam bastante, explicando mais vezes, passando mais exercícios, etc.

() ajudam um pouco

() não ajudam

Há quanto tempo você estuda nessa escola?_____

Sobre as aulas na escola, você acha que está aprendendo:

() nada

() um pouco

() algumas coisas em algumas matérias

() quase tudo

Os seus pais cobram que você estude e tire boas notas?

() não cobram () cobram pouco () cobram muito

Como você se sente quando tira uma nota baixa:

() não faz diferença

() fico decepcionado na hora, mas esqueço rápido

() fico muito decepcionado

Você já participou de classes especiais ou classes de aceleração?

() sim () não

Você trabalha?

() sim, trabalho quase todos os dias

() faço "bicos" de vez em quando

() não trabalho

Em sua opinião, o trabalho prejudica os estudos?

() sim () um pouco () não prejudica

Você falta às aulas: () só quando acontece algo grave () de vez em quando

() muito